

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

DOUTORADO

DIEGO CARVALHO

**DEVIR REVOLUCIONÁRIO DA MULTIDÃO: CARTOGRAFIA DOS
MOVIMENTOS OKUPA E 15M**

SÃO LEOPOLDO
2016

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

DIEGO CARVALHO

DEVIR REVOLUCIONÁRIO DA MULTIDÃO: CARTOGRAFIAS DOS
MOVIMENTOS OKUPA E 15M

Tese apresentada como requisito parcial e final para conclusão do Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob orientação do Dr. Fabrício Lopes da Silveira.

SÃO LEOPOLDO
2016

C331d

Carvalho, Diego

Devir revolucionário da multidão : cartografia dos movimentos Okupa e 15m / por Diego Carvalho. – 2016.
215 f.: il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2016.

“Orientação: Dr. Fabrício Lopes da Silveira.”

1. Cartografia. 2. Multidão. 3. Devir. 4. Movimento Okupa.
5. Movimento 15M. I. Título.

CDU: 316.3:659.1

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

RESUMO

Esta tese busca fazer uma cartografia dos movimentos espanhóis 15M e okupa. A cartografia, que diz respeito a uma percepção molecular, ajuda a pensar os dois objetos em sua potência. O movimento okupa e o 15M são expressões da multidão e experimentam certos devires. Multidão e devir são conceitos, respectivamente, de Negri e Hardt e Deleuze e Guattari, autores centrais na pesquisa. A aproximação com os dois movimentos, sempre orientada pela percepção molecular, se dá a partir de algumas linhas: as mídias de resistência, as mídias de massa e a teoria acadêmica. Porém, quanto ao movimento okupa, se soma um trabalho de campo etnográfico realizado em Barcelona, em 2014. As tomadas da cidade no formato de manifestações, ocupações de praças e edifícios, típica dos dois movimentos, por serem divulgadas à exaustão pelas mídias, formam a matéria principal da tese. Este trabalho se justifica pela intensidade de lutas ocorridas nos últimos anos que apresentam um comum: a forma em rede sem líderes e a radicalidade democrática. As lutas, as quais atravessam o Ocidente e também o Brasil, são objetos que devem ser pesquisados para uma compreensão atual da multidão. O trabalho está situado em um programa de comunicação, pois as mídias são extremamente importantes para os movimentos contemporâneos. O campo da comunicação é pensado também a partir da cartografia, como um devir experimentado por inúmeras disciplinas, ou seja, tem uma potência própria que difere da tentativa de sua constituição. Os conceitos de identidade, poder disciplinar, devir, sociedade de controle, transversalidade, como a obra de Foucault, Cocco e Lazzarato, acompanham todo o trabalho. O centro da tese se realiza na construção de dez conceitos, próprios ao devir-revolucionário da multidão; devir que se refere à atualidade dos movimentos e não ao projeto futuro que os acompanha.

Palavras-chave: Cartografia. Multidão. Devir. Movimento Okupa. Movimento 15M.

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo hacer un mapa de los movimientos españoles 15M e okupa. La cartografía, que se refiere a la percepción molecular, ayuda a pensar en los dos objetos en su potencia. Los movimientos 15M y okupa son expresiones de la multitud y experimentan algunos devenires. Multitud y devenir son conceptos, respectivamente, de Negri y Hardt y Deleuze y Guattari, autores centrales de la investigación. La aproximación con los dos movimientos, siempre guiada por la percepción molecular, se lleva a cabo desde algunas líneas: los medios de comunicación de la multitud, los medios de comunicación masivos y la teoría académica. Pero en cuanto a los okupas, añade un trabajo de campo etnográfico realizado en Barcelona en 2014. La ciudad tomada en formato de manifestaciones, ocupaciones de plazas y edificios, típicos de los dos movimientos, así como otros contemporáneos de Occidente, que se divulgará por los medios de comunicación, constituyen el objeto central de la tesis. Este trabajo se justifica por la intensidad de luchas que se produjeron en los últimos años que tienen un común: la red, sin líderes, e lo radicalismo democrático. Las luchas, que cruzan muchos países y también Brasil, son objetos que se deben investigar para una comprensión actual de la multitud. Este trabajo se encuentra en un programa de comunicaciones, debido a que los medios de comunicación son muy importantes para los movimientos contemporáneos. La comunicación también se mapea, pues es experimentada por muchas disciplinas, permitiendo un devenir comunicación de campos diversos, o sea tiene su propio poder que se diferencia del intento de su constitución. Los conceptos de identidad, poder disciplinario, devenir, sociedad de control, transversalidad, como la obra de Foucault, Cocco y Lazzarato acompañan todo el trabajo. El centro de la tesis se lleva a cabo en la construcción de diez conceptos propios al devenir-revolucionario de la multitud, que se refiere a la actualidad de los movimientos y no el futuro proyecto que les acompaña.

Palabras-clave: Cartografía. Multidão. Devenir. Movimiento Okupa. Movimiento 15M.

ABSTRACT

This thesis aims at creating a cartography of the Spanish movements 15M and okupa. The cartography, which relates to a molecular perception, helps consider both objects in their potency. The okupa and the 15M movements, in theory, are expressions of the multitude and they experience a certain become. Multitude and become are concepts, respectively, by Negri and Hardt and Deleuze and Guattari, authors that are central to the research. The proximity with both movements, always oriented by the molecular perception, comes from some aspects: the resistance media, the mass media and the academic theory. However, with regards to the okupa movement, an ethnographic field job is added, which took place in Barcelona in 2014. Snapshots of the city in the shape of manifestations, occupation of squares and buildings, typical of both movements, are the main material of the thesis, due to the fact that they were exhaustively promoted by media. This work is justified by the intensity of the fights that took place in the past years and that have one thing in common: the way they are networked without leaders and being radically democratic. These fights, that run across the West and also Brazil, are objects that must be researched for a contemporary comprehension of the multitude. This work is placed in a communication program, as media are extremely important for the contemporary movements. This field, of communication, is also thought, coming from cartography, as a become experienced by several disciplines, that is, it has its own potency that is different to its tentative constitution. The concepts of identity, disciplinal power, become, society of control, transversality, as well as the works of Foucault, Cocco and Lazzarato, accompany the entire work. The center of the thesis is based on the construction of ten concepts that relate to the revolutionary become of the multitude; this become refers to the contemporality of the movements and not to the future project that accompanies them.

Keywords: Cartography. Become. Multitude. Movement Okupa. Movement 15M.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 APRESENTAÇÃO DO 15M	16
1.2 APRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO OKUPA	21
1.3 ESTRUTURA DA TESE	25
CAPÍTULO 2 – EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DE CONTROLE	26
2.1 SOCIEDADES DE CONTROLE E DISCIPLINAR	27
2.2 EPISTEMOLOGIA NA SOCIEDADE DE CONTROLE	30
2.3 A COMUNICAÇÃO COMO DEVIR.....	33
CAPÍTULO 3 – DEVIRES MINORITÁRIOS DA MULTIDÃO	36
3.1 IDENTIDADE E DEVIR	36
3.2 GLOSSÁRIO – DEVIRES MINORITÁRIOS DOS MOVIMENTOS 15M E OKUPA...	43
CAPÍTULO 4 – PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DO MOVIMENTO 15 DE MAIO ...	58
4.1 CHAMADAS NA WEB PARA O 15 DE MAIO	58
4.2 DEMONSTRAÇÕES E ACAMPADAS	60
4.3 ELEIÇÕES MUNICIPAIS E AUTÔNOMICAS ESPANHOLAS	62
4.4 AGRESSÃO CONTRA OS MANIFESTANTES.....	63
4.5 MANIFESTAÇÕES DE 19 DE JUNHO	65
4.6 DIA 15 DE OUTUBRO DE 2011	67
4.7 DIA 29 DE MARÇO – GREVE GERAL	69
4.8 DIA 25 DE SETEMBRO DE 2012 – PRIMEIRA PARTE	71
4.9 25S SEGUNDA PARTE	77
4.10 O BOM HOMEM.....	81
4.11 23 E 27 DE OUTUBRO – PRIMEIRA PARTE	85
4.12 23 E 27 DE OUTUBRO – SEGUNDA PARTE	88
4.13 14N GREVE GERAL EUROPEA	89
CAPÍTULO 5 – ESTADO DA ARTE SOBRE O MOVIMENTO OKUPA	93
5.1 RELAÇÕES ENTRE O 15M E O MOVIMENTO OKUPA	93
5.2 OKUPAS, MÍDIAS DE MASSA E NOVAS MÍDIAS	101
5.3 MANUAL OKUPA	106

CAPÍTULO 6 – CRÍTICA AO DISCURSO DO LA VANGUARDIA SOBRE CAN VIES	119
6.1 DESEJO DE AUTONOMIA.....	121
6.2 CONFRONTO COM O GOVERNO	122
6.3 A EXPLOSÃO SOCIAL EM MADRI.....	123
6.4 A ILUSÃO DO BOM PODER.....	124
6.5 A FRIEZA DO <i>LA VANGUARDIA</i>	124
6.6 O QUE É VIOLÊNCIA?	125
6.7 A AUTONOMIA FUNCIONA	129
6.8 SIMPATIA COM CAN VIES	129
6.9 RELAÇÃO COM OS VIZINHOS – POSIÇÃO NEGATIVA	130
6.10 AFETOS CONTRA A BUROCRACIA	132
6.11 DESEJO DE OUTRA CIDADE	133
CAPÍTULO 7 – TEORIA SOBRE CAN VIES	135
7.1 HISTÓRICO DE CAN VIES	136
7.2 LUTAS NAS RUAS.....	139
7.3 CAN VIES HOJE	147
7.4 MODELO DOMINANTE DE CIDADE	152
7.5 DISCURSO APAIXONADO SOBRE CAN VIES	156
CAPÍTULO 8 – TRABALHO DE CAMPO EM BARCELONA: OKUPAS	160
8.1 OKUPAS ESCOLHIDAS	162
8.2 PLANO GERAL	163
8.3 A ANTIESTÉTICA.....	164
8.4 ESTÉTICA DO BANC EXPROPRIAT.....	166
8.5 ESTÉTICA DE CAN VIES.....	168
8.6 ESTÉTICA DO CASAL TRES LLIRIS	169
8.7 FESTAS OKUPA.....	169
8.8 FESTAS ALTERNATIVAS DA VILA DE GRÀCIA	170
8.9 MANIFESTAÇÕES NAS FESTAS ALTERNATIVAS	173
8.10 FESTAS EM SANTS E VALLCARCA	174
8.11 ACAMPADA	180
8.12 CONTATOS COM A ACAMPADA 1	181
8.13 CONTATO COM A ACAMPADA 2	182
8.14 CONTATO COM A ACAMPADA 3	183
8.15 CONTATO COM A ACAMPADA 4	184

8.16	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ACAMPADA.....	185
8.17	EVENTOS POLÍTICOS EM CAN VIES	186
8.18	PRIMEIRA ASSEMBLEIA	186
8.19	SEGUNDA ASSEMBLEIA	187
8.20	TERCEIRA ASSEMBLEIA.....	188
8.21	PRIMEIRO ENCONTRO COM A COMISSÃO DE ATIVIDADE	188
8.22	E-MAIL RECEBIDO DE MEMBRO DE CAN VIES	190
8.23	QUARTA ASSEMBLEIA GERAL EM CAN VIES.....	190
8.24	OUTRO ENCONTRO COM A COMISSÃO DE ATIVIDADES	191
8.25	MAL-ESTAR EM CAN VIES	192
8.26	PRIMEIRA PARTE	195
8.27	SEGUNDA PARTE	196
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
	REFERÊNCIAS	205
	WEBGRAFIA.....	212

1 INTRODUÇÃO

A tese começou a ser pensada em maio de 2011, quando aconteceram lutas na Espanha contra a crise do sistema político e econômico. Essas lutas foram encabeçadas por jovens do país, chamados de indignados, que formaram um movimento, o 15 de Maio. O período de maior atividade durou aproximadamente um ano. Porém, em 2015, pessoas ligadas ao movimento se infiltraram na política dominante e conseguiram cargos, como o de prefeito de Barcelona. O 15M é um dos dois objetos deste trabalho. Naquela época, em 2011, recebi muitas informações sobre o que estava acontecendo pelas redes sociais. A partir daí, fiz um mapeamento das lutas espanholas mediadas pela internet. O ponto final dessa parte da pesquisa foi o texto de qualificação, toda ela dedicada a esse movimento e às teorias de Antonio Negri e Gilles Deleuze.

Desde que entrei no doutorado, estava decidido a ir para a Espanha para fazer o doutorado-sanduíche. Depois da qualificação, consegui o apoio da Capes para estudar em Barcelona com a equipe de Carles Feixa, teórico que trabalha com movimentos juvenis. Na época, eu queria fazer uma aproximação com membros do 15M ou de coletivos que surgiram a partir dos indignados. Porém, exatamente quando cheguei na cidade, aconteceram lutas contra o *desalojo* de um centro social okupado, Can Vies, localizado no bairro Sants, em Barcelona. Isso foi muito bem documentado pelos meios de comunicação dominantes da Espanha e por mídias de movimentos de resistência do país.

Can Vies, desde maio de 2014, está sendo reconstruída, pois a prefeitura mandou que o prédio fosse destruído, o que foi parcialmente realizado. A reconstrução é feita pelas próprias mãos dos membros do coletivo e foram arrecadados quase 100 mil euros a partir de doações para financiar o projeto. As lutas nas ruas, as manifestações em massa em favor do centro social ocorreram ao longo de uma semana. Mesmo sendo reconstruída, Can Vies continuou já em junho a abrigar atividades como festas e assembleias.

Carles Feixa sugeriu que eu fizesse um trabalho de campo em Can Vies e outras *okupas* de Barcelona, pois formavam o movimento de resistência mais expressivo da cidade. Comecei a ler sobre o tema e frequentar as okupas. O movimento okupa é europeu e dura décadas. As okupas são situadas em prédios antes abandonados, os quais foram tomados por coletivos; estes gestionam os espaços sem tutelas do governo. Elas são usadas como moradias, para fins políticos ou têm essa dupla função. Na Espanha, são mais comuns okupas que se dedicam a ser locais de política minoritária. Em Barcelona, elas são aparelhos centrais

para os bairros e vizinhos e uma forma de resistência frente ao modelo de cidade imposto pelo governo e por corporações.

A partir da pesquisa, percebi que o estudo do movimento okupa na cidade renderia uma boa parte da tese. Este e o 15M têm relações, mas são, obviamente, movimentos distintos. O 15M durou dois anos, se espalhou por todo o mundo como um vírus. O movimento okupa da cidade participou das ações do 15M, mas, para mim, o que mais aproxima os dois movimentos é que são exemplos empíricos do fazer multidão. A multidão – conceituada por Negri e Hardt em obras como *Império* (2006) e *Multidão* (2005) – que tem a forma de rede, produtora autonomamente, sem a necessidade do capital ou Estado, resistência às formas de governo ocidentais.

Alguns elementos em comum entre okupas e 15M: são movimentos que agem na cidade, em apropriações do espaço urbano. Em ambos, é central o processo assembleário. São radicalmente democráticos. São encabeçados, principalmente, por jovens espanhóis. Há uma simpatia em torno dos dois movimentos pela população. Usam as redes sociais. Têm ligações com o movimento por outra globalização. Lutam nas ruas, contra o poder político e policial. São monstruosos, marginais para o pensamento dominante. Criam áreas de indiscernibilidade entre cultura, política, arte, economia, produção e reprodução. O tema central do 15M era a crise; o das okupas é a autogestão do espaço urbano. Mas há uma preocupação com a crise por parte dos okupas de Barcelona, e o 15M gestionou o espaço urbano nas acampadas. E o mais importante: algumas de suas formas de expressão são contra a sociedade de controle, os devires. Esses devires dizem respeito ao devir revolucionário da multidão, os processos que os movimentos constroem, sua riqueza atual e não o projeto futuro que acompanha as lutas.

Mais da metade da pesquisa até a ida a Barcelona havia sido dedicada para as tomadas das cidades pelo movimento 15M, na forma de manifestações de rua. O tema de apropriação do espaço urbano no Brasil se tornou pauta em 2013, quando aconteceram manifestações em todo o país, que tinham como uma das demandas o transporte zero. Eu participei de manifestações em Porto Alegre, li sobre o tema, e isso foi decisivo para o foco da pesquisa em Barcelona, as okupas.

O trabalho de campo foi feito em Barcelona, durante seis meses, e me centrei no caso de Can Vies. Vivi e pesquisei o movimento okupa de Barcelona em 2014. Quanto a uma pesquisa nessa cidade espanhola, ela é um dos expoentes do movimento okupa no país, e o caso de Can Vies transformou o centro social em um símbolo de luta. Desde 2011, esses dois casos – 15M e Can Vies – foram os mais importantes no território nacional. Considero que é

central, ao trabalhar com movimentos espanhóis, tratar também do 15M, por sua expressividade. Ele marca um ponto na história dos movimentos de multidão.

Como havia dito, as okupas de Barcelona que pesquisei e o 15M são exemplos da resistência ao poder, do fazer multidão. Apropriei-me de alguns conceitos para pensá-los. Sempre tentei fazer relações entre os dois movimentos e muitas surgiram. Mantive, desde o início da pesquisa, o eixo teórico em Deleuze e Negri, pois ambos tratam das resistências, e pensei assim, principalmente, nos devires experimentados pela multidão. Fiquei intrigado nas relações diretas entre 15M e okupas. Concluí que isso acontece pois a multidão contemporânea experimenta certos devires.

Portanto, há dois objetos, singulares, com locais e temporalidades distintas, porém, eles compartilham um comum e mais: se atravessam. Isso explica a estrutura da tese, dividida em duas partes, uma sobre o movimento okupa, outra sobre o 15M, mas as duas partes estão interligadas, estabeleço relações entre as duas em todo o texto. As aproximações dos dois objetos são as mesmas: pesquisa na web, do jornalismo dominante¹ e do discurso acadêmico. No entanto, quanto ao movimento okupa, se acrescenta um percurso etnográfico.

Existe uma diferença de desenho entre as duas partes. Na parte sobre o 15M, que trata dos seus acontecimentos principais, as mídias de massa se mesclam às mídias de multidão no desenrolar do capítulo, uma vez que notei que ambas formam um agenciamento em favor do movimento. Na parte sobre o movimento okupa, há uma separação, em capítulos, entre essas duas mídias, pois a dominante não representa o movimento okupa, ou, quando isso ocorre, é menos expressivo do que no caso do 15M. Isso se deve pela natureza do movimento 15M, muito mais amplo, organizado e expressivo, mais legitimado. Isso é confirmado, nos últimos tempos, quando agentes do movimento ganham lugar de destaque na política dominante espanhola.

O que interessa, portanto, é o devir revolucionário, o qual acompanha inúmeros outros devires. Eu poderia ter feito uma pesquisa identitária dos dois movimentos, pensar quem são os sujeitos a partir de características como sexo, gênero, idade, região, classe econômica, escolaridade. Entretanto, interessaram-me sempre certos processos que ambos constroem, principalmente na cidade. Esses processos, percebo-os como linhas de fuga em relação à

¹ Na tese trato de dois tipos de mídias: as feitas pelos movimentos, mídias de multidão, e as feitas pelas corporações. Em minha dissertação, explico que as designações destas últimas são muitas, por isso, ao longo da tese, as trato de diversas formas: mídias dominantes, hegemônicas, de massas, etc. Não há um consenso de como devem ser nomeadas essas mídias: “Os autores trabalhados na dissertação se referem [...] de inúmeras formas: mídias de massa (MALINI, 2007), grandes grupos midiáticos (COCCO, 2009), mídia corporativa (ORTELLADO; RYOKI, 2004), apenas mídia (HARDT; NEGRI 2006a), jornalismo convencional e tradicional (TARGINO, 2008; BOWMAN; WILLIS, 2005), meios conservadores (BOWMAN; WILLIS, 2005).” (CARVALHO, 2011, p. 13-4).

sociedade de controle. O controle na tese se materializa na forma dominante da cidade, nas imposições do governo, na ação da polícia, no discurso midiático e, também, de parcelas do povo.

Quanto aos conceitos de devir e de sociedade de controle, faço uma pequena exposição deles aqui na introdução, mas eles serão discutidos teoricamente, nos dois primeiros capítulos. O devir é uma experimentação a partir de um termo menor, como um devir-mulher do homem, um devir-mulher da arte ou mesmo um devir-mulher da mulher. Devir é acontecimento, processo, pelo qual passam sujeitos, coletivos, mundo acadêmico, mídias corporativas, etc. A experimentação de termos minoritários como a feminilidade, a negritude, a homossexualidade, não dizem respeito e nem se parecem com a mulher, o negro ou o homossexual como estado. Já o poder, o controle tenta a todo o momento capturar as singularidades, impondo-lhes formas, modelos, identidades.

As singularidades, os coletivos de resistência, a multidão, criam linhas de fuga, experimentam devires, produzem áreas de indiscernibilidade. Essas áreas dizem respeito a processos aberrantes, monstruosos, difíceis de capturar. A sociedade de controle, conceituada inicialmente por Deleuze, é a forma social do Império, este pensado por Negri. O Império é o poder global, uma rede que envolve Estados-nações, corporações transnacionais, e é mantido por um desejo de submissão por parte dos governados, os controlados. O Império é a captura da produção, da riqueza da multidão. A sociedade de controle é um espaço liso, sem fora, a intensificação do poder disciplinar. Nela, um dos objetos principais de captura é a subjetividade.

O pensamento dos devires se refere à cartografia de Deleuze e Guattari. Esta mapeia linhas molares, moleculares e de fuga em qualquer coisa (DELEUZE, PARNET 1998; DELEUZE, GUATTARI, 1999; GUATTARI e ROLNIK, 2005). O pensamento cartográfico não reproduz dicotomias: o dominante, molar, é de natureza diferente do molecular. Aliás, os devires ocorrem nos estratos molares. Já a linha de fuga age nas outras duas linhas produzindo desterritorializações.

Para Deleuze, isso não é um método e, sim, um pensamento da diferença. E como perceber as linhas? A partir de uma longa preparação. Segundo Deleuze: “encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 15).

Uma preparação bem longa, mas nada de método nem de regras ou receitas. Núpcias, e não casais nem conjugalidade. Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco. Achar, encontrar,

roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 16).

Minha preparação se deve ao trabalho de anos sobre Deleuze, que começou na graduação. O meu “roubo” se mostra nas apropriações que faço dos conceitos, a partir da relação com o empírico, a multidão espanhola. Também, move a pesquisa um posicionamento ético contra o controle, aquilo que Foucault (1990) chama de crítica. E, para pensar a multidão – esse agente político que não se confunde com a política do Estado e conduz a uma democracia absoluta –, se necessita de um olhar diferente, categorias e conceitos diferentes dos usados para pensar a política mais tradicional.

Deleuze fala no livro *Diálogos* (1998) sobre quebrar os dualismos, traçar as linhas de fuga entre os termos como um “[...] estreito riacho que não pertence nem a um nem a outro, mas os leva, a ambos, em uma evolução não paralela, em um devir heterocromo” (p. 45). No mesmo livro, ele diz que fugir é um ato político e fala da importância de fazer fugir: “[...] fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano” (p. 49). Para Deleuze, a linha de fuga é uma traição, traição das identidades. A linha de fuga: “[...] seria, antes, primeira, as outras derivariam dela. Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras” (p. 146).

Elas são tomadas uma nas outras porque são elementos de um agenciamento. As linhas de fuga são as desterritorializações, como as produzidas pelas minorias, moleculares, que mudam os códigos, molares, a partir de suas lutas. Deleuze, no livro, diz que a sociedade se define por suas linhas de fuga, muito mais do que por suas contradições. Acredito que isso é a base para se pensar o conceito de revolução molecular de Guattari (GUATTARI, ROLNIK, 2005). Não há um maniqueísmo do tipo bom e mal referente às linhas. Deleuze afirma a impossibilidade de viver sem o molar e que a linha molecular pode atingir massas em microfascimos; já a linha de fuga pode ser destrutiva e autodestrutiva. O que Deleuze e Guattari chamam “[...] por nomes diversos – esquizoanálise, micropolítica, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos” (DIÁLOGOS, 1998, p. 146).

Pensar no devir-revolucionário, e não no projeto futuro que acompanha a multidão, é perceber a riqueza em si, atual da multidão; como diz Cocco (2009): “[...] precisamos substituir de vez a noção de ‘futuro’ pela noção de ‘devir’”. Essa riqueza se refere aos conceitos criados na pesquisa, que, muitas vezes, foram possibilitados por processos moleculares, infinitesimais, como: a simpatia para com as lutas, as linhas de fuga no tecido urbano, as produções midiáticas na web, os afetos entre membros de coletivos.

Na revolução, o mais importante são os seus agentes diretos – molares –, mas há uma simpatia em torno – essa simpatia, esse afeto, é molecular. A web é um agenciamento que envolve produções, molares, referentes às grandes corporações, porém, na web a multidão produz molecularmente. Essa produção está dispersa na rede, por isso, também, a importância de reuni-las, molarizá-las, na tese. Na cidade, é mais fácil perceber a herança arquitetônica, molar, mas o 15M e os okupas criam focos moleculares como as acampadas e os centros sociais.

O 15M experimentou relações democráticas, em rede, em devir, as quais diferem da democracia molar. Os okupas experimentam estilos de vida que são monstruosos, em devir, pois põem em jogo a vida molarizada pequeno-burguesa, buscam outra vida. As okupas estão em relação de confronto com o governo; o 15M era um reflexo anômalo da política do Estado que gerou a crise. Ou seja, ambos os movimentos são linhas moleculares em agenciamentos em que o governo faz parte da linha molar. A cidade é outro agenciamento formado pelos okupas e pelo modelo dominante. Dentro da cidade molarizada, surgem as okupas moleculares. Quanto às linhas de fuga, elas estão agindo a todo o momento: as desterritorializações da cidade como novas *okupações*, tomadas de praças, manifestações, grafites; as desterritorializações na web nos usos diferenciais.

Para o mapeamento dos devires, utilizo quatro eixos teóricos: 1. Conceitos de Deleuze e Guattari, extraídos, principalmente, do livro *Mil Platôs*; 2. Conceitos de Negri e Hardt, em suas obras conjuntas, *Império e Multidão*. 3. Conceitos de livros, entrevistas e textos curtos de Deleuze, sem a participação de Guattari; 4. Conceitos de Guattari, principalmente, extraídos do livro *Cartografias do Desejo*. Aqui, há uma multiplicidade formada por quatro agenciamentos diferenciados, que se conectam, já que todos os autores têm trabalho próprio, mas compartilham elementos entre si em suas obras.

Esses devires são criações da pesquisa e envolvem: o eixo teórico, o empírico e o meu gesto autoral. Falo em gesto de criação, pois Deleuze e Guattari pensam em inúmeros devires em sua obra, mas tento criar outros. Considero essenciais os pensamentos de Deleuze, Guattari, Negri e Hardt para mapear as lutas contemporâneas. Esses são os mais importantes teóricos das formas de resistência ao poder: Deleuze e Guattari tratam dos devires, Negri e Hardt tratam da multidão. As lutas que ocorrem nos dias de hoje são em forma de redes descentradas, as quais conjugam resistência e produção, a multidão, e uma das especificidades da resistência da multidão é a produção de devires.

Poderia ser dito que esses autores centralizam a pesquisa, uma vez Negri e Hardt, Deleuze e Guattari, todos eles já trabalharam conjuntamente. Sim, estes são os autores

principais do trabalho, dão visões de mundo, ajudam a pensar um certo mundo, permitem um posicionamento. Porém, como falar em centralismo ou em tomadas de poder teóricas, se essas teorias dizem respeito a um pensamento da diferença, rizomático, nômade? Na pesquisa, faço as apropriações de conceitos. Esses autores aparecem funcionando como caixas de ferramentas (DELEUZE; FOUCAULT, 2006).

Importante frisar que, no que concerne ao arsenal teórico, muitos textos curtos e passagens marginais de livros me chamaram a atenção. Exponho agora os locais em que se situam conceitos importantes para o trabalho que surgem de textos curtos ou passagens de livros. O conceito de “Sociedade de controle” se refere, então, à forma social do poder que é afrontada pelo 15M e pelos okupas, ele se encontra, inicialmente, em um artigo de Michael Hardt (2000) e em alguns textos de Deleuze (1992b, 1999).

Sobre os “Devires”, há um capítulo dedicado em *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 2005a), e o conceito atravessa a obra de Guattari. “Molar e molecular” também atravessam a obra de Guattari, os *Mil Platôs*, além de obras menores de Deleuze (DELEUZE; PARNET, 1998). O conceito de “monstruosidade”, um tipo de devir que se refere à composição do 15M e à subjetividade okupa, se situa em passagens do livro *Multidão* (2005) de Negri e Hardt e em artigo de Szaniecki (2008). A “simpatia para com a revolução” aparece em um texto de Foucault (1984), e relaciono ao desejo de mudança expresso não apenas pelos movimentos, mas, principalmente, pela população espanhola, um desejo de multidão. “Devir-revolucionário” e “projeto” são tratados em uma entrevista de Negri com Deleuze (DELEUZE, 1992b). Ambos diferem de natureza: o devir-revolucionário é a riqueza em si da multidão, o projeto se refere ao novo mundo desejado, à mudança de sistema, à cidade molecular. “Identidade” se contrapõe ao devir; há passagens críticas sobre identidade em livros de Guattari (2005), em *Multidão* e nos *Mil Platôs*; também alguns textos de Foucault (1977; 1997; 2007) e de Lazzarato (2006) ajudam a pensar as construções identitárias. Obviamente, pude fazer essas apropriações, pois estou imerso na obra e linguagem de Deleuze e Guattari e Negri e Hardt desde o mestrado².

Castells (1999) diz que é importante pesquisar aquilo que os próprios movimentos falam de si, por isso a pesquisa nas redes comunicativas da web, que é o local por excelência de fala de qualquer movimento contemporâneo expressivo. As mídias são de extrema importância para pesquisar os movimentos, mas não desejo criar uma pesquisa restrita ao

² No mestrado (CARVALHO, 2011) trabalhei com o conceito de jornalismo de multidão, o qual se originou de uma relação entre a obra de Negri e Deleuze e o nó midiático do movimento por outra globalização, o *indymedia*.

campo da comunicação; o centro da pesquisa é a política minoritária, da multidão. As mídias aparecem mais como ferramentas, meios para pesquisar os movimentos.

O tema ocupação do espaço urbano, a produção de outra cidade, não é restrito a um campo de estudos, é transversal, atravessa disciplinas. O mesmo acontece com outros temas importantes na tese, como identidade, resistência e comunicação. Penso a comunicação como um devir que atravessa campos, o que ocorre com resistência, cidade e identidade.

Também cartografo a comunicação. Penso sua potência atual, devir, e as tentativas de impor identidades, fronteiras, de se criar uma disciplina mais dura. Dou atenção a essas questões, pois estou desde a graduação envolvido em programas de comunicação e pode haver questionamentos sobre o motivo de eu escolher esse campo para estudar a multidão. Posso dizer que o escolhi, pois está, como disse, em devir, é uma linha de fuga, seus contornos não estão definidos, o campo está em uma zona de indiscernibilidade, portanto, resiste ao enquadramento, à captura das singularidades próprias do controle.

Foi fácil decidir estudar o 15M e mais fácil estudar as *okupações*. O pouco tempo em que estive em Barcelona dificultou uma aproximação mais estreita com Can Vies e outras *okupações*. Se dispusesse de mais tempo, eu poderia ter me envolvido mais e, provavelmente, ficaria íntimo de, pelo menos, certos membros. Não consegui sair do papel de investigador, mesmo que já tivesse uma afinidade com algumas pessoas. Se tivesse tido esse envolvimento, eu poderia me perder em uma área de indiscernibilidade entre membro okupa e pesquisador, que era o caminho que eu seguiria se permanecesse em Barcelona. Minha posição de pesquisador pode ser considerada, assim, como uma exterioridade, exterioridade que pode levar à transcendência, ao corte pesquisador-pesquisado. Para não ter que carregar esse peso da exterioridade, tento me posicionar junto dos sujeitos, coletivos e seus discursos. Como diz Negri, todo pensamento é coletivo, há um comum que permite pensar. Pensar é fazer multidão, é um fluxo multitudinário, é um rizoma que põe em jogo uma multiplicidade. Reconhecer isso, e mais, não se fechar no discurso dominante – da mídia, do governo, do bom cidadão – e deixar com consciência esse fluxo passar é um dos objetivos deste texto, desta tese.

Durante o doutorado, ouvi muitas pessoas, contemplei muitas atividades, manifestações e grafites, li muitos livros, artigos, notícias e posts na web e nas redes sociais. Acompanhei, vivenciei, pesquisei, estudei tudo isso. A tese é a escrita a partir da individuação do meu corpo perdido entre tudo isso. Portanto, dizer “minha tese” é algo falso, se refere a uma molarização, a qual desconhece os devires, o pensamento molecular, os fluxos, a esquizofrenização, os fluxos esquizos como potência. Ou seja, o devir-monstro, esquizo da

própria tese. Não vejo isso como algo que difira de outros trabalhos do campo acadêmico; mas essa esquizofrenização que eu não nego, dizendo: eu sou o autor; isso, talvez, possa ser pensado como método. Isso pode ser chamado também de fazer multidão, um fazer atualizado no campo de saber.

Nas próximas páginas, faço uma apresentação rápida dos dois movimentos. Penso que seja importante dar ao leitor um plano geral dos objetos já no início.

1.1 APRESENTAÇÃO DO 15M

No início de 2011, ocorreram revoltas no norte do continente africano, tendo como ponto inicial a Tunísia. As lutas, em pouco tempo, se espalharam pela Argélia, Síria, Líbia, pelo Líbano, Egito, Iraque, entre outros países. As revoltas, denominadas de Primavera Árabe e de Revolução Democrática Árabe, foram consideradas “la primera gran oleada de protestas laicas y democráticas del mundo árabe en el siglo XXI.”³ As redes sociais foram determinantes na organização e difusão das lutas, tanto internamente quanto na divulgação para o resto do globo; e, também, a mídia de massa teve seu papel na disseminação de informação sobre o que acontecia no mundo árabe.

Em maio de 2011, influenciados por essas revoltas e pela crise que afetava muitos países europeus, jovens tomaram a principal praça de Madri, na Espanha. A princípio, programaram manifestações, no entanto, após assembleia, decidiram acampar. A partir daí, criaram um ciclo de lutas que tomou as principais praças de mais de 80 localidades na Espanha. Os sujeitos atores dessas manifestações foram denominados de indignados.

Lo que fue llenando las plazas, primero con manifestaciones, luego con acampadas, era la evocacion de un sujeto desconocido, *los indignados*, del cual gracias al arte social de la conversacion — en la sociologia de Gabriel Tarde enfatizada por su importancia — se sabia de su existencia virtual, pero todavia no era conocido cual podia ser su existencia política. Esta se fue tejiendo en Internet y en las ciudades a partir de pequenos colectivos. [...] El mensaje era claro: en Espana, como en Tunez y como en Egipto, la multitud, tecnologicamente conectada en redes sociales, lucha por una democracia real en los paises donde esta no existe (ROTA, 2011, p. 71-2).

As tomadas de praças, chamadas de acampadas, representaram o começo das lutas no país. Junto às acampadas, um símbolo ganhou expressão: o processo assembleário.

En este modelo organizativo y de funcionamiento eficaz las assembleas ocuparon desde el principio un lugar central y determinante. Éstas, de alguna manera, venían a

³ Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%A1rabe>. Acesso janeiro 2016.

articular las actuaciones individuales con una inteligencia colectiva en construcción y resultado de la suma de las partes, dando cohesión y, poco a poco, coherencia a la Acampada, y al Movimiento en general. En cada asamblea, con cada consenso, el 15M adquiría identidad al tiempo que se legitimaba a sí mismo. Esto que empezó en las plazas de forma casi instintiva, se fue consolidando hasta convertir al 15M en un movimiento esencial y genuinamente asambleario, diferente a otros. (CORBELLA, 2012, p. 76).

As lutas se espalharam por toda Europa após a revolta espanhola, principalmente entre os países mais afetados pela crise econômica, como Portugal e Grécia. Também importante mencionar o caso da Islândia. Esse país foi afetado intensamente pela crise, porém, foi o único a defender os direitos dos cidadãos frente ao poder econômico e político. Isso aconteceu devido a lutas de multidão, e estas se tornaram referência para as lutas em outros países. A Islândia “fue el primer país en quebrar, la primera sociedad en pedir responsabilidades y el primer pueblo en tomar las riendas de su gobierno”.⁴ O site de um dos coletivos mais importantes da Espanha trata das diferenças entre o caso islandês e outros países do continente europeu:

Mientras en la mayoría de países afectados por la crisis financiera, cualquier tipo de solución al problema pasa por una socialización de la deuda, en Islandia siguen empeñados en llevar la contraria a las políticas neoliberales, aferrándose al principio de no salvar a la banca con dinero público, ni proteger a sus acreedores.⁵

Em outubro de 2011, houve a difusão global de lutas ocorrendo manifestações em todos os continentes, e também no Brasil. No país, foram formadas ocupações de praças em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, entre outras cidades. Isso durou até o início de 2012. Já em 2013, aconteceram revoltas em massa na Turquia, novamente no Egito, na Europa e também em todo o Brasil. O caso do Brasil, como já dito, é exposto ao longo da tese.

Centro parte da pesquisa, então, para o 15M. Decidi esse recorte pois iniciei a pesquisa já em maio de 2011, quando estavam sendo difundidos os acontecimentos no país pelas redes sociais, especialmente no Facebook. Considerei que as lutas árabes estavam um pouco distantes, por não serem ocidentais⁶. Também em 2011 tive a oportunidade de ir para Europa

⁴ Disponível em <<http://noesunacrisisesunaestafa.com/ese-faro-llamado-islandia/>>. Acesso janeiro 2016.

⁵ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2012/02/25/islandia-donde-la-banca-es-responsable/>> Acesso janeiro 2016.

⁶ No entanto, fazer distinção entre as lutas europeias e as do norte da África pode ocasionar em erro: ‘Y sin embargo, las revoluciones árabes, y en especial las del Norte de África, son en muchos aspectos similares a las europeas. Lo son en lo que se refiere a sus causas, que acaban por desvelar los vínculos económicos y de poder entre las dos orillas del Mediterráneo. Y lo que es mucho más sorprendente, lo son en las formas del protagonismo social, los métodos, los objetivos, las demandas’. (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 106).

e, obviamente, resolvi ir para a Espanha, local em que fiquei um mês. Assim, a pesquisa ganhou consistência, e decidi que, se entrasse no doutorado, daria continuação à pesquisa na Espanha em doutorado-sanduíche.

O 15M, o movimento espanhol dos indignados, foi um dos mais importantes contra a crise econômica, no entanto, ele foi além destas questões, pedindo uma radicalização democrática e experimentando em seu interior uma democracia molecular. A crise foi o estopim das lutas, não o seu centro:

[...] el motor interno del nuevo movimiento europeo ha sido la indignación ante la injusticia de los órdenes políticos y económicos impuestos por el neoliberalismo, la descomposición social que se arrastra desde hace décadas y unos sistemas políticos cada vez más insoportablemente ilegítimos. En este sentido, la crisis ha sido sólo el detonante de cargas de profundidad que hacía años que estaban colocadas en el corazón de unas sociedades sometidas a una creciente tensión. (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 68)

Esta citação é de livro escrito pelo “colectivo de investigación y militancia, Observatorio Metropolitano, en el marco del desarrollo del movimiento 15M” (Observatorio Metropolitano, 2011a, p. 14). Os autores dizem que o livro traz, principalmente, questões do contexto espanhol, mas que, mesmo assim, pode-se relacionar esse contexto com a situação europeia. Assim, desejam que “la vocación del texto sea europea y que su perspectiva y propósito se midan, en todo momento, más allá de los siempre estrechos marcos estatales o ‘nacionales’” (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 14). Essa abertura do livro ao território europeu se relaciona com a natureza do 15M, que se conjugou com outros movimentos do continente, mas também com movimentos norte-americanos e de países latino-americanos.

No 15M, como nos outros movimentos que me interessam, há um agenciamento de campos: são políticos, produzem saberes, resistem ao modelo econômico dominante, têm as mídias como elemento central e abusam de uma estética de resistência. Dessa forma, criam áreas de indiscernibilidade. Não dou atenção às táticas artísticas do 15M. Considerei isso secundário no enfoque, mas é importante deixar claro que elementos artísticos são comuns desde as lutas do movimento alterglobalização⁷. No caso do 15M, as táticas artísticas estão presentes nos: 1. vídeos de chamadas para manifestações que apresentam tratamento estético; 2. vídeos com imagens de manifestações com som no fundo, principalmente música pop; 3.

⁷ Primeiro movimento global em rede contra a rede do poder globalizado. Surge com os Zapatistas e se dissemina por todo globo na virada do século. O movimento perde força a partir do Estado de exceção criado por Bush Filho depois dos atentados do 11 de setembro. Entretanto, o movimento retoma com certa força na reunião da cúpula sobre o clima em 2009, parte do tema de minha dissertação. Considero que as lutas atuais criam um ciclo pós-movimentos alterglobalização com muitas características destes, como será visto mais adiante.

vídeos de comunicados do grupo Anonymous, que é um dos nós do 15M; 4. cartazes, charges e fotos que são postados nos perfis do Facebook de grupos como Humor Indignado e Artefakte, entre outros. Porém, na parte sobre etnografia do movimento okupa em Barcelona, fui obrigado a tratar da estética, pois é um de seus elementos mais expressivos.

Quanto à pesquisa de campo referente ao movimento 15M, ela é dividida em algumas linhas: 1. Pesquisa bibliográfica: há uma produção mesmo em formato de livro extensa sobre. Também muitos teóricos fazem parte do 15M, o que mistura teoria e prática. 2. Pesquisa de produtos minoritários da web: sites, blogs, perfis de Facebook e do Twitter, vídeos do Youtube, canais de streaming. 3. Pesquisa da mídia de massa, em seus portais na web, que cobre as ações do 15M.

A pesquisa na web sempre foi central, posso afirmar que a tese nasceu a partir da web. Recebi informações no Facebook do perfil de um cientista político, Giuseppe Cocco, sobre o movimento 15 de maio no seu nascimento, no dia 15 de maio de 2011. Na época antes da pesquisa, o Facebook era, para mim, uma ferramenta de uso puramente pessoal, a qual permitia contato com as pessoas do entorno afetivo, como família, amigos e conhecidos. Não dei muita importância nos primeiros dias para as postagens do cientista; mas, em determinado momento, comecei a ler com mais atenção seu compartilhamento de links e também a pesquisar as postagens de quem, juntamente a ele, estava divulgando o mesmo tipo de informações.

A partir daí, surgiu um bom material que permitiu um primeiro mapeamento dessa produção de informação: notícias de mídias de massa, como *El Pais* e *Diagonal Periódico*; sites de coletivos do 15M, como Mal Estar.org, Juventud Sin Futuro; blogs de anônimos e, o mais importante, de certos teóricos. Assim percebi que algo realmente importante estava acontecendo.

Um segundo passo foi fazer amizade com perfis do Facebook que compartilhavam conteúdo parecido com o do cientista. Fui adicionando outros intelectuais, não só espanhóis, mas também brasileiros, principalmente ligados à Universidade Nômade. Como todos os perfis tinham leitura aberta, fiz antes uma triagem daqueles que estavam postando conteúdo sobre o movimento. Interessante é que todos, rapidamente, aceitaram o pedido de amizade.

Também no rizoma de links e perfis, encontrei perfis do Facebook de coletivos relacionados à resistência espanhola e global e adicionei o máximo possível. Após uma triagem, escolhi os perfis que tivessem uma alimentação farta, diária, de material. O Facebook me levou a inúmeros outros tipos de mídia, como Youtube, blogues, sites, streaming e mídias de massa. Somente o Twitter comecei a pesquisar posteriormente, no momento em que decidi

fazer análise em tempo real de manifestações. Enfim, a partir de todo esse material, começou o projeto de pesquisa.

Contemplei diariamente, via web, o que estava ocorrendo na Europa, especialmente na Espanha. Passava muito tempo conectado, e o fluxo de informação se confundia com meu cotidiano. O compartilhamento de informações era vasto o suficiente para me suprir com uma quantidade de material que eu tivesse algum controle, melhor dizendo, quantidade suficiente para formar uma multiplicidade, mas que pudesse acompanhar em leitura diária.

Divido a produção na web, como já expus, pois noto uma diferença de natureza entre mídias, as de massa e as de multidão. Essas últimas concernem a uma produção do movimento, feita por sujeitos e coletivos ligados diretamente ao 15M. Já as mídias de massa tratam o movimento como uma exterioridade. Penso que uma parcela do que é dito sobre os indignados na mídia de massa – mesmo que ela não se diga parte do movimento – os representa. No plano do devir revolucionário, determinados conteúdos das mídias de massa não deslegitimam nem criticam o 15M, até, de certa forma, apoiam o 15M. Essas mídias são molares também, pois são mais bem organizadas, acumulam materiais mais facilmente arquivados, ou seja, são mais fáceis de serem pesquisadas. Pensei nessa representação na época dos acontecimentos dos anos de 2011 e 2012. Na parte sobre o movimento okupa, concluí que as mídias não o representa, e, sim, afirmam o poder, portanto, molares. Isso se deve ao fato de que os okupas são mais marginalizados que o 15M; este foi um movimento muito mais expressivo, com uma simpatia muito maior pelo povo.

Um das principais formas de expressão do 15M eram as manifestações de rua. Essas traziam números que chegavam a 500 mil em apenas uma cidade. Acompanhei muitas manifestações em tempo real conectado em canais da web 2.0 do 15M, como também nas mídias de massa. O Twitter é mais ativo nas manifestações. Nos acontecimentos, há a narração em tempo real do que passa nas ruas. Tenho uma conta no Twitter que compartilhou informações com grupos que faziam parte do movimento de luta na Espanha e que narraram os acontecimentos. O Facebook é menos ativo nas demonstrações de rua. É menos dinâmico e mais lento. Porém, o Facebook é mais produtivo que o Twitter para a compreensão do que se passa nas lutas na difusão cotidiana de informações. Havia mais de 50 perfis de coletivos e teóricos do movimento que me alimentavam com informações. A maior parte do material era de links externos ao Facebook, mesmo que haja falas próprias à estrutura da interface.

Após as manifestações, muito material era postado no Facebook, como vídeos, fotos, links para textos em blogs, sites de grupos, periódicos do movimento e, claro, da grande mídia. Também no Facebook, as chamadas para os acontecimentos eram feitas. Notei que as

chamadas em 2012 e 2013 foram bem menos excessivas do que as que ocorreram em demonstrações no ano de 2011.

As mídias de massa foram importantes, pois, como disse, reuniam material de forma organizada em um mesmo local sobre as ações nas ruas, como as coberturas em tempo real a partir de textos minuto a minuto, fotos e, às vezes, streaming. Sujeitos do 15M postavam links no Facebook e Twitter para a narração em tempo real da grande mídia. Os canais de streaming do 15M, como Toma la Tele, eram mais falhos. Quanto as narrativas minuto a minuto, o site La Haine de mídia independente tem feito esse tipo de cobertura das lutas na Espanha.

A cobertura em vídeo do Youtube e streaming deram uma maior proximidade com os acontecimentos, ajudaram a perceber a quantidade de pessoas nas manifestações, muitas vezes, mais de dezenas de milhares de pessoas, como se organizavam, a atualização nas ruas das chamadas, atualizações não caóticas, mesmo com esse número de participantes. Além disso, possibilitaram a percepção de como a polícia faz a repressão das manifestações e as táticas frente a isso.

As imagens em movimento aproximam mais o receptor do que está se passando do que fotos ou textos. Nessa lógica, o streaming é o mais fundamental, o mais próximo de viver as manifestações para aqueles que estão distantes. É fácil encontrar os vídeos, é só fazer busca com palavras-chave no programa. Há material no Youtube da grande mídia, mas parece que a maior parte é produzida por pessoas do movimento. Também os sites do movimento eram fartos, todos os coletivos significativos do 15M tinham sites ou blogs. E, por fim, cabe destacar o projeto 15Mpedia, que é uma ferramenta midiática importante para o 15M. Trata-se de uma versão ativista da Wikipédia, na qual se encontram dados sobre o movimento: “15Mpedia es una enciclopedia libre sobre el 15M y forma parte del proyecto [15M.cc](http://15m.cc). Sus normas y pilares son similares a los de Wikipedia”.⁸ Já o 15Mcc citado “es un ‘paraguas’ de proyectos sobre el **15M** [...] El objetivo de 15M.cc es facilitar el mayor número posible de narraciones en torno al 15M: que todo el mundo pueda contar ‘su 15M’.”⁹

1.2 APRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO OKUPA

Okupar é um uso de imóvel sem consentimento do proprietário. A função principal de uma okupa é sediar um espaço para política e moradia. Há espaços puramente políticos, outros para moradia e outros que conjugam residência com política. O movimento surgiu nos

⁸ Disponível em <<http://wiki.15m.cc/wiki/15Mpedia:About>>. Acesso janeiro 2016.

⁹ Disponível em <<http://wiki.15m.cc/wiki/15m.cc>>. Acesso janeiro 2016.

anos 70, na Holanda, e se destacou, em especial, na Inglaterra, Itália, Alemanha e Espanha. Cada país tem políticas frente às okupações, alguns são mais tolerantes, como Inglaterra e Holanda. Porém, nestes, com o passar dos anos, houve um endurecimento das leis. O movimento se situa entre a legalidade e a ilegalidade. As okupações surgiram em Madri e Barcelona nos anos 80. Na Espanha, o movimento ganhou força a partir de 1995. As okupas no país focam mais em centros sociais, não em moradias. As okupas não têm intenção de durarem. Às vezes, um ano de atividade é uma extensão de tempo longa. Em Barcelona, algumas poucas estão ativas há décadas.

O movimento okupa não tem um excesso de produção acadêmica referido a ele. Há um discurso dominante que marginaliza o movimento, mesmo assim existe um diálogo com as mídias. O uso de mídias digitais pelos okupas acontece desde o início do boom das redes telemáticas. O movimento okupa é formado, principalmente, por jovens. Tem como símbolos a autogestão, o assemblearismo e o trabalho colaborativo. Agregam coletivos diferenciados, mas libertários: antiglobalização, feministas, antifascistas, anticapitalistas, LGBT's. O movimento na Espanha teve uma interconexão com o 15M, em especial, em Madri.

Quanto à minha experiência pessoal em Barcelona: as *okupações* na cidade em sua maior parte são dispositivos políticos. Pessoas dos bairros tomam prédios vazios e os tornam um aparelho para suas regiões. As okupas são interligadas, irmanadas e formam um movimento. Também há um diálogo e trocas com movimentos de outras cidades do país. A maioria tem canais de internet no Facebook e Twitter e usam blogs.

As duas okupas mais antigas na cidade ainda ativas são: a *Kasa de la Muntanya okupada* em 1989, situada no distrito de Gràcia, e reúne um dos coletivos anarquistas mais puristas da cidade; e *Can Vies*, existente desde 1997. Os bairros e distritos de muitas okupas são residenciais, não marginalizados, como Eixample esquerdo e direito, Sants e Gràcia. Na cidade, surgiu um movimento dentro do movimento: os *Bancs Expropiats*. Estes eram sediados, normalmente, na parte baixa de prédios, onde, anteriormente, abrigavam agências bancárias, entre eles: o *Banc Expropiat*, *Casal Trê Liris* e *La Porka*. Os dois primeiros se situam em Gràcia e estão em processo de *desalojo* desde 2014.

Há uma divisão entre os vizinhos no que diz respeito a *okupar*, alguns apoiam, outros criticam. O movimento produz manifestações, festas, ações políticas e os eventos de gerenciamento do espaço. A idade média dos ocupantes gira em torno de 20 e 30 anos. Dialogam com as mídias. Lutam contra o modelo Barcelona, uma marca importante no cenário mundial. As okupas abrigam coletivos que gestionam o espaço ou coletivos que não têm local para se expressarem. Elas se expandem em eventos que reúnem muitas pessoas. Se

em Can Vies o coletivo da assembleia geral tem aproximadamente 40 pessoas, em suas festas podem atrair um número dez vezes maior.

Minha primeira aproximação com as okupas na cidade foi através de um informativo semanal, o Infousurpa, e de conversas com moradores de Barcelona com interesse em política libertária. Após mapear algumas okupas, busquei seus canais de informação, no Facebook e em blogs. Em pouco tempo, já sabia de atividades semanais nos espaços e comecei a frequentá-los.

Interessaram-me, principalmente, Can Vies, por sua história, e o Casal Tres Liris. Este é uma okupa minoritária, mas produziu uma das festas mais importantes na cidade no que concerne à política libertária e uma expressiva acampada na frente da sede do distrito de Gràcia. Convivi regularmente nesses dois espaços. Dei mais atenção a Can Vies por haver uma enorme quantidade de material publicado sobre a tentativa de *desalojo* (despejo) em maio de 2014. Destes reuni dois tipos de conteúdo: molar e molecular. Mapeei inúmeros textos moleculares, dispersos, publicados na internet e neles encontrei um discurso de defesa de Can Vies. Quanto à mídia dominante, molar, me detive em um bloco de notícias do *La Vanguardia*, que reuniu em um único espaço um extenso documento sobre as lutas por Can Vies. Para mim, a narrativa do *La Vanguardia*, por não ser posicionada, afirma o poder.

O trabalho etnográfico aconteceu especialmente nas okupas, mas se expandiu para as ruas. Foi caminhando que encontrei ao acaso o Infoespai, espaço localizado no Gràcia que reúne coletivos de mídia. Nele, conheci um rapaz que me mostrou o Infousurpa impresso, com seu link de web. Após, tive alguns contatos com ele em eventos de okupas e em entrevista informal. Caminhando, encontrei a Kasa de La Muntanya e muitos espaços libertários. Nas ruas, contemplei os signos okupas pichados e cartazes sobre eventos e manifestações. Nas ruas, também fiz minha etnografia visual.

Também na primeira *ocupação* que vi da Plataforma Afetados pela Hipoteca (PAH), coletivo espanhol que defende pessoas endividadas, em um banco, conheci estudantes de antropologia de outras regiões que estavam fazendo trabalho de campo em Barcelona. Mais tarde, nos encontramos em um evento em espaço liberado na esquerda do Eixample e conversamos livremente, sobre o tema, em outro momento.

Caminhando pelos bairros das okupas, percebi que mesmo em seu entorno tudo se desenrola calmamente. Se há um encontro de gestão em Can Vies, isso não modifica o tecido urbano. Nas okupas, participei de encontros de gestão do espaço e de festas. Também assisti a manifestações realizadas por coletivos ligados a elas. Além disso, como disse, uma acampada de uma semana foi formada no Gràcia pelo Casal Tres Liris, na qual estive presente. Também

em três localidades, ocorreram grandes festas libertárias como alternativas às festas oficiais de bairro que acontecem na cidade no verão. Estes são elementos que detalho na parte sobre etnografia.

A parte sobre etnografia se originou de meu caderno de notas. Rapidamente, escrevi um extenso texto. Cada encontro rendia uma ou duas páginas. De volta ao Brasil, o reli, refinei e reescrevi a partir de temas regulares que percebi nas *okupações*. Decidi não fazer anotações em encontros como assembleias, pois queria me misturar aos grupos. Penso que fazer anotações criaria uma linha que nos separaria. Não queria, eu como desconhecido, sentar nas rodas anotando o que era dito; isso talvez até criaria um mal-estar. Preferia ficar sentado ouvindo e contemplando.

Fiz muitas entrevistas indiretas, na verdade, conversas longas com membros, o que era prazeroso, simplesmente conversar de forma amistosa sem parafernália metodológica, como gravadores. Pedi várias vezes para gravar entrevistas. Ninguém queria ser entrevistado para falar de si. Das entrevistas que consegui gravar, o mais importante foi a aproximação, uma conversa mais profunda durante um tempo extenso.

Quanto à bibliografia sobre okupas, centrei-me mais no caso espanhol. Dediquei um capítulo para o estado da arte deixando os outros para trabalho empírico. O trabalho empírico, portanto, se divide em três partes: crítica do que foi dito pela mídia dominante sobre as lutas em Sants por Can Vies; uma leitura de textos de coletivos e sujeitos que defenderam Can Vies, na qual me posicionei junto com estes; e a etnografia.

As mídias como Facebook, Twitter e Youtube tomaram uma posição marginal na parte sobre o movimento okupa. Em Barcelona, eu estava farto de imagens e eventos que podia presenciar o que não aconteceu com o 15M. Pelo Youtube, assisti às lutas nas ruas por Can Vies, porém, como havia uma boa documentação em texto sobre o que se passou, não fiz uma análise mais rigorosa de imagens em movimento. Facebook e Twitter, principalmente o primeiro, me permitiram ficar conectado com o ideário okupa, suas ações e com o que está se passando hoje em dia, nos primeiros meses de 2016.

Além dessas mídias, outras ajudaram na obtenção de conhecimento e informação sobre o movimento em Barcelona. A cidade foi uma delas: as festas, as okupas e o espaço urbano do entorno têm muitos grafites e cartazes com palavras de ordem, que dizem respeito ao movimento. Em boa parte da cidade, há cartazes sobre eventos e pichações dos okupas. O 15Mpedia,¹⁰ uma das principais mídias do 15M, já citado, tem muitos verbetes sobre

¹⁰ Disponível em <<https://15mpedia.org/wiki/Portada>>. Acesso janeiro 2016.

okupação, o Wikipedia também. Em ferramentas de busca, a partir de palavras-chave, encontrei um manual de *okupação*, documento central em um dos capítulos. Por e-mail, estou em contato com o coletivo de Can Vies, sempre muito prestativo e interessado em ajudar na pesquisa.

1.3 ESTRUTURA DA TESE

Para finalizar a introdução, exponho a estrutura da tese. O capítulo seguinte trata do campo da comunicação como devir, da transversalidade entre campos do saber como potência para se pensar a multidão. O terceiro capítulo, também teórico, tem ressonâncias do capítulo anterior, mas, o mais importante, apresento um glossário com dez conceitos que se referem ao movimento okupa e ao 15M, os quais acompanharão a tese nas análises de ambos os movimentos. Os dois capítulos, segundo e terceiro, fazem uma leitura dos autores da filosofia da diferença sobre identidade, devir, sociedade disciplinar e de controle. O quarto capítulo se centra na análise de acontecimentos do 15M. Após, inicia-se a parte sobre o movimento okupa, dividida em quatro partes, como expus anteriormente: 1. Uma leitura de teorias que tratam do movimento; 2. Uma análise crítica do que foi dito por meio de comunicação massivo sobre a tentativa de *desalojo* de Can Vies; 3. Um apanhado de textos sobre o mesmo acontecimento, mas oriundos de coletivos e sujeitos de resistência. 4. A atualização em texto do trabalho de campo em okupas de Barcelona em 2014. Por fim, concluo a tese.

CAPÍTULO 2 – EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DE CONTROLE

Aqui nesta parte, proponho alguns questionamentos epistemológicos que explicam meu posicionamento dentro do campo do saber, já que as discussões correntes sobre a consolidação do campo da comunicação centram-se em torná-lo uma disciplina delimitada, o que acaba obrigando muitos pesquisadores a focarem o trabalho em um possível comunicacional. Estruturei da seguinte forma o capítulo: de início, apresento a sociedade de controle, que elimina as fronteiras entre campos, a qual é afrontada pelos devires minoritários. Depois, trato do endurecimento disciplinar das ciências e da transversalidade entre os territórios do campo do saber. Por fim, trago a proposta de se pensar a comunicação como um devir, uma linha de fuga.

Creio que é necessário justificar este capítulo já no início. A transversalidade acontece nesta tese principalmente, pois a considero um objeto, também, político, não apenas teórico. Isso é revelado quando me situo junto aos sujeitos e coletivos de resistência, sendo este texto mais uma linha, mesmo que singular, do mapa da multidão contemporânea. A cartografia, pensar o poder, o denunciar, e traçar as linhas dos devires, é um ato político. A aliança com a obra dos autores com os quais trabalho envolve toda uma micropolítica que se atualiza em afetos, posicionamento ético, dessubjetivações, questões existenciais. Além disso, em toda a tese estão em jogo temas transversais: multidão, identidade, devir, cidade, pensamento da diferença, okupas, 15M e a comunicação. Estas atravessam disciplinas. Portanto, a comunicação aparece, também, como objeto a ser pensado, mapeado, em especial em sua potência. Estou no campo, pois a natureza da comunicação é semelhante à de outros temas caros na minha pesquisa.

Existe um duplo movimento que percebo referente à comunicação: age como devir em disciplinas diversas, e teóricos da comunicação buscam fronteiras mais definidas. No primeiro caso, no devir, há uma potência. Um campo *anonymo*, a ser experimentado. No segundo caso, o controle do campo, seu endurecimento. Ou seja, o molecular e o molar, o processo e o projeto. Não me interessa pela molarização da comunicação por perceber que as fronteiras são esmaecidas na sociedade de controle, tanto em função do poder quanto da potência. Talvez seja impossível criar fronteiras fixas pela natureza do pós-moderno. Penso nela – a comunicação – considerando a realidade atual e não o projeto futuro.

Algumas questões são óbvias no que diz respeito à tese estar situada nesse campo de saber, como o fato de que a maior parte do texto se referir à produção midiática da multidão. Porém, como disse na introdução, meu objeto é a multidão e seus processos, os quais também são midiáticos. O que percebo na comunicação é o que acontece com a obra de Deleuze e Guattari, Foucault, com as teorias da multidão, com os estudos do 15M e do movimento okupa, que não são submetidos a disciplinas fixas. Há um comum na multidão, mas ela não é unificada como o povo. A comunicação é um comum entre autores situados em campos diversos e talvez tornar disciplina forte seria unificar e impedir certas linhas de fuga. Vejo a comunicação como algo disforme, difícil de ser controlado, como o devir.

2.1 SOCIEDADES DE CONTROLE E DISCIPLINAR

Deleuze e Guattari tratam de dois tipos de territórios em *Mil Platôs* (2005b). O primeiro tipo é o Estriado: espaço estriado do Estado-nação, das disciplinas concernentes ao modelo que Foucault (1977) critica. O sujeito desse modelo é o povo com uma identidade. Povo e Estado estão inter-relacionados. O segundo tipo é o espaço Liso: esse é aberto, sem fronteiras; nele, não há fora. O conceito de espaço liso foi apropriado por Negri e Hardt para pensar o poder global contemporâneo.

O espaço liso em Negri e Hardt (2005, 2006) é chamado de Império, formado por rede de Estados-nações dominantes e dominados, instituições supranacionais e megacorporações. Negri e Hardt (2005), como alternativa ao conceito duro de povo, propõem o de multidão, a resistência ao Império. O conceito de multidão é usado com frequência para se referir às lutas na Espanha dos indignados e às lutas no Brasil de 2013. A multidão é rede de singularidades que agem em comum. A multidão são os pobres, que criam valor mesmo na pobreza; são todos aqueles que constroem o mundo, mesmo os marginalizados; são todos sob o domínio do poder, que são explorados. E mais: a multidão, por ser auto-organizada, pela apropriação dos instrumentos de trabalho, ou seja, por ser autônoma, indica a possibilidade de uma democracia real.

Negri e Hardt (2005, 2006) dizem que, no Império, a mudança não pode ser restrita ao território nacional, ou seja, o Império permite visualizar uma democracia de multidão em escala global. Essa democracia, segundo o projeto de Negri e Hardt, possibilitaria que a multidão vivesse o mundo como um território liso, sem estrias, portanto, o poder já anuncia, virtualmente, seu fim.

Também, apropriando outro conceito, esse de Deleuze, Negri e Hardt (2006) dizem que a forma social do Império é a sociedade de controle. Nessa sociedade, não há fora do poder, ela é a intensificação da sociedade disciplinar. Deleuze tratou desse modelo em alguns textos curtos e em algumas conferências.

São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. 'Controle' é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. (DELEUZE, 1992, p. 220).

O poder disciplinar acentuado não ocorre em espaços delimitados, todo o social é seu domínio. Hardt (2000) explica que o espaço da política, a rua, o público, é privatizado, o que é visto na forma de autoestradas, shopping centers, condomínios. Os espaços políticos típicos da modernidade desapareceram. Conforme Peter Pellbart (2000), a lógica da sociedade de controle é a mesma da prisão: “[...] como se a própria sociedade tivesse se tornado uma prisão” (2000, p. 29). Em livro sobre o movimento okupa, é exposta a face do controle que modula a cidade dominante. Uma cidade segregada, homogeneizada, privatizada, com contrastes profundos de desigualdade. Um espaço vigiado e controlado, o qual impede a liberdade de expressão, assim confirmando o dito anterior de Hardt.

Son tres de los ejes vertebradores de la reestructuración urbana, aunque se deberán tener en cuenta otros sucesos concomitantes. Por una parte, los desplazamientos de empresas, la habilitación de grandes extensiones territoriales para centros comerciales, actividades logísticas o parques de ocio, y, sobre todo, la especialización de los centros urbanos en funciones de gestión, comercialización y servicios en general han generado ciudades con zonas cada vez más segregadas, homogéneas y, por tanto, privatizadas y con más notables desigualdades sociales y ecológicas (aun entrando en polémica pública sólo extremos como los campos de golf o las instalaciones para reconvertir los residuos). Por otra parte, las “fortalezas” residenciales de clases medias y altas, la vigilancia y control privados de cada vez mayor número de espacios públicos y privados, o la vídeo-vigilancia de las calles y las limitaciones a la libertad de la expresión al amparo de ordenanzas municipales reguladoras de una insulsa noción del “medio ambiente urbano”, alargan sus tentáculos de dominación hasta los espacios urbanos o rurales periféricos, en los que cada vez se construyen más cárceles y de mayores dimensiones. Por último, la hegemonía del transporte motorizado, principalmente de carácter privado y por carretera - automóviles para trabajadores y turistas y camiones para mercancías y combustible-, sobre otras alternativas colectivas y con menores impactos ecológicos, ha detraído importantes inversiones públicas y ha contribuido a la mayor separación entre lugar de residencia y de trabajo. (MARTÍNEZ, 2004, p. 65).

Quanto à sociedade disciplinar, segundo Foucault, “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1977, p. 153). Os indivíduos são

classificados como normais e anormais, como sustenta Lazzarato: “Na sociedade disciplinar, a gestão do poder é hegemônica, no sentido em que se funda sobre a divisão entre o normal e o anormal, a inclusão e a exclusão, e sobre a hegemonia do primeiro sobre o segundo” (p. 77).¹¹

Lazzarato diferencia a sociedade disciplinar da de controle, considerando a última como mais tolerante frente ao desvio, ao anormal, o marginal. Estes “[...] não são o outro ou o exterior, mas diferenças que é preciso governar nas suas relações, nas suas conjunções” (s/d., 77). “Os dispositivos de poder agirão no sentido de conter as diferenças, as minorias, os comportamentos desviantes, até antagonistas, ‘dentro de limites aceitáveis, mais do que para lhes impor uma lei que diz não’” (s/d, p. 78). O autor alerta que as minorias como estados, identitárias, capturadas pelo mercado não devem ser confundidas com os devires minoritários.

Guattari (2005) tratou as minorias como possibilidades de processos de singularização, subjetividades diferenciais em relação à subjetividade dominante. As revoluções das minorias, que ele chama de moleculares (2005), desterritorializam o poder, modificando seus códigos, mas são reterritorializadas; nesse último processo, suas demandas não são aceitas totalmente. Ou seja, nessa passagem, há uma perda de potência das minorias.

É importante pensar como as lutas de certos grupos minoritários são apropriadas pelo poder, incluídas pela sociedade de controle, deixando de ser diferença, possibilidades de fora do poder. Os movimentos dos negros, mulheres, homossexuais, desde a contracultura, lutaram pelos seus direitos e foram, de certa forma, vitoriosos. Porém, deve-se perguntar como esse processo não acabou enfraquecendo as lutas, impedindo uma radicalização das demandas, como isso produziu consenso.

Esses autores que denunciam a sociedade de controle e pensam o social a partir da diferença, e não de apologia à diferença, produzem contrainformação. Frente ao dado, que é aceito, da pobreza da vida, apresentam possibilidades de vidas não sujeitadas, como a multidão e seus devires. Para Deleuze, comunicação “[...] é a transmissão e a propagação de uma informação” (1987, p. 10). Já informação “[...] é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgamos que devemos crer” (idem). O autor afirma que a informação é o sistema de controle. A contrainformação é o ato de resistência contra o regime de controle. Como ele diz em outro momento, criar é diferente de comunicar (DELEUZE, 1992).

No trabalho negriano não há nostalgia nem negativismo. O Império e a sociedade de controle apresentam suas próprias linhas de fuga. A possibilidade de uma democracia global é

¹¹ Disponível em <<https://salganhada.files.wordpress.com/2012/10/m-lazzarato-o-governo-das-desigualdades-livro.pdf>>. Acesso janeiro 2016.

uma linha virtual do Império. O espaço liso imperial pode se tornar o espaço liso da multidão. O poder global e a queda das fronteiras permitem isso. As redes disseminadas, do trabalho, das mídias, do poder, anunciam a forma democrática da multidão. Conhecemos – e muito bem – o funcionamento das redes pelo simples fato de vivermos. As subjetividades desterritorializadas pelas mídias nos fazem perceber as subjetividades em mutação. A pobreza imposta nos mostra que outros valores são possíveis.

2.2 EPISTEMOLOGIA NA SOCIEDADE DE CONTROLE

Como visto, o importante é não pensar no que é melhor ou pior, desejar o retorno das disciplinas centradas em territórios delimitados ou ovacionar a sociedade de controle; deve-se sim pensar nas potencialidades, na virtualidade aberta. Um exemplo do conflito entre potência e poder na sociedade de controle, na qual as fronteiras dos territórios são esmaecidas, é o hibridismo entre política e arte, a estetização da política.

Assistimos o fim dos suportes em vários domínios, mas também nas esferas que eles ganhavam sentido. As artes plásticas extrapolaram seus suportes tradicionais [pintura, escultura, museu] a política extrapolou o suporte do partido, do sindicato [na produção, não mais confinada a fábrica, e empresa, se produz sempre] seria preciso pensar conjuntamente esses processos e a hibridização dessas esferas nas condições de hoje, tanto nos seus efeitos libertadores, como constrangedores. (PELBART, 2003, p. 132).

A estetização da política, portanto, pode ser pensada como via dupla, uma a serviço do poder, e outra, produzida pela resistência. A estetização dominante da política se refere aos partidos, ao aparelho de Estado, o que é visto nas mídias, no uso do marketing nas eleições, nos discursos publicitários para angariar votos. Contudo, a interpenetração entre arte e política vê-se desde o Maio de 1968 em massa. Hoje, percebe-se isso na utilização de lógicas midiáticas e artísticas pelos movimentos de resistência, as quais são generalizadas.

Quanto ao campo do saber, principalmente o da comunicação, há uma crítica que se funda nesse viés: a espetacularização, estetização das ciências. Gomes (2003) faz sua crítica à espetacularização que se refere à flexibilidade e à falta de rigor do campo da comunicação. O autor cita seminários que viram shows para audiência de não cientistas; ensaios que prezam o brilho discursivo; simpósios que são espaço de performances; revistas que são peças literárias; cientistas que se consideram artistas. Conclui que isso é possível, em especial, em campos não consolidados, como o da comunicação.

Gomes propõe o endurecimento disciplinar contra o elogio da porosidade metodológica e da flexibilidade das ferramentas conceituais, tudo isso relacionado ao que ele chama de culto da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, e da multidisciplinaridade.

[...] o não ser especialista se justificaria pela atitude inovadora de romper com a compartimentalização do saber, presumivelmente levada a termo por uma racionalidade instrumental dominante no paradigma moderno. Já a dispersão temática é apresentada como o ato [...] revolucionário de não obedecer ao confinamento disciplinar moderno, explodindo as fronteiras disciplinares na direção [...] da interdisciplinaridade, transdisciplinaridade ou multidisciplinaridade. (GOMES, 2003, p. 326-27).

Nessa linha, estão alguns outros pensadores que também tentam resgatar o que se perdeu, tentam dar vida ao que ainda está presente de rigidez entre campos, como Habermas (seu pensamento é exposto por Trevisan na citação a seguir) em suas considerações sobre a autonomia de campos como arte e vida.

Manter o distanciamento é produtivo, tanto para alimentar o plano racionalizado e autônomo da obra de arte quanto das biografias e histórias de vida. E isso permite que a arte e a estética tenham o seu campo de validade autônomo e preservado, evitando assim a subserviência de um campo ou de um complexo do saber às demandas e prerrogativas de atuação do outro. (TREVISAN, 2007, p. 309).

De outro ponto de vista, as conexões entre arte, política, ciência se tornam interessantes por produzirem uma heterogeneidade que foge do controle desde cima. Silvio Gallo propõe, de modo especial, a criação de linhas transversais no campo do saber. Gallo (1995) conecta esse campo e o conceito de disciplinas de Foucault, expondo que a disciplinarização nas ciências é delimitação, hierarquização e exercício de poder, características do paradigma arborescente. Como opção, apresenta o paradigma rizomático (DELEUZE, GUATTARI, 2004), no qual o que importa são as conexões entre elementos heterogêneos. Gallo, então, faz sua proposta: “transversalidade entre as várias áreas do saber, integrando-as, senão em sua totalidade, pelo menos de forma muito mais abrangente, possibilitando conexões inimagináveis através do paradigma arborescente” (GALLO, 1995, p. 10).

A transversalidade foi pensada por Guattari (GALLO, 1995) em sua experiência no campo psi. De acordo com o autor, a verticalidade institucional rege as relações desde cima. Um sistema centrado, com regras duras, fechado em si mesmo, para poucos. O autor não vê a horizontalidade como opção. Nesta, todos são iguais, as relações são planejadas, homogêneas, e nada é produzido; horizontalidade é “uma certa situação de fato em que as

coisas e as pessoas ajeitem-se como podem na situação em que se encontrem” (GALLO, 1995, p. 10). A crítica de Gomes interessa se pensada como crítica à horizontalização das ciências: a lógica do “tudo vale”, e seus efeitos como a espetacularização, a tomada de poder por lógicas *massmediáticas*.

Deleuze e Foucault também trataram da disciplinarização do campo do saber. Foucault diz que: “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2007, p. 36). Deleuze propõe a esquizofrenização (como potência pela sua natureza não normatizada, que se atualiza no fora) frente ao autonomismo disciplinar. No entanto, ele afirma que é indesejado o confucionismo, a horizontalização e, tampouco, sugere a dissolução das ciências.

Diante dos problemas da sociedade atual, é preciso se posicionar numa situação que coloque em questão a cultura tradicional partilhada, digamos, entre as ciências humanas, a ciência, o cientificismo – uma palavra que está na moda há alguns anos – e a responsabilidade política. Sobretudo após Maio de 68, uma revisão dessa separação é importante e necessária. Desse ponto de vista, até hoje nós nos contentamos com uma espécie de autonomismo, digamos, das diversas disciplinas. Os psicanalistas têm seus utensílios de cozinha, os políticos os seus e assim por diante. A necessidade de rever essa divisão não nasce de uma preocupação de ecletismo e não conduz necessariamente a um tipo de confucionismo. [...] Pois bem, num certo sentido, aqueles que se encontram no registro das ciências humanas e no domínio político deveriam, desse ponto de vista, se ‘esquizofrenizar’. [...] para ter essa mesma capacidade de abraçar o conjunto dos domínios. [...] Nesse sentido, pôr em causa a divisão dos domínios e um pouco também a auto-satisfação dos psicanalistas, lingüistas, etnólogos, pedagogos não tem como objetivo a dissolução de suas ciências, mas se propõe aprofundá-las para que estejam à altura de seus objetos. (DELEUZE, 2005, p. 156).

A transversalidade é uma arma acionada para pensar a resistência contemporânea. Pela centralidade das mídias nos movimentos de multidão, desde os zapatistas, os autores que estudam a multidão não ficam ilesos e são obrigados a tratar das mídias. Vemos isso nas nomeações de Revolução Facebook e Revolução 2.0. Um dos principais textos sobre o 15M, de Javier Toret,¹² dá muita atenção ao comunicacional. O autor argumenta que a resistência no pós-moderno é um tema transversal, que está aliado à comunicação.

A resistência contemporânea é um agenciamento que envolve corpos, coletivos, discursos, acontecimentos, estéticas, e as mídias não são apenas mais um elemento, elas potencializam, atualizam, visibilizam tudo isso. O agenciamento rua-rede é explicitado pelo conceito de tecnopolítica de Toret: “Clarificamos el concepto de tecnopolítica [...] destacándolo como capacidad organizativa masiva mediada por la red y capaz de producir

¹² Disponível em <[http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)>. Acesso janeiro 2016.

estados de ânimos empoderados e um padrão de auto organização política na sociedade red” (TORET, 2013, p. 14). E Toret continua: “La tecnopolítica del 15M se ha manifestado como toma del espacio público físico, digital y mediático, capaz de orientar la acción distribuida en la ciudad tanto como en las redes” (TORET, 2013, p. 21).

Toret e seu coletivo dizem que há a necessidade de se produzir novas ferramentas conceituais para pensar a novidade do 15M. Novas ferramentas para pensar um novo ciclo de lutas, talvez o que Deleuze, anteriormente, chama de esquizofrenização. Toret explica a necessidade de uma pesquisa transdisciplinar.

[...] nuestro reto es afrontar la novedad y complejidad de lo acontecido y eso implica, en nuestra opinión, apoyarse en un análisis transdisciplinar de datos, redes, lenguajes, emociones y narraciones propias del movimiento, ensayar un pensar desde un modelo creado desde el acontecimiento y desde la red que éste ha creado. Este camino nos ha llevado a desarrollar herramientas de análisis adaptadas a la complejidad del fenómeno. Estamos convencidos de que, en el seno de ciertos acontecimientos históricos y sociopolíticos surgen (o cobran nueva forma y fuerza) nuevos métodos y teorías revolucionarias tanto en el plano epistemológico como en el político. Las avanzadas y masivas prácticas sociales y tecnológicas que han definido el 15M han derribado en la práctica muchos muros mentales y políticos. Por eso mismo, creemos que la novedad del movimiento nos sitúa frente a la necesidad de avanzar también teóricamente, de experimentar con herramientas metodológicas y conceptuales para ir más allá de lo ya pensado. (TORET, 2013, p. 11-12).

2.3 A COMUNICAÇÃO COMO DEVIR

A comunicação se aproxima do devir, como comentei no início do capítulo, pois permite um devir comunicacional dos campos endurecidos, já que não existe o campo da comunicação como estado, com características próprias, identidades, endurecimentos. Exemplos: há um devir comunicacional da filosofia, visto em Deleuze quando trata de palavras de ordem em seus textos sobre a sociedade de controle, ou em Guattari na criação do conceito de pós-mídia. Também o mesmo devir aparece nas considerações de Negri (1993) sobre a potência da comunicação.

Braga, na passagem a seguir, afirma que todos os campos do conhecimento estão em devir, são criadas linhas de fuga para se desenvolverem. Os territórios, assim como campos de saber, segundo Deleuze e Guattari (1999), se definem por suas linhas de fuga. Porém, Braga¹³ preconiza a necessidade da molarização da comunicação, negando as dispersões, criar um

¹³ Disponível em <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewFile/542/308>>. Acesso janeiro 2016.

território com fronteiras, com um dentro que se separa de um fora, com formas definidas. Braga, portanto, vai de encontro com o meu posicionamento.

É claro que todos os campos de conhecimento se encontram, natural e inevitavelmente “em construção” – na medida em que o processo do conhecimento envolve a contínua revisão de suas perspectivas e abordagens. É preciso especificar, então, que, quando nos referimos ao Campo da Comunicação como “em construção” não estamos apenas afirmando esse truísmo. Mas sim que o campo se encontra em fase de constituição como disciplina acadêmica. Essa fase se caracterizaria, sobretudo, por seu baixo índice de formalização; pela ainda forte dispersão de questões (embora hoje possamos perceber um certo esforço de obtenção de sistematização); pelo fato de que uma parte excessiva das contribuições para nosso foco de interesse é gerada no âmbito de outras Ciências Humanas e Sociais (CHS); e porque uma boa parte dos próprios problemas e questões que movem o campo nos é ainda sugerida ‘de fora’ (às vezes diretamente, às vezes por transferência. (BRAGA, 2004, p. 220).

Penso que, como está o comunicacional, ele é inclusivo, pois faz a conjugação própria do paradigma rizomático. Restrição, hierarquia, produção de identidades são funções do controle, e as singularidades são potentes quando não são enquadradas. Como diz Amadeu: “O controle é avesso ao anônimo, ao incerto e ao nômade” (2009, p. 130). Se este trabalho faz aliança com as teorias contra o controle, seria contraditório fazer apologia aos efeitos do controle, como os endurecimentos disciplinares.

Dessa forma, vejo a comunicação como elemento contra o controle, haja vista que ela talvez seja uma máscara que qualquer um possa vestir, máscara não sobrecodificada por uma identidade. Aqui, os movimentos têm muito a ensinar. É o caso do coletivo Anonymous, o qual, nos últimos anos, se associou com inúmeros movimentos de multidão. Ele só funciona por propagação, enxameamento, táticas coletivas descentradas contra sistemas eletrônicos de governos e empresas. Seu limite é a web, no entanto, é visto o símbolo do grupo, uma máscara negra, com feições em branco, principalmente, um sorriso um pouco amedrontador, em muitas manifestações em todo o mundo. A máscara é uma apropriação do grupo de um símbolo da indústria cultural e de um histórico anarquista, Guy Fawkes. O uso da máscara é uma tática de resistência anti-identitária, qualquer um pode vesti-la, se tornar um *anonymo*. Vi pessoas usando as máscaras tanto em manifestações em Porto Alegre em 2012, quanto em manifestações em Londres em 2014. Interessante pensar na máscara como algo que não esconde nada por trás como uma razão profunda.

Então, a máscara esconde o rosto, a parte do corpo mais comum para identificar uma pessoa visualmente, e ela se alia à tática do enxameamento e à finalização dos comunicados quando dizem: somos legião. Isso tem relação direta com a obra de Negri. Em passagem de *Multidão* (2005), o autor cita uma parábola cristã. Ele fala de um demônio, de nome Legião,

que, na verdade, é uma multiplicidade de demônios. A multidão é uma, pois age em comum, mas é uma multiplicidade de singularidades. É demoníaca, uma vez que é uma aberração frente ao pensamento tradicional. Em *Mil Platôs* também se fala em legião, nas passagens sobre devir, que, para Deleuze e Guattari, são núpcias demoníacas.

Num devir-animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com uma multiplicidade. [...] A sociedade e o Estado precisam das características animais para classificar os homens [...] Mas não nos interessamos pelas características; interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento. Eu sou legião. [...] Belzebu é o diabo, mas o diabo como senhor das moscas (DELEUZE; GUATTARI, 2005b, p. 19-20).

Em vez de purificar o campo da comunicação, pode-se pensar nele como um vírus, que contamina os outros campos. Talvez a comunicação seja por natureza potente, e isso não foi reconhecido, assim chamam a potência de caos e tentam endurecê-la. A multidão é caótica, a filosofia da diferença é caótica, o devir é caótico e são potentes por isso, fogem do controle. A comunicação não é apenas fruto do controle, é possibilidade política no controle, resistência ao controle.

Quando digo que este trabalho é político, considero que há uma dificuldade em se produzir uma teoria despolitizada que trate das resistências. Desse modo, marco meu posicionamento ético-político; não considero a pesquisa como um fora do tema. Não considero as lutas do devir como simples objetos submetidos a um termo maior, o sujeito da pesquisa. Aliás, aqui não há sujeito da pesquisa, apenas conexões entre elementos: a filosofia da diferença, a multidão, sua subjetividade e teorias, as mídias produzidas por essa multidão. O texto anônimo é pensado por Deleuze e Guattari quando expõem que o autor, o sujeito, não é central, pois muito está envolvido. Fecho o capítulo com a passagem de *Mil Platôs* na qual os autores apresentam esse pensamento fundamental para meu trabalho e que permite fugir da reprodução da transcendência teórica.

Um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes. Desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade de suas correlações. Fabrica-se um bom Deus para movimentos geológicos (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 10).

CAPÍTULO 3 – DEVIRES MINORITÁRIOS DA MULTIDÃO

Aqui, continuo tratando de alguns temas do capítulo anterior, focando mais nos conceitos de identidade e devir. Quanto ao empírico, elenco relações entre o 15M e o movimento alterglobalização no que se refere às identidades. Exponho também conceitos que dizem respeito a áreas de indiscernibilidade como: sul e norte, trabalho pós-fordista. Mas o mais importante: após ter feito a revisão bibliográfica sobre devir, apresento um glossário com dez conceitos centrais na tese que são próprios do devir revolucionário. Esses conceitos estão relacionados aos objetos, ao trabalho de campo e às teorias aqui acionadas. Os conceitos estarão presentes sempre ao longo da tese, tanto na parte sobre o 15M quanto na parte sobre o movimento Okupa. Os conceitos são transversais, pois concernem aos dois objetos.

3.1 IDENTIDADE E DEVIR

Exemplo de identidade moderna que hoje faz parte de um plano de indiscernibilidade é o dualismo Norte e Sul. As hierarquias geopolíticas vão sendo reestruturadas. É o caso do Brasil, país do Sul que vai ganhando expressão econômica e política. Permanece com profundas desigualdades, entretanto, o norte moderno é cada vez mais expressivo no país. Guattari (2005) já dizia que há um Norte – focos de primeiro mundo – no Sul e um Sul – focos de terceiro mundo – no Norte. Junto a esse movimento em que certos países deixam de ser periféricos, ocorre outro: os da Europa sofrem a crise.

Se os focos de terceiro mundo no Norte eram presentes, principalmente na forma das levadas de imigração, hoje os próprios europeus experimentam a pobreza. Aqui, temos a pobreza como impotência, a qual só aparece como potência a partir de um pensamento da diferença. O devir-sul do mundo (COCCO, 2009) não se refere à pobreza como algo negativo, torna-a potência, saindo das significações comuns. O que falta à pobreza é o consumo, de resto nada falta, nela transborda o desejo de uma realidade diferenciada.

[...] a luta dos pobres afirma sua alteridade, ou seja, a riqueza que somente os pobres produzem, em outras palavras, uma outra riqueza, uma outra sociedade. E a alteridade dos pobres tem como sua maior riqueza a diferença, isto é, a capacidade que os pobres têm de serem índios, favelados, negros, imigrantes, mulheres etc. – esta é a riqueza do Sul (COCCO; NEGRI, 2012).

Posso ensaiar uma hipótese no estilo *negriano*: a crise europeia, a pobreza do continente, produz riqueza, contra a pobreza imposta, a luta por outra realidade, e, mais, as lutas não se centram em questões econômicas. O desejo das lutas se refere também ao fim do corte entre quem governa e é governado. A crise não se expressa apenas no desemprego, nos *desalojos*, nas dívidas; a crise se revela na falsa democracia, na política dominante, assim, aproxima todos os países do Ocidente. Portanto, os movimentos como o 15M buscavam uma vida mais digna, mas não simbolizada somente no retorno do Estado de bem-estar social em suas nações correspondentes.

O “estado de seguridad social” é centrado no investimento de “los servicios públicos elementales como la educación o los sistemas de salud” (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 141). Um dos resultados da crise europeia é o fim desse modelo político:

En otras palabras, el célebre Estado de bienestar europeo, que durante décadas ha sido bandera de quizás la única singularidad civilizatoria que el viejo continente podía todavía presentar con algo de dignidad e incluso con cierto orgullo al resto del mundo, está en trámites de convertirse en un resto arqueológico (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 51).

As políticas que criaram o Estado de bem-estar foram reformistas, deram melhores condições para os trabalhadores como forma de mantê-los satisfeitos com o sistema que mantém os ricos ricos. No livro *La Crisis que Viene* (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011b), fala-se das políticas de pacto entre trabalhadores e capitalistas. Um dos sinais que mostram que a luta não se restringe ao território do Estado-nação, que os indignados lutavam por uma mudança político-econômica global, pela natureza econômica e política contemporânea, é exposto em livro da ATTAC¹⁴:

[...] también sabemos todos que la economía y la sociedad de casi todas las naciones se encuentran hoy día muy entrelazadas, que vivimos en un mundo muy globalizado en donde lo que cada uno pueda hacer depende en gran medida de lo que hagan los demás. Y es verdad que esto constituye también una consideración a la hora de aplicar políticas que traten, sobre todo, de salvaguardar los intereses nacionales. (NAVARRO; LÓPEZ, 2011, p. 168)

¹⁴ Um dos nós do movimento 15 de Maio. “ATTAC España, es una asociación cívica – de naturaleza diferente a los partidos políticos, los sindicatos o las ONGs – para la reflexión política y el fortalecimiento de la sociedad frente a la creciente expansión e influencia del capital financiero”. Disponível em http://www.attac.es/documentos/estatutos_attaces.pdf >. Acesso janeiro 2016.

Ou seja, nas lutas da Espanha houve uma mistura de direcionamentos entre o nacional e o global. Esses dois movimentos – reforma no território nacional e câmbio global – marcaram o 15M, como visto na citação a seguir:

[...] queremos una reforma de la ley electoral, mayor transparencia de los partidos políticos, sobre todo de su financiación, luchar contra los recortes de servicios sociales, solucionar los problemas del impago de hipotecas... Hay que conseguir que en los foros internacionales se ponga coto a los paraísos fiscales y al fraude fiscal, y la imposición de la tasa Tobin a las transacciones financieras, es decir, el impuesto sobre el flujo de capitales para avalar planes contra la pobreza mundial (LAS VOCES DEL 15M, 2011, p. 45).

Noto assim que essa abertura, além de questões nacionais, aproxima o 15M dos movimentos por outra globalização. É indispensável repensar os movimentos por outra globalização, pois deve ser observado como eles influenciaram as lutas posteriores. Importante analisar como as lutas atuais dão continuidade às lutas da virada do século, como produzem diferença, como potencializam ou despotencializam a herança dos movimentos por outra globalização.

Percebo três diferenças entre o 15M e os movimentos alterglobalização:

1. O uso da web: no caso dos movimentos por outra globalização, a primeira web; já os movimentos dos últimos anos são centrados na web 2.0. Porém, uma das mídias do movimento alterglobalização, o Indymedia, apontava para um modelo semelhante ao atual. Também um discurso corrente era de que os movimentos por outra globalização agiam para repercutir na mídia dominante. Mas pergunto se no modelo comunicacional atual, muito mais expressivo que o da primeira web, se nesse modelo usado pelo 15M ainda há uma necessidade de se chegar à grande mídia. Penso que as mídias do 15M eram autossuficientes e potentes.

2. A segunda diferença: os movimentos por outra globalização criaram o primeiro grande movimento em rede contra a rede do poder globalizado; foram tratados por Negri como a multidão em luta contra o Império. Essas lutas eram simbolizadas em protestos nos encontros dos líderes mundiais. O ciclo de lutas terminou com o 11 do 9, quando houve um endurecimento frente à mobilidade entre países, impedindo a movimentação dos manifestantes. Os movimentos atuais, por serem centrados na crise, apresentam, em certos momentos, como visto, demandas de reformas nacionais.

3. Outra diferença é que os movimentos por outra globalização tinham ressonâncias de grupos mais tradicionais de minorias, como os das mulheres, negros, gays e mesmo de grupos políticos mais legitimados pela política macro, como partidos, ONGs e sindicatos. No 15M, as questões das minorias eram mais esmaecidas e os partidos e sindicatos, rechaçados.

Quanto às semelhanças, algumas das características do 15M podem ser relacionadas diretamente com o movimento alterglobalização: singularidades diversas que se disseminam em fluxos que parecem caóticos ao pensamento tradicional, mas que são auto-organizados; inexistência de centros duros e localizáveis de poder; conteúdos anticapitalistas e radicalmente democráticos; os protestos nas ruas, com enfrentamento com a polícia, e junto a tudo isso, a produção midiática na internet, a qual permite um fazer multidão midiática, o processo midiático da multidão.

Quanto à terceira diferença: como disse, as identidades enquadradas, típicas das minorias, ganhavam um destaque nas lutas dos movimentos por outra globalização. Eles eram chamados de movimento dos movimentos, uma rede de movimentos com suas temáticas. Posso dizer identidades? Maria Glória Gohn pensou na singularidade do movimento, sua heterogeneidade, sua conexão de lutas de todos por um comum, unidos contra o sistema global. Segundo Gohn:

diferentemente dos anos 80 – quando as lutas dos grupos e movimentos eram essencialmente pelo reconhecimento da identidade sociocultural de seus participantes (ser negro, mulher, índio, ambientalista, homossexual etc.) –, a gramática atual do movimento antiglobalização une as causas daquelas lutas às causas objetivas, dadas pela estrutura econômica e por imposições do mercado numa economia globalizada [...]. A novidade no movimento antiglobalização é que ele está unindo, sem apagar as diferenças, num campo de ação comum, grupos políticos e tribos culturais que até então nem sequer se sentavam juntos para dialogar, ou seja, o movimento antiglobalização é, em si, um novo ator sociopolítico (GOHN, 2002).

O pensamento de Gohn é muito parecido com o de Negri, pois a teoria *negriana* tem contato direto com as lutas. Ele atualizou teoricamente as propostas e demandas ou mesmo as teorias do próprio movimento, lhes dando consistência. Por isso, a citação de Negri que segue é muito semelhante com a anterior de Gohn:

Um dos elementos mais surpreendentes dos acontecimentos de Seattle em novembro de 1999 e em cada uma das manifestações ocorridas desde então é o fato de que grupos que até então considerávamos diferentes e até contraditórios em seus interesses agiam em comum – ambientalista com sindicalista, anarquistas com grupos religiosos, gays e lésbicas com os que protestavam contra o complexo carcerário-industrial. Os grupos não se apresentam unidos sob qualquer autoridade única, antes se relacionando numa estrutura em rede (HARDT; NEGRI, 2005, p. 125).

Interessam-nos essas duas citações, principalmente, pois demonstram que, mesmo agindo em comum, os grupos se nomeavam ou poderiam ser nomeados como grupos diferenciados com suas características próprias: gays, lésbicas, mulheres, negros, etc. Aqui, penso que há uma afirmação identitária, embora ela seja negada no agir em comum. Além

disso, Negri, na definição do conceito de multidão e pensando nesses movimentos, usa o termo singularidade.

Identidade é afirmação do mesmo, singularidade é produção de diferença. A produção de diferença dos movimentos por outra globalização acontece, pois os grupos identitários, como gays, mulheres, negros, não lutavam apenas para se autoafirmar, mas por outras causas, perdendo assim sua identidade, ou melhor, indo além de suas causas próprias e afirmando a problemática da multidão, que é da multiplicidade.

Já nas lutas como as do 15M, isso não acontecia, ou acontecia de forma menos acentuada. Os movimentos identitários tradicionais, como o dos gays, negros, mulheres, imigrantes, não assumiam posição destacada dentro das lutas; no máximo, alguns grupos de trabalho de algumas acampadas eram dedicados para questões feministas, e havia uma conexão à margem com as problemáticas dos imigrantes.

A questão identitária talvez mais marcante só se realiza em uma forma retrógrada de pensar o 15M como parte do povo que luta contra o Estado. Essa luta contra o Estado diz respeito ao modelo moderno. Povo é uno, tem uma vontade única, tem uma identidade (VIRNO, 2003). Mas penso no 15M como rede de coletivos que agiam em comum, singularidades diversas, os quais não apresentavam identidades fortes, e, sim, experimentavam devires que fogem do enquadramento próprio da sociedade de controle. As identidades são construções do poder, que servem para interromper o fluxo caótico das singularidades. Identifica-se para controlar. Negri diz que a multidão é perigosa, pois está

[...] permanentemente perturbando a constituição ontológica do Império: em cada interseção de linhas de criatividade ou de fuga, as subjetividades sociais tornam-se mais híbridas, misturadas e miscigenadas, escapando ainda mais aos poderes fusionais de controle. Elas deixam de ser identidades, tornando-se singularidades (HARDT; NEGRI, 2005, p. 186).

Guattari, em *Cartografias do Desejo*, livro dos anos 1980, como Negri, trata da identidade e da singularidade, a identidade sendo um dispositivo de codificação, a singularidade como múltiplas formas de vida.

[...] identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários. [...] Em outras palavras, a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável. [...] (GUATTARI, 2005, p. 80)

Singularidade, portanto, são os processos de diferenciação em relação aos modelos dominantes. No plano da identidade, temos a sexualidade (heterossexual ou homossexual), os

gêneros (masculino e feminino), as raças (brancos e outros, ou o multiculturalismo), as classes, idades, etc. No plano da singularidade, temos os devires que se atualizam em uma conexão transversal entre elementos de naturezas diferenciadas.

Elimina-se a diferença para construir classificações, que passam pela afirmação do verbo ser: “quem são?”, e, assim, impede-se a percepção do funcionamento dos agenciamentos que são regidos pela conjunção “e”: isso e aquilo e mais aquilo. É o senso comum e certa produção do campo do saber que marca as diferenças: “isso é uma mulher que difere do homem, pois [...]”. A partir de um pensamento da diferença, podemos pensar em diferenças de natureza, mas de um mesmo devir: um devir-mulher da mulher, um devir-mulher do homem, um devir-mulher do campo do saber.

Foucault (1979) pensa essas construções – estancamento das relações de força próprias das singularidades – como sendo produto dos dispositivos; estes que podem se referir às disciplinas, sexualidade, campo de saber, etc. Guilherme Correa, seguindo o pensamento de Foucault, diz que o dispositivo não é absoluto, sempre há linhas de fuga, um transbordamento anti-identitário, e exemplifica isso:

Há, no entanto, sempre mais do que aquilo que quer e oferece o dispositivo. Como as figuras não nos comportam — elas sempre vazam — os dispositivos sempre são muito menos do que uma vida. Assim como uma mulher não cabe, jamais, dentro de uma esposa, como ninguém cabe dentro de um profissional, de um patrão ou de um escravo, uma vida não pode ser apreendida por um dispositivo. A saúde medicalizada não dá conta de uma vida sequer. Uma vida pode muito mais. [...] Se pertencemos a dispositivos, não se pode esquecer que neles agimos. Agir no dispositivo. É preciso evocar o fora, o *fora* desses dispositivos. (CORREA, 2006, p. 173).

Em Foucault (1979, p. 10, *Microfísica do poder*), o indivíduo, com seus corpos, gestos, discursos, desejos, é fruto do poder. Ele diz mais: o indivíduo é transmissão do poder. Isso é visto em Deleuze e Negri quando expõem que o poder imanente faz com que ele seja afirmado pelos sujeitos. Lazzarato explica que a realidade das codificações pode e deve ser afrontada pelos devires, pela linha molecular. Frente ao que é possível, estabelecido, dado, há possibilidade de criações de possíveis: Deleuze chama esse possível de virtual. “O possível é assim produção do novo” (LAZZARATO, 2006, p. 18).

Deleuze e Guattari fazem a contestação do estabelecido expondo que a redução do homem ao masculino ou da mulher ao feminino, que as identidades fixas e duras de sexos, as quais reduzem a complexidade, são afirmadas no conjunto molar, mas, molecularmente, o que são acionadas são as multiplicidades. Estas, da forma exposta a seguir pelos autores, exemplificam a monstruosidade dos sujeitos que é impedida pela codificação dominante.

[...] somos todos bissexuados, temos todos dois sexos, mas compartimentados, não comunicantes: o homem é simplesmente aquele em que a parte masculina domina estatisticamente, e a mulher, aquela em que a parte feminina domina estatisticamente. [...] a parte masculina de um homem pode comunicar com a parte feminina de uma mulher, mas também pode comunicar com a parte masculina de uma mulher, ou com a parte feminina de um outro homem, ou ainda com a parte masculina de outro homem, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1972, p. 71)

Lazzarato exemplifica a codificação que se refere a dicotomias, conjuntos binários como sexos, de uma maneira muito próxima do que foi dito por Deleuze e Guattari anteriormente:

[...] Os dualismos sexuais funcionam assim como dispositivos de captura e codificação de múltiplas combinações, que ativam não somente o sexo masculino e o sexo feminino, mas mil outros pequenos sexos, os 'n' devires possíveis da sexualidade. E são esses mil sexos que devem ser disciplinados e codificados para serem enquadrados no dualismo homem/mulher. (LAZZARATO, 2006, p. 67).

Segundo o pensamento dos autores, portanto, não há diferenças de natureza entre um homem e uma mulher, apenas de grau; a diferença se dá entre duas linhas, a molecular, dos devires, e a molar, na qual estão os processos identitários. Para os autores *negrianos*, a sociedade de controle se origina da remodelação do poder a partir das lutas de 1968. A potência molecular das lutas das massas reestrutura o molar, o campo macropolítico. Potência é a biopolítica, produção de mundo e resistência; o poder é a captura e o estancamento da produção; biopoder, poder sobre a vida. Esses conceitos, biopoder e biopotência, são apropriações da obra de Foucault.

O pensamento *negriano*, portanto, propicia fazer a distinção entre identidade e comum. As características identitárias aproximam as pessoas, mas as isolam. Já o comum aproxima toda a multidão: somos humanos, vivemos sob o controle, impõem-nos formas de vida, características rígidas, pobreza, a guerra de todos contra todos. O comum é da multidão, não é sua identidade, é sua produção e meio de produção, é a partir do que produz. As características identitárias ligam os homens aos homens, as mulheres às mulheres, os gays aos gays, os negros aos negros, características que separam, apartam, cortam a multidão. Já a multidão é ligada no duplo movimento do comum e da singularidade, age em comum, mesmo cada nó sendo singular.

Já podemos identificar um conceito de multidão [...] As singularidades interagem e se comunicam socialmente com base no comum, e sua comunicação social por sua vez produz o comum. A multidão é a subjetividade que surge dessa dinâmica de singularidade e partilha. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 258).

O comum é transversal, produção de agenciamentos heterogêneos, assim, singulares, as núpcias demoníacas (DELEUZE; GUATTARI, 2005), devir. Negri diz que “[...] pode existir ‘algo comum’, isto é, ‘um comum’, sempre que ele seja entendido como proliferação de atividades criativas, relações ou formas associativas diferentes” (NEGRI, 2003, p. 18). A produção pós-moderna excede os ambientes tradicionais e permite uma inclusão de todos, diferentemente do conceito restritivo de proletariado, o qual não abrange os marginalizados. A produção com base no comum, em comum, do comum, é central na tese, pois diz respeito ao devir revolucionário.

3.2 GLOSSÁRIO – DEVIRES MINORITÁRIOS DOS MOVIMENTOS 15M E OKUPA

Como está sendo visto, na sociedade de controle as áreas de indiscernibilidades agem tanto na linha do poder quanto da potência. Uma questão em que isso aparece se refere ao trabalho pós-fordista. O trabalho imaterial, afetivo e intelectual na obra de Negri corresponde ao paradigma da produção contemporânea. O chão da fábrica deixa de ser o local central da produção, passando para uma tendência que acentua a importância do setor de serviços. O trabalho intelectual é flexível, em muitos casos, independe de uma territorialidade física como local de produção, e, assim, conjuntamente, de horários fixos. Flexível também, pois o trabalhador pula de emprego em emprego, não tendo estabilidade, sendo trabalhador precário. Isso acontece após as lutas de 1968, quando, no remanejamento do poder, ocorre uma descentralização do local de trabalho e, desse modo, dos ambientes de luta. A fábrica se torna empresa modulada, dispersa em localidades extranacionais. Isso faz com que o trabalhador se veja em uma posição de contínua migração. Pela natureza do trabalho imaterial, ele atua diretamente nas subjetividades, as formata. Isso diz respeito à sujeição, à criação de identidades.

No trabalho imaterial, basta um computador como ferramenta e um cérebro (MALINI, 2007) para se produzir a qualquer hora e lugar. Não se necessita de instrumentos que apenas estão nas mãos dos capitalistas, o que corresponde ao paradigma moderno de produção. Dessa maneira, o território da produção pode agir no território da reprodução, da vida. Portanto, produção e reprodução se dão em um plano de indiscernibilidade. Também a isso é aliada a formação constante, a exigência de aperfeiçoamento.

Como no trabalho imaterial está envolvida, principalmente, a subjetividade, formas novas de exploração e talvez mais profundas do que no paradigma material podem acontecer.

Por isso, a importância de se estudar a sociedade de controle. A produção intelectual, entretanto, permite graus de invenção impossíveis na fábrica, a qual impõe um trabalho repetitivo. Negri e Hardt pensam de uma forma especial o fim do fora da produção: a produção em um contexto biopolítico é valorização, produção de mundo. Todos produzem o mundo, por isso, deveria haver uma renda de existência. Mas é o inverso que acontece, produzimos para o capitalista de graça quando enriquecemos, digamos, as redes sociais no uso cotidiano.

Produção de mundo, produção que transcende o espaço tradicional de trabalho são características dos movimentos de resistência. Penso sua produção como autônoma, anticapitalista, com um objetivo ético-político. A produção do 15M (como também a dos okupas) era, em parte, imaterial, intelectual e afetiva e acontecia no tempo da reprodução, melhor, a todo o momento. Uma produção que transborda, em excesso. Isso era visto na produção contínua, cotidiana das redes sociais. Os perfis pareciam estar conectados constantemente nas redes, produzindo informação sobre as lutas e críticas ao poder.

Percebo, também, um tipo de deslocamento do ambiente da escola para a rua na produção de saber típica dos movimentos de resistência; saber não direcionado à profissionalização, nem à cultura culta; saber com fins políticos, mas também existenciais. Isso é visto nas oficinas e palestras, mas não só nas assembleias como nas mídias dos movimentos, há todo um saber produzido: sobre a política, a economia, a crise, sobre as próprias mídias. Ou seja, se produção e formação estão inter-relacionadas na produção capitalista, o mesmo acontece no ambiente das resistências.

Nesse ambiente, surgem os devires da multidão. O devir revolucionário é produtivo, cria cidades, relações, o comum. A produção do 15M – e dos okupas – autônoma não necessita de tutelas do governo, muito menos financiamento capitalista. Um tipo de produção feita para não ser apropriada pelo mercado. Nas próximas páginas, apresento dez conceitos que dizem respeito ao devir revolucionário. Estes foram os mais marcantes ao longo da pesquisa. Alguns conceitos que eu já havia referido ao 15M na qualificação se adaptaram para pensar o movimento okupa, porém, precisaram de ajustes. Apenas um conceito importante, o de democracia molecular, não é exposto nessa parte, pois ele é próprio do 15M e não do movimento okupa, e, portanto, será visto na análise dos acontecimentos do movimento dos indignados.

1. Devir revolucionário: toda esta tese é o mapeamento desse devir, que é a marca da multidão, sempre em luta, na produção de linhas de fuga em relação à sociedade de controle. A multidão, aqui, se apresenta, empiricamente, na forma do 15M, dos Okupas e também dos

movimentos de junho de 2013 no Brasil e no Movimento por outra Globalização – estes dois últimos expostos de forma mais periférica. A revolução em devir de todos esses movimentos se expressa na tomada da cidade, na transformação da cidade, esse lugar do controle, no qual o fora é impedido.

A revolução tem vários lados: o desejo de que ela não seja feita, pelo medo do que pode acontecer, como: repressão policial, respostas do governo, discurso negativo da mídia, desprezo pela população. Além disso, há o desejo de que ela seja feita pelos seus resultados, a revolução como um método para se chegar a um fim. Mas também existe um desejo de que ela esteja sendo feita, mesmo que não dê em resultados, pois apresenta o desejo de luta, de expressão, de mostrar a insuportabilidade do poder. Isso diz respeito ao devir revolucionário, a revolta como um fim em si mesmo. Can Vies foi, de certa forma, vitoriosa, está ativa, sendo reconstruída. Os indignados do 15M não venceram, mas podem ser vitoriosos a partir da sua linha dura, os novos partidos democráticos da Espanha. As lutas no Brasil foram um processo, não houve vitória. Porém, um de seus resultados positivos foi visto em palavras de ordem como: saímos para as ruas! Palavras que vi pichadas em muitos locais em Porto Alegre após as manifestações. A frase significa a saída das redes sociais para a tomada das ruas.

Como não há fora, as lutas acontecem desde dentro. Não existe um centro de poder a ser tomado como em uma soberania, não há um rei, ou um local definido do poder. Um exemplo são as okupas, as quais lutam contra o modelo de cidade dentro da cidade. Entretanto, elas também fazem uma luta mais capilar na construção de uma subjetividade de resistência. Uma okupa é um local de resistência muito amplo. Tanto o 15M quanto as okupas conseguem atingir diretamente a cidade, seu funcionamento. Não têm poder direto contra o Estado, no máximo conseguem um diálogo. Mas a cidade é atingida.

Não digo que não haja identidades reforçadas nesses movimentos. Existem as identidades criadas pela mídia e reforçadas pelo povo, as criadas pelo governo, as identificações da polícia. No movimento okupa catalão, em algumas okupas a identidade da região é afirmada por coletivos que lutam pela autonomia ou mesmo pelo fato do uso constante da língua-mãe nas atividades. Porém, o que me interessou sempre foram as formas de expressão que embaralham códigos. É fácil produzir identidades, ver uma pessoa na rua e dizer se é homem, mulher, negro, criança, pobre, rico. Isso qualquer um vê.

A subjetividade okupa não é uma roupa a se vestir, uma norma a seguir, um padrão a ser repetido para ser incluído em um sistema ou discurso. Aliás, para ser um ocupa, deve-se negar as normas, as roupagens. Os turistas, sujeitos que são alvos de críticas severas pelos okupas de Barcelona, se adaptam a uma identidade. Para ser um, deve-se ter dinheiro a

fim de usufruir espaços determinados e agir de forma que não atrapalhe a ordem desses espaços. Os turistas se conformam com um modelo de cidade dominante. Não estão nada interessados na política minoritária.

Uma cidade tem um prefeito, uma malha burocrática, um andamento de trajetos das ruas e do que se pode fazer nelas. Um grupo andando no meio da rua em uma manifestação, impedindo o tráfego, é reprimido. A cidade é um lugar controlado por um poder centralizado, mesmo que os interesses de empresas se sobreponham. Uma okupa funciona na forma de rede, sem líderes e burocracia. Uma okupa é qualquer lugar que, no inverno, abrigue as atividades do frio.

eciSimpatia para com a revolução: quem vai às ruas e enfrenta a polícia são, em sua maioria, jovens; quem gestiona Can Vies são jovens de aproximadamente 30 anos. Todavia, no trabalho etnográfico, percebi muitas pessoas mais velhas parando admiradas, na frente da okupa de Can Vies. Isso era muito corrente, tanto que sempre tentava ficar bastante tempo na frente do prédio para contemplar os senhores e senhoras, os vizinhos, olhando para o centro social. Além disso, encontrei muitos textos e vídeos que tratavam dos painéis vindos dos prédios no momento de lutas nas ruas em favor de Can Vies, ou seja, feitos por pessoas que não estavam nas ruas. Também, as acampadas foram mantidas pela colaboração de pessoas que não faziam parte do 15M. Apresento, mais adiante, o caso de um senhor que lutou em defesa de manifestantes em uma das manifestações de coletivos que surgiram a partir dos indignados. Penso que esses são dados de uma simpatia para com a revolução.

3. Riqueza da pobreza: Cocco (2009) diz que, para Negri, a pobreza é potente, mas ele, Negri, não faz uma apologia à pobreza. “A filosofia negriana da práxis não pratica o culto da miséria e da pobreza, mas uma ética da potência dos pobres!” (p. 42). No mesmo livro, Cocco diz que os pobres são tão potentes, em suas lutas, que ameaçam os governos.

A miséria e a pobreza são toleráveis pelo poder. Mas o poder não pode tolerar que haja Estados incapazes de exercer seu papel de polícia contra os pobres, quando os pobres se organizam e lutam. A pobreza é o norte da reflexão geoestratégica da CIA, mas também de todos os moralismos. Intoleráveis (ou ignorados) são os pobres! (COCCO, 2009, p. 53).

As okupas apenas existem, pois se extrai da pobreza riqueza, valor. É um prédio deteriorado que ganha vida, a manutenção por colaboração, a ajuda recebida dos vizinhos e comerciantes simpáticos com a causa. No caso de Can Vies, a reconstrução funciona sem símbolos capitalistas, é baseada em campanhas para arrecadar fundos e em trabalho

colaborativo. Os okupas são pobres, têm orgulho da sua pobreza, são anticapitalistas. São pobres o suficiente para okupar um prédio, sabendo que podem ser presos ou agredidos pela polícia. O **devir-pobre** é típico da multidão: ela faz política, mas não recebe salários como os políticos. Não tem a infraestrutura dos partidos e sindicatos, que abusam de carros de som, eventos superproduzidos, propagandas caras em meios de comunicação e em massa, nas cidades. O 15M experimentou um devir-pobre nas praças em 2011. Eram ocupações autogestionadas, as quais se mantinham por colaboração, não só dos que faziam parte das acampadas, mas também por pessoas simpáticas à revolução, como expus anteriormente. O devir-pobre, a produção a partir da pobreza, dos baixíssimos recursos, que mostra a riqueza, a criatividade da multidão, é um elemento antissistema, anticapitalista, o qual apresenta novos valores e significações, diferentes dos dominantes.

4. **Devir-ilegal:** é visto principalmente nas táticas de rua, que, muitas vezes, levam à prisão. Uma das marcas dos movimentos, o que chega à mídia, às pessoas comuns são as demonstrações de rua. Estas também podem permitir a participação daqueles que não atuam mais ativamente, nos coletivos e suas formas de organização. O devir-ilegal cria uma área de indiscernibilidade, que mescla legalidade e ilegalidade. Muitas manifestações são proibidas pelos governos. E muitas delas, quando acontecem, são fortemente reprimidas. Só que o poder não sabe como agir frente ao devir, não consegue, em certos momentos, enquadrar, classificar os manifestantes em uma identidade como a de marginal.

Nas manifestações, qualquer um pode ser preso sem motivos. Há casos frequentes de pessoas que só estavam passando pelo entorno de manifestações e acabaram sendo presas. Imagens postadas no youtube mostram algo parecido no que concerne à imprevisibilidade da polícia: à distância, atira balas de borracha na multidão, em qualquer um. No final de 2012, uma jovem levou um tiro no olho, ficou cega.

Quanto ao 15M, que agia nessa fronteira entre legalidade e ilegalidade, uma de suas marcas era o pacifismo. Quando a polícia atacava os jovens, eles simplesmente levantavam as mãos e diziam: essas são nossas armas, mesmo que a polícia continuasse com a agressão. Quando isso era registrado e mostrado nas redes, os gritos de solidariedade eram intensos, deslegitimavam o poder e davam forças ao movimento. Ou seja, a população apoia a ação da multidão, que é considerada ilegal pelo governo, o que acentua a área de indiscernibilidade. Em Madrid e Barcelona, as acampadas foram desalojadas, mas os indignados voltaram. Enquanto estavam nas praças, faziam algo fora da lei, ocupando o espaço urbano. Can Vies continua existindo, entre a legalidade e a ilegalidade. Pode ser desativada a qualquer momento pela prefeitura. Esta já declarou que quer construir moradias e espaço de comércio no local.

Os manifestantes estão a todo o momento preparados para serem atacados pela polícia, como foi visto nas lutas do 15M, em Can Vies e nas lutas de 2013 no Brasil. Uma imagem que percorreu as mídias sociais na época dos confrontos por Can Vies foi a de uma pessoa passando de bicicleta perto de policiais no momento da manifestação. Sem razão alguma, um policial a agride com um cassetete. O resultado foi uma grave escoriação. Os manifestantes sabem o que pode acontecer, e aceitam isso; uma potência, uma ação potente, corajosa. Já o poder é negativo, injusto, desleal, covarde; a polícia enquadra, identifica o manifestante como marginal e o prende ou agride.

5. **Estética pobre:** é a riqueza da pobreza vista nos cartazes, mídias, camisetas e, principalmente, no formato de grafites dos movimentos de multidão; também, no caso das okupas, a estética se refere à arquitetura dos locais *okupados*, que é singular. É pobre, pois feita com baixos recursos e não existe para ser apropriada pelo sistema dominante da arte ou pela publicidade e pelo poder público. As okupas em Barcelona são situadas em prédios deteriorados, que resistem à estética rica, milionária, da cidade turística. Tanto que as okupas não estão no circuito do turismo.

Em *A Estética da Multidão*, Barbara Szaniecki (2007) trata das produções visuais dos movimentos por outra globalização, em especial, cartazes em suportes tradicionais ou digitais na internet, e até mesmo no corpo usado como suporte. Segundo a autora, essa estética da multidão agencia com o trabalho imaterial e com a política minoritária. Para ela, o uso da internet e a criatividade dos manifestantes no que diz respeito à estética mostram a apropriação dos instrumentos pela multidão, ou seja, é uma produção autônoma.

Ambas as formas estéticas – cartazes da internet e “cartazes” nas manifestações globais – são manifestações visuais da cooperação social, expressões do comum, expressões de potência em busca de novas formas de organização social, política e estética para além da representação. (SZANIECKI, 2007, p. 115).

A produção em comum da multidão, de resistência, atualizada na estética, que rompe com o comando capitalista e a representação política, tratada por Szaniecki, pode ser útil para pensar a estética okupa. A estética se refere a todos esses elementos visuais, muitas vezes não funcionais, que estão relacionados aos movimentos. Porém, diferentemente de Szaniecki, foquei a partir da etnografia na produção apenas analógica.

6. **Cidade molar, cidade molecular, devir menor da cidade:** encontrei inúmeros textos, de autores diferentes (HARVEY *et al.*, 2013; BERENSTEIN, 2009; FERRI; TEIXEIRA, 2013; SZANIECKI, 2013), que tratam de certas cidades, as metrópoles, como

marcas concorrentes, as quais se vendem como se fossem espetáculos. Cidades criadas para o mercado, principalmente turístico, nas quais a população é coadjuvante. Nessas cidades, cada vez mais parecidas umas com as outras, a cultura local é um simulacro, apenas mais um elemento a ser vendido.

Como antídoto a esse modelo de cidade, Caiafa (2005) propõe uma ação do Estado. Para Berenstein (2009), contra a cidade-espetáculo, deveria haver uma retomada, um protagonismo da população. Szaniecki (2013) mostra que há produções autônomas nas cidades feitas pela população. Ou seja, esses autores, além de denunciarem, apresentam alternativas.

Já Cocco (2009) dedica muitas partes do livro para tratar das cidades. O autor explica que a favela tem suas positivities; nelas, surgem movimentos de moradores que lutam por seus direitos, e o processo que as gera constrói o tecido urbano. Cocco afirma que “... há uma potência nas favelas e nas megalópoles e é daí que temos que enxergá-las, sem nenhuma apologia ou esteticismo” (COCCO, 2009, p. 57). Para ele: “[...] é ali mesmo, nas periferias, que se encontram as dinâmicas produtivas e criativas do mundo contemporâneo” (COCCO, 2009, p. 160-1). E diz mais: “A favela não amedronta por causa da sua fraqueza, mas por causa de sua potência” (COCCO, 2009, p. 268-69). A favela – molecular – nasce da autoconstrução, são linhas de fuga da cidade molar, segregadora, para poucos, consumível.

O confronto com a cidade molar – o modelo dominante de cidade – é mais típico das okupações; entretanto, o 15M em seus métodos e processos agia nessa cidade, dando outras significações, produzindo um devir menor da cidade, tanto em manifestações quanto no caso das acampadas. Nestas, o 15M experimentou uma cidade molecular, na gestão do espaço. No caso de Can Vies e das okupações, a cidade – molar – é desterritorializada por processos, devires, que criam uma outra cidade molecular – vivida pelos vizinhos e por outros coletivos e sujeitos de resistência. As produções na cidade dos okupas apontam para uma outra cidade desejada. A desterritorialização pode ser exemplificada na *okupação* de um local, seguida de uma reterritorialização, a gerência do espaço, o qual é um foco de cidade molecular. As muitas okupas, o movimento, criam essa outra cidade, que não é vivida pelos turistas e bons cidadãos, os sujeitos sujeitados da cidade molar. A cidade molar é um dispositivo de controle, do controle, no qual não há fora, resistência, todos os movimentos são controlados; é uma cidade para poucos, para os que têm dinheiro. Mas essa cidade é um projeto do poder, um modelo, que é atualizado em certos locais como as áreas turística, administrativa e a dos negócios. A multidão produz a cidade da sua forma, o poder de outra forma. A multidão é criada dentro da cidade e dá forma a ela. O poder tenta se apropriar de toda a cidade, que a

multidão não tenha espaço para existir, que o espaço seja liso, sem fora. O controle é visto diretamente no monitoramento, nas prisões, nos *desalojos*, na repressão. O poder tenta tornar a multidão em massa sujeitada. A multidão deseja o fim do poder. Ela não necessita do Império. A multidão não é uma identidade, uma minoria sujeitada, é uma subjetividade de resistência. É um devir, este é atualizado nas composições do 15M e do movimento okupa. As okupas e acampadas não são estrias, são linhas de fuga, devires. Sua captura se dá a partir de sua extinção, os *desalojos* das okupas e acampadas. O devir é impedido por sua monstruosidade. Também no caso das okupas e acampadas, elas não podem ser capitalizadas, elas não dão dinheiro, um fora do consumismo e capitalismo, fazem outra política, um fora da democracia representativa; esse fora é indesejado.

7. Manifestação como dispositivo de confronto: manifestação é um dos métodos do 15M e dos movimentos de ocupação. As manifestações reúnem palavras de ordem em cartazes, pichações, cantos, falas em microfones. Elas reúnem pessoas, ocorrem em espaço público, como praças e ruas. Quando acontecem nas ruas, o fluxo de carros é impedido. O uso de álcool e drogas é comum. São colados cartazes em paredes e elas são pichadas. Muitas vezes, há depredações: contra lojas de grandes empresas, contra o patrimônio público. Isso envolve a pichação. A polícia é um outro elemento do dispositivo, que diz respeito a uma relação fundamental nas manifestações: a polícia ataca manifestantes, estes reagem. A função da polícia é local, age no ato da manifestação. Também pode haver um monitoramento, controle de quem participa. Esse controle pode gerar dados contra manifestantes, os quais, posteriormente, podem ser acusados e presos por atos considerados ilegais. Mas há um outro elemento, o governo, que está acima da polícia. Este exige repressão da polícia e tenta impedir que as manifestações ocorram; que a resistência seja impedida ou incluída, que a manifestação seja apenas uma festa calma e pacífica e que não se aja contra o poder. O confronto nas manifestações okupas e do 15M é contra o poder, o objetivo da manifestação, e contra a polícia, se ela ataca manifestantes. Mas, também, o confronto é simbólico: contra o capitalismo e os geradores da crise, visto na depredação de bancos. A manifestação em si é um confronto, pois a maioria, muitas delas, é ilegal ou indesejada. Apropriei esse conceito de Fabrício Silveira (2014), pois, desde a minha pesquisa do 15M, pensei as manifestações como uma festa, mas não um festivo pacífico, e, sim, uma festa perigosa. Quando estive em Barcelona, participei de manifestações, e esse pensamento se fortaleceu. A manifestação como um show de rock, com todos exaltados, excitados, prontos para agir, para lutar contra a polícia se necessário; uma festa política, na qual há a reunião dos seus, da multidão, por uma causa comum. Aliás, muitas manifestações são em apoio exatamente a manifestantes que

foram presos por atuarem nas ruas. Os okupas mantêm o seu projeto, com suas atividades comuns, festas, shows, assembleias, mas é nas ruas que eles confrontam diretamente, de forma mais crua, o poder. Confronto aqui como ataque direto, no qual o corpo, a vida, a liberdade estão em risco. O dispositivo de confronto das manifestações apresenta dois conceitos: **contra o controle**, a resistência política, mas também um **fora de controle**. Contra o controle é o que move o dispositivo; já o fora de controle é visto no uso de álcool, drogas, em parte das pichações, e em parte da depredação do patrimônio público e privado. Fora de controle não é um conceito negativo, mas diz respeito às ações não projetadas, planejadas, organizadas nas manifestações. Aí se dá uma proximidade outra com o conceito de Fabrício Silveira. No rock, o fora de controle é típico dos shows, é o confronto. Não é estranho falar de okupas e de rock, uma vez que muitos membros são de algumas subculturas como punks e hippies. Também me atraiu o texto de Fabrício Silveira, por ser poético, pela paixão que o percorre, texto de alguém envolvido afetivamente com o objeto de estudo, o que acontece comigo. Silveira comenta as reterritorializações mercadológicas dos shows de rock e que considerá-los como local de confronto é arriscado. Contudo, ele se arrisca e diz, poeticamente, usando um termo *deleuziano*, que ele é uma máquina de guerra e mais:

Em essência, um show do rock é um dispositivo de confronto. Compreendê-lo assim, por certo, é dar forma a uma narrativa heroica, é alimentar um relato quase mítico. É assumir o risco de parecer nostálgico. É superestimar o que talvez não seja mais do que apenas uma tradição muito localizada, minoritária, uma potência contida. (SILVEIRA, 2014, p. 2).

O autor faz uma leitura histórica, uma genealogia das performances que se excedem a ponto de chegar ao confronto, no qual até a vida pode estar em risco. Trata de Bob Dylan, Iggy Pop, G.G. Allin, entre outros músicos que utilizavam um palco como máquina de guerra. Porém, alerta que o dispositivo, o qual torna uma apresentação uma roleta russa, não é um atributo apenas do rock; como diz: “Talvez o dispositivo viva oculto, despertando intermitentemente, em qualquer parte. [...]” (SILVEIRA, 2014, p. 13). Fabrício traz termos de Benjamim para qualificar o dispositivo, um sintoma: “de um ‘caráter destrutivo’, de uma ‘barbárie positiva’”, (SILVEIRA, 2014, p. 14) “[...] o ‘caráter destrutivo’ seria ‘jovial’, seria ‘alegre’ – pois ‘destruir rejuvenesce’ [...]” (SILVEIRA, 2014, p. 14). As qualificações de barbárie positiva e caráter destrutivo são próprias das manifestações. Os bárbaros que lutam contra o sistema, contra o estabelecido, muitas vezes de forma violenta. Silveira, a partir das associações que faz entre destrutividade e jovialidade e ao dizer que há uma alegria que percorre a destrutividade, possibilita mais proximidades com seu pensamento para conceituar

as manifestações. Estas, as que trato, são, em sua maioria, encabeçadas por jovens, a alegria é vista no ambiente em comum criado pela multidão, que coloca as manifestações nessas áreas de estranhamentos: o corpo em risco, mas em um momento de alegria. Portanto, o confronto pode ser atributo da juventude atualizado tanto nos shows quanto nas manifestações, que desperta, como assegura Fabrício Silveira, em qualquer parte.

Em todas as festas em que compareci nas okupas, houve shows de rock. O confronto das festas era uma intensificação do confronto ao poder das okupas. Muitas delas estão sob o olhar do poder; estão para ser desalojadas, havendo festa ou não. Mas nas festas, o perigo de uma atuação policial aumenta, pelo som alto, pela aglomeração de pessoas, pelo uso de álcool e drogas nas ruas. A importância da festa okupa é que ela mescla o político ao existencial, diferentemente das festas para os turistas em casas noturnas caras e badaladas. Nestas, há um fora de controle jovem, contra o controle adulto. É feito nelas o que não se faz em casa, o que os parentes impedem. O fora de controle jovem é importante, mas não aqui neste texto. As festas okupas marcam uma posição de confronto; além de estarem em um local proibido, eles festejam, sem ligar para a polícia, o governo ou para os bons cidadãos que querem uma cidade perfeita, controlada. Discutiu-se uma das festas em assembleia, em Can Vies. Os membros não conseguiram controlar a festa na okupa, ela durou muito tempo, e aconteceram pequenos distúrbios. Isso foi uma confrontação, já que necessitam do bom olhar dos vizinhos para se manter, os quais poderiam ter chamado a polícia.

8. **Devir-improdutivo:** um exemplo interessante de devir-improdutivo era observado nas greves. As greves gerais após o 15 de maio de 2011 começaram a acontecer em 2012. Nelas, como de costume, havia uma tomada de poder sindical, mesmo assim o 15M apareceu como singularidade dessas lutas. Além disso, greves do tipo acontecem não só na Espanha, mas, principalmente, na Grécia e também em Portugal, os dois países mais afetados pela crise.

Nesse caso, o devir é improdutivo, pois se paralisa a produção momentaneamente. A efemeridade não é o elemento central para referir as greves ao devir. É devir, pois as manifestações, que ocorrem no momento das greves, vão de encontro ao poder, sendo fortemente reprimidas. É devir também, em especial, pela produção diferencial, as greves são um tipo de produção; nelas, uma outra cidade é criada. Uma cidade praticamente paralisada, experimentando o devir.

O mais importante é que essa produção diferencial é resistência, pois não diz respeito ao trabalho tradicional. Esse é baseado em uma relação dicotômica, na qual um manda e outros obedecem, duas identidades centrais para o poder: empregado e empregador. A produção do 15M, no geral, não apenas nas greves, impedia essa dicotomia e se produzia por

parceria não relações financeiras. Isso aparece em toda a produção que mapeei: nas mídias, nas assembleias, nos acontecimentos, nos grupos de trabalho. Além disso, o movimento não gerou lucro pra ninguém.

Esse devir, portanto, se refere a uma produção diferente do tipo de produção dominante centrada em uma relação de dominação e com vínculo salarial. O que é a produção do 15M e dos okupas? São as assembleias, as mídias, as redes de comissões, as festas, as manifestações, os grafites. Nas okupas, o trabalho manual também é central para manutenção dos espaços. E tudo isso é feito em comum pelos sujeitos e coletivos. O devir improdutivo é visto nas okupas principalmente nas festas, que são um dos seus eventos mais típicos. A festa okupa, eu trato na parte sobre o trabalho etnográfico. Poderia ser dito que as okupas são um espaço de ócio pela centralidade que as festas ali adquirem. Festa para o pensamento dominante não é produção. Todavia, nas festas são produzidos relações, afetos, um comum, que reúne sujeitos e coletivos. As festas atraem pessoas que não fazem parte da gestão das okupas, promovendo-as. Elas são organizadas pelos coletivos, ou seja, eles trabalham para produzi-las. Mas eles aproveitam as festas, se divertem, e o trabalho de produção não é opressor. Nas festas em que fui, nas okupas, parecia que os sujeitos dos coletivos eram os que mais se divertiam. O devir improdutivo cria uma área de indiscernibilidade entre produção e não produção.

9. Devir menor das mídias: tanto o 15M quanto os okupas têm como ponto central a comunicação na internet. Usam o Facebook, Twitter, Youtube, web sites e blogs para produzir informação. Isso é uma produção menor na internet, um devir, uma produção de resistência. Ambos, Can Vies e 15M, foram – e muito – publicizados pela mídia dominante, mas a negam, produzindo suas próprias mídias. O que se percebe nos movimentos contemporâneos, os quais são centrados nas redes sociais da web 2.0, é uma produção diferencial nestas redes. Indo muito além de um uso focado nas relações interpessoais, em viralizar enunciados da mídia massiva ou reforçar a política dominante, os movimentos produzem contrainformação; um devir diferencial das mídias da web, que já se diferenciam em natureza das mídias de massa. A web, então, é minoritária em relação às mídias de massa, essas ainda presas, de certa forma, no modelo moderno de concentração de informação. A web é minoritária, pois está em devir, haja vista que as redes sociais são recentes, não foram ainda totalmente mapeadas pelo campo do saber. E mais: seu capital social é a multidão, que é a produtora de mundo.

10. Devir-Monstro: outro devir é o devir monstruoso do pensamento, o pensamento radical, crítico, que mostra o desejo de outra realidade. Esse acompanhou os movimentos por outra globalização e os zapatistas. Também diz respeito ao pensamento da diferença de

Deleuze e Guattari e de Negri, já que estes traçam linhas de fuga frente ao pensamento tradicional. O 15M pedia a mudança da política dominante, mas não havia propostas de um processo caótico, mas uma vida razoável para todos. Em muitos relatos, é dito que, antes do 15 de maio de 2011, a juventude, central para o 15M, era considerada apática. A partir do 15 de maio, muito mudou; aos jovens foi relacionado o pensamento monstruoso de que a mudança é possível e que o desejo é poderoso. Esse pensamento monstruoso é expresso a seguir em uma citação de uma fala de um político conservador. Ele diz que os jovens do 15M são arrogantes por quererem outro mundo a partir do zero, essa “arrogância” pode ser registrada como uma expressão do pensamento da diferença.

Una valoración que contrasta con la expuesta por un ‘padre’ de la Constitución, Gregorio Peces Barba, quien ofrece un retrato muy deformado del movimiento cuando sostiene que “los jóvenes indignados son en general personas de buena fe que denuncian problemas reales, pero que tienen tan alta opinión de sí mismos que no respetan el pluralismo ni otras opiniones diferentes y que, con una soberbia desmesurada, creen que pueden partir de cero y reinventar una democracia asamblearia, sin partidos ni elecciones por sufragio universal. Oo creo que con esas premisas tengan ni adhesiones ni futuro. Además, el peligro del fascismo, al menos en las formas, está también presente” (‘Los indignados y la democracia’, El País, 28,13 de septiembre de 2011). (VERDÚ, 2011, p. 112).

O devir-monstro se refere também à composição do movimento. Negri expõe que a multidão é monstruosa por sua composição e natureza, pois é difícil de ser apreendida pelo pensamento tradicional; aliás, estamos vendo ao longo do texto sua monstruosidade que é o devir. E como deter, controlar singularidades que fogem para todos os lados? Como deter o monstro? Foi marca do 15M o movimento, as formas diversas, grupos apareciam, desapareciam ou se reconstruíam. Além disso, o excesso de informação na web era monstruoso, difícil de ser assimilado.

Como já está claro, não importa se no movimento havia mais homens que mulheres, mais jovens que pessoas mais velhas, homossexuais ou não, se poucos imigrantes faziam parte, se os participantes eram da classe média ou pobre, se participavam de alguma subcultura, como punks ou hippies. O pensamento do controle funciona assim, classificando, reproduzindo dualismos, afirmando o poder. Importa aqui o inclassificável, não dicotomizado, o que foge para todos os lados e que é potência do movimento.

Na página da Coordinadora 25S, um dos últimos grupos criados no interior do 15M, no fim de 2012, há uma piada que se refere exatamente à monstruosidade do grupo. O documento faz parte da sessão “perguntas frequentes”; e uma das perguntas é: “Me han dicho

que sois de la CIA / del Partido Judeopalestinomasónico / anarcocristianomadridistas / habitantes de Plutón.”¹⁵ A seguir, está a resposta:

Aunque hacemos asambleas abiertas y no se veta la participación a nadie, creemos que entre nosotros y nosotras no hay nadie con esas características, pero lo mejor es que te informes por tu cuenta: puedes venir a las asambleas, leer las actas y los textos que publicamos, mirar los streamings de las reuniones [...] y utilizar tu propio juicio en lugar de dejarte llevar por lo que te cuenten otras.”¹⁶

Na resposta, diz-se que se alguém quiser saber quem eles são, que faça parte. Mas sabemos quem eles não eram: os políticos, o senso comum, a manada, a massa, o povo unido sob o Estado, as organizações tradicionais mais antigas. As mulheres, os gays, os negros, ou os camponeses e índios do movimento zapatista, estes são mais facilmente identificados, e mais facilmente falam em nome de uma raça, sexo, gênero, etc. Por isso, pela indeterminação do movimento, que o 15M não falava em nome de ninguém, não representava ninguém, como é exposto no site da Coordinadora 25S:

En ningún momento nos creemos con más legitimidad ni queremos arrogarnos la representatividad de nadie. Tenemos claro que nadie nos ha elegido para que hablemos en su nombre ni lo queremos hacer. Solamente pedimos más democracia: que se deje a todo el mundo decidir sobre los asuntos que nos afectan.

Dizer que era o povo espanhol não significa nada; era parte da população, singular, que em nenhum momento se apresenta como o povo – muito menos falam em nome do povo – com uma cultura, identidades, características que os separem dos movimentos em outros países. Talvez não haja diferenças profundas entre os movimentos na Espanha, na Itália, em Portugal, na Grécia, nos EUA. Por isso, é apressado produzir uma pesquisa focada em um país apenas, tendo em vista que o devir-revolucionário foi experimentado em toda a Europa e em países da América. O que se percebe nas redes é que não há separação entre movimentos, o decalque de certas características que os apartem em localidades; sempre são expostas as relações, a conjugação entre as lutas.

Na página da Acampada Sol¹⁷, há um manifesto, que data da época da tomada da Praça Puerta del Sol¹⁸ em Madrid, no qual é dito:

Somos personas que hemos venido libre y voluntariamente que después de la manifestación decidimos reunirnos para seguir reivindicando la dignidad y la

¹⁵ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/preguntas-mas-frecuentes/>> Acesso janeiro 2016.

¹⁶ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/preguntas-mas-frecuentes/>> Acesso janeiro 2016.

¹⁷ Acampada Sol é o grupo mais consistente do 15M; situado em Madrid.

¹⁸ Puerta Del Sol é praça da cidade de Madrid, na qual aconteceu a primeira e mais expressiva tomada do espaço urbano na Espanha.

conciencia política y social. No representamos a ningún partido ni asociación. Nos une una vocación de cambio. Estamos aquí por dignidad y por solidaridad con quienes no pueden estar aquí.¹⁹

A citação diz que são pessoas desvinculadas de associações políticas tradicionais, unidas por um desejo de mudança. Essa afirmação é vaga, não diz muito, e essa falta de consistência, de formas definidas, introduz uma abertura, uma possibilidade de inclusão. Para se aliar ao movimento, bastava o desejo de mudança e rechaçar as formas tradicionais de organização. Em outro artigo, fala-se sobre a subjetividade indignada reforçando o que foi anteriormente citado:

El 15M es un fenómeno más amplio y complejo, articulado en forma de red por la que circulan densos flujos informales de interacción entre actores que comparten una identidad colectiva (se sienten parte de una comunidad de 'indignados') y mantienen una relación de conflicto con quienes, a su juicio, son los responsables del problema social que denuncian en sus protestas. (ROMANOS, 2011, p. 2)

Posso, sem pensar muito, dizer quem eram os indignados na Espanha: pessoas indignadas com o sistema, político e financeiro; pessoas não passivas, que saíam às ruas em demonstrações; produziam encontros de troca de saberes nos grupos de trabalho, comissões e assembleias, produziam mídias. Não tinham medo da polícia, ou colocavam à frente o seu desejo de uma vida digna e enfrentavam a polícia. Eram a favor da livre troca de informação. Estavam conectadas globalmente com outras lutas. Não tinham líderes. Portanto, podem ser traçadas algumas linhas que indicam um caldo comum entre os indignados. Mas o mais importante: todos esses pontos comuns descritos anteriormente, de forma instantânea, podem ser referidos facilmente aos movimentos de outros países. As lutas árabes, as gregas, as lutas do 15M, os *occupy*, as lutas no Brasil de junho de 2013, as lutas dos okupas são linhas da multidão, singularidades da multidão em luta, em devir, contra o poder.

Quanto aos okupas, eles são monstros, não são bons os cidadãos. Eles, os okupas – como também os indignados –, não são monstros como Estado, não têm duas cabeças, chifres, mas experimentam um devir monstruoso. Para o poder, eles são monstros, para o bom cidadão também. Sua ação, seu pensamento são cristalizações da monstruosidade. E o controle não consegue impedi-los, controlá-los. Estão sempre fugindo. Se fossem bons cidadãos, estariam controlados. Os okupas são monstruosos não apenas pelo seu desejo de outra realidade, mas também pela sua simples existência. Vivem de forma completamente

¹⁹ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/manifiesto-2/>>. Acesso janeiro 2016.

diferente das pessoas comuns: *okupam* prédios, negam o apoio do governo, não praticam relações capitalistas.

CAPÍTULO 4 – PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DO MOVIMENTO 15 DE MAIO

Nesta parte, será feita a reconstrução das manifestações principais do movimento, das chamadas para o acontecimento inaugural no 15 de maio de 2011, passando pelo 15 de outubro de 2011 e o 25 de setembro de 2012 e finalizando com a Greve Geral europeia. O 25 de setembro ocupa boa parte deste capítulo. Dedico parte significativa do texto às manifestações, pois elas foram centrais para o movimento. Essas manifestações foram escolhidas por serem as mais significativas, por terem sido abundantemente divulgadas. Em relação às outras formas de expressão do 15M também importantes, como grupos de trabalho, assembleias, entre outros, seria possível a aproximação apenas presencialmente, o que não me foi permitido. Considero que as manifestações do 15M marcaram o movimento no que diz respeito à tomada da cidade. Mesmo que essa tomada fosse secundária quanto às demandas anticrise, como expressão do devir revolucionário elas são centrais. No que tange à narrativa, ela se baseia no que foi produzido pelas mídias do próprio 15M e também pelas mídias de massa. Em determinados momentos, o texto ganha um tom mais descritivo, porém, essas descrições se referem a esse material – de ambas as mídias – que está disperso pela web e considero importante reuni-lo e organizá-lo. Neste capítulo, aparece com frequência um conceito, criado na pesquisa, que não referi ao movimento okupa: a democracia molecular. Esta é uma experimentação de outra democracia diferente da democracia molar do Estado. Os okupas têm práticas democráticas, próximas às do 15M, como a descentralização, as redes, a inclusão, o consenso. Porém, se falou – e muito – em uma real democracia no caso do 15M. Esta seria o modelo para um projeto de multidão. Quanto à documentação sobre o movimento okupa, o conceito “democracia” não toma posição relevante.

4.1 CHAMADAS NA WEB PARA O 15 DE MAIO

Encontrei mais de 500 resultados em ferramentas de busca na internet de comunicado que se referia à criação de um dos grupos mais importantes do movimento, o *Democracia Real Ya* (DRY). No comunicado, é dito que o DRY estava se formando a partir de inúmeros outros grupos e preparando convocatórias para protestos em toda Espanha, prévios às eleições que ocorreriam em 22 de maio em todo o país:

[...] representantes y activistas de varios grupos, blogs y plataformas entre los que se destacan Anonymous, ADESORG, Estado del Malestar, Ponte en Pie, Juventud en Acción o No les votes, unidos bajo la denominación común de “Plataforma de coordinación de grupos pro-movilización ciudadana”, se encuentran actualmente trabajando con la intención de organizar una gran convocatoria de protesta en toda España previa a las elecciones municipales. [...] Todos los datos relativos a la misma serán difundidos a través de la web de la plataforma, www.democraciarealya.es que empezará a estar operativa en los próximos días.

Conjuntamente, foi publicado manifesto, na primeira pessoa do plural, sobre as demandas e os desejos do povo espanhol diante da crise econômica e política. Esse comunicado preparatório para as manifestações do 15 de maio foi um dos de maior expressão. Também encontrei postagem em blog informativo que representou o movimento, o *Madrilonia*, o qual reuniu 10 vídeos disseminados na web, convocando para o 15 de maio.²⁰ A maior parte deles traz propagandas do site do DRY. Sobre a produção audiovisual do movimento, a postagem do *Madrilonia* diz o seguinte:

[...] muestra la enorme diversidad de actores organizados e individuales que están aportando su creatividad y esfuerzo para hacer llegar el mensaje al mayor número de personas posibles. Una fórmula que se está mostrando muy efectiva para lograr saltar el bloqueo mediático al que está sometido esta convocatoria.²¹

No arquivo do perfil do DRY no Facebook há uma nota de 14 de maio que apresenta 60 localidades espanholas, todas com páginas no Facebook, as quais fizeram suas chamadas para o acontecimento, tendo como palavra de ordem “*Toma La Calle*”.²² Neste primeiro momento, segundo Henrique Dans, pesquisador de sistemas de informação, ativista do 15M e membro do No Les Votes²³:

La red está sirviendo para coordinar varios movimientos de parecida forma e intenciones, [...] La red está sirviendo para que este tipo de expresiones se hagan visibles. Pero hay que dar un paso más: para ganar en legitimidad, para terminar de transmitir el mensaje, hay que hacerlas visibles en la calle.²⁴

Não havia a certeza do sucesso do movimento, mas o que foi exposto anteriormente mostra os passos iniciais da multidão, agindo de forma autônoma, auto-organizada, produzindo território comum mediante suas redes na web, fazendo multidão a partir das

²⁰ Disponível em <<http://madrilonia.org/?p=1655>> Acesso janeiro 2016.

²¹ Disponível em <<http://madrilonia.org/?p=1655>> Acesso janeiro 2016.

²² Disponível em <http://www.facebook.com/democraciarealya#!/note.php?note_id=130741923669093>

²³ O No Les Votes ajudou na formação do DRY, como visto na primeira citação desta seção; propõe boicote das eleições; principalmente, convoca os espanhóis a não votarem nos partidos majoritários do país.

²⁴ Disponível em <<http://www.enriquedans.com/2011/05/el-15-de-mayo-toma-la-calle.html>> Acesso janeiro 2016.

mídias, mesmo nas corporativas como Facebook. Nas preparações para o 15 de maio, essa é a produção mais importante.

O DRY, como visto, foi formado por uma rede de coletivos. Também se percebe a rede no conjunto de perfis do Facebook das inúmeras localidades e na difusão viral das convocatórias. A forma da rede é importante, uma vez que diz respeito ao modo democrático, molecular de organização, características da democracia que difere da representativa. Esse primeiro momento já expõe o desejo de outra realidade, a riqueza que se extrai da pobreza, da crise. Então, os grupos que produziram a chamada foram Anonymous, ADESORG, Estado del Malestar, Ponte en Pie, Juventud en Acción, No Les Votes. Estes, ao longo do tempo, perderem representatividade, no entanto o DRY se manteve, por um bom tempo, um nó importante para o 15M. Isso demonstra a mudança de composição do 15M no seu desenrolar.

4.2 DEMONSTRAÇÕES E ACAMPADAS

As demonstrações ocorreram no dia programado, domingo, 15 de maio de 2011: “Decenas de miles de personas convocadas por la red Democracia Real Ya se han manifestado en 58 ciudades españolas [...] La manifestaciones de Madrid y Barcelona han sido las más nutridas, con más de 20.000 personas en ambos casos”.²⁵

Mais de 75 cidades montaram acampamentos na Espanha a partir das manifestações. Dois posts do site da acampada de Madrid, de 16 de maio, contam a história do início da tomada da principal praça da cidade, a *Puerta Del Sol*.

Al finalizar la manifestación convocada el 15 de mayo, algunas de las asistentes se volvieron a concentrar en Sol a partir de las 11 de la noche. De esta nueva concentración ha surgido una asamblea con la idea principal de crear y mantener una acampada permanente desde ese mismo momento.²⁶

[...] Unas 40 personas, después de la manifestación del 15 de mayo, decidimos espontáneamente quedarnos a dormir en la Puerta del Sol para apoyar a las que estaban detenidas y continuar con las movilizaciones.²⁷

Este é o segundo momento da organização da multidão, que sai da web para as ruas e, após, toma as praças em assembleias e acampadas, dando continuação no processo democrático molecular. O devir-revolucionário é potencializado pelas manifestações de rua,

²⁵ Disponível em <<http://madrilonia.org/?p=1712>>. Acesso janeiro 2016.

²⁶ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/05/16/1%c2%aa-noche/>>. Acesso janeiro 2016.

²⁷ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/05/16/asi-empezo-la-acampada-en-sol/>>. Acesso janeiro 2016.

trazendo consigo um devir ilegal, que acompanhará o movimento no seu desenrolar. Esse devir causa uma confusão em relação ao poder, o qual não sabe como agir frente a jovens que tomam as ruas. Ou seja, duas questões importantes até aqui, o devir-ilegal e a composição heterogênea, que, por natureza, impede o controle pelo poder.

As acampadas – o tornar o ambiente urbano um espaço de moradia e política – mantidas pela colaboração e cooperação, pelo companheirismo, marcam o devir-pobre, a pobreza como potência, pobreza espontânea, que difere da comodidade da vida burguesa. Os jovens saem de suas casas, de um relativo conforto, e fincam moradia na rua, enfrentando todas as adversidades possíveis. Um acampamento urbano, onde se passa boa parte do dia e onde se dorme, é muito diferente de uma casa, albergue e mesmo de uma okupa. Uma okupa é um prédio abrigado. Nas praças, alojavam-se em barracas e sacos de dormir, e sempre esteve presente a possibilidade de um ataque da polícia. Talvez por isso tenha sido um movimento jovem, a necessidade de um corpo forte para enfrentar a vida na rua.

A web é chamada de colaborativa, pois o que sustenta a produção na rede é a colaboração, não vínculos financeiros; esse espírito é passado para as ruas. A pobreza, os baixos recursos, isso fez com que as tomadas de praças não durassem. Aqui, há um embaralhamento de papéis, tendo em vista que pobreza e riqueza, o enquadramento de classe, não fazem sentido nas acampadas: todos são pobres, estão nas mesmas condições de vivência, ou melhor, experimentam a pobreza, mesmo aqueles da classe média. A vida comunitária e a inexistência de líderes colocavam todos na mesma posição. As acampadas – o símbolo mais consistente dos primeiros meses das lutas e logo desativadas –, quando deixam de ser a marca do movimento, certas expressões criadas no seu ambiente, como assembleias e grupos de trabalho, são mantidas.

As manifestações são ações comuns em todo o mundo, as acampadas ocorrem ou ocorreram também em muitas partes do globo referidas a movimentos diversos. Demonstração de rua e acampada são formas de tomada da cidade, as quais aproximam o 15M do movimento okupa. As manifestações são mais efêmeras, porém se tornam contínuas em seu conjunto; já as acampadas são mais duradouras, às vezes, tanto quanto uma *okupação*.

Esse método – acampar – a partir da Espanha repercutiu em todo o planeta; foram realizadas ações similares posteriormente, em outros países, como nos EUA e no Brasil. Em Porto Alegre, a tomada de praça durou quatro meses. O método se mantém como possibilidade, como será visto na parte sobre o movimento okupa. Em Barcelona, foi formada uma acampada de uma semana em 2014, a qual eu presenciei. Para finalizar esta seção, em contato com uma jovem brasileira que participou ativamente da acampada de Granada, em

entrevista cedida, ela explica as razões do fim desta tomada de praça, razões que podem ser referidas ao término das outras:

Chegou um momento em que o acampamento já estava servindo pra denegrir a imagem da causa, a mídia tava manipulando muito a imagem do movimento a partir do acampamento. [...] Como já tínhamos os horários dos grupos definidos, por mais que doesse o fim do acampamento, achava que era melhor partir para uma fase de estruturar o movimento, de concretiza-lo mesmo, pois não era mais o acampamento que nos unia, e sim a causa, o trabalho. A maioria já participava de um grupo de trabalho, assim podia focar sua atenção aos trabalhos do grupo. A praça era nosso ponto de encontro, iriam continuar sendo feitas as assembléias, tinha um ponto de informação, apenas não seria mais o lugar de comer e dormir. [...] Penso que seria inviável seguir dormindo na praça, a questão foi incorporar esse hábito de participar na vida das pessoas. Viver acampando em forma de protesto é muito desgastante, em algum momento as pessoas tem que viver a sua vida, por mais que a gente quisesse, o mundo não muda tão rápido assim, muitos tinham seus compromissos pessoais e tinham que ser responsáveis com isso. Penso que é muito mais válido ter as pessoas participando do movimento, nos grupos de trabalho, nas assembléias, que eles tenham um lugar na sua agenda semanal para o debate político. Assim agregamos muito mais gente do que restringindo o movimento aos que podem acampar diariamente. (CIFALI, 2012).

4.3 ELEIÇÕES MUNICIPAIS E AUTONÔMICAS ESPANHOLAS

A ideia inicial era permanecer nas praças até o dia das eleições municipais e autonômicas em todo o país, programadas para o dia 22 de maio. No fim, com a vitória da direita, o movimento preferiu desconsiderar as eleições e se manter firme na apropriação do espaço público, nas acampadas. Qualquer vitória, da esquerda ou da direita, significaria a manutenção da falsa democracia. Para o movimento, o mais importante era exigir uma real democracia, não corrupta, e mais: experimentá-la. Aqui se percebe a linha de fuga mais importante em relação à política dominante, que não é aceita pelo poder. O movimento nega essa política, e o Estado impede essa negação.

Reitero neste parágrafo: o movimento cria uma forma diferenciada de fazer política, molecular, um devir da política. Esse grau de invenção, que traz o novo, se choca com o estabelecido, com as identidades estabelecidas. E para produzir o novo, o movimento se renova constantemente, foge para todos os lados, cria linhas de fuga contínuas, se recompondo, produzindo novas relações e composições que parecem absurdas. Aliás, parece absurdo por trazer exatamente esse grau de diferença, de invenção, o devir. Isso é a monstrosidade, devir-monstro da política, expressão da multidão, ser legião. Negri diz que a multidão tem poder de se autogovernar, acabar com a relação de poder via suas redes, e o caso da Espanha é exemplar. Em artigo, afirma-se a importância do devir para a auto-organização da multidão:

El reglamento utilizado para la organización no viene dado antes de que éste nazca, sino que es a través del debate y el consenso a posteriori, cómo nace este reglamento. Esto lo convierte en algo participado por todas las personas, que acuden y forman parte del grupo, algo que creemos le da una mayor capacidad de identidad (¿con el mismo debido a la forma dialógica de creación? Esto no lo entiendo). No es éste un reglamento diseñado por un grupo de personas, para que a él se ajuste un grupo mayor, sino que un grupo de personas consensúa unas normas básicas de convivencia dentro de un espacio social. (JIMÉNEZ; AVENDAÑO; NEILA, 2013, p. 118).

A vitória da direita, por ocorrer em um momento de insurgência contra a micropolítica, é algo contraditório. Entretanto, o número de abstenções foi alto. Segundo o jornal *El País*, o número de abstenções, votos brancos e nulos chegou a 35%.²⁸ Na Catalunha, atingiu quase 50%.²⁹ É importante frisar que uma das palavras de ordem que ecoou pela internet era “*No Les Votes*”, nome do grupo já citado. Em sua página é dito: “Sin tu voto no son nada. En las próximas elecciones, NO LES VOTES.”³⁰

4.4 AGRESSÃO CONTRA OS MANIFESTANTES

Desde o início, aconteceram tentativas e ameaças de *desalojo* das acampadas por parte da polícia; o que mais marcou foi o da acampada de Barcelona, que culminou em muitos feridos e na destruição de boa parte da infraestrutura. Este foi um momento chave, pois apresentou para a opinião pública a posição do movimento de não violência, de protesto pacífico. Esse posicionamento se distingue das lutas que ocorreram na Grécia, as quais sempre tiveram caráter mais destrutivo, como percebi em análise empírica na época do mestrado.

Em pouco tempo, após o *desalojo*, começaram a ser postadas no youtube as imagens da carga policial. Jovens sentados no chão e abraçados uns aos outros, como sinal de desobediência pacífica, mostrando que estavam dispostos a permanecer, gritando em coro palavras de ordem sobre o uso de não violência. E, mesmo assim, a polícia atacou, sem piedade, jovens de ambos os sexos com cassetetes, pontapés, balas de borracha. O resultado final negativo: mais de 100 feridos; o lado positivo foi a publicização do acontecimento na grande mídia e, principalmente, nas mídias do movimento, o grito de solidariedade das outras acampadas com a de Barcelona e a volta com mais força dos manifestantes para a praça.

²⁸ Disponível em < <http://resultados.elpais.com/elecciones/2011/municipales/index.html>>. Acesso janeiro 2016.

²⁹ Disponível em < <http://resultados.elpais.com/elecciones/2011/municipales/09/>>. Acesso janeiro 2016.

³⁰ Disponível em < <http://www.nolesvotes.com/>>. Acesso janeiro 2016.

Também em Valencia, outra cidade com forte atividade do movimento 15M, a polícia agrediu violentamente manifestantes, como conta o blog da acampada da cidade: “La Policía Nacional ha agredido a un grupo de personas que estaban concentrándose en la calle Navellos, junto a la Casa de los Caramelos, y que protestaban contra la corrupción. En total, ha habido cinco detenidos y una decena de heridos.”³¹ Imagens rapidamente postadas no youtube mostram que o caráter pacifista se manteve; os manifestantes com as mãos para cima diziam: “*éstas son nuestras armas*”.

Aqui, o conflito é entre o poder do Estado e a política da multidão. O devir-revolucionário do movimento é enquadrado pelo poder como sendo ilegal. O primeiro, o poder negativo molar, o poder do Estado policial, que se apresenta como verdade absoluta, ou seja, o único que pode ser legítimo. E esta legitimação também concerne aos próprios dominados que assim se mantêm, pois desejam a repressão.

A multidão, no entanto, contesta a ordem, afirmando sua potência, sua biopolítica, seu desejo de outra realidade. E mais: constrói seu mundo com suas regras, pois a resistência não usa as mesmas armas do poder: contra a violência (molar), o pacifismo (molecular); contra a mídia corporativa (molares), que legitima a ordem, as mídias de multidão (moleculares); contra a democracia representativa (molar), a experimentação de outra democracia (molecular); contra o capitalismo (molar), a produção colaborativa em rede (molecular). Contra o estabelecido (molar por excelência), a revolução molecular.

Ouvi muito a pergunta: o que querem os indignados? Que mundo querem? Suas ações, composição, suas formas de fazer política eram a resposta. Eles não queriam o mundo estabelecido, por isso, fizeram sua revolução. Não propunham o caos, mas um grau de diferença. Desejavam um mundo muito mais razoável, no qual a diferença, o devir, o companheirismo, a colaboração eram as opções frente à violência, à dureza, à inflexibilidade. O poder, molar, inflexível, aceita apenas a si mesmo.

As questões da ilegalidade das manifestações as acompanharam, principalmente neste choque com a representação do Estado pela polícia. Nas manifestações, o contato direto era com a polícia e não com a classe política. Ou seja, desconsideraram a riqueza e o poder da multidão, tratando-a como massa caótica, e mais: opõem essa massa a um povo idealizado e falso, que não sai às ruas e deseja o poder. O poder faz um jogo sujo, com infiltrados e violência contra a multidão com as mãos desarmadas. A multidão se nega a fazer o jogo sujo

³¹ Disponível em <<http://www.acampadavalencia.net/2011/06/09/intervencion-policial-violenta-en-las-inmediaciones-de-las-cortes/>>. Acesso janeiro 2016.

do poder, contrariando-o. Estão todos prontos para serem presos se necessitar, em função das lutas; prontos para serem enquadrados como marginais.

4.5 MANIFESTAÇÕES DE 19 DE JUNHO

Esta seção é importante para a construção da narrativa, pois acompanhei pelos canais de mídia da multidão as manifestações do dia 19 de junho, desde suas preparações até os acontecimentos principais. As manifestações eram contra o Pacto do Euro, que, de acordo com a ATTAC.ES,

[...] consiste en un paquete de medidas acordadas por los diecisiete países que forman la zona euro destinadas fundamentalmente a combatir la crisis y la deuda. El problema es que más que contribuir a solucionar el desempleo y la parálisis del tejido productivo europeo, va a conducir inexorablemente a un mayor empobrecimiento de los ciudadanos.³²

Nessas ações, percebem-se demandas transnacionais do 15M. Desde o início, ocorreram tentativas de difundir as lutas, o que foi visto em dispositivos de mídias de multidão com a alcunha de *european revolution, world revolution*. O 15M sempre se solidarizou com a Grécia, Portugal, Islândia, França, Inglaterra, entre outros países. Ou seja, o mapa mais amplo, no qual se inseriu o movimento espanhol, o mapa do conflito entre a multidão global contemporânea e os nós da rede do Império. Esse conflito teve nas revoluções árabes uma de suas expressões iniciais:

Las primeras chispas prendieron en los países árabes, donde cientos de miles de personas tomaron las plazas y calles recordando a sus gobiernos que ellos son el verdadero poder. Luego fueron los islandeses quienes salieron a las calles para expresarse y decidir su futuro; el pueblo español no tardó en tomar las plazas de barrios, pueblos y ciudades. Ahora la mecha se extiende rápidamente por Francia, Grecia, Portugal, Italia y Turquía, mientras llegan ecos y adhesiones desde todo el planeta y nuevos focos aparecen cada día por doquier. Si los problemas son globales, la revolución será global o no será. [...] El día 19 de junio llamamos a la #Globalrevolution.³³

A produção na web em formato de chamadas foi intensa o suficiente para ser atualizada nas demonstrações mais poderosas até então. A frase “marcha en Madrid contra La crisis y ele capital, el 19 de junio”, posta em ferramentas de busca na internet, remete a

³² Disponível em <<http://www.attac.es/que-es-el-pacto-del-euro-y-porque-se-convoca-el-19j/>>. Acesso janeiro 2016.

³³ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/06/16/convocatoria-mundial-para-el-19-j/>>. Acesso janeiro 2016.

inúmeras páginas na web que fizeram a divulgação do 19 de junho. O blog Madrilonia, em um post, destacou nove vídeos que estavam circulando com chamadas para as demonstrações.³⁴ Além disso, foi difundida na web, em dias anteriores, a organização desejada dos protestos em Madrid.³⁵

No dia 19 de junho, no desenrolar dos acontecimentos, entre 13h e 14h, no horário da Espanha, foram postados inúmeros vídeos no youtube sobre as ações em Madrid. As postagens feitas por qualquer um impossibilitam a apreensão de sua origem, ou seja, não podem ser referidas a grupos e sujeitos determinados. Um dispositivo importante para o movimento, o *streaming* (o qual permite cobertura em vídeo em tempo real), a partir das 13h em horário local, mostrava as ações na cidade.

A transmissão via *streaming* era do canal 33, que é uma “[...] TV local de Madrid, [...] un grupo de profesionales de la comunicación agrupados en torno a una entidad cultural sin ánimo de lucro”.³⁶ Esse busca visão diferenciada dos grandes meios: “[...] a través de una webcam, [defendemos] el derecho de los ciudadanos a ver lo que ocurre, en directo, en la Puerta del Sol de Madrid.”³⁷ Segundo a página do canal, de 18 de maio a 12 de junho: “Más de 1.300.000 espectadores ya han visto esta webcam instalada por Canal 33 en la Puerta del Sol [...]”³⁸. O canal deixou de ser ativo pouco tempo depois, ou seja, as mídias do movimento também se modificavam.

O canal fez a transmissão ao vivo direto das ruas, mostrando as manifestações com narração em off de mais de uma pessoa. Na página do streaming, também havia espaço para chat, no qual sujeitos dialogavam sobre o acontecimento e compartilhavam links. Às 14h, a voz saiu do off e pessoas que estavam na rua começaram a ser entrevistadas. A transmissão durou duas horas, das 13h às 15h.

Os resultados das marchas em Barcelona: “más de 250.000 personas según los organizadores, 75.000 según la policía local y 20.000 según el departamento de interior del Govern catalán”.³⁹ Já em Madrid, como diz o site do *Toma La Plaza*⁴⁰, mais de 150 mil

³⁴ Disponível em <<http://madrilonia.org/?p=3120>> Acesso janeiro 2016.

³⁵ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/files/2011/06/marchas-19j-recorridos-1.jpg>> Acesso janeiro 2016.

³⁶ Disponível em <http://www.canal33.info/2008/10/canal-33-somos_05.html> Acesso janeiro 2016.

³⁷ Disponível em <<http://www.canal33.info/2011/05/canal-33-en-directo-desde-la-puerta-del.html>> Acesso janeiro 2016.

³⁸ Disponível em <<http://www.canal33.info/2011/05/canal-33-en-directo-desde-la-puerta-del.html>> Acesso janeiro 2016.

³⁹ Disponível em <<http://www.diagonalperiodico.net/El-movimiento-de-los-indignados.html>> Acesso janeiro 2016.

⁴⁰ Página da acampada de Madrid.

peessoas estiveram presentes.⁴¹ Sobre o saldo total nas cidades espanholas e europeias, é dito no site do DRY:

Un millón de personas volvieron a tomar el 19 de Junio las calles de más de 60 ciudades a lo largo y ancho del país, sin que hubiera incidente alguno [...] Además **de la gente que llenó las calles españolas, queda un número aún por determinar en 58 ciudades europeas**, en las que también se salió a mostrar el rechazo al Pacto de Euro [...] La aplicación de este Pacto repercutirá en el sistema económico mundial y por ello se sumaron al llamamiento países de otros continentes como Argentina, Canadá, Estados Unidos o Japón.⁴²

Além disso, dou atenção às manifestações de rua, pois elas trazem números da participação da multidão espanhola, que nesse acontecimento esteve presente em peso. As manifestações apresentam um número de pessoas que pode não fazer parte dos nós mais endurecidos do 15M, como certos coletivos e assembleias. Portanto, são momentos importantes quantitativamente, mas também, qualitativamente, pela possibilidade dessa expressão molecular da multidão que age apenas nesse tipo de ação. Os acontecimentos devem ser vistos como singularidades do movimento, que funcionam, não são caóticos, haja vista que o comum rege as manifestações. São importantes, pois aproximam multidão e povo, mesmo que seja pela publicização da mídia dominante.

4.6 DIA 15 DE OUTUBRO DE 2011

Em um dos livros produzido coletivamente, por membros do próprio 15M sobre a história do movimento, o capítulo sobre o 15 de Outubro – manifestações globais contra o Império – é aberto com a seguinte passagem:

Algunos medios de prensa recogieron el ¿cómo se gestó? esta gran movilización mundial. Por supuesto que este nuevo tipo de movilizaciones no surgen ‘programadas’ desde algún supuesto ‘centro de control’. Por su formato no funcionan así. Son una suerte de onda contagiosa que se propaga viralmente, pero sí que necesitan una especie de ‘chispa’ inicial que es la que hace detonar el fenómeno. Una suerte de catalizador, como resultó ser el hecho de acampar en la Puerta del Sol la noche del 15 de mayo. (RUBIA, p. 126).

O primeiro ponto da citação que interessa é a ausência de centro de controle, ou seja, ninguém controlou as manifestações. Isso aconteceu também na viralização das mídias, não havia nós que controlassem a propagação viral nas redes da web. As manifestações

⁴¹ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/06/19/cronica-del-19jmad/>>. Acesso janeiro 2016.

⁴² Disponível em <<http://www.democraciarealya.es/blog/2011/06/22/comunicado-post-19j/>>. Acesso janeiro 2016.

aconteceram como um vírus a partir de uma “chispa”. Ou seja, não apenas os nós dos movimentos não controlavam as demonstrações, como também o poder. Ou melhor, não havia o desejo de controle por parte do movimento, e o controle do Estado sempre foi parcial.

O mais importante das ações do 15 de Outubro foi a adesão em massa de países de todo o globo, compondo uma multidão global, unida por ações e projetos comuns. Produção feita a partir do comum – o desejo, as redes, as mídias – e em comum, a união das lutas, que produziu um caldo comum, a exposição ao mundo dessa multidão global. Trecho do manifesto do 15 de Outubro lido na Plaza Sol, em Madrid, explicita esse fazer multidão:

‘Unidos por un cambio global’

Hoy, personas de todo el mundo estamos tomando las calles y las plazas. Desde América a Asia, desde África a Europa, la gente se está levantando para reclamar sus derechos y pedir una auténtica democracia. Ahora ha llegado el momento de unirnos todos en una protesta no violenta a escala global. Los poderes establecidos actúan en beneficio de unos pocos, desoyendo la voluntad de la gran mayoría, sin importarles los costes humanos o ecológicos que tengamos que pagar. Hay que poner fin a esta intolerable situación. Unidos en una sola voz, haremos saber a los políticos, y a las élites financieras a las que sirven, que ahora somos nosotros, la gente, quienes decidiremos nuestro futuro. No somos mercancía en manos de políticos y banqueros que no nos representan. Hoy nos encontramos en las calles para poner en marcha el cambio global que queremos. Nos manifestaremos pacíficamente, debatiremos y nos organizaremos hasta lograrlo. Es hora de que nos unamos. Es hora de que nos escuchen. ¡Tomemos las calles del mundo! (Manifesto leído en Sol el 15 de octubre) (RUBIA, p. 129).

Em documento da Acampada SOL, é exposto que os coletivos desse grupo, o DRY, Juventud Sin Futuro, ATTAC, se reuniram para propor ações para o 15O. Alguns desses coletivos estavam ativos desde antes do 15 de Maio. Após, sublinha que as lutas do 15 de Outubro foram convocadas pelo 15M, o qual desejava atravessar fronteiras para que se produzisse um movimento global: “Unidos por un cambio global: acampadas, barrios y movimientos de todo el mundo, convocamos una movilización internacional. El 15M ha traspasado las fronteras para convertirse en un gran movimiento global: 15O”.⁴³

No site do Take the Square, detalham-se as localidades nas quais aconteceram manifestações e também os números de manifestantes. O Take the Square tem como base os princípios do 15M; é uma rede global de ativismo “Our goal is to get over our local determinations to become a movement with truly global roots, in fight against global problems, to give global alternatives and solutions”.⁴⁴ Seguem os números⁴⁵ e localidades que foram extraídos de documento do site: Áustria – Viena 1.000 pessoas; Praga: 400 pessoas;

⁴³ Disponível em <<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/10/12/15-de-octubre-unidos-por-un-cambio-global/>>. Acesso janeiro 2016.

⁴⁴ Disponível em <<http://takethesquare.net/about-us/>>. Acesso janeiro 2016.

⁴⁵ Algumas localidades não apresentam os números de manifestantes.

Alemanha: 40.000; Madrid: 500.000; Barcelona: 200.000-300.000; Sevilha: 45.000; Alicante 15.000; Vigo 30.000; Pamplona: 13.000; Polónia – Varsóvia 600-800; Dinamarca – Copenhagen: 2.000; Portugal – Lisboa: 100.000; Porto 15.000; Suíça – Zurique: 1.000; Croácia: 10.000; Bélgica – Bruxelas: 10.000; Itália – Roma: 200.000; França – Paris: 2000; Holanda – Amsterdam: 4.000; Eslovênia: 5.000; Chile – Santiago: 60.000-100.000; Brasil: São Paulo; Nova Friburgo; Rio das Ostras; Rio de Janeiro; Niterói; EUA – Nova York: 25.000; Canadá – Montreal: 5.000; Toronto: 3.500; África do Sul – Johannesburg: 500; Marrocos; Israel - Tel Aviv: 1.500; Tailândia – Jacarta: 1.000; Japão – Tóquio; Hong Kong: 200; Taiwan; Coreia do Sul – Seul: 600; Filipinas – Manila; Austrália – Brisbane: 600; Sidney 2.000; Melbourne; Nova Zelândia – Auckland: 3.000.⁴⁶

4.7 DIA 29 DE MARÇO – GREVE GERAL

Sindicatos, outras organizações e o movimento 15M convocaram a greve geral, tendo em vista a reforma trabalhista imposta pelo governo:

La Primera huelga general de España de 2012 fue una huelga general convocada para el jueves 29 de marzo de 2012 (29-M), por varias organizaciones sindicales españolas, entre ellas, CCOO, UGT, USO, CGT, CNT, Solidaridad Obrera, Co.Bas ELA, LAB, ESK, CIG, CUT, CSI, Intersindical CSC, SOA, SAT, COS, Intersindical Canaria, FSOC Confederación Intersindical, STC y Sindicato de Estudiantes, además de organizaciones y movimientos como el Movimiento 15-M y FACUA como protesta contra la reforma laboral de 2012 aprobada por el gobierno de Mariano Rajoy del Partido Popular. El lema fue: ‘Quieren acabar con todo, con los derechos laborales y sociales’.⁴⁷

A greve foi a sexta geral de 24 horas ocorrida na história da Espanha⁴⁸. É dito em artigo⁴⁹ que houve tentativas de diálogos entre os sindicatos e o governo, buscando um acordo para que as medidas não fossem duras para os trabalhadores. Assim, as lógicas dos sindicatos são diferentes das lógicas do 15M, pois se permitem uma relação com o governo rechaçada

⁴⁶ Disponível em <<http://takethesquare.net/2011/10/27/tribute-to-the-15o-worldwide/>> Acesso janeiro 2016.

⁴⁷ Disponível em

<https://es.wikipedia.org/wiki/Huelga_general_en_Espa%C3%B1a_del_29_de_marzo_de_2012> Acesso janeiro 2016.

⁴⁸ Sobre as greves gerais nesse ciclo de lutas na Europa: “El ataque sobre el gasto social provocó un efecto seguramente calculado: la primera gran oleada de protestas en Europa. Durante el segundo semestre de 2010, se convocaron más huelgas generales que en toda la década previa. Las jornadas de paro sumaron hasta 3, 4, 5 e incluso 10 convocatorias en algunos países como Francia o Grecia. En casi todos los Estados se convocó al menos una gran jornada de huelga general —la huelga de Portugal del 24 de noviembre contra los planes de austeridad fue, por ejemplo, la primera en 20 años.” (OBSERVATORIO METROPOLITANO, 2011a, p. 94)

⁴⁹ Disponível em <<http://www.elmundo.es/elmundo/2012/03/09/economia/1331290549.html>>. Acesso janeiro 2016.

pelo 15M, o qual prefere não ter contato com a política dominante, apenas nos conflitos nas ruas.

Além disso, os sindicatos têm um poder de mobilização muito mais forte que o do 15M, ou as lutas mais radicais. O 15M não conseguia propor a parada do país por 24 horas. Segundo o site do sindicato majoritário Unión General dos Trabajadores,⁵⁰ a greve foi realizada por 85% dos trabalhadores. Artigo detalha a greve em Barcelona:

Bajo el lema 'se lo quieren cargar todo', **unas 800.000 personas** según los sindicatos han ocupado el paseo de gracia de Barcelona y las calles adyacentes para reivindicar la retirada de la reforma laboral que aprobó el Gobierno popular y que desde la Generalitat el ejecutivo catalán se muestre abierto a negociar los recortes laborales y sociales que está aplicando.⁵¹

Acompanhei as manifestações via Twitter e Facebook e espantou ver o centro de Barcelona com focos de incêndios, produzidos pelos manifestantes. Não havia contemplado algo parecido antes. Como disse, o 15M sempre foi radicalmente pacífico, radicalismo esse percebido nas táticas de levantar as mãos para mostrar que estão desarmados, mesmo ao serem agredidos com cassetetes pela polícia.

Sobre as demonstrações em Barcelona, outro meio apresenta o lado violento da greve, gerado não apenas pela polícia, mas também pelos próprios manifestantes; porém, relata que os manifestantes estavam respondendo às ações policiais, o que é compreensível.

Entonces, en la ronda Sant Pere que conecta la plaza Urquinaona con la Plaza Catalunya, un grupo de compañerxs encapuchadx empezó a desafiar al cordón policial y a hacer barricadas. La policía cargaba, pero no pudo seguir por el gran número de gente acumulada. Fue entonces cuando el numeroso grupo incontrolable empezó a lanzar adoquines, botellas, bengalas y bombas de pintura a la policía, la cual empezó a replegarse. El fuego se hizo praxis y las barricadas se envolvieron en llamas. El bloque de manifestantes, a pesar de la tensión, no se retiraba y siguió resistiendo.⁵²

A greve geral assim é de natureza diferente das outras manifestações: foram convocadas pelos sindicatos, muitos majoritários, o número de participantes foi o dobro das manifestações de 19 de julho e 15 de outubro de 2012 e, principalmente, foram violentas. Isso mostra que, como a greve trouxe um número enorme de pessoas, muitas das que acudiram não compartilhavam com o posicionamento do 15M. Assim, acresce, como reafirmo, o número de indignados no país. Desse modo, é importante especificar essa subjetividade que

⁵⁰ Disponível em <http://www.ugt.es/huelga_general/29marzo.html> Acesso janeiro 2016.

⁵¹ Unilateralmente. Disponível em <<http://www.elmundo.es/elmundo/2012/03/29/barcelona/1333046144.html>> Acesso janeiro 2016.

⁵² Disponível em <<http://es.contrainfo.es/piv.net/2012/03/30/29-de-marzo-huelga-general-en-el-estado-espanol/>> Acesso janeiro 2016.

reúne boa parte da população e o próprio 15M. Essa subjetividade apresenta suas contradições com nós caóticos – horizontais – em sua violência, nós verticais, com composição mais dura e posicionamentos reformistas, os sindicatos, e o próprio 15M, que é uma organização transversal.

4.8 DIA 25 DE SETEMBRO DE 2012 – PRIMEIRA PARTE

Um dos elementos mais notáveis, já exposto no texto algumas vezes, de toda produção sobre as lutas espanholas é que há um excesso de conteúdo, e mais: esse conteúdo está disperso na web, e não existem nós que reúnam quantidade significativa que eu possa me deter. Isso se conjuga à quantidade de grupos e sujeitos que fazem parte das lutas, os quais também estão dispersos, e mesmo quando reunidos sob alguma nomeação, interiormente, percebe-se uma fragmentação. Aqui se reafirma, então, a característica do movimento, sua potência, e talvez seu caos interno, o avesso, o incerto e o nômade (AMADEU, 2009), que impedem o controle desde cima. Isso é o centro desta e das próximas seções.

Estou imerso nessa quantidade de material sendo produzida à exaustão, o que pode impossibilitar o próprio controle da pesquisa. Isso mostra a necessidade de inverter a fórmula *deleuziana* do rizoma: do mapa fazer a fotografia (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Decidi dar mais atenção a esse acontecimento de expressão das lutas espanholas, o 25S, o qual se desenrolou até o dia 29 de setembro de 2012, em Madri. O acontecimento apresentou uma imprevisibilidade caótica, tanto na reunião de inúmeros grupos sem uma identidade afirmada, quanto na transformação da composição destes grupos nos meses de preparação do evento. E toda essa imprevisibilidade não impediu que a manifestação acontecesse de forma auto-organizada, sendo o caos produzido novamente pela máquina bem estruturada, burocrática do poder político e seus “cães de guarda”, a polícia. Como declara o *Kaos Em La Red*:

Un día de dignidad y justicia. Un día para la historia. Detenciones arbitrarias e identificaciones a ciudadanos que deambulan por las calles. Porras, patadas, alones de pelos y cuanta cosa sirva para golpear a los indignados de este gran país, de esta gran ciudad.. Madrid ha sido un campo de batalla. Policías con armas largas en lo alto de las azoteas en torno al Congreso de Diputados. Detenciones arbitrarias e identificaciones a ciudadanos que deambulan por las calles sin razón alguna. Porras, patadas, alones de pelos y cuanta cosa sirva para golpear a los indignados de este gran país, de esta gran ciudad. Ataques y detenciones selectivas para fragmentar la ira y el dolor de un pueblo que clama por un cambio de ruta y de principios. ‘Antidisturbios’ que pisotean cuerpos, cabeza o brazos, para anular y amedrentar a

los que exigen una ruta diferente. La dignidad está efervescente en las calles. [...] Madrid se crece ante la fuerza bruta.⁵³

Dois elementos contraditórios: o caos dos que impõem a ordem e a auto-organização a partir de coletivos dispersos que o senso comum chama de caóticos. Esses últimos produziram um acontecimento que reuniu mais de 50 mil pessoas, em determinados momentos, a partir de chamadas virais na rede. Alguns grupos tinham posicionamento distinto, outros eram irmanados, mas sem vínculos fortes e, obviamente, sem representantes e centros de poder.

O 25S foi acontecimento singular e marca as lutas na Espanha, também pelo seu caráter predominantemente pacífico no que concerne às ações da multidão. Esse acontecimento reuniu pessoas indignadas com o poder, que estiveram presentes para expressar isso, a partir de palavras de ordem, cartazes, demonstrações de afeto, registros midiáticos, cantos e painéis. Evidentemente, como não estavam lá para uma partida de críquete, nem para um show de música pop, estavam mesmo para demonstrar indignação, seus coros, palavras de ordem, dizeres não eram “recadinhos amorosos” para o governo, mas expressões do desejo de uma real democracia.

A violência gerada pela polícia – aqueles que são contratados para manter a paz, a tranquilidade dos cidadãos –, como está sendo visto, acompanhou o movimento. Desde o 15 de maio de 2011 são postadas imagens e textos expondo as táticas da polícia: reúnem policiais jovens de ambos os sexos; esses se vestem como os jovens do 15M, muitas vezes de negro, colocam capuzes ou lenços para esconder o rosto. Então, começam a praticar ações de violência. Se isso é visto na televisão, afirma-se que os indignados estão agindo contra seus princípios.

Um caso ganhou certa repercussão nas redes sociais e pode ser contemplado em vídeo postado no youtube.⁵⁴ Nele, policiais fardados e policiais à paisana, na demonstração do 25 de setembro, detêm um homem de preto, o derrubam no chão, e ele grita: “sou companheiro, sou companheiro”. Os policiais dizem: “este é companheiro”; ou seja, era mais um policial infiltrado que estava causando confusão na demonstração e que não havia sido reconhecido.

Outras imagens em vídeo mostram algo parecido, também no 25S.⁵⁵ Nas legendas do vídeo, diz-se que sujeitos que começaram um tumulto na demonstração eram infiltrados. O vídeo mostra duas vezes o início de tudo e declara que as cargas da polícia diante do tumulto

⁵³ Disponível em <<http://www.kaosenlared.net/component/k2/item/31996-videos-madrid-haciendo-historia.html>> Acesso janeiro 2016.

⁵⁴ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=PLG3Iums9dY>> Acesso janeiro 2016.

⁵⁵ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=EaCzbQwJ3kw&feature=related>> Acesso janeiro 2016.

foram praticamente não violentas. Afirma que quem começou tudo era um grupo de encapuzados, os infiltrados, que usavam símbolos da esquerda como bandeiras vermelhas e negras.

O caos produzido pela polícia, portanto, fica mais visível quando encena o caos para gerar caos. Visível também quando agride velhos, prende turistas que estavam no entorno de manifestações, e quando age nos presídios contra manifestantes, o que não se sabe o que realmente acontece. A frase “estamos seguros, pois a polícia está aqui” não funciona na Espanha. Esse caos, molar, legitimado pelo poder, é mais que exposto, tanto na mídia tradicional, quanto nas mídias de multidão do movimento. Mas o que seria o caos molecular? É a produção do acontecimento que foi preparado então, por inúmeros grupos e sujeitos, que, muitas vezes, nem se nomeiam, que se transformam, não se obrigam a ter uma composição organizativa dura ou ao menos estável, e, assim, são expressões de tentativa de fuga do controle. O caos molecular é o devir-monstro.

Aconteceram lutas nos dias 25, 26 e 29 de setembro em Madrid. Milhares de manifestantes se reuniram em frente ao Congresso. A intenção dos manifestantes não era totalmente clara, sendo modificada ao longo das preparações, mas, inicialmente, a ideia era impor ao Congresso “[...] a la elaboracion de una nueva Constitucion (tomando en parte como inspiracion el modelo historico de las revoluciones liberales), que iria precedida de una “destitucion” del gobierno actual.”⁵⁶ Um dos teóricos do movimento, Víctor Sanpedro, em artigo, expressou outras demandas dos nós que compuseram o 25S:

[...] se pide más democracia. Se impugna el desmantelamiento del muy precario Estado de Bienestar y la precarización de la fuerza de trabajo que comparten ambos partidos. Y se critican los giros pendulares que impiden la continuidad de políticas centrales para una sociedad (sanidad, educación, organización del estado [...]). (SANPEDRO, 2012).

Também, o meio espanhol publicou um longo artigo detalhando as preparações para o evento. Nele, há muitas informações extraídas das redes sociais dos grupos que compuseram a preparatória, e apresenta o ideário desses grupos:

[movimento] “de carácter social, antineoliberal, anticapitalista y democrático”, [luta] por la soberanía, una democracia directa y participativa, donde las necesidades básicas de las personas estén cubiertas y donde caben valores como: el reparto de la riqueza equitativo, el rechazo rotundo a la Guerra, la convivencia con el medio ambiente, la denuncia de la explotación, la justicia y reparación histórica, la no mercantilización de la totalidad de los recursos, el apoyo a la emancipación y

⁵⁶ Disponível em: < <https://analisismadrid.wordpress.com/2012/09/19/informe-sobre-el-25s-comision-de-analisis-sol-15m/>> Acesso janeiro 2016.

soberanía de los pueblos, la defensa a las personas migrantes y la oposición a políticas de alianzas con el liberalismo capitalista, recogiendo las diversas corrientes ideológicas antes citadas.⁵⁷

A imposição de mudanças macro, de certas demandas frente ao governo, que nunca são atendidas, mesmo mediante manifestações massivas, não obscurece o processo revolucionário expresso na tomada das ruas. Assim, o bloco de manifestações que ocorreram periodicamente criou um território que expôs a indignação da população. E a população não precisa de objetivos premeditados para tomar as ruas, pois a crise se mantém e se acentua cada vez mais.

As fontes oficiais diziam que nos momentos mais expressivos havia seis mil pessoas; outras fontes de mídias corporativas falavam em algo entre 50 mil e 100 mil pessoas. Fontes do movimento calcularam entre 20 e 60 mil pessoas. Vi muitas fotos e imagens panorâmicas em vídeo. A Praça Neptuno⁵⁸ estava repleta de uma massa densa. No primeiro e no segundo dia, aconteceram cargas policiais. Notícias sobre as cargas circularam na rede.

Em documento⁵⁹ da Acampada Sol sobre a preparação para o acontecimento, é exposta a indeterminação da organização da convocatória. Ou seja, mesmo as convocatórias, feitas na rede, não podiam ser referidas a grupos definidos. O primeiro grupo a dar o empurrão inicial foi a Plataforma en Pie, que, segundo o documento, era formada por “Un grupo de activistas que trabajamos en distintos colectivos (15M-Dry, DDHH, PAH, III Republica, Constituyentes, ...) nos hemos reunido en un frente comun para llevar a cabo esta accion, 25S ‘Ocupa el congreso’.”⁶⁰ Também é dito que essa informação não era precisa “Mas tarde, esta informacion se borro. Tambien se sugirio en varias ocasiones que se trataba de gente relacionada con Anonymous, aunque la informacion que circulaba era contradictoria”.

Em documento da própria Plataforma en Pie, o coletivo se apresentou de forma mais explícita dizendo quem estava envolvido na sua composição:

Somos personas reunidas en un movimiento de carácter social, antineoliberal, anticapitalista, antipatriarcal y democrático. [...] En esta plataforma confluyen diferentes sensibilidades representadas en diversas corrientes de opinión y movimientos sociales, entre las que se incluyen: Corrientes republicanas de izquierda, Corrientes de izquierda social, Corrientes libertarias, movimiento 15M,

⁵⁷ Disponível em < <http://iniciativadebate.org/2012/07/31/el-movimiento-25s-ocupa-el-congreso-antecedentes-desarrollo-y-censura-en-los-media-mass-espanoles/>> Acesso janeiro 2016.

⁵⁸ Praça próxima ao congresso em Madrid.

⁵⁹ Disponível em: < <https://analisismadrid.wordpress.com/2012/09/19/informe-sobre-el-25s-comision-de-analisis-sol-15m/>> Acesso janeiro 2016.

⁶⁰ Disponível em: < <https://analisismadrid.wordpress.com/2012/09/19/informe-sobre-el-25s-comision-de-analisis-sol-15m/>> Acesso janeiro 2016.

movimiento antiglobalización, corriente antipatriarcal, movimiento obrero, movimientos ecologistas [...].⁶¹

Estes “inician la difusión de la misma desde el anonimato y por Facebook inicialmente. Mas tarde crean el blog de la Plataforma y una cuenta en twitter, pero evitan en todo momento decir *quiénes son* (en parte por miedo a la represión).”⁶². Um segundo momento da preparação do acontecimento é a criação da Coordinadora 25S, esta mais aberta, formada também por pessoas do 15M, as quais trouxeram novos objetivos para a demonstração programada.

Cabe destacar que a Coordinadora 25S se manteve bem ativa nos meses posteriores, com atualizações em seus canais de informação, até julho de 2013. Me cadastrei na página da Coordinadora⁶³ e recebi via e-mail informações de forma corrente. Quanto à Plataforma en Pie, recebi, em meados de 2013, uma notícia de que ela estava sendo dissolvida. Ou seja, a plataforma durou um pouco mais de um semestre.

Creemos que llegado un momento determinado todo movimiento debe evolucionar o ser superado y que en nuestro caso ha llegado el momento de parar y de replantearnos la dirección a seguir. Aunque la plataforma cese indefinidamente su actividad, la lucha debe seguir, y animamos a que así sea y que se pongan en marcha iniciativas de resistencia que puedan sorprender y desafiar al régimen.⁶⁴

Interessante que no mesmo comunicado declarou-se que a dissolução do grupo podia ser efêmera:

La Plataforma se reactivará de nuevo si se da alguno de los siguientes casos: a) Que tengamos una nueva propuesta que aportar, que pueda ilusionar y despertar a la sociedad, acercándonos al cambio deseado. b) Que el rumbo de los acontecimientos se precipite y la sociedad se muestre verdaderamente dispuesta a presentar batalla. En este caso pondremos todos los medios a nuestro alcance para apoyar y empujar la ruptura y el cambio.⁶⁵

A fratura no interior da luta espanhola é bem exemplificada na manifestação anterior ao 25 de Setembro, a de 15 de Setembro também em Madrid. A demonstração foi organizada em blocos e ondas simbolizadas por cores, com saídas e paradas diferenciadas em pontos da

⁶¹ Disponível em ><http://plataformaenpie.wordpress.com/2012/09/18/documento-base-plataforma-en-pie/>> Acesso janeiro 2016.

⁶² Disponível em: <<https://analisismadrid.wordpress.com/2012/09/19/informe-sobre-el-25s-comision-de-analisis-sol-15m/>> Acesso janeiro 2016.

⁶³ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/>> Acesso janeiro 2016.

⁶⁴ Disponível em <<https://plataformaenpie.wordpress.com/2013/06/12/serie-de-comunicados-post-25a-comunicado-no-3/>>. Acesso janeiro 2016.

⁶⁵ Disponível em <<https://plataformaenpie.wordpress.com/2013/06/12/serie-de-comunicados-post-25a-comunicado-no-3/>> Acesso janeiro 2016.

cidade. No entanto, todas confluíram em determinado momento. Estava organizado para estarem presentes: sindicatos majoritários, trabalhadores da área da saúde, de serviços sociais, de cultura, bibliotecários, da justiça, bombeiros e mineiros. E também e mais importante, estava programada uma manifestação alternativa nomeada de Bloco Crítico. Este foi consensuado pelo Acampada Sol:

Bloque crítico que más bien es manifestación alternativa, promovida por CGT, SO, CNT o el SAS y algunas asambleas de barrios 15M El recorrido es de la Plaza de la Beata hasta Neptuno (se llega a las 14:00), pasando por Delicias. El lema es *No es una crisis, es el capitalismo*.⁶⁶

Fica claro que as manifestações sempre apresentavam demandas frente ao poder. Não encontrei material referido à riqueza em si mesma das tomadas de ruas, algo central para a tese. A riqueza do processo molecular, que difere do projeto molar, esse visto na possibilidade de mudanças macropolíticas. Como disse Galeano na Acampada de Barcelona: o que importa é o que está acontecendo, não, o que vai acontecer.

Y algunos me preguntan: “¿Bueno, pero que va a pasar? ¿Y después, que será de esto?”. Yo simplemente contesto lo que nace de mi propia experiencia y digo, bueno, nada. No sé que va a pasar, y tampoco me importa mucho lo que va a pasar. Me importa lo que está pasando. [...] Me importa el tiempo que es. Y lo que este tiempo que es anuncia sobre otro posible tiempo que será. Pero, que es lo que será al final no sé. (GALEANO, 2011).

Penso que essa postura de Galeano não se dá por um descrédito quanto ao futuro da revolução, sua impossibilidade. O documento que comentava da Acampada Sol também expõe as críticas ao 15M, pois este tinha um caráter que alguns grupos chamavam de utópico e por terem sido muito lentos certos processos. Entretanto, conforme o documento, o 15M tinha um caráter constituinte, visto na capacidade do movimento de “constituir relaciones sociales, vinculos, solidaridad, formas de vida, otras formas de hacer politica [...]”⁶⁷. Isso afirma a riqueza em si mesma do movimento.

Quanto à narrativa desse primeiro dia, o 25 de setembro, muitos meios fizeram a cobertura a partir de notícias minuto a minuto. A seguir, exponho o que foi dito no site La Haine⁶⁸, que traz notícias de movimentos de resistências contemporâneos. Segue resumo das postagens: muitos ônibus estavam vindo de outras localidades pra aderir à manifestação. “Cabe destacar que varios autobuses que llegaban a Madrid desde distintos puntos del Estado

⁶⁶ <http://www.madridmemata.es/2012/09/todas-las-manis-y-quedadas-el-15-s-nosotros-en-bloque-citrico/>.

⁶⁷ Disponível em: < <https://analisismadrid.wordpress.com/2012/09/19/informe-sobre-el-25s-comision-de-analisis-sol-15m/>.> Acesso janeiro 2016.

⁶⁸ <<http://www.lahaine.org/index.php?p=64182>.> Acesso janeiro 2016.

han sido bloqueados a la entrada de la ciudad”. Às 15h, segundo o La Haine, próximo ao local das manifestações posteriores havia uma concentração com comidas populares: “La convocatoria se desarrolla ahora en el Paseo del Prado, donde tiene lugar una comida popular. Hasta aquí ha venido la gente desde Atocha y desde Plaza de España, los dos puntos donde recibieron a los manifestantes llegados de otras ciudades”. Também outras cidades estavam fazendo demonstrações como em Sevilha, com “unas 3000 personas, convocadas por el SAT, rodean el Parlamento andaluz. Los participantes avisan: ‘O nos dejan entrar o entramos a las bravas’”. No local das manifestações em Madrid, por volta das 19h30min, “los antidisturbios, con casco y escudo, han empezado a cargar contra la gente que se agolpaba junto a las vallas.” Das 21h até a 1h do outro dia toda a narrativa é referente a cargas policiais.

4.9 25S SEGUNDA PARTE

Foi declarado na página do *El País*: “La protesta del 25-S vuelve a la plaza de Neptuno. Tras la manifestación que se saldó con 35 detenidos y más de 60 heridos, los convocantes han vuelto a llamar a los ciudadanos a protestar”.⁶⁹

La Coordinadora 25-S ha convocado una nueva protesta a partir de las seis de la tarde en Neptuno (Plaza de Cánovas del Castillo) y la Puerta del Sol con el objetivo de volver a rodear el Congreso por tercera vez esta semana y pedir la dimisión del Gobierno y el inicio de un proceso constituyente. Esta tercera protesta se produce a pesar de que la juez de Instrucción número 8 de Madrid haya considerado que "existen motivos bastantes" para estimar que los detenidos durante la primera protesta del pasado 25 de septiembre cometieron un delito contra las Instituciones del Estado. El próximo lunes decidirá si se inhiere a favor de la Audiencia Nacional.⁷⁰

O canal de streaming do Actualidade RT trazia informações sobre o início do acontecimento, além de expor que a repressão policial acontecia, também, com os jornalistas.

Los manifestantes españoles se movilizan en Madrid en las cercanías del Congreso de los Diputados para ‘rodearlo’ y para pedir la dimisión del Gobierno. A falta de poco minutos para que arranque el 29S, la Policía intentó desalojar a los periodistas, esgrimiendo que se trata de una "medida de seguridad", informa nuestra corresponsal en Madrid, Ángela Gallardo. Streaming.⁷¹

⁶⁹ Disponível em <http://politica.elpais.com/politica/2012/09/24/actualidad/1348515446_560081.html> Acesso janeiro 2016.

⁷⁰ Disponível em <http://politica.elpais.com/politica/2012/09/24/actualidad/1348515446_560081.html> Acesso janeiro 2016.

⁷¹ Disponível em <<http://actualidad.rt.com/actualidad/view/54798-En-Vivo-Los-manifestantes-del-29S-vuelven-a-cercar-Congreso-en-Madrid>> Acesso janeiro 2016.

Imagens no streaming do *El Pais*, agora já na mobilização: imagens panorâmicas com uma visão ampla da multidão, toda a praça repleta de gente, cantando, apitando, fazendo batucada. Cantavam “televisão, manipulação”. Sons de cornetas; um murmúrio alto de pessoas conversando. Muitos cartazes escritos: “NO. O NO que marca as palavras de ordem do movimento: “NO, nos representan”, “NO hay pan para tanto chorizo”. Essas frases também percorriam as redes sociais. Havia um furgão com pessoas em cima, bem no centro da manifestação. Melhor estar na manifestação, viver a manifestação, sem distanciamento; e depois de vivenciá-la, pegar os dados na web. Porém, na impossibilidade de estar em uma demonstração, estar na web possibilita uma narrativa de outra natureza.

Parecia uma festa, só que perigosa, pois todos estavam de frente para uma massa policial, bem armada, e sabiam o que podia ocorrer pelo que se passou nos dias anteriores. Sabiam que pouco se pode fazer frente à repressão, já que o poder da polícia tenta ser absoluto e mais: acima da própria lei. Os jovens gritavam “dimision, dimision”. Alguém falava em um alto-falante ou megafone, puxando palavras de ordem. A polícia estava mais organizada que no dia 25, a grade que separava manifestantes e os representantes do governo estava mais fortificada que no acontecimento anterior.

Muitos assobios, cantos. Parecia de cima um show, todos de frente ao Congresso, onde estavam a polícia e a grade. Três jovens sobem nos ombros de outros, ficam de pé, o que gera alguns gritos de ovação; os jovens se abraçam para não perderem o equilíbrio, mas também como gesto fraterno. Os garotos abrem uma bandeira espanhola. Aliás, havia várias bandeiras da Espanha sendo empunhadas. Isso aponta para o caráter local da luta.

Em shows de rock isso – subir nos ombros dos companheiros – é bem comum. Nos shows, mais para ficar visível para os artistas, para se destacar na massa. Isso ocorreu na manifestação como forma de mostrar o que reunia todos, o companheirismo. Parceria que devia acontecer, pois todos estavam em uma situação de risco, com a polícia por perto. Novamente, quatro jovens sobem nos ombros de outros com uma bandeira vermelha, amarela e azul, a bandeira da Espanha, o que gerou mais gritos. Quando levantaram alto a bandeira, todos gritaram em coro.

Contra a dureza da política e da polícia, contra as tomadas de decisão sem a preocupação com o desejo da população, contra tudo isso, a seriedade das propostas, como acabar com o governo, mas também toda uma alegria envolvida, em uma festa contra a festa triste do poder, a multidão dura e inflexível apenas contra o poder. O companheirismo, o amor, entre os que estão no mesmo barco.

Eu estava com o tablet ligado no streaming do *El País*; com o notebook conectado no Twitter, que apresentava comentários sobre o que estava passando; no Facebook, apareciam alguns comentários e posts de links, como também fotos que eram postadas nos perfis. Algumas frases em cartazes nas imagens ao vivo: “represión, censura, tortura”. “No somos maquinas, no somos ganado, somos hombres.” Um cartaz com o símbolo da paz virado. Outros cartazes: “deuda odiosa referendum ya”, “banquero bueno é banquero muerto”, “dimision”, “al gobierno le gusta cuando CALLAS”, “piensa, organízate y lucha”, “menos Franco y mas pan blanco”. Outros com números dos desempregados na Espanha, comparando com outros países da Europa. “Democracia é diferente de dictadura de quatro anos.” Em certos momentos, gritos em massa, um som parecido com um mantra. Uma figura vestida de negro, alta, um circense, talvez representando a morte, dos governantes ou do povo pelas medidas.

No Twitter, no perfil do Ocupa el Congreso, às 20h, no horário local, apareceu um comentário de que havia caído a página da polícia espanhola, derrubada pelo Anonymous: “La página del cuerpo nacional de policía está caída, firman Anonymous”. (@ocupaelcongreso). Tentei acessar a página da polícia e ela não abria. Depois é confirmado no Facebook. No Twitter, no perfil do DRYinternational Now, falava-se, ironicamente, sobre os números da manifestação: “La BBC habla de 60.000 manifestantes. Delegación del gobierno 6.000. Realmente son exactamente 6. Los ceros no cuentan” (@dryinternational). Página com informações minuto a minuto de meio de mídia de massa, o Público, explicava que manifestações ocorriam em outras localidades europeias: Berlim, Varsóvia, Lisboa, Paris, Bruxelas, e tantas outras localidades da Espanha.⁷²

No fim da demonstração, recebi informações de vários canais de mídias da multidão de que haveria uma assembleia para fechar o dia de luta. “Atencion: ha empezado la asamblea en Neptuno. Las personas q estais delante frente al congreso acercaros al lateral d cibeles” (@democraciareal). A primeira coisa feita na assembleia foi a leitura de um manifesto. Transcrevo a seguir o manifesto encontrado posteriormente, na página da Coordinadora 25S:

Texto leído en la plaza de Neptuno a las 20h

El pasado 25S nos convocamos a rodear el Congreso de los diputados para rescatarlo del secuestro de la soberanía popular llevado a cabo por la Troika y los mercados financieros. [...] Por mucho que gobierno y medios de comunicación traten de convertir nuestras reivindicaciones en un problema de orden público, salir a la calle a reivindicar derechos es hacer política, manifestarse es hacer política, tomar la palabra es hacer política. [...] Hoy, 29 de septiembre, las calles se han

⁷² Disponível em <<http://www.publico.es/espana/443166/el-29s-en-directo-nueva-manifestacion-frente-al-congreso>>. Acesso janeiro 2016.

vuelto a llenar con miles de personas que dicen basta y que quieren tirar del freno a una realidad que se está volviendo cada vez más insoportable. Y además, hoy, salimos para acompañar y sentirnos acompañados por nuestros hermanos y **hermanas portugueses, griegos e italianos, rodeando su propio parlamento.** [...] Seguimos rodeando el Congreso porque queremos dar un salto en la movilización social y poner en el centro la recuperación de la soberanía y del poder ciudadano, es decir, de la democracia. En este año y medio hemos aprendido a integrar, a pensar y actuar colectivamente, entablando alianzas imprevisibles: mareas de todos los colores tomando la ciudad; vecinos y vecinas parando desahucios, funcionarios y funcionarias cortando calles... Ahora sabemos descifrar complejos conceptos económicos y legales, cuidarnos y cuidar a las demás, comunicarnos mejor, gestionar espacios de participación y discusión en las redes, las plazas, y los centros de trabajo; reírnos de la violenta estupidez del poder, ante la que, cada vez más, resistimos en lugar de correr. [...] El gobierno Rajoy, por lo tanto, no nos sirve y exigimos su dimisión. Hoy se han presentado los presupuestos generales del Estado para el año que viene. Esos presupuestos son el resultado de una reforma de la Constitución ejecutada a medias entre el PSOE y el PP sin que la ciudadanía pudiera decir nada al respecto. Esos presupuestos dedican mucho más dinero a pagar una deuda ilegítima que a las necesidades sociales que puede articular una salida colectiva de la crisis. Esos presupuestos son una vergüenza para la soberanía nacional, para la democracia. Y por eso tenemos que pararlos.⁷³

A assembleia, contemplei via *streaming* no site Bambuser (<http://bambuser.com/>). A mídia apresentava boas imagens, sem cortes, o que permitiu uma visão geral, com alguns detalhes, da assembleia. Relato o que foi dito sem nomear os sujeitos, pois isso não foi feito, apenas abria-se espaço para quem desejasse falar. Na sequência, cada sujeito será referenciado por números. Antes de começar as falas, já programaram uma outra assembleia para o dia seguinte. 1. Sugeriu trabalhar localmente. 2. Incitou medidas efetivas, luta real, não virtual, luta pacífica. 3. Importante pensar nas pessoas que não vivem em Madrid e não podem aderir às demonstrações. 4. Comentou a importância dos meios minoritários. 5. Expôs a necessidade de abrir o processo constituinte para unificar as lutas sociais de forma participativa e fazer a constituição com as próprias mãos. 6. Declamou uma poesia sobre o gênero humano e a beleza do comum da vida.

Percebi uma leveza nas palavras, nos sorrisos, nas vozes, todos unidos, muito diferente da seriedade da macropolítica. Senti um certo descompromisso que diz respeito à juventude, um amor pela vida, longe do cansaço imposto pelo poder. Todos passaram o dia todo em luta, na demonstração, de pé, cantando, agindo, com os nervos à flor da pele, pois a polícia estava lá, sempre pronta para acabar com a alegria; e todos estavam ali na assembleia, entre risos, aplausos, mostrando boa vontade, amando os seus. Longe de todo estresse, do desemprego, a pobreza muito próxima, o fim dos sonhos, mesmo assim todos cultivavam a alegria. Talvez o desejo seja a chave de tanta vitalidade.

⁷³ Disponível em <<https://coordinadora25s.wordpress.com/2012/09/29/texto-leido-en-la-plaza-de-neptuno-a-las-20h/>>. Acesso janeiro 2016.

No Twitter, apareceram umas últimas palavras sobre a assembleia e decisões do que fazer daqui pra frente: “Ha terminado la asamblea. Gracias a todas las personas q habeis venido a luchae x una democracia real. Nos vemos mañana n el retiro 11h.” (@democraciareal). “El #30s habrá otra asamblea en el retiro. Se debatirán decisiones sobre la continuidad [...]” (@Voces25S). Horas depois da demonstração, recebi no Facebook link para vídeo no Youtube sobre o 29S. Para finalizar esta parte, descrevo este vídeo:

Na página do youtube na qual está o vídeo: “Video con algunos de los disturbios que ocurrieron la noche del 29s en Neptuno y los alrededores del Congreso de los Diputados, asi como la actuación policial.”⁷⁴ Era de noite, depois da demonstração em massa. Uma certa quantidade de gente nas ruas, porém bem menos que no evento. Eles cantam em coro: “vocês, policiais, são os terroristas”. Muitos policiais na rua. A polícia agride um casal. Um jovem está no chão após ser agredido pela polícia. Pessoas o filmam, outros o ajudam. Alguns berram para a polícia: “hijos de puta”. Um grupo grande faz uma sentada, umas 100 pessoas nesta tática de ação, com as mãos pra cima; eles cantam: “violência não” e “o povo unido jamais será vencido”. Imagens dos policiais os mostram uns atrás dos outros para se defenderem, mesmo que empunhando armas de fogo, como se os manifestantes fossem perigosos.

Um senhor deita no chão e impede que os carros da polícia passem. O barulho de um estrondo, possivelmente um tiro de bala de borracha da polícia. Uma pessoa da vizinhança está na porta de seu edifício, um jovem, com um megafone; um policial bate nele de leve. Ele diz no megafone: “hijo de una gran puta”, umas três vezes. O bloco de policiais que havia passado pelo jovem no edifício corre em direção aos manifestantes. Barulhos de vidro quebrado, possivelmente garrafas. Na imagem, parece que os manifestantes talvez tenham jogado contra a polícia as garrafas. O jovem do megafone faz um discurso, não dá para entender o que diz. A polícia corre, atrás dela vão muitos jornalistas. Mais três tiros de bala de borracha. Gente se defende se escondendo em bares. Uma última imagem, um jovem pinta com spray em um muro: “políticos ladrones”.

4.10 O BOM HOMEM

No 25S, um fato inusitado aconteceu e depois se tornou tema de uma cobertura em massa, em periódicos, nas redes sociais e, principalmente, no youtube. Foi, aliás, o youtube

⁷⁴ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=aHzEHv6wnSc>> Acesso janeiro 2016.

que fez a primeira difusão do fato. Após a manifestação, grupos de pessoas permaneciam nas ruas ao redor do Congresso. A polícia começou a se voltar contra os manifestantes. Imagens no youtube e que, infelizmente, foram retiradas do site, mostravam um grupo grande de jovens entrando em um bar para não serem abordados pela polícia. Estes, os policiais, tentam entrar no bar, porém um senhor de 50 anos de idade, grisalho, bem acima do peso, desesperado, os impede. Ele, posteriormente, foi chamado de “O Bom Homem do 25S”.

Em outro vídeo postado no Youtube,⁷⁵ o “bom homem” fala na frente de câmeras, junto à porta na qual defendeu com seu corpo os manifestantes. Ele diz que os manifestantes são os heróis, não ele, porque não teve coragem para ir às ruas na demonstração. Pessoas apertam sua mão, tiram fotos com ele. Segundo as legendas do vídeo, pessoas caíram em lágrimas na homenagem; as imagens mostram uma jovem o abraçando e chorando. Pessoas aplaudem. Ele diz: aqui, o restaurante, é a casa de todos, não tem que ter *colhões* para entrar.

O “bom homem” vira herói tanto do lado dos indignados, quanto da mídia dominante, ou seja, os dois meios diferenciados como linhas do mesmo agenciamento. O “bom homem” era mais velho, barrigudo, um fraco, que defendeu outros mais fracos ainda contra a polícia. Um simples homem do povo, que não foi para as ruas nas manifestações. O mais importante do fato é a possibilidade de conectá-lo com dois conceitos, o de “desejo de multidão” e o de “entusiasmo para com a revolução” de Foucault. O primeiro conceito é visto em todo o trabalho, por isso, é no segundo que foco as próximas linhas.

O texto que Foucault (1984) trata desse entusiasmo é um texto curto sobre revolução. É centrado nas considerações de Kant sobre seu presente, melhor, sobre o acontecimento mais marcante de sua contemporaneidade, a Revolução Francesa. Esse texto já havia me chamado a atenção no início da pesquisa, quando fiz relações entre ele, o desejo de multidão e o 15M. Essas relações tomaram consistência em passagem por Barcelona em 2011⁷⁶. Algo me chamou a atenção e motivou essas relações, algo que me forçou a pensar. Esse algo ouvi em uma assembleia, em uma conversa no primeiro contato com pessoas do 15M e também em um encontro de um grupo com certo peso no 15M em Barcelona, o AgoraBCN. Notei nos discursos⁷⁷ uma divisão entre as pessoas que saem às ruas e as supostas pessoas que nada fazem contra a crise, um corte no interior da população espanhola. Ouvei coisas do tipo: “eles ficam em casa vendo televisão, tomando cerveja, enquanto nós estamos na rua apanhando da

⁷⁵ Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=W5yZokyNTPE&feature=fvwrel>> Acesso janeiro 2016.

⁷⁶ Na cidade, na época, fiquei um mês e busquei contato com pessoas do 15M; como eram as férias locais, não aconteceu nenhuma atividade enquanto estava lá, porém, nos meus últimos dias na cidade houve agitações na Praça Catalunya.

⁷⁷ Trago no parágrafo algumas passagens que dizem respeito a falas que ouvi em conversas informais. Não apresento as referências das falas, pois elas aconteceram em momentos, como disse, informais.

polícia”. “Caminham feito uma manada bovina nas ruas e nada fazem.” Ou falas menos duras, como: “o povo foi muito bem educado, mas o que precisamos é ser indisciplinados”.

O discurso é compreensível, é duro sair às ruas na busca de um mundo melhor, para todos, mundo em que não há centros de poder, transcendência, corte entre dominantes e dominados, enquanto a maioria simplesmente nada faz, ou melhor, faz o jogo do poder em seu silêncio, apoiando o governo. Isso é afirmado como visto, pois o partido de direita, o PP, ganhou as eleições autônomas na Espanha no mesmo momento de explosão do movimento. As palavras de Reich lembradas por Deleuze e Guattari (1972) são convenientes: como entender que as pessoas não lutem por uma vida melhor, por qual motivo desejam a dureza molar?

Conversava com uma pessoa do 15M sobre a função da mídia corporativa no auxílio às lutas, e que no *El Pais* foram expostos os números de adesão do povo espanhol ao movimento, mais de 80%. Ela me disse que pensava que isso era verdade, mas que esses 80% não estavam nas ruas e, por isso, pouco significavam. No entanto, será que os discursos de pais, mães, avós, vizinhos, parentes, amigos, de pessoas mais velhas, de todos que demonstram um tipo de insatisfação com o modelo de democracia atual e com o capitalismo, ou seja, que desejam, mesmo que de forma inconsciente, uma realidade menos dura, que talvez seja a real democracia, será que isso não foi um dos estopins das lutas do 15 de Maio?

Assim, indignados seriam todos os que vivem sob o domínio do capital, que têm sua produção apropriada, que são obrigados a aceitar o modelo político dominante como se fosse a única possibilidade. Se indignados são todos e não apenas uma parcela dos espanhóis, mas todos os que vivem no Império, a multidão, a multidão de indignados, a coisa muda de figura e se torna realmente potente.

Aqui, se percebe a potência revolucionária possibilitada até por aqueles que são passivos à primeira vista. A potência da manada se atualiza quando se torna multidão; penso essa potência em termos de desejo, desejo de mudança, de uma vida melhor. O desejo pensado como entusiasmo, em Kant, para a revolução, mesmo daqueles que não lutam diretamente.

Foucault faz uma resenha inicial de parte do pensamento de Kant:

Se se quer responder à questão “Existe um progresso constante no gênero humano?” é necessário determinar se existe uma causa possível desse progresso, mas, uma vez estabelecida essa possibilidade, é preciso mostrar que essa causa atua efetivamente e, para isto, realçar um certo acontecimento que mostre que a causa atua realmente. [...] Não é suficiente que se siga a trama teleológica que torna possível o progresso, é preciso isolar, no interior da história, um acontecimento que tenha valor de signo. Signo de que? Signo da existência de uma causa, de uma causa permanente, que ao

longo de toda a história guiaram os homens pela via do progresso. Causa constante da qual se deve então mostrar que agiu outras vezes, que atua no presente e que atuará posteriormente. (FOUCAULT, 1984, p 6-7).

Esse signo é a revolução, mas, para Kant, a revolução não pensada como grande acontecimento, com suas inversões de poderes, com as quedas de símbolos, mudanças desejadas e que por isso se faz a revolução. Para ele, tudo isso acontece a partir de uma violência tal que acaba sendo indesejada. Não se faria novamente a revolução, sabendo de seus efeitos.

[...] o que faz sentido e o que vai constituir o signo do progresso é que, em torno da revolução, diz Kant, há “uma simpatia de aspiração que beira o entusiasmo”. O que é importante na revolução, não é a revolução em si, mas o que se passa na cabeça dos que não a fazem ou, em todo caso, que não são os atores principais; é a relação que eles mantêm com essa revolução da qual eles não são agentes ativos. O entusiasmo para com a revolução é signo, segundo Kant, de uma disposição moral da humanidade [...] (FOUCAULT, 1984, p. 9).

Ou seja, o entusiasmo para com a revolução expressa o desejo de insubmissão, a insubmissão voluntária. Claro que Kant trata de um acontecimento específico, a Revolução Francesa. Assim, o conceito de revolução é tradicional. Aqui, trato a revolução como revolução molecular, seguindo o pensamento de Guattari, e a revolução pensada como devir: devir revolucionário. Ambos são sempre atuais, agem constantemente no interior da sociedade, com violência ou não. Quanta violência sofreram os movimentos identitários, como os das feministas, dos negros, dos gays para serem incluídos? Quanta violência sofreram os agentes do devir revolucionário da virada do século como os zapatistas e os movimentos por outra globalização? Violência marcada por seu sufocamento no Estado de exceção imposto por Bush Filho. Se forem pensadas as lutas contemporâneas como segundo momento das revoltas alterglobalização, então se vê que, mesmo com toda a dor, a revolução continua, se refaz.

O mais importante do texto de Foucault sobre Kant é a possibilidade de ampliar os sujeitos de luta. E pergunto: como perceber o entusiasmo para com a revolução do povo espanhol? Isso fica visível nos relatos das acampadas, na Plaza Sol e Plaza Catalunya, quando pessoas que não estavam acampando traziam suprimentos; quando as pessoas que trabalhavam no comércio do entorno colaboravam. Também fica visível na simpatia do povo espanhol para com os jovens, visto em pesquisas de opinião; como diz Castells em artigo repetindo ideias apresentada em sua fala na Praça Catalunya:

Así, según la encuesta de Metroscopia publicada por *El País*, el 66% de los ciudadanos tienen simpatía por el 15-M, el 81% piensa que los *indignados* tienen

razón y el 84% que tratan de los problemas que afectan directamente a los ciudadanos. El 51% piensa que los partidos representan sus propios intereses. El 70% no se siente representado por ningún partido y el 90% piensa que tienen que cambiar. Los votantes socialistas simpatizan con el movimiento en un 78%, pero también lo hace el 46% de los votantes del PP. (CASTELLS, 2011).

Ou seja, o entusiasmo, em um primeiro momento, se refere à simpatia com os indignados. Um outro sinal é a ampliação da ideia de indignados. Quem são os indignados? São aqueles que sofrem a crise, ou seja, todos. E estes, o que desejam? Talvez a revolução. Um destes foi o “bom homem”, que agiu revolucionariamente. Pôs seu corpo e estabelecimento em risco. Pelo seu olhar e gestos desesperados, sabia que poderia ser agredido pela polícia ou preso; sabia que os seus, os jovens, poderiam ser presos, contra o que ele lutava. Aqui, se observa o devir revolucionário do bom homem, ou este devir atingindo-o, tirando-o da posição de homem do povo e colocando-o junto daqueles que lutam, ou seja, estava predisposto para o bem da revolução.

4.11 23 E 27 DE OUTUBRO – PRIMEIRA PARTE

A Coordenadora 25S teve um papel significativo em mais mobilizações, que estavam programadas para acontecer entre 23 e 27 de outubro de 2012. A intenção era rodear novamente o Congresso em Madrid. Um chamado do grupo explicou que a ação se referia a medidas do governo que iam de encontro à população.

El #23O rodeamos el Congreso porque queremos parar los presupuestos de la deuda, aprovechando que ese día tendrá lugar un simulacro de “debate democrático” en la Cámara donde las decisiones ya han sido tomadas por otros poderes no elegidos democráticamente. Porque los presupuestos del 2013 solo son los presupuestos impuestos por la Troika. El próximo año, 1 de cada 4 euros va a ir destinado a pagar una deuda ilegítima, que nosotras no hemos contraído. Mientras ésta se incrementa por las ayudas a los bancos, nos recortan los presupuestos de Sanidad (22%), Educación (14%), Medio ambiente (14%), Políticas sociales (14%), Cultura (19%), Igualdad (24%), etc.⁷⁸

No mesmo texto, havia a exposição das táticas sugeridas para a ação: de início, assembleias formadas para que a população fizesse suas propostas frente às imposições da Troika⁷⁹, mostrando, assim, o radicalismo democrático diferente da falsa democracia. Além disso, propôs que as exigências da população fossem expressas na forma de cartazes.

⁷⁸ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/2012/10/17/el-23-o-rodeamos-el-congreso-con-propuestas/>> Acesso janeiro 2016.

⁷⁹ Aliança entre o Banco Central Europeu, a Comissão Europeia e o FMI.

Nos encontraremos a las 17.30 en la Cuesta de Moyano, para, a las 18.00, caminar hasta la Plaza de Neptuno. Allí se celebrarán dos asambleas, en distintos lugares de la plaza. Así, entre las 18:30 y las 20.30 tendremos dos asambleas-debate: una sobre Presupuestos Generales, deuda y recortes, y otra sobre Proceso Constituyente, a las que invitamos a participar a asambleas, colectivos y todas aquellas personas que queráis contribuir con vuestras propuestas. Las propuestas que aquí se consensúen se colocarán en las vallas con las que dicen protegerse, demostrando así que el Congreso no se blinda por temor a reacciones violentas, sino para impedir que el pueblo participe en los asuntos políticos del Estado, para silenciar su voz y perpetuar así el mandato antidemocrático de los mercados.⁸⁰

O texto explicava também que a ação não era da Coordinadora, mas, sim, que uma multiplicidade de sujeitos e grupos estava envolvida. “Todas estas acciones no son de la Coordinadora25S, son de todas las personas, colectivos, asambleas de barrios, mareas y organizaciones que participan en ellas. Esta convocatoria sólo tiene sentido si la construimos entre todas [...]”.⁸¹

Segundo relato minuto a minuto do Público ES⁸², perto das 18h já aconteciam concentrações de pessoas que esperavam o começo das duas assembleias programadas na Plaza Neptuno. Também informava que o governo havia preparado a repressão da manifestação com mais de 1.000 agentes da polícia. Às 18h28min, declarava que já havia centenas de pessoas nas duas assembleias. Nessa parte do relato também fora citado o “Ejército Clown Army”, o qual comentarei mais adiante. Uma hora depois do início da concentração, já estavam presentes 1.500 pessoas, um número próximo da quantidade de policiais no evento. Logo depois, a narrativa apontou que começavam a ser colocados cartazes “en las vallas que la Policía ha colocado alrededor del Congreso para impedir que sea rodeado [...] Los convocantes están recogiendo propuestas en folios con los que empapelarán la valla del Congreso sus alrededores”. O relato também expôs os dizeres de alguns dos cartazes colocados:

"Cada vez más ricos, cada vez más pobres, ¿a dónde nos llevan? Hay que cambiar el rumbo". Sobresale una de gran tamaño en la que se puede leer: "Dimisión PP-PSOE". También hay varios carteles contra la monarquía y a favor de la III República. "El Gobierno pide paciencia, nosotros gritamos desobediencia".

⁸⁰ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/2012/10/17/el-23-o-rodeamos-el-congreso-con-propuestas/>>. Acesso janeiro 2016.

⁸¹ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/2012/10/17/el-23-o-rodeamos-el-congreso-con-propuestas/>>. Acesso janeiro 2016.

⁸² Disponível em <<http://www.publico.es/espana/444330/en-directo-el-25-s-comienza-la-movilizacion-para-rodear-el-congreso>>. Acesso janeiro 2016.

Segundo o Público, alguns deputados saíam do parlamento para se reunir com os manifestantes. Próximo das 22h, o número de pessoas subiu para 2000. A polícia avisou que haveria sanções para quem permanecesse na demonstração, já que a Coordenadora não comunicara a delegação do governo sobre os protestos. Por volta das 21h, as duas assembleias haviam terminado. O Público apresentou uma nota extraída da página da Coordenadora que dizia que o Congresso começaria a ser rodeado:

La Coordinadora 25-S informa a través de su página web: ‘Comenzaremos a realizar el Rodeo al Congreso de forma literal. No nos iremos hasta que se marchen los diputados, que saldrán después de un duro día de simular que debaten unos presupuestos encargados por la Troika’.

Depois disso, foram postadas três notas, uma delas dizendo que havia uma grande aglomeração de pessoas no entorno, que, no entanto, marchavam para locais variados. Após, citou a presença do coletivo Yayoflautas – que será comentado mais adiante – e finalizou a cobertura com uma nota abrupta: “22:05 horas: La Coordinadora 25-S ha informado a través de su twitter de que desconvoca la concentración de hoy y anima a los asistentes a estar presentes en las próximas, que tendrán lugar el 25-O y el 27-O”.

O grupo mais citado, até agora, foi a Coordenadora, que exerceu um papel central nas manifestações do mês anterior no 25S, mas a Coordenadora afirmava que havia toda uma multiplicidade de coletivos envolvidos em sua composição. Outros grupos e sujeitos, contudo, colaboraram com o acontecimento, como certos membros da classe política, e os já citados Yayoflautas e Ejercito Clow. Os Yayoflautas se referem a um grupo de pessoas de mais idade que apoiaram e participaram das ações dos indignados espanhóis. Estes se consideravam:

[...] la generación que luchó y consiguió una vida mejor para sus hijos e hijas. Ahora están poniendo el futuro de nuestras hijas y nietas en peligro. Estamos orgullosas de la respuesta social y del empuje que están mostrando las nuevas generaciones en la lucha por una democracia digna de este nombre y por la justicia social, contra los banqueros y los políticos cómplices. Estamos a su lado, de sentimiento, a las asambleas de barrio y también a la acción. Si quieren descalificar su valentía llamándolos “perroflautas”, a nosotras nos pueden llamar “iaioflautas”.⁸³

O Ejercito Clown tinha uma página na web. Nela, não havia muitas postagens. As mais antigas eram de 11 de outubro de 2012, ou seja, de uns dias antes das manifestações. Uma das postagens apresentava o grupo:

nosotros y nosotras somos asambleario horizontales nuestro grupo esta abierto a todo el mundo con respeto y compromiso no permitimos sexta, ni senofovia, ni

⁸³ Disponível em <http://wiki.15m.cc/wiki/Yayoflautas#cite_note-1> Acesso janeiro 2016.

sexista. tampoco nos gustan que nos etiquete con partidos politicos del cualquin color porque no somos de niguno. que si quereis saber mas del ejercitoclownarmymadrid dentro de poco habrira una pequena escuela de ejercitoclownarmy madrid gratuitamente podeis poner contazto.⁸⁴

Com relação às ações de outubro, encontrei um documento em PDF que expõe os objetivos do Exército nessas demonstrações:

Objetivos de la misión: # Animar la concentración. El mayor acto revolucionario es conservar la alegría. [...] mantener el ambiente de tranquilidad, paz y armonía creativa. # Coordinar: Las sentadas colectivas, la creación de las Asambleas, las Dinámicas de Grupo, la pegada de carteles en la valla... [...] # Ayudar a realizar el evento colectivo final: cierre sincronizado sobre las 21h.
 [...] 18:30 h / ASAMBLEAS, Facilitar la creación del espacio de las dos asambleas principales y las réplicas que vayan surgiendo y su normal desarrollo en el tiempo.
 20:36 h / Cooperación en la Creación del Muro Mural de expresión libre. Empapelar la valla del Congreso con estas propuestas, pancartas, octavillas y creaciones... [...] 21 h / Rodea el congreso con las propuestas, Construcción del Muro Mural de Propuestas. Cierre sincronizado... [...] NOTA: No vayas vestido de payaso, es mejor una simple nariz o algo que se pueda quitar con facilidad y así cuando acabe la acción poder irse tranquilamente a casa. Twiter ---> #EjeClown.⁸⁵

Essa programação era para o 23O. São vistas no texto propostas de colaboração na manifestação: nas assembleias, as quais o Ejército ajudaria a dinamizar, e na empapelção do Congresso. Isso foi realizado e publicado na narrativa minuto a minuto antes exposta do Público. É interessante também que a nota final da citação anterior comenta uma inclusão possível no grupo; para participar, bastava estar nas ações e usar um nariz de palhaço.

4.12 23 E 27 DE OUTUBRO – SEGUNDA PARTE

Uma das primeiras postagens da narrativa do Público sobre o dia 27 de outubro⁸⁶ mostrava o que estava programado para acontecer durante a manifestação:

Los convocantes anuncian por megáfono que cuando lleguen al Congreso habrá una sentada. A las 21.45 horas habrá un minuto de silencio de espaldas a la Cámara, a las 22.00 se dará por finalizada convocatoria y se celebrará una asamblea para los que decidan permanecer allí.

⁸⁴ Disponível em <<http://ejercitoclownarmymadrid.blogspot.com.br/search?updated-max=2012-10-13T10:07:00-07:00&max-results=7&start=7&by-date=false>> Acesso janeiro 2016.

⁸⁵ Disponível em <<http://coordinadora25s.wordpress.com/2012/10/22/ejercito-clown-de-liberacion-durante-el-23o-y-27o/>> Acesso janeiro 2016.

⁸⁶ Disponível em <<http://www.publico.es/444547/asi-te-hemos-contado-el-27-o-en-directo>> Acesso janeiro 2016.

Por volta das 18h30min, segundo o Público, a manifestação ganhava corpo e havia forte dispositivo policial em volta. As palavras de ordem, dos manifestantes, traziam o clássico “o povo unido jamais será vencido”, além de gritos em favor de greves gerais. O meio citou também outros dizeres:

Los indignados gritan "que no queremos, que no nos da la gana ser una colonia de la banca alemana" y "vuestra deuda no la pagamos". "no es una crisis es una estafa" [...] Los manifestantes, a su paso por Gran Vía, gritan "no nos mires, únete" y "a ti que estás mirando también te están robando" a todos aquéllos que están haciendo compras en las grandes tiendas de la zona." [...] "Menos Policía más educación" gritan miles de manifestantes custodiados por un gran despliegue de agentes y, al menos, 15 furgones policiales.

O Público comentou que manifestações em outras cidades estavam ocorrendo em apoio à rodeada do Congresso em Madrid e que havia sido realizada uma grande demonstração em Barcelona:

Más 60.000 personas según los convocantes, y unas 5.500 según la Guardia Urbana, se han manifestado esta tarde en Barcelona contra los recortes en la Educación. La marcha ha empezado a las 18.00 horas en la plaza Urquinaona bajo el lema 'Por la educación pública. Ningún recorte',

Às 20h05min, os manifestantes chegaram na Praça Neptuno, “donde se encuentran las vallas y el dispositivo policial que protege el Congreso”. Como proposto, junto às grades que separavam manifestantes e políticos, com a polícia entre eles, foi realizada a sentada e feito o minuto do grito de silêncio:

21.00- Cada vez más gente se suma a la sentada. Tras el "grito mudo", en silencio y con los brazos levantados, los manifestantes vuelven a corear lemas como "dimisión" y "que se vayan". Otros, a causa del frío, emprenden el camino a casa.

Após, foi lembrado por um membro da Coordenadora, segundo o Público, que a demonstração terminaria às 22h. Realizou-se uma assembleia com aproximadamente 300 pessoas, e na hora programada, terminou a demonstração.

4.13 14N GREVE GERAL EUROPEA

Como está sendo visto, os últimos meses de 2012 foram intensos na Espanha, mas também na Europa no que diz respeito às lutas de multidão. A última grande manifestação no país em 2012, mas que se conjugou com outros países, foi a greve geral de 14 de novembro. Ela foi chamada de Greve Geral Europeia e Greve Geral Ibérica. Conforme citação do

Wikipédia, foi a primeira greve geral convocada não centrada em um Estado-nação na União Europeia:

La huelga general europea o huelga general ibérica de 2012 (más conocida por las siglas 14-N) fue una huelga general convocada para el miércoles 14 de noviembre de 2012 inicialmente por varias organizaciones sindicales españolas a la que se sumaron diversos sindicatos y colectivos europeos. Por primera vez en la historia de la Unión Europea se convocó simultáneamente una jornada de paros en diferentes estados con una reivindicación común. Chipre, Malta, Portugal, Italia y España vivieron una jornada de huelga general que fue apoyada con movilizaciones en Francia, Grecia y sectoriales en la Bélgica francófona.⁸⁷

O verbete do 15Mpedia⁸⁸ diz que a greve foi convocada por sindicatos, tendo como motivos os cortes orçamentários, a austeridade e o desemprego. Também no verbete se declara a participação do 15M como um dos nós da greve.

El 21 de octubre el Grupo de Trabajo de Huelga General de Acampada Sol publicó en tomalaplaza un calendario de reuniones preparatorias de la huelga general^[10], en el cual se hacía ya mención al Bloque Unitario y a Toma La Huelga. El 31 de octubre la Coordinadora 25S publicó un comunicado informando que apoyaba y participaba en esta convocatoria de Huelga General.

Na greve, portanto, havia nós do 15M envolvidos na preparação: o Bloque Unitario, o Toma La Huelga e, novamente, a Coordinadora 25S. “[...] Toma La Huelga [...] se conoce a una asamblea de tipo quincemayista surgida con ocasión de la convocatoria de Huelga general del 29 de marzo de 2012 y retomada durante la Huelga General del 14 de noviembre de 2012.”⁸⁹ Já o Bloque Unitário reunia inúmeras assembleias e grupos de trabalho do 15M.

El Bloque Unitario está compuesto por algunas asambleas y grupos de trabajo del 15M: Política a Largo Plazo, Huelga General-Sol, Asamblea Antirepresiva, Economía-Sol, Tomalazarzuela, Asamblea de Reflexión y Acción Permanente, Punto Sol, Asamblea de desempleados Sol y Asamblea de Carabanchel; por organizaciones sindicales como Solidaridad Obrera, CNT (Comarcal Sur, Aranjuez y Gráficas y Transportes de Madrid), CGT (Madrid, Castilla la Mancha y Extremadura) y SAS (Sindicato Asambleario de Sanidad); y por otras organizaciones políticas y sociales como Asamblea de Vallekas por la Huelga General, Red Roja, Ateneo Republicano de Villaverde y Coordinadora Estudiantil Alternativa.⁹⁰

Na página do Bloque, na sessão “Quem somos”, havia a explicação do posicionamento do grupo.⁹¹ Anticapitalista, o grupo dava importância às greves gerais como forma de

⁸⁷ Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Huelga_general_europea_de_2012> Acesso janeiro 2016.

⁸⁸ Disponível em <http://wiki.15m.cc/wiki/Huelga_14-N> Acesso janeiro 2016.

⁸⁹ Disponível em <http://wiki.15m.cc/wiki/Toma_la_huelga> Acesso janeiro 2016.

⁹⁰ Disponível em <http://wiki.15m.cc/wiki/Bloque_Unitario> Acesso janeiro 2016.

⁹¹ Disponível em <<http://www.bloqueunitario.org/index.php/quienes-somos>> Acesso janeiro 2016.

resistência ao sistema. O coletivo afirmava o caráter global da crise, e, em sua página, constava a célebre frase dos movimentos por outra globalização: outro mundo é possível.

A página do Bloque exibia também um documento explicando que a greve era uma ferramenta de toda a população, “trabajadores, desempleados, jóvenes, estudiantes, pensionistas, desahuciados, excluidos, con papeles o sin papeles... toda la sociedad.”⁹² O documento tratava, ainda, das características da greve:

La HG del 14 de Noviembre y su continuidad es, en primer lugar, una Huelga Laboral, pero es también una Huelga de Consumo frente al capitalismo y una Huelga Social para exigir derechos y libertades, para cambiar este sistema capitalista por otro más justo.⁹³

Na narrativa minuto a minuto do site La Haine⁹⁴, foi apresentada a história da greve geral em diversas localidades, mais relacionada aos confrontos, ao devir-ilegal. A narrativa começou às 02h00min, já expondo conflitos entre manifestantes e polícia. Às 3h, em Madrid, duas pessoas foram detidas por estarem relacionadas à manifestação. Em Barcelona, também nas primeiras horas, aconteceu confronto entre manifestantes e pessoas que estavam trabalhando, mesmo com o chamado para a greve. Às 03h50min, chegava a nove o número de pessoas detidas em Madrid. Às 4h, informava que a polícia escoltava caminhões que tentavam distribuir jornais de veículo de massa. Em Barcelona, estudantes haviam ocupado um centro da Universidade de Barcelona, tendo como impulso a greve.

O La Haine comentou também confronto de manifestantes e trabalhadores que não estavam aderindo à greve, ou seja, estavam trabalhando. A polícia fazia escoltas tentando ajudar para que trabalhadores não fossem obrigados a participar da greve. Às 5h30min, já chegava a 15 o número de detidos. Às 6h, no aeroporto de Barcelona, aconteceram confrontos com a polícia. Em Barcelona, às 7h30min, o fluxo foi impedido em várias vias.

A narrativa continuou, em um salto, relatando o que estava acontecendo às 18h50min, em Barcelona, em uma manifestação de rua com aproximadamente 25 mil pessoas. “Hay unas 25.000 personas entre grupos diversos como las Asambleas de Barrio, sindicatos como CNT, IAC, CGT y todo el bloque de la Izquierda Independentista”. Na manifestação, havia forte repressão policial, e dois carros da polícia foram incendiados.

⁹² Disponível em <<http://www.bloqueunitario.org/index.php/convocatorias/51-huelga-general-manifestacion-unitaria>> Acesso janeiro 2016.

⁹³ Disponível em <<http://www.bloqueunitario.org/index.php/convocatorias/51-huelga-general-manifestacion-unitaria>> Acesso janeiro 2016.

⁹⁴ Disponível em <<http://www.lahaine.org/index.php?p=65209>> Acesso janeiro 2016.

Na narrativa minuto a minuto do El Di ario ES⁹⁵, foram registradas mais informações.  s 01h25min, “Paran las basuras en Madrid y las fabricas de coches”. Cem por cento do serviço de recolhimento de lixo e de fábricas automotivas aderiram   greve, como também inúmeras outras fábricas de porte:

Llegan los primeros datos de los sindicatos sobre el seguimiento de la huelga en la industria. En el metal, el parón es casi completo, según CCOO: total en el sector aeroespacial (en empresas como Aribus o Alestis) [...] el del aluminio, bienes de equipo, defensa y siderurgia (en compañías como Acerinor o Arcelox), entre otros. También medio centerar de empresas de las industrias química y textil se han sumado "masivamente" a la huelga en los turnos de noche. CCOO asegura que el seguimiento es del 100% en empresas como Repsol, Novartis, Crisnova o Firestone.

El Diario relatou que, segundo dados do governo, os maiores mercados de Madrid e Barcelona apresentavam atividade próxima dos dias normais. Um pouco antes, uma nota dizia que os sindicatos garantiam que os mesmos mercados haviam aderido   greve. O meio informou também a participação de motoristas de  nibus da empresa de transporte municipal de Madrid e de trabalhadores do setor de transportes de cargas, dos correios e de transporte aéreo. Outra passagem da narrativa se referia ao consumo de energia no 14N e   tentativa do governo de negar o poder da manifestação:

Los datos eléctricos: la diferencia entre el Gobierno y la realidad [...] La directora general de Interior, Cristina Díaz, asegura también que la incidencia es menor que la huelga general del pasado marzo porque el consumo de electricidad "equivale al 86,6% de lo previsto" y que el descenso del consumo "está siendo del 11,4%, frente a la ca da del 15,4% de la anterior huelga general". Sin embargo, los datos eléctricos de los que habla la directora general son algo distintos de la realidad. El consumo eléctrico, a las 8:00 de hoy era de 25.172 megavatios, un 15,48% menos que el miércoles pasado (29.785 megavatios), un 16,54% menos que el consumo de ayer martes a esta hora (30.162 megavatios) y un 18% menos de la previsión de Red Eléctrica para esta hora (30.944 megavatios). Normalmente, la previsión de Red Eléctrica espa ola suele acertar.

⁹⁵ Disponível em <http://www.eldiario.es/economia/directo-huelga-general_13_68723129.html> Acesso janeiro 2016.

CAPÍTULO 5 – ESTADO DA ARTE SOBRE O MOVIMENTO OKUPA

Neste capítulo, reúno parte da bibliografia que pesquisei sobre o movimento okupa, principalmente o situado na Espanha. Dou mais atenção ao trabalho de Miguel Martinez, autor espanhol que trata sobre o tema em artigos e livros. Também dedico uma seção do capítulo para um manual de okupação, que, para mim, é um exemplo de teoria sobre *okupar* produzida pelos próprios coletivos do movimento. Isso se assemelha ao que será visto no capítulo referente às teorias a respeito de Can Vies. Porém, o manual é espanhol, não está restrito a uma cidade, portanto, é uma teoria mais global.

Quanto aos textos apresentados ao longo deste capítulo, penso-os e relaciono-os com o que vi e vivi na minha temporada em Barcelona. Busco sempre, também, fazer relações com o 15M, perceber as diferenças e proximidades entre este e o movimento de *okupação*. Como já expus, a pesquisa teórica sobre okupas é uma das linhas do meu método de pesquisa. As outras três linhas, também já expostas, que recebem um capítulo para cada, são: 1. pesquisa das mídias de multidão; 2. pesquisa das mídias de massa; 3. pesquisa etnográfica. Na pesquisa sobre o 15M, não me foi permitido o trabalho etnográfico. Não pude estar na Espanha na época dos acontecimentos. O trabalho etnográfico foi central na pesquisa sobre as okupas, pois o contato direto me afetou e muito.

5.1 RELAÇÕES ENTRE O 15M E O MOVIMENTO OKUPA

As acampadas em massa do 15M foram uma situação anômala: “Más que utópica, poderíamos adjectivarla como una muestra tangible de autogestión urbana, como una anomalía en la cotidianidad del espacio público” (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 8). “La acampada se convirtió, así, en una “institución anómala” [...] semejante a muchos centros sociales autogestionados, okupados y no okupados en los que se convive, se experimenta y se difunden luchas sociales” (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 10-11).

Esses autores, dentre eles Miguel Angel Martinez (teórico espanhol com muitos trabalhos sobre o movimento okupa), reúnem as acampadas e os centros sociais *okupados* sob a designação de “anômalos”. A anomalia é a monstruosidade, os devires. As acampadas e as okupas são devires, processos, são exemplos de monstros, do devir-monstro da cidade. A diferença das okupas é o fato de que elas fazem parte de um movimento que dura mais de 30

anos. E o mais importante: é um movimento que não se molarizou. O movimento de *okupações* continua sendo um dos mais marginais, se não o mais marginal, que existe nos tecidos sociais.

O 15M sempre teve muita visibilidade, contou com mais apoio das mídias. Em pouco tempo, o 15M já fazia parte de pesquisas acadêmicas. Eu mesmo decidi o ter como tema depois de teóricos de renome – mas da linha da filosofia da diferença – divulgarem informações sobre o movimento pelas redes sociais. O 15M agitou o Ocidente. Já sobre o movimento de *okupação*, segundo Miguel Angel: “La investigación sociológica y politológica acerca del movimiento [...] no ha sido muy abundante hasta el momento [...]” (p. 3).⁹⁶ “Los trabajos de investigación disponibles sobre el movimiento de okupaciones en España y Europa adolecen, en general, de un marco teórico como el apuntado” (p. 5).⁹⁷ Outro teórico confirma essa falta de produção sobre o movimento e explica um de seus motivos: “Si hasta ahora hay tan poco escrito, en comparación con otros temas de semejante importancia, en parte es porque los sujetos y las experiencias de las okupaciones no han querido escribir o dejarse retratar en análisis clasificatorios” (RODRÍGUEZ-VILLASANTE, 2004, p.11).

A cidade, portanto, apresenta essa potencialidade de ressignificação dos espaços molares, como o que aconteceu em massa nas principais praças de cidades do Ocidente, como o que ocorre com as *okupações*, e também com as manifestações. Quando falo em cidade, falo em uma cidade do Império, lugar do controle, e essa cidade não se limita ao território espanhol.

As acampadas, as manifestações, as *okupações* não são restritas a regiões. No marco teórico fala-se de *okupações* na Europa. As acampadas ocorreram também no Brasil e nos Estados Unidos, além de outros países. As manifestações atravessam continentes. Isso tudo se refere a uma riqueza em si mesma, um campo de possíveis próprio das cidades de todo o mundo. Praças que deixam de ser praças e se tornam ágoras; prédios do governo ou de empresas como bancos desativados transformam-se em centros sociais; ruas que se tornam campos de batalha. O que é a riqueza da cidade? Para o pensamento dominante, é a sua marca, o valor de sua marca. Para o pensamento da diferença, sua riqueza é a potência da pobreza, a potência dos pobres, da multidão atualizada nesses usos da cidade. As acampadas se estenderam como um vírus por todo o Ocidente. Elas não se incorporaram como as manifestações e okupas ao tecido urbano; foram um momento de luta.

⁹⁶ Disponível em <http://www.miguelangelmartinez.net/IMG/pdf/Memoria_Modelo_MICINN.pdf> Acesso janeiro 2016.

⁹⁷ Disponível em <http://www.miguelangelmartinez.net/IMG/pdf/Memoria_Modelo_MICINN.pdf> Acesso janeiro 2016.

O Manual de Okupação, texto farto de apoio a quem deseja *okupar* e, principalmente, criar centros sociais *okupados*, o qual ganhará destaque na última parte deste capítulo, como comentado, diz que as experimentações do 15M levaram muitos sujeitos e coletivos a *okupar*:

El Movimiento 15M y todo lo que vino después, articulado en las asambleas de barrios y pueblos, junto a la creación de decenas de grupos de trabajo de vivienda ha hecho posible, en parte, que personas de todos los perfiles consideren la okupación como una opción real. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 9).

Miguel Angel e Garcia tratam dessas relações entre os dois movimentos, como um interpenetra no outro: “El 5 de diciembre de 2011 fueron desalojados dos edificios okupados en Madrid [...]” (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 2). No mesmo dia, milhares de manifestantes se reuniram na Plaza del Sol – epicentro do movimento 15M em Madrid – contra os *desalojos*, e fizeram mais: *okuparam* três edifícios. Os autores comentam a reação da imprensa frente ao caso:

No serían una de las principales noticias de todos los medios de comunicación de masas si esas acciones no estuvieran vinculadas al movimiento 15M (15 de Mayo). Durante los últimos siete meses este movimiento social ha irrumpido en la política contenciosa española con un repertorio de protesta original y con una evolución sinuosa e impredecible. Inicialmente accedió al debate público gracias a las acampadas en las plazas centrales de decenas de ciudades. (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 2).

Nessa passagem é exposto o que havia sido dito anteriormente: o movimento 15M foi expressivo, esteve na agenda dos meios de comunicação e do debate público, desde sua gênese. Também se subentende que as *okupações* se situam em um espaço mais marginal, sendo menos visíveis. Além disso, o mesmo texto explicita as convergências entre os dois movimentos: 1. Os *okupas* participaram da fundação do 15M, e muitos centros sociais apoiaram os indignados infraestruturalmente; 2. Grupos ligados ao 15M foram integrados em centros sociais e começaram novas *okupações*. Isso no texto é chamado de “cadenas de acumulación de intercambios activistas” (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 3). Os autores tratam de outras proximidades e diferenças entre o 15M e o movimento *okupa*, entre *okupar* um edifício e ocupar uma praça. A idade dos ativistas e a formação são praticamente as mesmas. Um centro social *okupado* é algo próximo a uma acampada, sendo exemplificado com o caso da acampada de Madrid. Nesta, houve uma mescla entre *okupas* e novos ativistas do movimento dos indignados. Os autores centram a diferença entre os dois movimentos em seus discursos: os *okupas* apresentam uma agenda política radical; já os

indignados salientam a questão da crise – porém, mais adiante, neste capítulo, mostro como a crise influenciou o movimento de *okupação* na Espanha.

Por un lado, los rangos de edad y la mayoritaria formación universitaria coinciden en ambos tipos de activistas. En cuanto a los discursos políticos respectivos la mayor distancia se aprecia en que los activistas okupas ponen un mayor énfasis en aspectos de una agenda política radical (asamblearismo, represión, apartidismo, etc. en la que sobresale la oposición a la especulación inmobiliaria, a la carencia de vivienda y locales asequibles, y al control estatal de los espacios de socialización) mientras que los activistas del 15M inciden sobre todo en el trabajo específico que hace su colectivo en el marco del discurso general anti-crisis que ha predominado en el 15M. No obstante, los CSOA son espacios homólogos y afines a los de la acampada de Sol donde interactuaban, además, okupas y nuevos activistas del 15M. (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 12).

A conexão estreita entre os dois movimentos permite pensar, ensaiar algumas relações mais empíricas entre uma acampada e um centro social *okupado*. No texto de Miguel Angel e Garcia, há uma passagem que é um relato de uma pessoa que estava na Plaza del Sol, o qual mostra que ela estava enamorada com o que estava acontecendo, sentimento que eu já havia percebido em outras descrições sobre as tomadas de praças. O afeto com as okupas em Barcelona foi algo sempre presente em mim e contemplei o mesmo nas relações entre os sujeitos nesses espaços. Ou seja, uma primeira conexão entre uma okupa e uma acampada, a partir do relato, diz respeito à política feita a partir de afetos. Isso pode ser o que manteve as acampadas e o que sustenta uma okupa. O relato também apresenta o funcionamento da acampada que pode ser relacionado ao funcionamento das okupas.

Una amiga me dice: ‘ya no se trata de tomar la calle, sino de crear la plaza’. Otra amiga: ‘todo el mundo parece enamorado, mira qué sonrisas.’ Desde el primer día, me impresiona muchísimo la seriedad que atraviesa la acampada, el grado altísimo de madurez y de organización. Hay café y comida abundante (muchos la traen vecinos de Madrid). Se cuida la limpieza y todo el rato se recuerda que ‘esto no es un botellón’. El jueves había un par de espacios de guardería con cartones en el suelo y muchos niños jugando y pintando. En los grupos y las comisiones que se reúnen por todos lados hay niveles insólitos de escucha, como si estuviese claro para todos que no es tan importante lo que cada cual trae de su casa como lo que podemos elaborar juntos. ‘Aquí sí se puede vivir’, dice alguien a mi lado. El esfuerzo colectivo por cuidar el espacio construye durante unos días un pequeño mundo habitable donde cabemos todos. Es lo mismo que se leía hace meses sobre la Plaza Tahrir. En el ‘zoco’ que hay en el corazón de Sol, donde funcionan los grupos de trabajo, no se acepta el dinero. Cualquier colaboración o aportación es bienvenida, pero no el dinero. La democracia que queremos es ya la misma organización de la plaza. (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 8-9).

A vida na praça, exemplificada anteriormente, é algo próximo da vida em uma *okupação*. Criar a praça não é muito diferente de dar a vida a um prédio. A seriedade e a organização, a divisão em comissões, o cuidado de todos com o espaço, a colaboração são elementos compartilhados pelos dois movimentos. Por fim, a passagem traz um enunciado

próprio do 15M, mas que já vem do movimento por outra globalização: a organização da praça é o modelo de uma democracia. O que é experimentado nas okupas é o mesmo, um mundo desejado. Miguel Martinez e Garcia afirmam isso, ao exemplificarem a coincidência entre os meios e fins das acampadas e do movimento de okupação:

La acampada pasó a representar uno de los vectores de reivindicación política del movimiento: la práctica de la democracia directa en el espacio público, el derecho al debate público sin mediaciones y la autoorganización ciudadana de los recursos comunes en la ciudad. En este bucle entre medios y fines, las ocupaciones de plazas han coincidido con las okupaciones políticas, reivindicadas públicamente, de edificios [...] (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 5-6).

Estive na Praça Catalunha, local da acampada de Barcelona, às vezes, em fluxo diário, principalmente, pois nela fica uma das estações mais abrangentes de metrô. É um amplo espaço cercado por ruas, com bastante afluência, e prédios comerciais de grandes empresas. A praça em seu entorno tem bancos para se sentar e esculturas. É repleta de pombos. Está sempre cheia de gente, de turistas que podem ser contemplados tirando fotos. É a principal praça da cidade.

Imagino como foi a acampada nesta praça, aliás, a visualizei em vídeos no youtube. O mesmo espaço, que é opressivo para os moradores, pois só tem como função a aglomeração de turistas que passam pela cidade para consumi-la, é recriado, ressignificado. Creio que a acampada não tinha como objetivo reapropriar o espaço urbano para que tenha uma função cidadã para os moradores e vizinhos, como o que acontece com as okupas na cidade. A praça foi usada pelo que simboliza, por sua localidade, para dar visibilidade aos indignados. No entanto, possivelmente, teve um uso especial para os barceloneses, talvez um uso parecido ao das okupas.

Teóricos da Catalunha, ligados ao meu grupo de pesquisa na região, que trabalham com movimentos da juventude, comentam sua experiência empírica na acampada da Praça Catalunha. O momento escolhido por eles para irem ao local foi 22 de maio de 2011, dia das eleições municipais e autonômicas na Espanha. Este momento era chave para o movimento 15M, uma vez fora programada até esse dia a permanência nas praças, porém, os indignados continuaram mantendo as acampadas.

Visitamos la plaza el 22 de mayo de 2011, cuando se celebraban comicios electorales municipales y autonómicos en gran parte de España. El ambiente era relajado y festivo. De hecho, la clasificación de la mayor parte de los acampados no se ajustaría a la etiqueta “antisistema” o perroflautas, adjetivos peyorativamente usados por diferentes sectores de la derecha (y la socialdemocracia oficial) catalana y española. Eran, sobre todo, jóvenes de clase media urbana aliados con jubilados,

muchos de estos últimos activistas de la resistencia antifascista durante la dictadura de Francisco Franco. (PÀMPOLS; GARCÍA; MATEO, 2014, p. 97).

Os mesmos autores tratam da importância de Barcelona como cenário de movimentos de resistência. A cidade tem uma raiz anarquista. Recentemente, foi um dos centros dos movimentos por outra globalização, além de ter um movimento de ocupação com forte expressão. Também em Barcelona foi realizada a segunda acampada mais importante da Espanha. Tudo isso justifica a importância de um estudo de movimentos de multidão na cidade.

En el caso de Barcelona, además, cabría señalar que la movilización de naturaleza altercapitalista se encuentra fuertemente conectada con la(s) memoria(s) local(es) de resistencia político-social de signo, por lo general, anarquista: a inicios del siglo xx, la capital catalana era conocida como la Rosa de Fuego. De ahí que en las últimas dos décadas Barcelona haya sido una de las capitales mundiales del movimiento alterglobalización, a la vez que ha albergado un muy consolidado movimiento okupa y se ha transformado en un escenario de protestas estudiantiles «anti-Bolonia», contra la construcción de un espacio común europeo de educación superior de claro tinte neoliberal (PÀMPOLS; GARCÍA; MATEO, 2014, p. 91).

A primeira ocupação que vi em Barcelona foi a de uma agência bancária ativa, situada na frente da parte norte da Praça Catalunha. O coletivo que fez a ação foi a Plataforma Afetados pela Hipoteca (PAH). A Plataforma é um coletivo que ajuda pessoas endividadadas a não serem desalojadas. A ocupação consistiu na reunião de membros na frente e no interior do prédio impedindo seu funcionamento até que a entidade financeira dona da agência anulasse dívidas. A PAH foi um dos coletivos que eu poderia ter escolhido para fazer a pesquisa. Considerei-a como um grupo mais incluído, menos marginalizado. Isso se exemplifica em maio de 2015 quando a sua porta-voz, Ada Colau, foi eleita como prefeita de Barcelona. Tratar aqui da PAH não é fugir do tema, pois é um coletivo que mescla métodos okupas e que ganha força a partir do 15M. Além disso, para mim, é um exemplo de molarização do 15M, como este tendia mais para o molar. Ada Colau e seu partido Guanyem e também o partido Podemos⁹⁸ representam a molarização do 15M, ou seja, o movimento não acabou, mas continua segundo a sua linha mais dura.

Miguel Angel e Garcia discutem relações possíveis entre a PAH e as *okupações*. A plataforma se preocupou em não usar termos que pudessem associá-la ao movimento de *okupação*.

⁹⁸ Guanyem e Podemos são os novos partidos surgidos na Espanha, com proximidades com o 15M, os quais buscam uma política mais democrática – muito mais – que a dos partidos tradicionais no país.

Finalmente, la PAH lanzó una nueva campaña (la “Obra Social de la PAH”) que dio a conocer en septiembre y en la que propuso la okupación de las viviendas desahuciadas, aunque evitaba el término “okupación” prefiriendo una expresión menos asociada a la identidad okupa estereotipada por los mass media: “la reapropiación ciudadana de aquellas viviendas vacías en manos de entidades financieras fruto de ejecuciones hipotecarias”. (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 13).

Os autores também analisam outras diferenças entre a PAH e o movimento de *okupação*. Este, de forma alguma, deseja um diálogo com o poder. Isso foi sempre afirmado pelo coletivo de Can Vies. Assim, Can Vies se mantém longe da molarização, da tendência a ser incluído de alguma maneira pelo poder. Já a PAH se centra na relação com o Estado e entidades financeiras.

En las campañas y el discurso general de la PAH predominaba un tipo de sujeto precario (las “familias desahuciadas”), una interpelación directa al Estado (para que legisle la obligatoriedad de la “dación en pago” y para que proporcione vivienda social asequible), la interlocución con los bancos para solucionar cada caso particular y una búsqueda premeditada de la cobertura mediática de sus acciones. Todo ello alejaba a esta organización del discurso y las prácticas prevalecientes en el movimiento okupa, con un sujeto explícito más indefinido, que no solicitaría al Estado más que la despenalización de la okupación, si acaso, que se opone a cualquier relación con el capital y la propiedad privada, y que, habitualmente, suele rehuir a los medios comerciales de comunicación de masas. (MARTINEZ LÓPEZ; GARCIA, 2014, p. 13-14).

Não dialogar com o poder pode parecer uma ação que busca um fora, estar de fora da política dominante, não querer sujar as mãos, não ser de forma alguma condescendente com o governo. Mas como já disse, as okupas não estão de fora do jogo, essa ação é uma resistência ao poder. Mostra que ele é sujo, mentiroso, por isso, o não diálogo. E mais: a existência das okupas, por serem autogeridas, por não terem tutelas, mostra que o governo não é necessário para gerir, controlar a vida. As okupas funcionam muito bem pela produção dos coletivos e pela solidariedade dos vizinhos; como as acampadas funcionaram muito bem pela produção dos indignados e a solidariedade da população. O 15M, em seu auge, negou sempre a política dominante; fazia sua própria política fora do jogo dos partidos, dos sindicatos e do Estado. Mas reafirmo: o momento mais atual apresenta um outro lado do 15M, com a visibilidade crescente do Podemos e a vitória do Guanyem em Barcelona. A palavra de ordem dos indignados em 2012 “não nos representam” passa a ser hoje “nos representamos”.⁹⁹

Novamente, encontro relações entre a PAH, o 15M e o movimento okupa, agora no Manual de Okupação. A relação entre os três está centrada na crise da Espanha. O 15M foi

⁹⁹ Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/espanha-novos-movimentos-e-poder-local-8498.html>> Acesso janeiro 2016.

um movimento contra a crise, a PAH faz suas ações contra os resultados da crise e, segundo o manual, houve um boom de *okupações* a partir do agravamento da situação econômica no país.

En los últimos años, el Estado Español ha destacado, entre otras cosas, por haberse convertido en uno de los países con mayor número de impagos de hipoteca, con el índice más alto de desahucios de la Unión Europea¹, derivando en una situación paradójica: cada vez hay más gente sin casa y más casas vacías, entre 5 y 6 millones de viviendas desocupadas, según las últimas estadísticas. [...] Ante esta situación, fue la acción colectiva de miles de personas desconocidas pero solidarias entre sí, la que permitió que cientos de desahucios se paralizaran en todo el Estado. La respuesta del Estado fue clara: amplios despliegues policiales que garantizaran que una familia se quedase sin casa, pero con una deuda de por vida, y que un banco se quedase con una casa vacía. En este contexto, la okupación en Madrid, tanto de viviendas como de centros sociales, se ha disparado, llegando a niveles sin precedentes. Se ha convertido tanto en una forma de solucionar los problemas de vivienda como en un medio de protesta y construcción colectiva, que está empezando a ser utilizada por las nuevas estructuras asamblearias. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 12-3).

Para finalizar a seção, apresento algumas demandas do movimento okupa que transcendem a gestão do espaço e a tomada do tecido urbano, questões mais amplas que o aproxima de outros movimentos, como o 15M e o alterglobalização. As okupas que pesquisei em Barcelona, à primeira vista, podem parecer guetos com demandas restritas à okupação e ao bairro. Mas em muitos dos textos que encontrei sobre Can Vies, havia uma preocupação com o sistema político e econômico. Segundo a passagem a seguir, o movimento se choca com signos do capitalismo global. Além disso, põe em xeque a especulação de moradias, uma condição global das cidades contemporâneas.

En este sentido, la okupación existe y se enmarca como movimiento antisistema, porque denuncia y se rebela contra los valores dominantes del sistema capitalista global y contra las nefastas consecuencias que se desprenden de su hegemonía, configurando un determinado orden social, político y económico claramente desigual e injusto. Al mismo tiempo pone en marcha estrategias concretas que visibilizan la especulación del suelo y de la vivienda, constituyendo este uno de los ejes vertebradores y significantes de la existencia del movimiento okupa. (ESTANY, 2004, p. 181).

O Manual de Okupação expõe que os fins do movimento são mais amplos que a tomada de prédios e considera central o trabalho *assembleário* como alternativa ao sistema político atual:

La okupación es una herramienta, pero ¿cuál es el fin? Teniendo en cuenta todo esto, la utilización de espacios abandonados no debería ser, desde nuestro punto de vista, el fin último al que aspirar. Para nuestro colectivo se trata de una estrategia de lucha adaptada al contexto histórico, social y político actual. La okupación de espacios abandonados es una práctica que, por sí misma, no implica un cambio de modelo

político. Nuestro objetivo va mucho más allá de la okupación. Aspiramos a que las nuevas estructuras asamblearias se apoyen en esta herramienta para poder fortalecerse, crecer y desarrollar sistemas alternativos al actual. Nuestra legitimidad es más grande que su represión. Tenemos la solidaridad, el apoyo mutuo, la acción directa, el asamblearismo y la autogestión. Es por tanto, nuestra responsabilidad, y no la de representantes, conquistar y defender nuestros derechos. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 18).

Outro autor trata da singularidade do caso do movimento de *okupação* na Espanha. Este é mais político. Percebi isso em minha pesquisa em Barcelona, lugar repleto de centros sociais *okupados*. Na passagem que segue o autor diz que o movimento no país tem como demandas reivindicações socioeconômicas ou políticas: “[...] a diferencia de lo que ocurre en otros lugares, en nuestro país un gran número de las okupaciones se llevan a cabo con el objetivo de hacer visible reivindicaciones socioeconómicas o políticas [...]” (VILLACAMPA, 2004, p. 232).

5.2 OKUPAS, MÍDIAS DE MASSA E NOVAS MÍDIAS

Em artigo de livro dedicado ao movimento de *okupação*, é dito que, historicamente, este não se dedicou a ter uma relação com as mídias de massa. Segundo o autor do texto, isso marca uma diferença com “[...] la mayoría de movimientos sociales — que utilizan los mass media para ampliar su capacidad movilizadora o para comunicarse con el resto de la sociedad, generándose una importante dependencia con ellos [...]” (LLODRÀ, 2004, p. 302). O autor comenta, ainda, que o movimento é profundamente crítico com a mídia e “[...] apuesta principalmente por canalizar sus esfuerzos en la creación de medios de comunicación propios, lo que se ha llamado “medios de contrainformación [...]” (LLODRÀ, 2004, p. 302).

O mesmo teórico afirma que, após mudanças no Código Penal na Espanha em 1995, com a criação de leis criminalizadoras referentes às *okupações*, houve um crescente conflito entre o poder e o movimento. Os okupas começaram, a partir daí, a apostar na visibilidade possibilitada pelas mídias dominantes “[...] sobre todo cuando el papel de los mass media pasa a primer plano y resulta decisivo para contrarrestar los efectos de las acciones informativas de la policía en el campo de batalla de la opinión pública” (LLODRÀ, 2004, p. 302). Ou seja, a criminalização não gerou o esperado pelo poder; os okupas reagiram e iniciaram um ciclo de protestos (LLODRÀ, 2004, p. 295). Desde então, as mídias deram mais atenção ao movimento. Os conteúdos se centravam nas lutas nas ruas, nos confrontos com a polícia, o que criou uma imagem negativa violenta. Porém, conforme o autor: “[...] la

cobertura mediática también visualiza la represión policial y eso permite al movimiento saltar a las agendas públicas, al menos en el tema “candente” de su represión” (LLODRÀ, 2004, p. 303). Portanto, o movimento se torna visível, mas negativamente, como refere outro autor:

[...] Desde su criminalización en el Código Penal que entra en vigor en mayo de 1996, la visibilidad en los medios de comunicación del Movimiento de Okupación (MOK) ha estado vinculada a los desalojos de los centros sociales okupados, así como a las consecuencias judiciales derivadas de los mismos. (VILLACAMPA, 2004, p. 227).

No mesmo texto em que está a última passagem, em uma parte sobre os meios dominantes, diz-se que os meios de massa favorecem certos atores sociais:

Pero los medios no se limitan a describir los eventos acaecidos y transcribir el discurso emitido por sus protagonistas. Los medios deben ser analizados no sólo como arenas en las que se reproduce la confrontación de terceros, sino como un actor crucial más que, en función de sus intereses, genera su propio discurso al mismo tiempo que favorece a unos actores y discursos frente a otros [...]. En definitiva, los medios son fundamentales en el proceso de acción colectiva; no sólo porque otorgan visibilidad a unas protestas frente a otras, sino, además, porque pueden incidir sobre el propio proceso de movilización y son decisivos a la hora de definir la naturaleza (legítima) de la protesta y sus protagonistas. En el caso analizado, ello es extremadamente relevante dado que los media han elevado a la categoría de “fenómeno social” un acto de desobediencia civil colectiva como es la okupación con fines políticos [...] (VILLACAMPA, 2004, p. 229).

Mesmo que os meios elevem o movimento okupa a uma categoria de fenômeno social, é fundamental pensar no tipo de tratamento dado pela mídia dominante, como será visto no próximo capítulo. Como comentado anteriormente, por Llodrà, antes do interesse em ter visibilidade nas mídias dominantes, o movimento sempre se dedicou a produzir contrainformação. E, obviamente, a partir do boom da internet, ela se tornou central. Por isso, nesta seção deste capítulo, apresento relações entre a internet e o movimento e busco pensar a importância atual dos meios tradicionais após o boom da internet.

Rodríguez e Domínguez dizem que ocorreu uma coincidência histórica entre o movimento de *okupação* espanhol e a rápida intensificação das redes telemáticas. Não consideram que houve uma determinação, mas, sim, um encontro acidental. Os autores afirmam que o matrimônio entre movimento e esse tipo de tecnologia funcionou.

Lo que nos interesa subrayar es que, desde las coordenadas temporales anteriores, parece obvia una coincidencia histórica y un solapamiento cronológico parcial del movimiento de okupación en España (desde principios de los años ochenta) y el boom de las redes telemáticas (desde principios mediados de los años noventa). Más allá de una explicación totalmente causal en la que uno determina al otro, parece que el azar colocó a ambos elementos en el mismo escenario histórico. Pero, como veremos, la coincidencia de ambos ciclos (uno de protesta y otro

comunicativo/tecnológico) ha permitido el intercambio y la coinfluencia mutua hasta mimetizar ambos fenómenos. El encuentro es accidental, pero el “matrimonio” entre ellos ha funcionado y la alimentación recíproca ha existido. Interacción, pues, sobre la que versa este capítulo. (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 270)

Os teóricos datam as primeiras páginas de web de okupas na Espanha. Comentam a dificuldade de uma data precisa, pois se a página se refere a algum prédio *ocupado*, ela pode ser desativada após a desocupação do local, o que é corrente. Contudo, eles propõem que foi em “1996-1997 cuando comenzaron las primeras páginas que se dedicaban o referían íntegramente a este fenómeno [...]” (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 272). Essa data é muito próxima do início da difusão dos movimentos por outra globalização e zapatista na web.

Rodríguez e Domínguez expõem os principais usos da internet pelas casas ocupadas; um deles é a propaganda “entendida como forma de expresar demandas, ideas, propuestas y discursos donde se clarifican y exponen las razones de los diversos centros okupados” (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 274). Outros usos concernem a “convocatórias” e aos “desalojos”:

c) Convocatorias: en este caso lo que se difunde y presenta son todo el conjunto de actividades públicas en general que se pueden realizar en un centro social okupado. Debido a la falta de canales informativos estables y del poco acceso a los medios oficiales e institucionales, se opta por publicar en web todo anuncio o llamada como estrategia de visibilización de lo ocurrido o lo que se va a realizar. Por su carácter instantáneo y por la facilidad de difusión, algunas convocatorias son incluso más efectivas vía Internet que por papel o por radio ya que, en ciertos casos, el tiempo entre la decisión o preparación del evento y la realización del mismo es muy corta y no hay tiempo para pasar por imprenta o por las ondas.

d) Desalojos y respuestas a la represión: en este caso la utilización del medio electrónico se focaliza en responder o reaccionar contra las dinámicas represivas de las instituciones ante dicha okupación (desalojos, amenazas, juicios, actuaciones policiales, redadas, acosos, montajes, detenciones, sentencias y recursos, etc.). Lo que conduce a una de las paradojas de los movimientos sociales: en algunos casos, son más visibles cuanto más represión sufren (Martínez, 2002). Todo ello constituye una auténtica crónica periodística al uso al hacer hincapié en acontecimientos, sucesos, noticias, datos, etc., y al denunciar los abusos o agresiones externas (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 275).

Na passagem anterior, frisa-se que a internet é o local de comunicação, pois os meios dominantes simplesmente negam as ações ocorridas nas okupas. Elas podem ser notícias nos meios, mas somente quando há algum confronto com o poder. Além disso, usa-se a internet também para se ter um meio de comunicação confiável, já que as mídias de massa representam o poder e marginalizam o movimento okupa.

A internet possibilita a contrainformação e, desde sua gênese, ganhou cada vez mais espaço, sendo hoje um adversário dos meios de comunicação dominantes, talvez até mais

forte. Malini, na época de sua tese, a qual foi finalizada em 2007, disse que as mídias colaborativas, a parte da internet produzida pela multidão, concorrem com os meios dominantes. A seguir, trecho de minha dissertação que faz um resumo do pensamento de Malini.

Uma das hipóteses de Malini (2007, p. 17) é que “[...] a hegemonia do paradigma de massa na produção da conversação social está a concorrer com o paradigma distribuído de conversação mediada por computador.” As mídias colaborativas “[...] complementam, subvertem ou ainda divergem daqueles emitidos pelos veículos da mídia de massa.” (MALINI, 2007, p. 20). Isso gera “crise no regime de produção simbólica contemporânea [...]” (CARVALHO, 2011).

Mas a portabilidade, a tomada da web pelos movimentos de multidão, a importância central nos dias de hoje do Twitter, do Facebook e do Youtube e a descrença contra os meios oficiais permitem, talvez, um avanço em relação ao momento histórico da tese de Malini. Penso que se pode ensaiar uma hipótese: hoje, as mídias de multidão se sobrepõem às mídias de massas.

As revoluções árabes, centradas nas redes sociais, as convocatórias para o 15M pelas redes, o uso do Facebook nas revoltas no Brasil em 2013 mostram a potência e autonomia das mídias de multidão. Malini e Antoun explicam a importância da relação entre ativismo e novas mídias.

A internet de hoje se transmutou, sem dúvida. A atuação social, a mobilização e o engajamento viraram um valor da rede, se contrapondo àquele pensamento de felicidade eterna da web comercial, que contaminava a economia e a política. Em grande medida, essa metamorfose está ligada à emergência das dinâmicas ativistas, presentes já no final dos anos 90, que resgataram o sentido originário do peer to peer na internet. Este resgate deu à rede um novo uso ao promover diversas inovações que vão do Napster ao Pirate Bay, dos blogs aos mashups, dos sistemas de troca de arquivo às mídias sociais colaborativas, do jornalismo cidadão neozapatista à tuitagem iraniana (MALINI, 2010, p. 287).

Mesmo assim, posso apenas ensaiar a hipótese da supremacia, hoje, das mídias de multidão. Um dos indícios da importância na atualidade dos meios tradicionais se refere ao fato de que não consegui deixar de lado o que foi dito nesses meios sobre o caso de Can Vies. Outro indício é a necessidade do coletivo de Can Vies de fazer coletivas de imprensa. A passagem a seguir comenta a relação entre o coletivo e as mídias de massa.

Los medios oficialistas buscan alinear el discurso de Can Vies a sus patrones ideológicos y no pretenden contrastar la noticia, por eso están debidamente entrenados para aguantar todo tipo de preguntas. *“Entrenamos para ello, nos hicimos todas las preguntas que creíamos que nos podían caer. Nos la contestamos en asamblea. Ante un discurso político sólo cabe responder con otro discurso político”*. [...] El doble rasero de los medios tiene su parte positiva. Llegaron

medios de todo el mundo, ingleses, franceses, rusos, que en muchas ocasiones informaban saltándose la versión oficial. Los medios nacionales críticos con el gobierno se interesaron por la parte humana del conflicto. En su registro, sirvieron de altavoz.¹⁰⁰

Além disso, o Manual de Okupação tem uma parte dedicada a possíveis relações entre uma okupa e as mídias dominantes, em uma seção sobre os atores que se costuma interagir em uma *okupação*, além das mídias, dos advogados, da polícia, dos proprietários e vizinhos: “[...] cada espacio deberá decidir si quiere o no presencia mediática, pero en cualquier caso hay que tener cuidado con declaraciones a medios que luego pueden ser usadas en nuestra contra” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 101).

Retornando o texto de Rodríguez e Domínguez, os autores tratam do perigo da saturação de informação da internet. Este perigo diz respeito tanto ao excesso de conteúdo dos meios massivos, em seus portais, quanto à multiplicidade de meios das resistências.

El peligro de saturación por ruido y excesiva información es otro de los miedos latentes que emergen asiduamente. Las rutinas comunicativas, multiplicadas por el número de centros emisores, acaban hartando a los militantes, incapaces de discernir y de gestionar un “atracción de información”. La cultura de “corta y pega” puede generar confusión no sólo por saciedad (que no sociedad) de información sino también por dudosas fiabilidades (de dónde viene la información, qué grado de veracidad tiene). Los espacios de expresión libre, además, pueden generar tal cantidad de debates, noticias, consignas, conflictos internos, etc., que acaben paralizando e inmovilizando dinámicas más productivas en los movimientos. Hay que implementar desde los movimientos sociales dispositivos técnicos que reduzcan y filtren el ruido mediático para hacer accesible la información a sus militantes (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 286).

O movimento dos indignados saturou de informações não apenas a web, mas também o mundo acadêmico. Nunca vi o excesso de informações sobre o 15M como um problema, aliás, isso facilitou – e muito – minha pesquisa. Quanto a Can Vies, tive que fazer uma minuciosa pesquisa na web para encontrar informações relacionadas a movimentos de resistências que apoiavam o centro social. Quanto às *okupações* em Barcelona, notei um certo déficit de produção na web. Páginas como AcampadaBcn e AcampadaSol ou 15Mpedia, alguns dos principais nós midiáticos do 15M, tendiam a um excesso; já as páginas das okupas em Barcelona careciam de conteúdo. Um dos símbolos do 15M era a transparência total. Em suas páginas, era comum a transcrição de atas de assembleias e comissões, um exemplo de excesso de informação. Todas as assembleias de Can Vies são documentadas em atas. Porém, elas não são disponibilizadas na rede, ou seja, exemplo de uma certa falta de conteúdo sobre o movimento okupa.

¹⁰⁰ Disponível em: <<http://lareplica.es/can-vies-zona-historia-reconstruccion/>>. Acesso janeiro 2016.

Rodríguez e Domínguez abordam os benefícios da internet para o movimento okupa:

Si hacemos una comparativa con el resto de medios clásicos (prensa, panfletos impresos, radios, etc.) percibimos que las cuatro novedades fundamentales que introducen las páginas web son, en nuestra opinión: a) el mayor peso de las convocatorias debido a su urgencia, celeridad y facilidad de difusión masiva; b) el aumento de las presentaciones multimedia con la combinación de múltiples formatos (fotos, vídeos, grabaciones sonoras, música, etc.); c) la posibilidad, en algunos casos, de participación e interacción colectiva en su realización (cooperación en la elaboración o publicación de información); y d) la naturaleza conectiva, vinculante, difusora e intermediadora de las webs gracias a los links o enlaces entre documentos (saltos constantes de una a otra página, lazos de una a otra casa okupada y de uno a otro movimiento) que diluyen muchas veces las fronteras borrosas entre grupos, colectivos, organizaciones, luchas o movimientos (RODRÍGUEZ; DOMÍNGUEZ, 2004, p. 276).

Creio que tudo isso se mantém na internet dos dias de hoje, porém de forma intensificada: 1. As convocatórias: com Facebook e Twitter se tem uma conta que linka com outras contas; assim, em uma mesma página se recebem informações de muitas outras. Isso é muito diferente da necessidade de se visitar um conjunto de páginas web. O modelo atual é mais funcional para as convocatórias. 2. A produção multimídia se atualiza hoje, principalmente no youtube. A facilidade de acesso e postagem influencia essa produção, pois se tem um lugar específico para ela. Tanto o 15M quanto o caso de Can Vies foram documentados, e muito, no youtube. 3. A produção colaborativa é marca do wikis. O 15M tem um wiki próprio, o que não acontece com o movimento okupa na Espanha. 4. A conexão é característica do Twitter e Facebook. As okupas de Barcelona fazem usos destes e de web blogs. Percebi a conexão entre okupas da cidade em um caso de *desalojo*. Quando correu a informação de que uma okupa entraria em processo de desocupação, na conta do Twitter da okupa muitas outras de toda a cidade criaram posts em solidariedade.

Não encontrei relações entre o modelo contemporâneo da web e o movimento okupa. Meu saber sobre essas relações se dá na prática. Na época de maior expressão do 15M, busquei todos os perfis possíveis no Facebook e Twitter referidos ao movimento. Eu não havia feito algo parecido anteriormente, aliás, havia entrado há pouco tempo no Facebook e não usava Twitter. Fiz o mesmo com as okupas.

5.3 MANUAL OKUPA

Encontrei um manual de okupação na internet. Estão disponibilizadas a primeira e a segunda edição. O manual é feito pelo movimento okupa de Madrid para quem queira *okupar*

e manter espaços para moradia ou centros sociais. Não é assinado, é gratuito e está em formato digital e analógico. Mostra o uso que os okupas espanhóis fazem das possibilidades da internet. Na segunda página do manual é dito: “fotocopia, distribuye, difunde como quieras. [...] En la página web www.okupatutambien.net¹⁰¹ podrás encontrar materiales, tutoriales, etc. complementarios, también de acceso libre”(MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014). Para mim, é um texto muito importante, pois se refere a uma teoria okupa local atualizada em formato de livro.

As okupas podem ser pensadas como processos a serem experimentados, experiências que podem ser roubadas, ampliadas, modificadas. E o manual simboliza isso. As experiências compartilhadas foram uma das marcas do 15M. A forma das acampadas foi replicada em toda Espanha e pelo mundo. Essa lógica é a “lógica de ‘copiar, pegar, poder modificar’”(SUNOTISSIMA; QUODLIBETAT; AXEBRA, 2012, p.31).

El movimiento ha demostrado hasta la fecha un marcado carácter copyleft sin ni siquiera habérselo planteado como tal. Así por ejemplo, desde la primera acampada en Madrid, lo primero que hizo el movimiento fue una replicación a otras ciudades de la «misma herramienta acampada», con adaptaciones a «sistema operativo local» que estuviera instalado en cada ciudad. La propia acampada era una copia inspirada en aquellas que se habían producido en la plaza Tahrir de Egipto. Cuando esa herramienta comenzó a ser lenta y poco práctica, bajo una nueva lógica copyleft, fue necesario distribuir la herramienta a pueblos y barrios, lo que generó una nueva lógica de «copiar, pegar, poder modificar» técnicas desarrolladas en la acampada principal, y que por su menor tamaño, están más abiertas a la mutación y a la experimentación, al más puro ejemplo de experimento biológico, pero por su carácter hiperconectado y de prácticas abiertas, puede ser un banco de ensayo copyleft de formas y estrategias de autoorganización (SUNOTISSIMA; QUODLIBETAT; AXEBRA, 2012, p. 31).

Não busco reduzir a singularidade dos dois casos: movimento okupa e 15M. Não direi que o que acontece com as okupas foi o mesmo que ocorreu com o 15M. Mas os dois casos são próximos, pois mostram todo um conhecimento produzido na prática feito para ser posto em prática. Um conhecimento livre, de todos, da multidão. Um centro social *okupado* não é como uma acampada, mesmo que tenham proximidades, como foi visto neste capítulo.

O Manual, então, busca ajudar coletivos interessados em *okupar* um imóvel. No primeiro parágrafo, expõe para quem é dedicado o texto: “[...] a toda persona interesada en salir del mercado inmobiliario y disfrutar de un espacio digno sin pagar ni un duro a quienes tratan de robarnos la vida cada día” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 9). O Manual é o registro em texto da experiência de oficinas de okupação na Espanha, mas quem o organizou foi esse coletivo de Madri. O texto comenta que as oficinas de *okupação* – as quais prestam

¹⁰¹ Website com informações sobre o movimento okupa em Madri.

assessoria a quem está *okupando* ou se interesse em *okupar* – datam dos anos 70 em países como Inglaterra e Holanda:

Desde el nacimiento de las oficinas de okupación -en Inglaterra y Holanda durante la década de los 70-, éstas han proliferado en distintas ciudades y han realizado, a lo largo de décadas, una importante tarea de asesoría y apoyo. En Madrid, además de talleres prácticos sobre temas concretos, se han establecido horarios de asesoría en algunos centros sociales okupados para las personas interesadas. Podéis obtener más información en okupatutambien.net (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 11).

O texto trata do caso espanhol, da dificuldade de parte da população em ter um espaço para viver ou para experimentar a política minoritária. Considerando que poucos têm uma renda fixa e suficiente para pelo menos pagar aluguel, a *okupação* aparece como possibilidade. A pobreza, para mim, não é apenas o motor de uma *okupação* – tomar um prédio, uma vez que não se tem dinheiro para alugar. No caso dos centros sociais, a pobreza atravessa todos os processos. Produz-se de forma criativa com baixíssimos custos; participa-se sem receber salários. A pobreza, assim, como símbolo anticapitalista, como possibilidade de criação de formas de vida assujeitadas. O manual é um tratado de como se obter riqueza da pobreza, como produzir por colaboração, com mínimos recursos. Obviamente, não trato da pobreza com uma visão romântica. Penso na experimentação da pobreza, no devir-pobre. Penso no devir-pobre como resistência a certas significações dominantes.

Muitos coletivos não aceitam financiamento do governo, são contra subvenções e tutelas. Esse ato de manter a autonomia se refere ao fato de que não importa para certos coletivos ter dinheiro de qualquer forma; há um posicionamento ético na aceitação de ajudas. O Manual como as oficinas de *okupação* buscam a prática de *okupar*: “como herramienta revolucionaria que permita a las personas proporcionarse por sus propios medios un lugar digno donde vivir y desarrollar proyectos que partan de la autogestión, demostrando así a los poderosos que no les necesitamos” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 14.).

O caso de Can Vies é exemplar, tendo em vista que as doações em dinheiro para a reconstrução do prédio se deram de forma colaborativa a partir de pessoas solidárias. Can Vies negou, desde sempre, a ajuda do governo, e isso pode significar o fim da *okupação*. Preferem se arriscar a não dialogar com aqueles que mentem, fazem chantagens, a prefeitura de Barcelona.

Como o Manual se centra no ato de *okupar*, dedico alguns parágrafos para a tomada do edifício, em 1997, que aloja o centro social Can Vies. Faço isso para exemplificar uma

okupação e para contrastar a *okupação* do prédio de Can Vies com os aconselhamentos do manual. Há na internet um vídeo que apresenta as imagens do acontecimento.¹⁰²

Nas imagens, um grupo de jovens, talvez cem, caminha pelo bairro de Sants tocando instrumentos, dançando, manejando objetos circenses, como malabares. Cerca de dez pessoas encabeçam a caminhada, segurando um cartaz com palavras de ordem. Nele, está escrito: “*Que desalojen La Moncloa*”. O Palacio de La Moncloa “Desde 1977 acoge la sede de la Presidencia del Gobierno de España y es la residencia oficial del Presidente del gobierno español y su familia.”¹⁰³ No cartaz há o símbolo *okupa*, e também escrito: *okupa e resiste*.

O símbolo *okupa* e a frase “*okupa e resiste*” são vistos com frequência em Barcelona. São símbolos do movimento. “*Okupa e resiste*” é um chamado para a *okupação*. Já a frase “*Que desalojen La Moncloa*” junto com o chamado para a *okupação* mostram a indignação frente ao poder que, na época, na Espanha, estava endurecendo as leis relativas ao movimento. Eles querem dizer: não nos despejem de nossas okupas, despejem a casa do poder.

O grupo passa por pontos estratégicos no bairro, como o Parque de la España Industrial¹⁰⁴, a Praça de Sants¹⁰⁵, a Estação de Sants¹⁰⁶ e também por algumas ruas com prédios residenciais. Eles transitam por pessoas que estão a pé nas ruas, sentadas nos bancos ou nas sacadas, que olham com curiosidade. É maio, é de dia e há sol; segundo o wikipedia: “El edificio fue ocupado el 10 de mayo de 1997 por parte de jóvenes del barrio de Sants de Barcelona en respuesta a la falta de espacios donde poder realizar actividades tanto de carácter lúdico como político”.¹⁰⁷

É importante a passagem sobre a necessidade de espaço de caráter não apenas político, mas também lúdico, pois o lúdico é visto em todo o vídeo. Eles chegam ao prédio, um cartaz comprido, que vai de uma sacada até o chão, é estendido. Nele, está escrito: se viver é um luxo, okupar é um direito. Essa frase eu vi escrita em cartazes em muitos eventos alternativos de que participei em Barcelona. Depois, aparecem imagens internas do prédio, algumas escuras, pois é do interior sem luz, outras mais claras, perto de uma sacada, mostram o interior repleto com entulhos.

¹⁰² Disponível em <http://www.ara.cat/societat/can_vies-ocupacio-sants-barcelona-avalots_3_1146515355.html> Acesso janeiro 2016.

¹⁰³ Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Palacio_de_La_Moncloa> Acesso janeiro 2016.

¹⁰⁴ Um grande espaço de ócio situado no bairro Sants.

¹⁰⁵ Outro espaço de ócio e também de comércio.

¹⁰⁶ Principal estação de trem da cidade.

¹⁰⁷ Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Centro_Social_Autogestionado_Can_Vies> Acesso janeiro 2016.

Os jovens continuam na frente do prédio, dançando e tocando instrumentos. Também aparecem na rua dois homens juntos, com quepes e camisas azuis, parecem policiais. Nas imagens, de poucos segundos, eles estão subindo a rua em direção contrária a Can Vies. As imagens da *okupação* não dizem muito, não se pode saber se eles já haviam entrado no prédio, se já o haviam *okupado* e se esse momento foi apenas simbólico. Penso isso, pois a ação contradiz as diretrizes propostas pelo Manual para que, nos primeiros momentos, não haja confronto com a polícia. Em uma tomada de prédio, não é recomendado que se faça uma festa. A caminhada, pelos pontos que passa, deve ter durado no mínimo 30 minutos. Assim, é estranho que a polícia não tenha aparecido ou que vizinhos não a tenham chamado.

Além disso, como mudam-se as leis na época, elas são endurecidas no que se refere às *ocupações*. Talvez fosse um momento perigoso para uma ação do tipo na Espanha, como também um momento propício, uma forma de resistência ao poder. Porém, encontrei em um blog, com conteúdo sobre o histórico do bairro de Sants, uma explicação sobre o acontecimento exposto no vídeo:

L'any 1997 l'edifici va ser obert de nou per persones i col·lectius de Sants, reconvertit en el Centre Social Autogestionat Can Vies. El 10 de Maig de 1997 es va realitzar una cercavila que finalitzà amb l'ocupació de l'edifici. En aquell moment, TMB va iniciar un procés judicial que va ser arxivat degut a la pressió social de les veïnes l'any 1998.¹⁰⁸

O conteúdo afirma que, em 1997 – não detalha o mês –, o edifício foi aberto por coletivos de Sants. Depois, comenta que, em 10 de maio, houve uma *Cercavila*, uma parada festiva, na qual finaliza com a *okupação* do prédio. A parada, possivelmente, é a que foi exposta no vídeo que descrevi anteriormente. Portanto, segundo o trecho do texto do blog, o prédio já havia sido aberto, mas a *okupação* final está registrada no vídeo. Mesmo assim, fica a interrogação: por que a polícia não agiu?

O vídeo é importante, pois, além de ser um registro de Can Vies, mostra um exemplo de *okupação* em imagem. Há outros exemplos, mas apenas escritos no Manual. Na internet, não encontrei um registro parecido. O Manual expõe que o perigo de sanções está sempre presente nos primeiros instantes de uma ocupação. Desse modo, é um momento de tensão. Mas no vídeo da *okupação* de Can Vies, a tensão, se existiu, não foi registrada. São vistos jovens se divertindo, passando por pessoas, que, possivelmente, admiravam a *cercavila*. Ou seja, o lúdico e o político, a festa e a política fazendo parte do mesmo plano. Can Vies não

¹⁰⁸ Disponível em <<http://memoriadesants.blogspot.com.br/2011/02/can-vies-1878.html>>. Acesso janeiro 2016.

apenas começou com uma festa, ainda há festas. Isso contrasta com o dispositivo de confronto no qual, em muitos momentos, ocorrem tristeza e medo, o que é próprio do choque com a polícia.

Em vídeo, com imagens dos confrontos em Can Vies no fim de maio de 2014,¹⁰⁹ percebo locais em que caminhei no bairro de Sants, lugares com forte presença de pessoas idosas, nos bares e restaurantes, e de crianças brincando nas praças. Eu passava por esses pontos no mesmo momento em que havia atividades em Can Vies. Na mesma hora das atividades, qualquer uma delas, fossem assembleias, festas ou outros eventos, nas ruas próximas, a poucas quadras, crianças e idosos aproveitavam momentos calmos de ócio. Ou seja, Can Vies é um lugar pacífico e mesclado ao tecido vecinal. Suas atividades não interrompem a vida do bairro. O que destoa da vida do bairro é a presença da polícia, a tentativa de *desalojo*.

Retornando ao Manual de Okupação, o texto traz o posicionamento, as demandas e os desejos okupa, mas é bem objetivo. Ao *ocupar*, sugere que se esteja em grupo e que os membros do grupo tenham ficha policial limpa, pois na *okupação* é comum o choque com a polícia, sendo assim perigoso para aqueles com pendência judicial. Além disso, uma maior quantidade de pessoas ajuda em possíveis confrontos. Sugere também que seja feita, anteriormente, uma vistoria na zona em que se deseja okupar para encontrar imóveis desocupados. Tendo algum imóvel em vista, mesmo que haja um fluxo de pessoas no imóvel, isso não indica que ele não esteja desocupado.

Si detectáis que entra alguien de vez en cuando, no os preocupéis, debéis asegurarnos bien de que hace esa persona ahí y quién es, no obstante a menudo en las casas abandonadas entran personas sin que el edificio deje por ello de estar abandonado. Lo más importante es saber si alguien vive allí, en cuyo caso podéis descartar esa opción porque estaríamos ante un allanamiento de morada, o si hay una obra en marcha en él, lo que también sería motivo para descartar la idea (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 19).

Outra dica na escolha do local a ser *okupado* se refere às condições do imóvel. O Manual aconselha imóveis que não precisem de reformas, haja vista que quem okupa tem poucas condições financeiras. Também, o imóvel não pode estar em estado precário, pois seria uma das desculpas do governo para o *desalojo*. Can Vies estava para ser desalojada, uma vez que o governo considerava que o prédio não tinha condições, porém, isso foi desmentido por um coletivo de arquitetos que colabora com Can Vies.

¹⁰⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QpEq_bf9sk>. Acesso janeiro 2016.

Ha habido casos en los que el desalojo lo hace el propio ayuntamiento, si demuestran que el edificio está en ruinas y «peligra la vida de los ocupantes». La Gerencia de Urbanismo es la que se encarga de este trámite, y aportará los informes de inspecciones anteriores. En cualquier caso, os vais a dar cuenta del estado del edificio en cuanto entréis. Un consejo; si veis que el suelo o las paredes se hundan, consultar a alguien que controle de arquitectura de confianza o lo mejor será salir de ahí cuanto antes. A la declaración de ruina se pueden oponer unas alegaciones (se puede recurrir la declaración), pero no paralizan el procedimiento, por lo que no garantiza que puedas permanecer en el inmueble, incluso si aportas un informe que desacredite el realizado por Urbanismo. En caso de que consideren que el riesgo de derrumbe es inminente, el proceso de desalojo puede realizarse inmediatamente, sin necesidad de una orden (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 92).

O Manual diz que não há motivo para se *okupar* um imóvel em mau estado: “De hecho, existen edificios de nueva construcción, completamente acabados o casi, abandonados por el pinchazo de la burbuja inmobiliaria, dispuestos a ser okupados como podrían serlo otros más viejos” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 20).

A questão do bairro em que se irá *okupar* é importante. “Los barrios con más concentración de gente afín nos pueden ofrecer más apoyo para todo el proceso [...]” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 22). “Es aconsejable no buscar casas demasiado aisladas del resto siendo un grupo reducido de gente, ya que ante presiones de policía o matones os podéis encontrar más desprotegidos” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 22). Essas diretrizes são exemplificadas na localização de okupas do Gracia e do centro social de Can Vies em Sants. Can Vies se situa ao lado de uma estação de metrô movimentada e de uma famosa praça do bairro Sants. Já as duas principais okupas da área central de Gràcia estão localizadas em espaços com fluxo contínuo de pessoas.

As duas okupas do Gracia estão em processo de *desalojo* e podem ser desativadas pelo governo a qualquer momento. No caso de invasão policial, pelo fluxo do entorno, a ação da polícia seria vista. Ou seja, haveria um controle da ação da polícia. Depois de um tempo de atividade em uma okupa, cria-se um clima harmônico com a vizinhança, isso tem um peso na forma como a polícia e o governo agirão. O caso de Can Vies é exemplar. Quanto às duas okupações do Gracia, elas se mesclaram bem com o tecido social do bairro. Assim, o desalojo não será fácil.

Também essas duas okupas do Gracia têm uma característica que compartilham. Os prédios de ambas eram de propriedade de bancos. O Manual explica que certos bancos, frente a uma *okupação* de imóvel seu, têm uma postura mais flexível: “En el caso de bancos, saber quién es el titular nos ayuda a saber qué posibilidades de negociación tenemos (La Caixa es

más proclive a negociar con los okupantes que Bankia¹¹⁰, por poner un ejemplo)” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 96).

As duas okupas, o Banc Expropiat e o Casal Tres Liris, fazem parte de um movimento catalão que começou em outubro de 2011 – época central para o 15M. O movimento busca tornar sucursais bancárias desativadas em centros sociais. A primeira okupa desse tipo foi o Banc Expropiat, como diz o 15Mpedia: “En Catalunya comenzó en 2011 con el Banc Expropiat de Gràcia y proliferó en 2014 la okupación de sucursales bancarias abandonadas para darles uso como centros sociales, en un movimiento que se dio a conocer como *bancs expropiats*”¹¹¹

Um texto de meio alternativo¹¹² trata dos “bancs expropiats” em Barcelona. Explica que a *okupação* do Banc Expropiat foi feita em uma sucursal da Catalunya Caixa¹¹³ por um grupo de vizinhos. Eles a tomaram com o objetivo de se ter um espaço para coletivos do bairro. A questão simbólica de se *okupar* um imóvel de uma entidade financeira diz respeito ao fato de que os membros do movimento consideram os bancos uma expressão máxima do capitalismo.

De esta manera, se abría un nuevo camino hasta ahora inexplorado por el movimiento okupa: recuperar espacios en desuso propiedad de los bancos para crear centros sociales autogestionados. En un contexto de crisis donde buena parte de la ciudadanía percibe las entidades financieras como uno de los principales problemas que hay en España-según los datos del barómetro de abril del Centro de Estudios Sociológicos (CIS) -, la legitimidad del poder económico representada por los bancos ha quedado gravemente.¹¹⁴

O Manual é muito bem detalhado e tem muitas descrições empíricas com exemplos de fatos ocorridos durante o processo de *okupação*. Relata uma história de que alguns companheiros, novatos como okupas, não inutilizaram a fechadura da porta de entrada após a *okupação*, algo que deve ser feito:

Unxs compañerxs, en su primera vez, no contaron con esta precaución y se llevaron un buen susto. Algún vecinx avisó a la policía y ésta se presentó, hasta aquí nada raro. Pero nadie imaginaba que el propietario del edificio vivía en el barrio, que se presentaría allí de madrugada y con su propia llave abriera la puerta sin problema para que entraran las fuerzas del orden [...] (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p.26).

¹¹⁰ La Caixa e Bankia. Bancos espanhóis.

¹¹¹ Disponível em <https://15mpedia.org/wiki/Movimiento_okupa#Bancs_expropiats>. Acesso janeiro 2016.

¹¹² Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/31063>>. Acesso janeiro 2016.

¹¹³ Banco espanhol.

¹¹⁴ Disponível em <dañada <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/31063>>. Acesso janeiro 2016.

Outro caso na seção “material” do Manual, sobre a parafernália que deve se usar para facilitar a entrada e os primeiros momentos de *okupação*, é exposto. Um grupo fez tentativas de entrar no imóvel e não conseguiu. Após desistirem, eles saíram rapidamente do local e foram abordados pela polícia.

Una noche de invierno, tras dos intentos fallidos de abrir las ventanas del primer y segundo piso de un edificio abandonado, el grupo se batió en retirada, escalera de 5 metros incluida. De repente, dos policías secretas les pararon a 20 pasos del lugar de los hechos y lxs de las mochilas con el material sensible salieron corriendo descaradamente. Las preguntas más inocentes, junto a las respuestas más ingeniosas, permitieron a los de las mochilas escapar. Los maderos comentaron que con esas pintas y esa escalera tenían pinta de okupas. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p. 29).

Na história se fala em respostas engenhosas dos okupas frente às perguntas dos policiais. Não as relata, mas isso soa no texto como um grau de inventividade de pessoas marginalizadas, os okupas, atualizado no conhecimento da mentalidade dos policiais. Os okupas têm todo um conhecimento sobre como *okupar*. Isso é o intelecto dos pobres. Eles extraem de sua pobreza conhecimento e assim geram riqueza, como no caso do Manual.

A riqueza dos pobres é vista em muitos processos das *okupações*, talvez em todos. O conhecimento de trabalhos manuais é uma obrigação para se manter uma okupa. As assembleias dos centros sociais se realizam a partir de um conhecimento de redes descentradas. Os eventos, como festas e shows, são feitos, pois se sabe como organizá-los e divulgá-los. Para produzir uma manifestação, se necessita de um conhecimento das leis, do que se pode fazer, além de como organizar, manter e divulgar. E como já expus anteriormente, há esse conhecimento das mídias dominantes, do que responder, como recebê-las, e, também, de como usar, produzir as mídias de multidão. Penso que tudo isso é aprendido na prática.

No Manual, em certas passagens, constam informações do que pode ser considerado como práticas ilegais e de como agir frente ao proprietário e à polícia. Na seção “Já estamos dentro”, que trata do que fazer após a entrada no imóvel, é dito que a polícia só pode invadir em caso de flagrante ou com ordem judicial. Para que não pensem que é um roubo, o importante é levar símbolos okupa. Ou seja, uma *okupação* é mais legítima que um roubo, e seus símbolos são conhecidos pela polícia espanhola.

No abráis la puerta bajo ningún concepto, ya que en ese momento podrían entrar a la fuerza y sacaros. En principio, la policía no puede entrar salvo que os hayan pillado in fraganti, o tenga una orden del juez. En cualquiera de estos casos, no os preocupéis por lo que os digan; si tienen la ley de su mano entrarán hagáis lo que hagáis, pero lo más probable es que os echen un farol para asustaros. Es posible que

crean que se trata de un robo, lo cual irá en vuestra contra. Llevar una pancarta con algún símbolo o lema típico okupa para sacar por la ventana puede ayudar a quitarles la idea del robo de la cabeza. [...] Para estos momentos de tensión en que nos encontramos ante la propietaria o propietario, la policía, o ambos, es aconsejable recurrir a vuestras redes de apoyo para convocar a cuanta más gente mejor. De esta manera la policía se cortará un pelo a la hora de actuar, siempre que el ambiente sea tranquilo en la calle (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2011, p.36).

Há um capítulo muito interessante que trata do conhecimento dos okupas em relação às leis. No início, o Manual expõe que houve mudanças de leis em 1995. As *okupações* passaram a ser um delito específico. Essa mudança foi uma reação frente à prática de *okupação*, a qual começava a ser comum. Ou seja, diante da falta de acesso à moradia e da demanda de espaços sociais, motivação das okupas, o Estado espanhol decidiu endurecer as leis:

Con la reforma del Código Penal en 1995, la usurpación de inmuebles pasó a convertirse en un delito específico, en una reacción punitiva (una forma de castigo) por parte de los poderes públicos a la hora de enfrentarse con una práctica que empezaba a generalizarse. Frente al grave problema de acceso a la vivienda por parte de ciertos sectores de la población, y a la reivindicación de espacios sociales no mercantilizados, los sucesivos gobiernos han optado por la represión judicial. Esto nos obliga a conocer con precisión el proceso al que nos podemos enfrentar como consecuencia de la decisión de okupar. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 57-8).

O texto trata da acusação mais comum em relação às *okupações*: usurpação, a entrada em um imóvel sem autorização e a permanência no imóvel sem consentimento do proprietário. O Manual assegura que a jurisprudência, por suas exigências, é mais tolerante com *okupações* políticas do que com as para moradia.

La usurpación consistiría, por tanto, en la entrada no autorizada en un inmueble o casa no habitada, o en permanecer en ella después de que su propietario nos haya indicado que debemos abandonarla. Sin embargo, incluso desde una perspectiva estrictamente legal, no todas las okupaciones son constitutivas de un delito de usurpación. La jurisprudencia (SSAP Barcelona 1-9-2005, Sevilla 20-3-2001 y 6-9-2001 y Málaga 9-10-2000, entre otras) viene exigiendo como requisito que concurra «una voluntad de hacer la cosa como suya y con vocación de permanencia». Este aspecto ha sido importante desde la perspectiva de la defensa de los centros sociales en los que no había vivienda, ya que resulta relativamente fácil demostrar que no se tenía voluntad de «permanecer» en el edificio o de «utilizarlo como propio». Sin embargo, plantea un problema a la hora de defender una okupación de vivienda, donde es evidente la intención de permanecer en la misma. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 59).

A legitimidade das *okupações* é afirmada no Manual a partir da constituição do país. Nela, é dito que um imóvel abandonado por muito tempo não deveria ter proteção legal. O texto cita também outro ponto da Constituição no qual é declarado que a moradia digna é um direito dos cidadãos do país:

Todos los españoles tienen derecho a disfrutar de una vivienda digna y adecuada. Los poderes públicos promoverán las condiciones necesarias y establecerán las normas pertinentes para hacer efectivo este derecho, regulando la utilización del suelo de acuerdo con el interés general para impedir la especulación. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 61).

O Manual justifica o ato de *okupar* como uma afirmação de direitos básicos – o de vivienda – que não são cumpridos pelos poderes públicos. “Por ello, en la medida en que los poderes públicos no hacen efectivo este derecho, y en la medida en que entendemos la vivienda como un bien de primera necesidad, hacerlo efectivo de manera directa se ha convertido en una obligación” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 61). Portanto, o Manual é bem didático, direto, expõe as leis, mas não deixa de se posicionar, pois o objetivo principal do texto é um chamado geral para a *okupação*.

O documento enumera tipos de ações que podem ser punidas, como danos ao imóvel, desordens públicas e, também, na tentativa de entrada no início da *okupação*, pode haver denúncias de roubo. Além disso, resistência e desobediência à polícia são uma dessas ações. Dou ênfase aqui ao “atentado a la autoridad”, que é um de “los delitos a los que podemos enfrentarnos al okupar un inmueble” (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 57).

Lo regula el artículo 550 del Código Penal: Serán reos de atentado los que acometan a la autoridad, a sus agentes o funcionarios públicos, o empleen fuerza contra ellos, los intimiden gravemente o les hagan resistencia activa también grave, cuando se hallen ejecutando las funciones de sus cargos o en ocasión de ellas. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 71).

O Manual dedica apenas uma página para o “atentado contra a autoridade”, mas nos textos em defesa a Can Vies, o tema de conflito entre policiais e manifestantes é essencial. As chamadas “ações violentas” dos manifestantes respondem à ação policial. A polícia, de forma corrente, fere quem se manifesta. Isso é tão comum que é, também, exposto na mídia dominante. Frente à ação policial, se age de maneira agressiva. Mas somente a reação dos manifestantes é punida. E, por ser uma reação, não deveria ser. Conforme a lógica do poder, o que legitima a ação policial é a sua reação. Assim, segundo o discurso dominante, os policiais podem ser agressivos, pois estão reagindo contra os vândalos. Esse discurso é uma inversão do que acontece realmente.

A passagem a seguir comenta que esse delito, “atentado à autoridade”, dos enumerados é um dos que recebem penas mais duras. Além disso, fala que a versão policial é sempre a com mais peso. O texto foi comedido nessa última afirmação, pois sabe-se que a polícia faz o que quer, pois ela tem poder e voz quase supremos.

Se refiere habitualmente a aquellos supuestos en los que se produce un altercado con la policía y, como consecuencia del mismo, se considera que se ha producido una agresión contra el agente. Es probablemente el delito que más asusta, por la dureza de las penas asociadas al mismo: prisión de dos a cuatro años y multa de tres a seis meses. Merece, además, especial atención la redacción del código, pues se establece que se incurre en este tipo penal: Si se les agrede físicamente Si se les intimida gravemente (en caso de que no fuera «gravemente», sería una falta) Si se realiza una resistencia grave (aunque nuevamente es difícil determinar el límite entre la gravedad y lo que no lo es; se entiende que si golpeas al agente cuando intentas resistirte a una detención, propinando patadas, por ejemplo). Aunque en el Derecho Penal no rige lo que se denomina «presunción de veracidad» (por la cual, la versión policial tiene más peso en el proceso que tu propia versión), es bastante habitual que de facto sí tenga mayor peso la versión policial. Por ello, recomendamos tener cuidado en las interacciones con la policía. (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 72).

Outro capítulo trata de um tema central para as *okupações*: *intentos de desalojo* (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 78). Central, pois a vida de uma ocupa, de forma corrente, é curta e sempre perseguida pela possibilidade de *desalojo*. É frustrante *okupar* um espaço, montar, organizar, mantê-lo, e ser desalojado. O lado positivo é que se o *desalojo* for expressivo, ele vira pauta para a mídia dominante, permitindo a visibilidade do movimento. E mesmo se isso não acontecer, o comum é *okupar* um outro espaço. Essa circulação por espaços, ruas dá visibilidade ao movimento. Se há uma mudança de rua, começa a se fazer parte da dinâmica dessa rua, o que leva a um contato com outros vizinhos. A estes, a partir do contato, permite-se um conhecimento sobre o movimento okupa, o que pode levar a uma simpatia. Em entrevista que fiz com membros do Casal Tres Liris, eles me disseram que se acontecesse o *desalojo*, já tinham em vista outro espaço para *okupar*. Quanto ao Manual, ele trata mais sobre os primeiros momentos de uma *okupação*, os momentos mais críticos e propícios para um *desalojo*.

Lo normal es que la policía tarde poco en llegar. Si es de noche y no aparecen enseguida, es posible que venga al día siguiente o al poco de hacerse pública la okupación, aunque no os fiéis, a veces aparecen en cualquier momento. Se suele considerar que hay un «plazo crítico» en las primeras horas de la okupación, ante la posibilidad de que la policía decida intervenir sin orden judicial por considerar que el delito se está produciendo o se acaba de cometer en ese momento (MANUAL DE OKUPACIÓN, 2014, p. 78-9).

O *desalojo* não é o final de uma *okupação*, de um processo que inicia na reunião de um grupo de pessoas e na escolha de um local para *okupar*. O *desalojo* é a possibilidade de continuação do movimento, sua tomada da cidade, sua ressignificação do espaço urbano, a continuação de sua expressão na autogestão, a produção de uma vida que tem como desejo um outro mundo. Finalizo o capítulo com trecho de um artigo que trata o *desalojo* de forma

poética. Este trecho de artigo acadêmico mostra o fascínio e o afeto gerados pelas lutas dos pobres, da multidão, dos okupas. Dou voz ao autor, pois compartilho com seu posicionamento.

Para los okupas, el desalojo, forma parte de la misma okupación, se sabe que el sueño durará poco, que hay que estar preparados, y que un día, generalmente por la mañana, los proyectos se verán truncados... para iniciar otros en otro espacio... De ahí, también que para los okupas, el desalojo, muestra otra metáfora, no hay futuro, hay que vivir el presente. Es un movimiento construido en y para el presente. Es la concreción de un deseo. Para los okupas no hay futuro lo único real y posible es el presente, el mañana no existe por ello les resulta imprescindible construir esa cotidianidad estrechamente vinculada a la militancia. Todo se funde y adquiere sentido en el aquí y ahora, en oposición a la política tradicional que deposita su deseo, sus esfuerzos y esperanzas en un mundo mejor para las generaciones venideras. La vida no se presenta con futuro concreto, establecido, ya delineado por otros, hay que reinventarlo permanentemente, como el espacio okupado, puede terminar en cualquier momento y hay que volver a empezar, a inventar, a crear... y siempre queda la satisfacción de haber participado en la experiencia. De hecho, el lema es: “un desalojo, otra okupación”, los desalojos, no sólo los criminalizan, sino que le dan visibilidad y movimiento al movimiento. Un desalojo muestra claramente, los límites del sistema y sus contradicciones, no solo criminalizan al movimiento okupa, sino evidencian al propio sistema [...] Los desalojos pueden ser concebido, como la ocupación por parte del orden, del espacio previamente liberado. De ahí el juego de exactamente quien okupa y quien libera [...]. (GONZÁLEZ, 2004, p.120).

CAPÍTULO 6 – CRÍTICA AO DISCURSO DO LA VANGUARDIA SOBRE CAN VIES

Nesta parte, tenho como objeto notícias da mídia dominante, mais especificamente do periódico *La Vanguardia*, sobre os conflitos em Can Vies. O periódico foi escolhido não apenas por ser um dos mais importantes da Espanha, mas, principalmente, porque encontrei nele um texto extenso¹¹⁵ sobre as lutas de Can Vies, as quais se iniciaram com o *desalojo* em 26 de maio de 2014 e foram expressivas até o dia 31 do mesmo mês. O texto é relativamente confuso, está assinado, mas não é datado. Ele narra um pouco mais de 24 horas dos dias mais intensos das lutas por Can Vies: da noite de sexta-feira (30/05/2014) até a noite de sábado (31/05/2014). Centra-se em uma manifestação em massa ocorrida na cidade em favor da okupa. Porém, há muitos dados que permitem pensar o acontecimento como um todo. Também outros artigos, curtos, do *La Vanguardia* estão presentes ao longo desta parte. Eles foram encontrados a partir de buscas com palavras-chave. Escolhi-os a partir de uma leitura prévia, na qual buscava material relevante para compreender esse objeto da pesquisa.

Aqui, tenho como objetivo narrar o que foi dito e como foi dito para pensar o acontecimento e entender a posição da mídia. Além disso, busco fazer uma crítica e me aliar às lutas. Dificilmente, uma pesquisa desse tipo, para mim, não seria crítica, haja vista que uma das premissas dos movimentos é que a mídia tende para o lado do poder. Busquei na narrativa extensa – como nos outros artigos – uma tendência de defesa de Can Vies, o que não encontrei. Isso foi o motor do início desta parte da pesquisa. Encontrei, sim, um discurso que, à primeira vista, não representa nem o poder, nem Can Vies, como se o periódico estivesse situado em uma borda. O lado positivo do *La Vanguardia* se revela quando apresenta falas do coletivo; mostra a simpatia para com a causa; o lado negativo concerne ao fato de não se posicionar, o que chamo de frieza.

Como vejo nos relatos dos movimentos em solidariedade a Can Vies, os quais serão expostos no próximo capítulo, há uma paixão que percorre os enunciados, defendem Can Vies e repudiam o poder. Aqui, também, defendo Can Vies e critico o poder policial, o governo e, como disse, a mídia dominante. Essas duas linhas do poder, polícia e governo, são criticadas ao longo de toda a tese. O governo tenta sufocar a multidão, ao mesmo tempo em que representa um povo idealizado. A polícia que joga sujo contra a multidão, a polícia com seus

¹¹⁵ Disponível em <<http://endirecto.lavanguardia.com/sucesos/20140530/54408516969/can-vies.html>> Acesso janeiro 2016.

poderes quase absolutos, sempre em uma posição assimétrica, superior. Quanto à crítica à mídia dominante, é neste capítulo que ela acontece de forma mais profunda.

Nos artigos aparecem muitas falas do coletivo de Can Vies, dos vizinhos e dos agentes do poder – estes são, basicamente, os três discursos que percorrem as notícias. Noto que certos temas são recorrentes no conjunto de textos, por isso, não pretendo fazer aqui uma organização histórica linear do que passou a partir das notícias. Prefiro expor esses temas em seções; são eles: a autonomia do coletivo; a relação com o governo; as manifestações em solidariedade; a violência; a simpatia ou rechaço por parte dos vizinhos; o tipo de política produzida na okupa, afetiva e não burocrática. Esses temas me chamaram a atenção, uma vez que são questões importantes para o movimento okupa e para o coletivo de Can Vies, ouvidas por mim nas falas e nos encontros nas okupas, lidas nas mídias moleculares e em artigos e livros. Por fim, na última seção, concluo que as okupas são uma forma de construção da cidade, o que não é expresso pelo *La Vanguardia*, que frisa mais a destruição da cidade a partir do que chama de vandalismo.

Antes de começar a crítica, me parece óbvio que a mídia dominante está em uma via contrária à multidão. No entanto, dedico alguns parágrafos para um conjunto de autores que fazem também sua crítica à mídia para afirmar essa obviedade, ou seja, quando digo que é difícil não criticar a mídia dominante, me coloco em uma linha teórica que é seguida por muitos autores. Carlos Weiner (2013), em *Cidades Rebeldes*, livro coletivo e que tem como objeto as manifestações de julho de 2013 no Brasil, aborda as relações entre governo e mídias na tentativa de marginalizar os movimentos. No mesmo livro, Venício de Lima (2013) expõe, em tom crítico, que a velha mídia ainda tem o monopólio de tornar as coisas visíveis.

Aidar Prado (2013) explica que as mídias na contemporaneidade estão em função do controle. Isso também foi afirmado por Negri (2003). Guattari, em *Cartografias do Desejo* (2005), diz que as mídias são um dos pilares do capitalismo pós-industrial. Para Negri e Hardt (2006), em *Império*: “a legitimação da máquina imperial nasceu pelo menos em parte das indústrias de comunicação [...]” (p. 52).

Segundo Marocco (1997), a mídia cria ficções sobre os excluídos, mesmo que ela – a mídia – afirme tratá-los com imparcialidade. Em outro artigo, Marocco (2009) se mostra preocupada com a cobertura jornalística, com o fato de que as fontes que têm prioridades são apenas as oficiais. Ronaldo Henn (2013) comenta que o jornalismo é uma máquina que constrói consenso. Heen afirma algo exposto por Malini (2007), que há uma disputa entre o jornalismo dominante e as redes sociais. Para Malini (2007), essa disputa acontece pelo descrédito em relação às mídias convencionais. Primo (2006), Malini (2007) e Carvalho

(2011) apontam as inúmeras tentativas de se criar meios de contrainformação, experiências que afirmam esse descrédito.

Antoun, em texto sobre as redes da multidão (2002), no qual dá atenção às mídias moleculares, faz sua crítica à mídia dominante, que estaria do lado do “poder político burguês” (p.19). As mídias, as quais chama de “oficiais”, estariam sendo combatidas pela “contrainformação” (p.19) das redes. Em outro artigo, Antoun (2001) discute um dos principais acontecimentos do movimento por outra globalização. Nele, o autor mostra que a narrativa da mídia dominante, no caso, representou o poder, político e policial, sem nem ao menos simular “isenção jornalística na transmissão dos fatos” (p. 2). Antoun contrasta essa cobertura com a feita pelo Indymedia, a principal mídia do movimento. No artigo, é apresentada uma citação desse meio, em que é dito que o Indymedia cria narrações apaixonadas da verdade:

O Independent Media Center (Centro Independente de Mídia) é uma rede de comunicação de protestos dirigida coletivamente visando à criação de narrações radicais, acuradas e apaixonadas da verdade. Nós funcionamos através do amor e inspiração de pessoas que continuam a trabalhar por um mundo melhor, apesar das distorções e má vontade da mídia corporativa para cobrir os esforços para libertar a humanidade. (ANTOUN, 2001, p. 3)

Como já havia comentado, minha dissertação teve como objeto empírico a rede Indymedia. Pensei nas categorias de narrativa fria da mídia dominante e narrativa apaixonada a partir do posicionamento dessa rede exposto na citação anterior. O Indymedia não se situava na borda entre poder e resistência, representava a resistência em notícias e produzia resistência em sua organização. O funcionamento da rede de mídia diz respeito a um outro momento da web, porém, considero que essa paixão, pela luta, pelo comum, contra o poder, que era atualizada em notícias, exposta na citação, também move os enunciados sobre Can Vies produzidos pelos coletivos irmanados, o que não ocorre com o *La Vanguardia*.

6.1 DESEJO DE AUTONOMIA

O texto do *La Vanguardia*,¹¹⁶ intitulado “Can Vies ao vivo”¹¹⁷ (centro deste capítulo) em sua abertura, apresenta um posicionamento que é dominante nas *okupações* em Barcelona, o desejo de autonomia:

¹¹⁶ Disponível em <<http://endirecto.lavanguardia.com/sucesos/20140530/54408516969/can-vies.html>>. Acesso janeiro 2016.

¹¹⁷ Ao longo do capítulo, as citações que não apresentam a fonte são oriundas desse texto do *La Vanguardia*.

Que nos dejen tranquilos, no necesitamos al Ayuntamiento para nada, no tenemos nada de qué hablar porque el edificio está en el suelo", ha dicho hoy el portavoz de la Plataforma de Apoyo a Can Vies, Ferran Aguiló, que ha comparecido junto a Pau Guerra, del colectivo **Can Vies**, y Marc Justicia, de la Asamblea de Sants, para reivindicar un Centro Social Autogestionado "sin tutela institucional.

Na passagem é dito que o edifício “esta en el suelo”, pois a prefeitura quase o destruiu. Quando é exposto que o coletivo não necessita da prefeitura, se refere também ao fato de que logo após a destruição e as lutas nas ruas, já começaram a reconstrução do prédio. Na pesquisa de campo, na audição das falas dos okupas de Can Vies, ouvi exatamente isso: de que não haveria diálogo, que a okupa quer se manter distante das regras da macropolítica. E assim continua até hoje. Está ativa, mas de forma autônoma. A distinção entre macropolítica, a política do Estado, e micropolítica, a política produzida pelos movimentos antissistema, é fundamental. São de naturezas diferentes e estão em conflito. A macro concerne ao poder que tenta se manter a todo custo e está apartado, acima, da multidão. Esta, na forma de povo, apenas pode ser ativa no processo eleitoral. A micro expõe a retomada da vida política atualizada em determinados processos, como nas manifestações de rua e nas *okupações*.

Friso que o porta-voz referido, Pau Guerra, não é uma pessoa com um pseudônimo. Em uma fala de um okupa, ele me disse que Pau Guerra é o nome usado por qualquer pessoa de Can Vies, que age em determinado momento como porta-voz. Eu mesmo pensava, a partir dos textos da mídia, que era uma pessoa e não um símbolo.

6.2 CONFRONTO COM O GOVERNO

A narrativa também apresenta exigências do coletivo de Can Vies frente à prefeitura; exigências que parecem, senão ousadas, inocentes, pois não seriam cumpridas, como a demissão dos chefes do poder em Barcelona. Entretanto, isso expõe a indignação, o desejo de uma mudança radical na sociedade, e que Can Vies poderia ser o início dessa mudança.

Los portavoces de la Plataforma de Apoyo a **Can Vies** han exigido la dimisión de Martí y Trias¹¹⁸ (CiU) ‘por su prepotencia y cinismo’, de ‘teatralizar’ para fingir un diálogo y de haberlos ‘ninguneado y engañado’. También han pedido la libertad y retirada de cargos de todos los detenidos en las manifestaciones de esta semana, paralizar todos los desalojos con que están amenazados otros centros sociales autogestionados de Barcelona y ‘retirar la militarización del barrio de Sants’, en alusión a la presencia policial en las calles.

¹¹⁸ Xavier Trias: alcalde de Barcelona; Jordi Martí: *Concejal* del Distrito de Sants-Montjuïc.

Percebo, pelas exigências, que existe uma mudança de posições. Os manifestantes são singularidades da multidão e, por isso, não têm voz nenhuma na democracia representativa, estão sempre situados abaixo do poder do Estado. Eles – os manifestantes – se colocam frente a frente com o governo, se chocam com ele, e mais: tentam se colocar acima pelo teor das exigências. Esse empoderamento, que poderia parecer, como disse, até um posicionamento infantil, talvez seja reflexo do que se passou nas ruas. O levante, as ruas tomadas, a insurreição, a potência desde baixo, isso os situa em uma posição privilegiada, prontos para enfrentar o poder.

6.3 A EXPLOSÃO SOCIAL EM MADRI

No texto, cita-se como sendo dito por um porta-voz de Can Vies: “Quien piense que esto pasa por el desalojo es ciego o no quiere ver, estamos hablando de un estallido social”. A prefeitura cedeu, frente às lutas nas ruas, frente à organização dos okupas, também por terem conseguido atrair vizinhos e moradores de Barcelona para a causa e, também, por terem chamado a atenção de toda a Espanha, vide as manifestações de rua em favor de Can Vies, como as que aconteceram em Madri.

Convocados por varios colectivos y mareas sociales, encabezados por la Coordinadora 25S, los congregados en Madrid se han reunido a las ocho de la tarde en la Puerta del Sol tras una pancarta en la que se leía ‘No pasarán. Madrid con **Can Vies**’ para denunciar la ‘represión policial’ en los disturbios de la ciudad condal. ‘Barcelona libertad’, ‘Un desalojo, otra ocupación’, ‘Cifuentes dimisión’ o ‘Basta ya de Estado policial’ han sido algunas de las consignas que han coreado los participantes.

Vê-se aqui que manifestantes de Madri se aproveitam do caso de Can Vies. Solidarizam-se com a okupa, mas trazem como demandas a demissão de Cristina Cifuentes, delegada do governo da Espanha em Madri. Essa palavra de ordem, “Cifuentes dimisión”, eu já havia percebido nos discursos de nós das lutas espanholas como o 15M. Outra questão importante é a convocatória feita pela Coordinadora 25S. Em 2012, foi um dos coletivos mais importantes pós-lutas do 15M, criou os eventos de rodeio do Congresso em Madri expostos no capítulo sobre o movimento dos indignados.

6.4 A ILUSÃO DO BOM PODER

Existem diversas formas de ler a narrativa. Uma delas e marcante se refere ao fato de o periódico situar os manifestantes em uma posição rígida e inflexível, a qual, na verdade, é expressão da autonomia. E o periódico faz mais: contrasta com a posição do governo, esta moderada, por estar aberta ao diálogo:

El conflicto por el desalojo y derribo del Centro Social Autogestionado de **Can Vies** ha entrado hoy en vía muerta al rechazar el colectivo que ocupaba este edificio del barrio de Sants desde hace 17 años la posibilidad de cualquier diálogo, pese a que el Ayuntamiento ha paralizado la demolición. El alcalde de Barcelona, Xavier Trias (CiU), ha decidido esta medida como gesto de "buena voluntad" para retomar el diálogo y trasladar las actividades de este centro social okupa a otro lugar, el colectivo de Can Vies ha anunciado que no tiene "nada que negociar" con el consistorio porque se sienten engañados y el centro está siendo demolido.

O governo é apresentado não só aberto ao diálogo, mas também zeloso com a saúde dos manifestantes e vizinhos: “el Ayuntamiento ha anunciado que a lo largo del día de hoy protegerá el perímetro del edificio ‘para evitar riesgos a las personas’”. Ou seja, um bom governo que cuida dos seus cidadãos, como se eles fossem seus filhos, seu rebanho. Mas esse mesmo governo que tentou desalojar o centro social, um dos símbolos do bairro Sants e de Barcelona, colocou policiais nas ruas, prendendo cidadãos apenas por estarem se manifestando.

Não há como diferenciar as ações do poder de Barcelona e as de Madri, ou as ações do poder em Barcelona e as do poder no Brasil. Sabemos o que o poder faz e como faz. A narrativa parece seguir uma mesma lógica: narcotiza o leitor, mostrando o poder como um pai que ama seus filhos rebeldes, filhos jovens e inconsequentes, que têm muito ainda a aprender com a vida. Assim, até a ação da polícia se justifica; os manifestantes presos são os filhos de castigo por terem feito travessuras. Os manifestantes agredidos são os filhos que levaram algumas palmadas, que, na verdade, foi um gesto de amor.

6.5 A FRIEZA DO LA VANGUARDIA

A seguir, um trecho com uma questão comum no texto, a exposição, em detalhes, das ações dos manifestantes, a propriedade privada e pública destruída por eles:

En su primera rueda de prensa tras el desalojo y cuatro noches de disturbios en Sants, saldadas hasta ahora con 61 detenidos -23 de ellos la última noche- y con daños valorados en casi 200.000 euros, decenas de contenedores quemados y las sucursales bancarias de la zona destrozadas, el colectivo ha culpado del conflicto al concejal del distrito, Jordi Martí, y al alcalde, Xavier Trias.

Eu não estranharia alguém, ao ler isso, fazer o seguinte comentário: além de destruírem tudo, culpam o governo? Porém, em muitos momentos, o periódico dá voz aos manifestantes, ou seja, parece representar a multidão da mesma forma que o poder parece representá-la. A narrativa, portanto, cria um estranhamento: está defendendo os manifestantes ou a ação do governo? Se o que passou em Can Vies – ou o que se passou nas lutas de 2011 na Espanha – não merece uma voz posicionada ou indignação, então isso simboliza que o poder é legitimado.

Em outro momento, quando comenta a reconstrução de Can Vies, a narrativa erra em uma afirmação, ao dizer que a reconstrução feita por solidariedade era de natureza diferente das lutas nas ruas:

La participación es tan elevada, que la organización no ha tenido cascos de obra suficientes para todos los voluntarios. [...] Desde el twitter de CSA Can Vies ya hablan de un millar de personas en la calle florals para ayudar en la reconstrucción. [...] La violencia de las últimas noches en Can Vies contrasta con la solidaridad que se ve hoy.

Erra por fechar os olhos para a motivação, organização e significado das lutas, por negar as linhas envolvidas no acontecimento. O *La Vanguardia* tenta cortar a multidão, a partir de um discurso maniqueísta. Estar nas ruas, se reunir com os seus, se defendendo da polícia, melhor, ir para as ruas por uma causa coletiva, mesmo com a possibilidade de levar um tiro ou ser preso, isso é uma expressão radical de solidariedade.

A paixão que move a reconstrução de Can Vies, que dura até os dias de hoje, reconstrução que é pensada e trabalhada continuamente, de forma séria, é a mesma paixão que coloca pessoas nas ruas defendendo suas causas, mesmo que isso se torne objeto de repressão. Paixão também que move minha pesquisa e que é impedida na narrativa do *La Vanguardia*, o qual tenta ficar em cima do muro a partir de sua frieza.

6.6 O QUE É VIOLÊNCIA?

Em outro momento, o periódico faz a seguinte afirmação: “Además de los miles de personas que están ‘celebrando’ la reconstrucción de Can Vies, también hay voces de gente

que se pregunta si este colectivo también reparará todos los destrozos producidos en las cuatro noches de protestas”. Essas vozes são, se existentes, ingênuas, já que as ruas arderam devido à repressão policial, ou seja, o governo é o verdadeiro culpado. A narrativa mesmo diz isso em passagem referida a um dos porta-vozes de Can Vies: “Mejor que nos dejen en paz de una vez -ha subrayado- porque está demostrado que si nos tocan las narices el barrio de Sants se cansa y se quema, mientras que si no lo hacen permanece tranquilo, como hoy, que no hay presencia policial y todo va bien.”

Em outra notícia, o *La Vanguardia*¹¹⁹ trata da visão dos leitores do portal na internet do jornal sobre as lutas. Eles, de início, simpatizam com as lutas, mas, posteriormente, criticam os atos violentos. Comenta-se no texto de que foi feita uma pesquisa sobre a mudança de opinião dos leitores:

Analizamos la tendencia de las opiniones mayoritarias que han aparecido en las redes sociales de La Vanguardia.com. Desde que empezó el desalojo del edificio, las primeras reacciones en las redes fueron de apoyo a Can Vies. Sin embargo, después de los primeros altercados la noche del lunes, las voces empezaron a discrepar. Comenzaron a aparecer los más críticos, aquellos que de ningún modo aceptarían que las calles se llenaran de fuego, contenedores quemados ni cristales rotos. En esta línea, hemos podido leer comentarios como el de Pepi Aznar: ‘¡No, no y no a la violencia!’.

Na notícia, breve por sinal, não há detalhes da pesquisa, apenas as vozes de cinco ou seis pessoas. Obviamente, o *La Vanguardia* não quis pesquisar o que pensam os seus leitores, mas, sim, o que pensa a população sobre os conflitos. Esse discurso é um clichê bem conhecido que percorre a mídia, a crítica aos “atos violentos”. Mas de quem é a violência? O que é violência? Em sua maior parte, a violência é referida no artigo aos manifestantes, mas, como já visto, sem polícia não há violência.

O *La Vanguardia*, também, narra as prisões e sanções e, como nunca faz, não se pergunta por que o mesmo não acontece em relação às ações desumanas da polícia, já que prender e agredir manifestantes é algo comum, que não gera e não deve gerar estranhamento, ou seja, justifica o poder que se quer absoluto da micropolítica:

Hoy han quedado en libertad 26 de los 27 detenidos en las protestas de Can Vies. El juez ha decretado prisión provisional para un joven de 30 años, auxiliar de enfermería y casteller. [...] Las consecuencias judiciales de las protestas por Can Vies: Los 25 detenidos en libertad provisional tienen la obligación de comparecer una vez al mes en el juzgado y se les ha prohibido acudir a manifestaciones. A todos se les imputa el delito de desorden público, y para algunos se amplía la imputación a otros delitos como atentado, daños y lesiones.

¹¹⁹ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/tecnologia/redessociales/20140530/54409443255/rechazo-violencia-urbana-desalojo-can-vives.html>> Acesso janeiro 2016.

Em outro texto, surge uma expressão que causou muitos debates no Brasil, a expressão vândalos¹²⁰, e a violência policial é tratada apenas como uma resposta à ação dos manifestantes.

los encapuchados lanzaban objetos a los Mossos y ellos les perseguían arriba y abajo. Los vándalos se escondían por diferentes calles estrechas del barrio y se defendían lanzando objetos contundentes y haciendo barricadas que en algunas ocasiones frenaban el paso de la policía.¹²¹

Mas como não lutar contra um grupo – os policiais – que age por cima da lei, ou que age a partir de leis contrárias à expressão da multidão? Como não se sentir indefeso sabendo que aqueles contratados para defender os cidadãos atuam contra estes? Em muitos casos, o extremo é uma ação que pode parecer simétrica frente à ação da polícia, a multidão se arma e luta na rua como a polícia está armada e pronta para atacar qualquer um que estiver nas ruas:

Los sindicatos de Mossos d'Esquadra SPC, CAT y SME-CCOO consideran que las personas que protestan o se manifiestan pacíficamente no tiran cócteles molotov o llevan emisoras para organizarse, como ha sucedido los últimos días en el conflicto de Can Vies, de Sants, en Barcelona. En un comunicado conjunto, los sindicatos muestran fotografías de bolas explosivas, emisoras portátiles y cajas con clavos en el interior que aseguran haber recogido durante las protestas de Can Vies en los últimos días.

Em um outro trecho de notícia, curiosamente, ocorre uma tentativa meio cômica de deslegitimar as lutas; é declarado que muitos manifestantes violentos estavam bêbados nos momentos de confronto:

Este jueves, la violencia ha sido muy extrema, ha empezado más tarde pero ha sido más contundente por ambas partes que en las tres noches anteriores, según ha detallado un periodista de TV3, que ha afirmado que algunos encapuchados iban borrachos.¹²²

Aparece, além disso, uma qualificação presente em inúmeros artigos: os encapuzados. Essa qualificação é negativa, pois se subentende que são pessoas que não mostram a cara pelo

¹²⁰ No Brasil, em resposta às lutas de junho de 2013, o governo acionou a polícia, que produziu uma repressão em massa. Os periódicos dominantes aliados do governo fizeram uma campanha negativa em relação ao movimento. Os manifestantes foram chamados de vândalos e baderneiros, na tentativa de marginalizar suas ações.

¹²¹ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/sucesos/20140528/54409410735/tercera-noche-violencia-barrio-sants.html>>. Acesso janeiro 2016.

¹²² Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54409450319/cuarta-noche-incidentes-protesta-can-vies-sants.html>>. Acesso janeiro 2016.

fato de terem algo a esconder da polícia; podem ser criminosos que não querem ser identificados.

6.7 A AUTONOMIA FUNCIONA

As muitas citações diretas do coletivo de Can Vies, na narrativa, expõem sua posição; e, como já foi registrado, a mais marcante é o desejo de autonomia.

En la cacerolada de hoy en Plaça de Sants, representantes del Centro Social Autogestionado (CSA) de Can Vies han repartido unas octavillas entre los participantes en las que señalan: "Si tan buena voluntad tiene, el Ayuntamiento lo vuelve a tener muy fácil, que nos deje volver a construir en paz lo que ellos han destruido con la violencia".

Em outra passagem, o periódico faz uma apresentação histórica do coletivo e de sua forma de atuação, apresentando a realização da autonomia no projeto de Can Vies, a inexistência de subvenções ou tutela, a auto-organização antiestatal e anticapitalista que funcionou por quase duas décadas. Ou seja, um laboratório que pode ser experimentado por outros coletivos.

El centro de Can Vies, ubicado en el 40-42 de Jocs Florals, en el barcelonés barrio de Sants, era un espacio abierto hace 17 años que construyó un proyecto colectivo sin subvenciones ni tutelas, a través de la autoorganización. Lo formaban colectivos que ofrecían actividades políticas, sociales y culturales muy diferentes y que, al mismo tiempo, gestionaban, coordinaban y mantenían la convivencia en las instalaciones.

A partir disso, impõe-se uma pergunta: por que a prefeitura tentou destruir um projeto de tal natureza? A experimentação da autonomia demonstra que há a possibilidade de se viver sem a mediação, a representação do poder. Mostra outras realidades possíveis. Uma outra pergunta que é difícil de responder seria: por que Can Vies se tornou um acontecimento que recebeu solidariedade em massa? Será que é por mostrar isso que eu comentava: a possibilidade de uma vida além do controle do poder?

6.8 SIMPATIA COM CAN VIES

Outro ponto da matéria diz que a narrativa pode ter um papel na criação de simpatia com o coletivo de Can Vies: “La marcha de voluntarios sube desde Can Batlló, donde tenían guardado todo el material para poder trabajar esta mañana”. Can Batlló é um centro social de Barcelona cedido pelo governo, frequentado por muitos moradores mais velhos do bairro de

Sants, ou seja, um lugar mais legitimado. A citação, ao mostrar que Can Batlló está colaborando com Can Vies, pode atrair pessoas com uma posição mais moderada.

Em outro artigo, apresenta a fala do coletivo de Can Batlló, que critica a prefeitura e se diz irmanado à causa de Can Vies:

Además, Can Batlló ‘condena enérgicamente el desalojo del centro social Can Vies’ y ‘denuncia la ocupación del barrio y la actuación brutal por parte de las fuerzas policiales como consecuencia de las decisiones tomadas desde la concejalía del distrito y desde el ayuntamiento.’¹²³

A narrativa principal também mostra a solidariedade com Can Vies ao declarar que mais de 400 pessoas estavam ajudando na reconstrução, e, além disso, o periódico dá voz para a página do twitter de Can Vies: “Desde el twitter de CSA Can Vies ya hablan de un millar de personas en la calle florals para ayudar en la reconstrucción.” Ainda, o *La Vanguardia* detalha uma das manifestações¹²⁴ em apoio a Can Vies:

Los organizadores de la manifestación cifran la participación en 20.000. [...] La Guàrdia Urbana de Barcelona cifra en 3.500 los manifestantes por Can Vies. [...]. Varias marchas en protesta por el desalojo y el derribo parcial de Can Vies han salido hacia las seis de la tarde de diferentes puntos de Barcelona y del área metropolitana y han confluído todas en la plaza Universitat.

Tudo isso demonstra a simpatia com o devir revolucionário simbolizada em ações concretas. Ou seja, nesse caso, Can Vies não é apresentada como uma okupa radical, um gueto de poucos, mas um espaço de interesse coletivo.

6.9 RELAÇÃO COM OS VIZINHOS – POSIÇÃO NEGATIVA

O periódico – sempre negativo frente às ações por parte dos manifestantes que considera violentas – apresenta falas de comerciantes e vizinhos que criticam Can Vies:

‘Llevamos tres días perdiendo dinero’, afirma el dueño de un bar próximo a la plaza de Sants y que se ha visto obligado a cerrar cuatro horas antes de la hora prevista a consecuencia de las violentas protestas de las marchas en favor de Can Vies. ‘Estamos acojonados y hartos’, espeta el empresario que cree que todo lo que está sucediendo no tiene nada que ver con Sants: ‘Can Vies no representa a Sants, les hemos dejado este hueco, como otras casas ocupadas que hay en el barrio, y lo aceptamos, pero no estamos para nada de acuerdo en todo lo que ha venido después’. El restaurador, que confiesa haber tenido que dar cobijo a clientes que no se atrevían a salir durante los disturbios, admite el derecho de la gente a manifestarse

¹²³ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54408493673/can-batlló-desacredita-a-jordi-marti-y-rompe-relaciones-por-can-vies.html>> Acesso janeiro 2016.

¹²⁴ Essa manifestação será detalhada no capítulo seguinte.

aunque matiza ‘que este grupo de personas no puede hablar de derechos teniendo en cuenta que estaba ocupando un edificio’ y que, según él, ‘tampoco hacían tantas cosas para el barrio como dicen’.¹²⁵

Agora, surge um discurso inesperado de que Can Vies não representa o bairro. Vimos anteriormente que existe toda uma movimentação dos coletivos vicinais a favor de Can Vies, como Can Batlló. Em outra parte do mesmo artigo, aparece um diálogo novelesco, o qual tem como conteúdo o mesmo senso comum que não entende ações contra a propriedade privada e de que a polícia é que gera o caos: “A sólo unos metros del centro una hija pregunta a su padre señalando el cristal roto de un aparcamiento público: ‘Papá, ¿esto quién lo paga?’ ‘Nosotros con los impuestos’, suelta el padre sin apenas inmutarse y visiblemente enojado por la foto que le rodea.”

O *La Vanguardia* dá voz, também, a um coletivo de vizinhos de Sants, que estava buscando assinaturas para que Can Vies atuasse na legalidade, se ajustasse-se às normas vigentes:

Vecinos del barrio de Sants, donde está ubicado la casa desalojada de Can Vies, han decidido este miércoles iniciar una recogida de firmas durante diez días para emplazar a los 'okupas' a cumplir la ley: ‘Apelamos al cumplimiento de la legalidad’. Esta es la principal decisión de la asamblea celebrada entre las 19 y las 21 horas de este miércoles en las Cotxeres de Sants, donde han participado un centenar de vecinos, que han decidido suscribir el manifiesto dado a conocer por la mañana, según ha explicado a Europa Press uno de los vecinos promotor del manifiesto Albert Torras.¹²⁶

Comentei o caso com um dos membros de Can Vies e ele disse que o fato era conhecido. Explicou-me que o coletivo representava uma minoria, encabeçada por pessoas com interesses políticos. Além disso, trechos de outra matéria trazem muitas falas negativas de vizinhos sobre Can Vies:

La existencia de este lugar sólo enojaba a los vecinos que convivían puerta con puerta, y si había alguna tensión era con el propietario del edificio, Transports Metropolitans, que quería echarles desde hacía ocho años. [...]. El presidente del mercado, Eleuterio Galinsoga, ha llegado a la conclusión de que ‘Can Vies, más que convivir, ha coexistido con el barrio’. Muchos vecinos, la clase media, habitualmente discretos, a los que les gusta recordar que pagan sus impuestos y cumplen con las normas, simplemente los toleraban. [...] Un jubilado de la calle Alcolea que cuida a su mujer enferma de alzheimer explica que tuvo que llevársela del piso ‘porque llevaba tres días sin dormir y yo tenía la cabeza como un timbal’. Este hombre dice: ‘Yo no sé lo que harían dentro de Can Vies, me da igual. Pero no

¹²⁵ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54408491146/vecinos-comerciantes-sants-can-vies.html>> Acesso janeiro 2016.

¹²⁶ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/politica/20140604/54408696099/vecinos-sants-firmas-okupas-can-vies-ley.html>> Acesso janeiro 2016.

hay derecho a que entren en un sitio que no es suyo y encima no paguen nada, cuando el resto hemos de pagar la vivienda y todos los gastos'.¹²⁷

Esse ponto é muito importante, pois as okupas em Barcelona representam os bairros. Elas são irmanadas, mas cada okupa é um equipamento central para os bairros. Se se perde a simpatia dos moradores da região, ela se torna marginal. Por isso, essas considerações talvez sejam uma das que mais afetem o coletivo de Can Vies.

6.10 AFETOS CONTRA A BUROCRACIA

Na narrativa principal, uma foto de uns dos painéis no bairro Sants em favor de Can Vies. A foto é caricata: pessoas fazendo percussão com tipos de instrumentos cotidianos, como panelas, e, ao mesmo tempo, rindo, felizes. O mais marcante na foto é a imagem de um pai, jovem, com o filho de menos de um ano no colo. Em outra imagem, aparece uma criança, um menino de uns dez anos ajudando na reconstrução. Em uma passagem da narrativa é exposto algo parecido: “A la convocatoria de esta mañana están acudiendo vecinos de todas las edades, incluido un grupo de niños que pintan en el suelo un mural en apoyo a Can Vies”. Essa exposição de um clima alegre, no qual até crianças estão presentes, é o extremo oposto das afirmações sobre a presença de manifestantes violentos. Portanto, a visão maniqueísta do periódico se mantém.

Não encontrei nenhuma notícia da mídia dominante que narre a vida em uma okupa, seu funcionamento. Nelas, como em Can Vies, o clima alegre é predominante. Nas muitas assembleias em que estive em Can Vies, as relações de afetos me chamaram – e muito – a atenção, algo parecido com uma roda de amigos. E, paralelamente, a seriedade das falas, das tomadas de decisão. Mesmo que as assembleias sejam longas e, muitas vezes, cansativas, elas não são chatas nem monótonas. Há uma seriedade, mas longe de qualquer tipo de solenidade ou burocracia. Também em manifestações, sempre me sinto como se estivesse em um show de rock, em uma festa. No capítulo dedicado à etnografia, exponho a importância da festa nos coletivos okupas. Festa, assembleia, manifestação pacífica ou violenta, obviamente, são acontecimentos diferentes, mas compartilham elementos e fazem parte do mesmo plano.

Nas manifestações de que participei, o tempo sempre correu, fiquei horas em pé e nem senti cansaço, e, no fim, sempre ficava uma sensação de querer mais, de desejar que

¹²⁷ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140609/54409774480/debate-can-vies-vida-social-sants.html>> Acesso janeiro 2016.

acontecesse outra manifestação. As minhas relações de afeto com os encontros, assembleias, manifestações se devem ao fato de que essas ações fazem parte de uma outra política, uma política menor, que é experimentada por certos coletivos, como o de Can Vies. E isso percebi também no 15M, a partir das assembleias do 15M que vi pelo Youtube. Também as palavras de ordem do 15M sempre mostraram um bom humor, que é característico das lutas da multidão.

6.11 DESEJO DE OUTRA CIDADE

Penso que o governo tenta manter a cidade como um lugar controlado, sem fora, que impede o devir revolucionário. Quanto à mídia, ela reforça o governo pelo seu não posicionamento. A outra cidade, a cidade molecular, é desejada pela multidão, os agentes do devir menor da cidade molar; trato disso nesta seção. Agora, deixo de lado a análise das mídias para trazer algumas considerações sobre a criação da cidade pela multidão. Mas cabe realçar que minha forma de pensar difere do discurso da mídia. Para esta, como visto, manifestação é um ato violento, a vida nas okupas, seus símbolos, é negada. As okupas só ganham visibilidade quando rompem com a vida que deve ser tranquila da cidade do controle.

Em um post no Facebook, Pablo Capilé, ativista-líder do coletivo Fora do Eixo¹²⁸, disse que as marchas, as okupas e as manifestações já fazem parte do tecido urbano brasileiro e que o senso comum e o poder têm que aceitar isso. Mesmo com diferenças profundas entre o pensamento que trabalho e o de Capilé, sua exposição é importante. Também no Facebook, Barbara Szaniecki, membro da Universidade Nômade, afirmou que o urbanismo do aparelho de Estado é o vandalismo do poder. No Brasil, a insatisfação com o modelo de cidade padrão FIFA, nos preparativos da Copa do Mundo, foi frequente. Em Barcelona, se deseja uma cidade para a população e não para o turista.

As okupas seguem a mesma lógica e expressam o desejo de outra cidade, de outro urbanismo. Elas são precárias, esteticamente feias, e isso não importa. Toda parte exterior de Can Vies está cheia de grafites, o que é típico na maioria das *okupações*. Aliás, toda parte exterior de Can Vies é bonita, pois representa uma antiarquitetura, o que será visto, em detalhes, mais adiante.

Além disso, esse desejo de outra cidade é expresso no grafite. O grafite político é de natureza distinta de outros grafites urbanos, porém, no caso de construção da cidade, só

¹²⁸ Coletivo político-cultural em rede situado no Brasil.

diferem em grau. Interessei-me, a princípio, pelo grafite nas lutas de junho de 2013 no Brasil. Após as manifestações, percorria os bairros da cidade de Porto Alegre de maior intensidade de confronto e via uma outra cidade, como se fosse de outro tempo. Não estava mais bonita e também nem mais feia, mas mais importante, havia sido ressignificada.

As manifestações, as okupas, o grafite, as festas são as únicas formas de construção da cidade possível para a multidão; como disse: experimentações do devir menor da cidade molar, do controle, que aponta para uma cidade molecular, uma cidade da multidão. Esta não tem dinheiro para construir uma okupa, por isso, *okupa* prédios; não tem dinheiro para construir monumentos, por isso depreda e faz grafites; não tem poder nenhum em relação à circulação no tecido urbano, então, faz manifestações e cria acampadas nas praças. Isso é possível, sua forma de retomar a vida sempre submetida ao poder.

Certas manifestações de rua são, obviamente, feitas a partir de um desejo de uma nova sociedade – há demandas micropolíticas envolvidas –, porém, demonstram uma riqueza em si mesmo. Também, um grafite pode ser em defesa dos direitos da mulher, contra a homofobia, contra a falsa democracia, etc., mas tem uma potência própria.

Uma palavra de ordem está exposta em toda a cidade de Barcelona no formato de grafite: “Okupa!”. Significa um chamado para a criação de novos centros sociais *okupados*. Contudo, poderia ser ampliado o significado, no que diz respeito à tomada da cidade: *okupar* a rua, uma praça, o espaço urbano; *reokupar* a vida que foi tomada pelo poder. Uma das palavras de ordem do 15M era “Toma la Calle”. Isso se assemelha em muito a: “Okupa!”.

A tomada de um prédio é uma ação local, que acontece em um bairro, feita por um grupo de pessoas que nele vivem essa vida reocupada, ou melhor, a experimentam no espaço. Essa ação própria de cada okupa não é limitada, pois elas são irmanadas, pelo menos no caso de Barcelona. Todas formam um movimento, daí seu poder. Isso em Barcelona é exemplificado pelas muitas *okupações* que surgiram na época dos confrontos de Can Vies e, também, pelo fato de que muitos coletivos okupas de toda a cidade foram para as ruas em favor de Can Vies.

CAPÍTULO 7 – TEORIA SOBRE CAN VIES

Este capítulo busca apresentar o que é dito por coletivos e sujeitos de resistência sobre o caso de Can Vies. A partir de pesquisa em ferramentas de busca na internet, encontrei um bloco extenso de publicações que fazem apologia a Can Vies, ou melhor, não apenas apologia, mas uma paixão percorre os enunciados, exatamente o que não acontece no discurso da grande mídia. Esse bloco é formado por publicações em blogs e sites alternativos, às vezes assinadas, às vezes não. São textos curtos, de sujeitos ou coletivos ligados diretamente à resistência. Apenas dois deles são de pessoas do mundo acadêmico, mas não são artigos, são textos de opinião, mais próximos da política de resistência do que da academia.

Esperava encontrar textos sobre Can Vies na internet. Recebi muitas ofertas de links pelo Facebook sobre a tentativa de *desalojo* do centro social. Sabia que a produção sobre o tema era extensa e apaixonada. Mas não esperava que essa produção fosse tão rica e consistente. Somente após uma rigorosa seleção e leitura do material, percebi que havia uma teoria menor, local, sobre Can Vies, teoria essa que abrange questões mais globais – o modelo de cidade dominante, as *okupações*, a violência policial, o controle do governo –, mas sem fugir do caso de Can Vies. O centro social nesses textos não é uma desculpa para tratar de outros temas. Em todo o trabalho de pesquisa bibliográfica, encontrei teorias a respeito da okupa, mas as mais locais se referiam à história do movimento em determinada cidade, não teorias referidas a uma okupa em especial. Além disso, no momento, não há uma produção acadêmica sobre o fato por ser muito recente.

Busco a partir dessas publicações, desse bloco que forma uma teoria menor sobre Can Vies: 1. Um conhecimento sobre Can Vies e as lutas de maio de 2014 referentes à tentativa de *desalojo* do centro social pelo governo de Barcelona. 2. Um discurso apaixonado, que difere da frieza dos enunciados da mídia dominante, no caso, o *La Vanguardia*, como visto em outro capítulo. 3. Exemplos de produção midiática da multidão. 4. E, principalmente, como a multidão produz suas teorias. Os dois últimos itens se misturam: a produção teórica acontece no espaço da internet. Percebo que certos posicionamentos são frequentes: 1. Crítica ao governo que tentou desalojar o centro social e aos policiais e sua violência. 2. Reconhecimento do valor das lutas nas ruas. 3. Apologia à autogestão. 4. Crítica ao modelo dominante de cidade.

Os textos, como disse, não são extensos, muitas vezes têm apenas uma página, mas todos juntos formam uma multidão de textos que têm em comum essa teoria menor. Algumas vezes, o conteúdo se confunde com o modelo de notícias, mas, em sua maior parte, são opiniões posicionadas. No capítulo, também me posiciono, colocando-me junto desse bloco. Considero meu trabalho como mais uma linha desse mapa teórico, ou seja, uma área de indiscernibilidade entre pesquisa e objeto. Não sou e não fui um okupa, não participei do 15M, mas me aproximo – e muito – da sua subjetividade, uma subjetividade de resistência. Portanto, outra área de indiscernibilidade, tratada ao longo desta tese, na qual política e campo do conhecimento se confundem: ajo politicamente, mesmo que a partir da teoria.

De forma alguma, eu enfrentaria a polícia ou quebraria vitrines de bancos; não por uma questão moral, já que admiro quem faz isso, mas não poria meu corpo ou liberdade em risco. Não sou corajoso como os jovens do 15M, os okupas de Barcelona, os jovens que são chamados de vândalos no Brasil. Todavia, não sou apenas simpático à revolução, a simpatia, como visto, como uma quase exterioridade da revolução, um afeto que aponta um desejo. Penso que a teoria – a qual trabalho – é uma prática revolucionária, é imanente à revolução, é feita por aqueles que fazem parte dela; isso é exemplificado, em detalhes, neste capítulo.

Muitos textos do capítulo apontam um desejo de uma mudança radical, dizem respeito a um novo mundo – mesmo que seja em uma frase ou em uma passagem. Nesses textos se fala em crise, na falsa democracia, se critica o poder transcendente, e percebi, em muitos momentos, uma crítica ao capitalismo. Então, ocorre uma crítica micropolítica. As okupas se centram em suas questões locais, porém, mesmo que não haja tantas ações de protesto frente ao estabelecido – crise, democracia – como no 15M, não posso afirmar que os okupas não busquem uma alternativa radical para a sociedade. Não posso assegurar que eles negam o Império e estão fechados em um bairro, em uma *okupação*, fora do mundo.

7.1 HISTÓRICO DE CAN VIES

Can Vies é um centro social *okupado* desde 1997, situado em um dos bairros mais tradicionais de Barcelona, o Sants. Trata-se de um caso mais raro comparando com outras *okupações* em Barcelona, pois continua ativo depois de décadas. O centro social é valorizado pela comunidade, sendo um aparelho fundamental para Sants: “Muchos de los y las cabezas

de familia de Sants estuvieron en su juventud en las fiestas y actividades de Can Vies. En los últimos años, el centro había ido integrándose en dinámicas vecinales más amplias”.¹²⁹

O bairro tem uma forte comunidade ligada ao movimento operário. Apresenta características que não o coloca, necessariamente, na lista do consumo turístico. No entanto, em Sants acontecem as famosas festas de verão, e uma das maiores estações de trem da cidade se situa no bairro. Por isso, há alguns hotéis de certo luxo no entorno da estação, e o bairro é vizinho da Colina de Montjuic, um ponto essencial no trajeto turístico em Barcelona. Além de Can Vies, a região abriga um dos centros sociais mais famosos da cidade, Can Batlló. O prédio deste é uma grande fábrica e, após demandas dos vizinhos, foi cedido pelo governo.

Uma passagem do texto expõe os coletivos que usavam o centro social de Can Vies:

[...] Can Vies recoge en sus entrañas a los movimientos vecinales, el colectivo feminista La Trama, el movimiento independentista Arran, los grupos de música que necesitan un local de ensayo, grupos de teatro y colectividades de muy diversa índole. Actúan mano a mano con la asociación de vecinos de Sants. El tejido asociativo del barrio es uno de los más poderosos de Barcelona.¹³⁰

Can Vies, portanto, é um ponto de encontro de diversos coletivos, um equipamento político-cultural de extrema importância não só para o bairro, mas também para a cidade. A tentativa de *desalojo* do prédio em maio de 2014, além de mostrar a força e representatividade de Can Vies, o tornou um símbolo para Barcelona, atraindo inúmeros coletivos que foram às ruas para impedir que o centro social fosse desativado.

Encontrei inúmeros textos com um posicionamento apaixonado, que explica o valor do Centro Social, como expõe um comunicado da Confederação Geral do Trabalho Organização libertária e anarco-sindical. Defende os interesses dos trabalhadores (CGT):

Hace 17 años que **se llenó de vida** y proyectos sociales un edificio abandonado y sin uso, de titularidad pública. Un edificio con un pasado ligado a la historia del anarcosindicalismo en la ciudad, primero en la CNT y posteriormente a la CGT. A lo largo de todo este tiempo, muchas personas han dedicado una gran cantidad de energías en construir un proyecto colectivo que ha sido referencia para el barrio y para toda la Barcelona antagonista y rebelde. Pero había un problema: La autogestión y la organización popular en los barrios son una enmienda a la totalidad del sistema urbano capitalista, en su orden establecido, a sus reglas de obediencia y sumisión. Son una enmienda a la totalidad a su Barcelona de escaparate, anclada en la especulación, la turistización de masas y en la precarización laboral y social.¹³¹

¹²⁹ Disponível em <http://www.huffingtonpost.es/joan-subirats/can-vies-de-solucion-a-problema_b_5411683.html> Acesso janeiro 2016.

¹³⁰ Disponível em <<http://lareplica.es/can-vies-zona-es-historia-reconstruccion/>> Acesso janeiro 2016.

¹³¹ Disponível em <<http://www.tercerainformacion.es/spip.php?article69019>> Acesso janeiro 2016.

A passagem diz que o edifício, quando foi ocupado, estava desativado. Após a *okupação*, a gestão do coletivo tornou esse prédio sem uso em um projeto, deu vida a ele. De algo inútil se tornou um espaço para a produção de valor, mas um valor da multidão, que o poder e as significações dominantes negam. Para o poder, Can Vies era um problema, como mostra a passagem anteriormente citada, por dizer respeito a um funcionamento de cidade diferente do modelo dominante.

Como a maior parte das okupas em Barcelona, Can Vies era ameaçada de *desalojo*, porém, no caso, há muito tempo. Os dias de lutas nas ruas, o que foi publicizado, duraram uma semana, mas nos meses anteriores a maio de 2014, já estavam acontecendo atos em favor do centro social. O bloco de textos apresentado neste capítulo e as notícias que pesquisei referentes à mídia dominante comentam essa semana de confrontos e, em menor parte, tratam do projeto de reconstrução do prédio, que dura até os dias de hoje. Não encontrei textos sobre o que ocorria em Sants nesses meses anteriores. A passagem a seguir aborda a ameaça de *desalojo* que perseguia Can Vies:

Para contextualizar un poco el desalojo hay que decir que esto era algo que venía siendo anunciado desde hacía tiempo. La empresa de Transports Metropolitans de Barcelona (TMB) es la propietaria y hace tiempo que andaba detrás de ello. A pesar de los distintos procesos judiciales que esta casa ha superado desde hace años, otro plan urbanístico más sirvió de excusa para destruir dicho espacio. Los meses previos se venía anunciando y ya se habían hecho varios actos de apoyo.¹³²

Segundo outro texto,¹³³ a empresa pública Transportes Metropolitanos de Barcelona (TMB) (citada na passagem anterior) justificou a demolição do prédio alegando que este se encontrava em péssimo estado, portanto, não era seguro tanto para os ocupantes quanto para os vizinhos do entorno. Entretanto, a cooperativa de arquitetos do bairro disse que, mesmo que o prédio não estivesse em perfeitas condições, era errôneo considerá-lo um perigo.

Según estos arquitectos, el estado de Can Vies no puede justificar una actuación que consistió, en primer lugar, en echar abajo el techo en vez de explorar posibles trabajos de adecuación. Además, se señala desde LaCol que no consta que ningún informe de los **Bomberos**, que tienen autoridad para indicar la peligrosidad y la necesidad de derrocar, haya basado la actuación de este lunes.¹³⁴

¹³²Disponível em <<http://es.contrainfo.es/piv.net/2014/07/04/barcelona-algunas-notas-sobre-el-desalojo-de-can-vies-y-lo-que-siguio/>>. Acesso janeiro 2016.

¹³³ Disponível em <<http://www.eltriangle.eu/es/notices/2014/05/can-vias-no-era-un-peligro-2091.php>>. Acesso janeiro 2016.

¹³⁴ Disponível em <<http://www.eltriangle.eu/es/notices/2014/05/can-vias-no-era-un-peligro-2091.php>>. Acesso janeiro 2016.

Em um comunicado de um dos coletivos do bairro de Sants, o Ação Libertária de Sants, é explicada a atitude do governo, que não negociou com o coletivo de Can Vies e, sim, usou de chantagens e mentiras. Exemplificam-se as mentiras, na falsa proposta do governo de que o coletivo usasse outro espaço temporariamente, para que o prédio fosse reformado:

Nos consta que las negociaciones llevadas por los compañeros de Can Vies estuvieron todo momento bajo la amenaza del desalojo por parte del Ayuntamiento. No fue una negociación, un chantaje, y su propuesta de que los colectivos se trasladasen a otro espacio temporalmente para que lo reformasen, una mentira.¹³⁵

Subirats, professor de Ciência Política da Universidade Autônoma de Barcelona, em artigo em que se posiciona a favor de Can Vies e critica a prefeitura, diz que o caso da tentativa de *desalojo* mostra o choque entre a autogestão e o governo da cidade. Há um desejo das comunidades de auto-organizarem seus espaços e uma reação da prefeitura ao tentar controlá-los desde cima.

Y pone de manifiesto un tema más de fondo, la falta de un modelo claro de gestión de los espacios y centros sociales, en el que los movimientos sociales y las entidades vecinales que se ofrecen a realizar actividades de forma autogestionada, se les permita hacerlo sin querer mantener el control y el principio de autoridad por encima de todo.¹³⁶

7.2 LUTAS NAS RUAS

O trecho a seguir apresenta uma consideração importante: seria impensável em outra época que, frente à tentativa de destruição de um centro social em Barcelona, haveria conflitos tão intensos. Também expõe que a organização das lutas torna os envolvidos muito mais próximos, salientando a importância dos protestos. Além disso, trata do motivo das lutas e critica a mídia dominante e o governo. Fala das mentiras destes, algo que se percebe em boa parte do bloco dos textos:

Nuestras luchas están cambiando. Por ejemplo, hace unos años parecía impensable que el derribo de un centro social en una ciudad sitiada y policial como Barcelona pudiera desatar una lucha intensa, masiva y múltiple capaz de poner en jaque a sus instituciones. Después del ejemplo de Gamonal,¹³⁷ la expansión del conflicto de Can

¹³⁵ Disponível em <<http://www.portaloaca.com/opinion/9026-comunicado-de-accio-llibertaria-de-sants-sobre-los-hechos-de-can-vies.html>> Acesso janeiro 2016.

¹³⁶ Disponível em <http://www.huffingtonpost.es/joan-subirats/can-vies-de-solucion-a-problema_b_5411683.html> Acesso janeiro 2016.

¹³⁷ “El Conflicto de Gamonal (#GamonalResiste) surge tras la decisión del Ayuntamiento de Burgos de gastar entre 8 y 13 millones de euros en construir un bulevar en el barrio de Gamonal, proyecto que fue paralizado el 14 de enero de 2014 por la presión popular tras varios días de movilizaciones.” Disponível em

Vies sigue el mismo patrón: una población cohesionada resiste el ataque de los intereses institucionales y privados, combinados e inseparables. Se usan todos los medios al alcance y la solidaridad se extiende, rompiendo con las mentiras de la prensa y gobierno. Al final de la lucha, la comunidad que en principio estaba unida por simple lazos de vecindad es mucho más fuerte por los lazos de compañerismo.¹³⁸

Um texto já referido do coletivo Ação Libertaria de Sants detalha melhor o que se passou nas ruas. No texto, frisa que os distúrbios não ocorreriam sem o *desalojo*. Apresenta também uma posição interessante: a polícia deve ter medo dos manifestantes; ou seja, há uma mudança de posição, pois o corrente é o medo da multidão frente à polícia. Conforme o texto, havia nas ruas pessoas de diversas idades com diferentes métodos de ação. Os métodos iam de painéis a barricadas. A mídia citou – e muito – o ataque ao comércio local, mas, segundo o Ação Libertária, o comércio local não foi atacado:

Estos días de disturbios son resultado de la rabia y la indignación, no sólo por el desalojo de Can Vies, sino por la actual situación. Si a ello añadimos la ocupación policial del barrio y sus provocaciones, no cabe otro resultado a la ecuación. Sin desalojo no hubieran habido disturbios, sin carga policial no hubieran habido disturbios. Si nos atacan debemos defendernos y Sants esta semana se ha defendido con dignidad. El miedo se empieza a ver entre los políticos, que ven su chiringuito peligrar, y entre la policía, que ven como su integridad física se pone en serio riesgo. [...]

La gran mayoría de personas que estamos mostrando el rechazo al desalojo Can Vies somos vecinas del barrio de Sants. Gente de diferentes edades, que evidentemente peleamos de distintas maneras. La violencia con la que se emplean los mossos, está siendo contestada con la resistencia barrial en forma de caceroladas, manifestaciones y barricadas. En ningún momento se ha atacado, y se puede comprobar, tiendas de barrio. Las excepciones son sólo eso, excepciones, y tienen solución.¹³⁹

A seguir, está um trecho de comunicado – já exposto na seção anterior – da Confederação Geral do Trabalho Organização libertária e anarco-sindical (CGT) de Barcelona. O início do texto faz um chamado para a manifestação em Barcelona a favor de Can Vies. Depois, descreve a tomada do bairro pela repressão: Sants parecia uma ocupação militar, com o metrô fechado, os vizinhos sendo controlados, detidos e agredidos. Na passagem final, diz, na primeira pessoa do plural: podem destruir Can Vies, mas ocuparemos outro espaço; podem reprimir, mas combateremos nas ruas:

Desde el lunes 26 de mayo, día en que se inició el desalojo del CSA Can Vies, el barrio de Sants está viviendo una ocupación militar por parte de los Mossos d'esquadra¹⁴⁰, ocupación que ha aumentado por la llegada 'solidaria' de 300 policías nacionales traídos desde diversos lugares del Estado. El cierre de estaciones de

<[http://15mpedia.org/wiki/Conflicto de Gamonal](http://15mpedia.org/wiki/Conflicto_de_Gamonal)>. Acesso janeiro 2016. Burgos é uma cidade espanhola situada na comunidade autónoma de Castela e Leão.

¹³⁸ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30936>>. Acesso janeiro 2016.

¹³⁹ Disponível em <<http://www.portaloaca.com/opinion/9026-comunicado-de-accio-llibertaria-de-sants-sobre-los-hechos-de-can-vies.html>>. Acesso janeiro 2016.

¹⁴⁰ Força policial da Catalunha.

metro durante muchas horas, los controles a vecinos /as, el vuelo constante de helicópteros por encima del área urbana de Sants, las dificultades que nos impone la policía a la hora de movernos por barrio, las detenciones arbitrarias, las cargas policiales, la agresión en el semanario Directa¹⁴¹, etc. son la respuesta de los políticos a tres días de protestas de miles de personas que están participando en las caceroladas y manifestaciones que se están llevando a cabo en Sants y otros barrios de Barcelona .

[...]

Nuestros sueños de emancipación los llevamos en nuestros corazones, y éstos anuncian un mundo nuevo. Podrán destruir Can Vies, pero ocuparemos y liberaremos otros espacios. Podrán golpearnos pero volveremos. Podrá reprimirnos, pero le haremos frente con la solidaridad, con el apoyo mutuo y con nuestra respuesta combativa en la calle. [...]¹⁴²

Ou seja, tanto o Ação Libertária quanto a CGT são formados por pessoas que lutaram por Can Vies. Uma outra semelhança entre os dois últimos textos destes coletivos é a exposição do desejo de um novo mundo. No texto anterior, isso aparece na frase: “Nuestros sueños de emancipación los llevamos en nuestros corazones, y éstos anuncian un mundo nuevo”. Já no texto do Ação Libertária, esse desejo fica claro na última frase, a qual está transcrita a seguir: “Queremos que la rabia se transforme en destrucción de la miseria y la opresión. Como decía un viejo conocido, “no nos dan miedo las ruinas, porque llevamos un mundo nuevo en los corazones”¹⁴³.

Encontrei também alguns textos de um mesmo meio,¹⁴⁴ os quais tratam das lutas de forma mais local, narrando o que se passou naquela semana. Os textos apresentam as manifestações pela cidade e pela Catalunha e uma visão detalhada dos confrontos entre policiais e manifestantes. O primeiro é referente à segunda noite de lutas:

Ayer había convocada una nueva manifestación en la Plaza de Sants. Y nuevamente los mossos cargaron contra la gente, provocando dos heridos [...]

En aquellos momentos había más de mil personas en la manifestación que se dirigieron a Can Vies. En aquel momento hubo una acción espectacular que fue el incendio de la propia grua que estaba derruyendo Can Vies, cosa que influyó en el ánimo de la manifestación que se dirigiría después a la sede del distrito de Sants. La máquina estuvo ardiendo hasta la madrugada sin que asistieran los bomberos, convirtiéndose en un símbolo de la resistencia a los desalojos. Los mossos comenzaron entonces con las cargas a diestro y siniestro convirtiendo el barrio en un campo de batalla. Los manifestantes se hicieron fuertes en la plaza de Sants.¹⁴⁵

Esse foi um dos fatos mais marcantes, simbólicos do acontecimento: o incêndio da grua usada para destruir o centro social. A imagem da grua percorreu a web. Além disso, nas

¹⁴¹ Meio de comunicação independente com sede em Sants. Representou o coletivo de Can Vies nos conflitos. A sede foi atacada pela polícia na semana de confronto.

¹⁴² Disponível em <<http://www.tercerainformacion.es/spip.php?article69019>> Acesso janeiro 2016.

¹⁴³ Disponível em <<http://www.portaloaca.com/opinion/9026-comunicado-de-accio-llibertaria-de-sants-sobre-los-hechos-de-can-vies.html>> Acesso janeiro 2016.

¹⁴⁴ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/>> Acesso janeiro 2016.

¹⁴⁵ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30420>> Acesso janeiro 2016.

festas alternativas de Sants de verão, um grande festival alternativo, produzido pelos coletivos libertários de Sants, entre eles o coletivo de Can Vies, havia uma réplica da grua, que parecia não só um símbolo do confronto, como também um gesto irônico frente ao governo.

A réplica, com aproximadamente dois metros de altura, tinha dimensões muito menores que a original, semelhando-se assim a um brinquedo, uma piada que apontava a pequenez do governo frente aos coletivos e vizinhos de Sants, aos coletivos de toda a cidade. Um bom humor frente a um acontecimento sério, com toda a sua dor e tristeza: o perigo nas ruas, os presos, o medo do *desalojo*. O bom humor é um elemento do 15M, um elemento das lutas de resistência; talvez seja uma forma de colocar-se de frente ao poder e rir dele.

O próximo texto se refere à terceira noite de enfrentamentos. Aborda que foram convocadas cerca de cinquenta manifestações por toda a Catalunha e, também, em Valencia e Ilhas Baleares, além do bairro Gamonal de Burgos. Aparece no texto a expressão: #EfecteCanVies. O efeito Can Vies é essa proliferação de manifestações em favor das lutas em Sants, algo parecido com o que ocorreu com Gamonal; também se consideram parte do efeito as produções nas redes sociais em solidariedade com as lutas.

Ayer día 28 de mayo se ha vivido un nuevo día de lucha en las calles de Sants y de Catalunya. En la jornada de ayer había convocadas una cincuentena de concentraciones por toda Catalunya, Baleares (donde hubo detenidos) y el País Valencià (y el barrio de Gamonal de Burgos). En todas ellas han salido miles de personas en total. Por ejemplo el #EfecteCanVies sacó a unas 500 personas en Valencia; 250 en Girona; 200 personas en Lleida, Sabadell, L'Hospitalet y Vic; 150 en Tarragona y Manresa; 100 en Terrassa e Igualada,... y un largo etcétera [...]

Pero volviendo a Barcelona, allí estaban convocada para las 20h de ayer numerosas concentraciones, que igual que en los pueblos, protestaban contra el desalojo sufrido por Can Vies y lo trasladaban a nivel local, puesto que hay numerosos Centros Sociales amenazados con ser desalojados, algunos de forma inminente. Todas los barrios iban formando grandes columnas que se dirigieron a Sants. La más grande fue la columna de Gràcia-Vallcarca, que juntó entre 1500 y 2000 personas. Cuando llegaron a Sants se juntaron con las más de 3000 personas que ya esperaban allí y que llenaban la Plaza y la Carretera de Sants. A partir de ese momento ya fueron unas 7000 personas, siendo la manifestación más grande hasta el momento. Además la manifestación fue acompañada en todo momento por numerosxs vecinxs que tocaban las cacerolas desde sus casas, uniéndose de forma simbólica a la movilización.¹⁴⁶

Na passagem comenta-se que a coluna com mais pessoas veio de Gràcia e Vallcarca. Conheço bem os bairros e participei de inúmeros eventos em ambos em minha pesquisa em Barcelona. Depois de Sants, esses dois bairros são os mais ativos politicamente de Barcelona. Isso explica o porquê da coluna com maior número de pessoas ter vindo dessa localidade.

¹⁴⁶ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30459>> Acesso janeiro 2016.

O texto trata, ainda, dos painéis feitos desde as casas dos vizinhos em Sants. Esse método, presenciei em massa em Barcelona. Na época da negação do referendo pela autonomia da Catalunha, à noite, durante quinze minutos, em toda a região, eram realizados painéis. No Brasil, em abril e maio de 2015, criticou-se – e muito – esse método de manifesto feito nos prédios de classe média contra os pronunciamentos do PT. Nas redes sociais, principalmente Facebook, dizia-se que eram manifestações levianas, de quem tem medo de ir para as ruas. Porém, referente aos painéis em Barcelona, em nenhum momento foram feitas associações como as que houve no Brasil.

A próxima passagem é sobre a quarta noite. Explica que foi convocada e realizada uma manifestação, que seguiu tranquila. Após seu término, em Sants, aconteceram queimas de recipientes de lixo e ataques a uma agência de banco – ações típicas em manifestações. Expõe também que foram realizadas mais de 20 detenções, a maioria delas de forma covarde: prenderam 14 pessoas as quais tentavam se refugiar. Além disso, diz que um grupo de neonazis estava agindo contra os manifestantes nessa noite.

La manifestación esta vez se dirigió de forma tranquila hasta la comisaría de Les Corts, donde terminó el acto. Después de desconvocar la manifestación bajó hacia plaza de Sants, y un grupo de personas volcaron algunos contenedores. Esto hizo que su acción fuera imitada y que otra gente quemara los contenedores caídos. También se atacó una sede bancaria del Banco Popular que quedó incendiada también. Y nuevamente los mossos comenzaron a cargar. [...] Esta noche sí que ha habido muchas detenciones. Se contabilizaron 21, 14 de ellas tras refugiarse en un portal. Durante la noche hubo un grupo de neonazis que aprovechó la confusión para apalizar a algún manifestante.¹⁴⁷

Em outra parte do mesmo texto, apresentada a seguir, mostra a reação do governo frente às manifestações. Primeiro, ele disse que não haveria negociação. Depois das lutas, na cidade e em outras localidades, do efeito Can Vies, o governo disse estar aberto ao diálogo desde que não acontecessem manifestações violentas. No texto, são transcritas também frases do prefeito da cidade; na transcrição, ele se considera um grande fã da autogestão e que deve se manter o trabalho social em Can Vies. Além disso, o texto expõe a disposição do prefeito em paralisar a destruição de Can Vies.

[...] Ayer Trias en una entrevista dio muestras de un increíble cinismo, cuando aseguró que estaba dispuesto al diálogo mientras las manifestaciones no fueran violentas (cuando los mossos no lo son, y son los ejecutores de esta oleada de enfrentamientos desde el lunes). Mientras el miércoles aseguraba que no negociaría, ayer ya había propuestas de negociación. De momento el Centre Social de Sants ha sido el interlocutor. Otra de las frases para enmarcar de Xavier Trias es que "soy un gran fan de la autogestion" y que "hay que mantener el trabajo social de Can Vies".

¹⁴⁷ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30508>> Acesso janeiro 2016.

Y es que Trias asegura que está dispuesto a paralizar el derribo de Can Vies. ¿Qué habría pasado si no se hubiera incendiado la grúa?¹⁴⁸

Algumas considerações importantes sobre a reação do governo. Em muitos dos textos desse bloco, afirma-se que, para o poder, espaços liberados e autogestionados são indesejados. Também nos textos se denuncia: mesmo após o fracasso da repressão e tentativa de destruição, mesmo com o apoio em massa a Can Vies desde o acontecimento até os dias de hoje, ainda assim, o governo mente e está disposto a destruir o prédio.

A última frase da passagem anterior é interessante: “¿Qué habría pasado si no se hubiera incendiado la grúa?”. A queima da grua é símbolo da ação da multidão. Se a polícia age de forma violenta, a multidão reage. Mesmo que o conflito seja assimétrico, pelo fato da polícia ser equipada e ter a lei ao seu lado, mesmo assim, a multidão tem força para enfrentá-la.

Em outro texto, do mesmo meio, com o mesmo tema, nas lutas de uma semana no fim de maio de 2014, são narrados o quinto e o sexto dia.¹⁴⁹ O mais importante do quinto dia em Sants foi uma coletiva de imprensa com o coletivo de Can Vies, realizada no centro social Can Batlló. Desde essa época até os dias atuais, elas são frequentes, ou seja, Can Vies reconhece a importância de um diálogo com a comunidade, o que é possibilitado pelos meios de comunicação dominantes. Na coletiva foi dito que não haveria negociações e já se falava na reconstrução do prédio. Além disso, pediu-se a demissão do regidor do distrito¹⁵⁰ de Sants, Jordi Martí, e do prefeito de Barcelona, Xavier Trias.

Já o sexto dia foi de manifestações intensas em toda cidade. No texto, em um primeiro momento, afirma-se que a reconstrução já havia começado, com centenas de pessoas do bairro ajudando.

Este día comenzó con la reconstrucción de Can Vies. El edificio está derruido a medias, solamente la sala de baile fue demolida, y la estructura de lo que queda de edificio no parece tan tocada. Centenares de personas del barrio fueron a ayudar en las tareas de reconstrucción. Para empezar había que quitar los escombros. Para ello se formó una larguísima cadena humana que envió los escombros a la puerta de la sede del Distrito, que se formó una montaña en la mismísima puerta. [...] También se decoró la grúa y se plantó nuevamente la bandera de Can Vies en el tejado.¹⁵¹

¹⁴⁸ Disponível em < <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30508>.> Acesso janeiro 2016.

¹⁴⁹ Disponível em < <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>.> Acesso janeiro 2016.

¹⁵⁰ “Los distritos son territorios en los que se materializa la descentralización política y administrativa del Ayuntamiento de Barcelona, ya que tienen autonomía y capacidad de decisión y gestión económica en determinados ámbitos. [...] El órgano ejecutivo de cada distrito es la Comisión de Gobierno, que está presidida por un Regidor de Distrito.” Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/Distritos_de_Barcelona> Acesso janeiro 2016.

¹⁵¹ Disponível em < <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>.> Acesso janeiro 2016.

Na passagem, diz-se que moradores de Sants levaram pedras do prédio destruído para a sede do distrito. Essa ação que está postada em vídeo no youtube¹⁵² mostra, novamente, o bom humor dos manifestantes. Formaram uma cadeia de pessoas e as pedras iam passando de mãos em mãos. Todos riam, cantavam, havia grupos tocando música. Também se fala, mais uma vez, na grua na passagem anterior.

As mostras nos museus, os eventos em pontos turísticos, formam conteúdo de matérias na mídia, e esta não se interessa sobre os eventos que acontecem nas okupas. As okupas não são marginais, são, sim, marginalizadas pelo discurso dominante. Obviamente, não querem virar ponto turístico; se muitas pessoas começaram a se interessar por Can Vies após as lutas de maio é pelo que representa: a resistência.

Quanto às manifestações nesse dia, elas tomaram o centro de Barcelona. É explicada, no texto, a natureza do centro da cidade, dedicado apenas ao turismo, pouco frequentado pelos cidadãos locais, e contrastando luxo e miséria, há focos de imigração e de marginalidade.

Para la tarde del sábado estaba preparado el plato fuerte. Se trataba de un incremento en la conflictividad. Can Vies quería trasladar al centro el conflicto. El centro de Barcelona es desde hace tiempo una antítesis de Barcelona. Está completamente dedicado al turismo, habiendo calles que ya no pisan los ciudadanos locales. Pero también son barrios de gran inmigración, zona de ocio y con focos de marginalidad extrema. Lujo y miseria a unos metros.¹⁵³

Esse dia de ação foi muito importante, pois revela a questão fundamental das *okupações*: o modelo de cidade. Ir para o centro e, mais, para as Ramblas¹⁵⁴ foi um ataque direto ao rumo que Barcelona toma: uma cidade para o turismo e não para os cidadãos. Desse modo, há esse objetivo mais macro e um mais micro, o qual se refere a – ao tomar o centro – chamar a atenção para a questão de Can Vies.

Saíram colunas de diversos bairros e se concentraram em um ponto central da cidade. Fontes dizem que havia 20 mil pessoas. O texto detalha a manifestação: improvisada, sem rumo certo, mas todos estavam muito excitados, perseguidos pela polícia que tentava impedir que chegassem às Ramblas. Ao chegarem nelas, houve um conflito com a polícia, e a manifestação se dirigiu de volta para o Raval¹⁵⁵ de onde, anteriormente, veio.

Al llegar a Ramblas, a Drassanes, los altavoces de los mossos decían que la manifestación debía ir en sentido mar. Este hecho hizo que la gente se quedara

¹⁵² Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=VkW_zbcCYC8.> Acesso janeiro 2016.

¹⁵³ Disponível em < <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>.> Acesso janeiro 2016.

¹⁵⁴ Principal ponto turístico da cidade.

¹⁵⁵ Raval é um bairro que fica ao lado das Ramblas. É uma localidade com forte imigração e com focos de marginalidade. Porém, nele há pontos turísticos e muitos hotéis. Mesclam-se junto aos imigrantes, que podem ser reconhecidos pela cor da pele ou pelas vestes, os turistas.

delante, desafiante, negándose a obedecer. Amenazaban los mossos con emplear gases lacrimógenos. Pero tras un rato de espera la manifestación dio media vuelta y volvió al Raval por donde había venido. En este trayecto comenzaron a arder los primeros contenedores. Se los amontonaba en el centro de la calle y se hacían grandes piras.¹⁵⁶

A tentativa da polícia de impedir que os manifestantes chegassem às Ramblas se deve ao fato de que os turistas devem ter todo o conforto 24 horas por dia. Os moradores da cidade podem frequentá-las, mas em silêncio, respeitando os turistas. Além disso, o texto mostra algo afirmado e reafirmado no bloco de texto: a polícia, ao agir de forma violenta – ameaçando de usar gás lacrimogêneo –, impôs o início dos “atos violentos”, no caso, a queima de recipientes de lixo.

Após, a manifestação se dividiu, um grupo tentou chegar na praça da prefeitura; outro, foi de novo para as Ramblas. Às 21h, a polícia começou as detenções:

Una parte de la manifestación fue por la calle Sant Pau, mientras que el resto siguió por encima de la Rambla del Raval. Ya comenzaron a atacarse algunas sucursales bancarias y se siguió quemando contenedores. El primer grupo logró llegar a la Plaza Sant Jaume, del Ayuntamiento. El segundo llegó a las ramblas. De esta manera se llevaba el conflicto al corazón de la ciudad. Pero ya eran más de las 21h de la noche. Los mossos y los secretas comenzaron a hacer las primeras detenciones. Todavía las informaciones no son definitivas. Se habla de 4 detenciones en el Raval por parte de los mossos y 3 por parte de la guardia urbana. También hubo unas 50 identificaciones.¹⁵⁷

Por fim, os manifestantes decidiram ir até Sants, e a polícia continuou a agir. Fotografou pessoas. Foram mais de 60 detidos. O texto comenta a realização, novamente, de painelaços feitos pelos vizinhos em apoio de quem estava nas ruas e que a mídia não acompanhou a manifestação.

Después la gente que quedaba por el Raval decidió volver a Sants. Esa columna marchó por Gran Vía. Pero a la altura de Rocafort fue detenida por un gran dispositivo de mossos d'esquadra. Estos rodearon totalmente la manifestación y obligaron a todo el mundo a mostrar el DNI. Aquí se dieron casos de graves vulneraciones de derechos, como fotografiar a todos y cada uno de los integrantes de esta columna, y de incluso sacar las pertenencias de la gente y fotografiarlas. [...] De las 300 personas que había, quedaron unas 60 o 70 retenidas por diversas causas. [...] Fuera de la escena había cacerolada del vecindario, y un grupo cada vez más numeroso de centenares de personas solidarias que fueron a apoyar. Y toda esta escena fue contemplada sin la prensa, ya que lo primero que hicieron los mossos fue expulsarlos del lugar.¹⁵⁸

O mais importante desses textos do A Las Barricadas são os detalhes, a narração do que se passou nas ruas com ricas descrições, até dos ânimos, dos afetos envolvidos entre os

¹⁵⁶ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>> Acesso janeiro 2016.

¹⁵⁷ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>> Acesso janeiro 2016.

¹⁵⁸ Disponível em <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>> Acesso janeiro 2016.

manifestantes. São narrativas de quem acompanhou, esteve junto das manifestações, provavelmente manifestantes, pois muitas passagens mostram um discurso crítico próprio de quem estava envolvido emocionalmente com as lutas.

7.3 CAN VIES HOJE

Can Vies – logo após a tentativa de *desalojo* até novembro de 2014 –, eu contemplei em minha passagem por Barcelona. A rotina no centro social era calma, bem organizada, com um fluxo permanente, de pessoas. Os dias da reconstrução, três por semana, aconteciam em horários de fim de tarde. A assembleia geral, os encontros dos comitês eram realizados semanalmente. A abertura do centro social para atividades afins, propostas por pessoas que não participavam da gestão, era frequente. Havia uma receptividade dos membros para novas propostas. Tudo era calmo, mas era comum a passagem da guarda urbana na frente de Can Vies. Ou seja, o perigo de novos confrontos permanecia como um fantasma. Isso que vi pessoalmente é exposto em um texto publicado meses depois da minha volta ao Brasil.

Desde el centro se refrenda el lema que les ha llevado a sobrevivir tantos años: Autogestión. **La autogestión trajo a Can Vies aquí y la autogestión salvará el centro.** Tres días de trabajo semanales, con turnos e implicación en variados frentes. “Aquí puedes aprender albañilería”. Además, dos días de asamblea y varios comités funcionando como satélites garantizan el ordenamiento interno de la actividad. “Siempre están las puertas abiertas. Puedes hacer cualquier taller. Única condición: No se paga por él”. Desde la marcha atrás del Ayuntamiento, impera la ley del silencio y una guerra sucia de baja intensidad. La guardia urbana suele patrullar los alrededores y pide la documentación de cuando en cuando. Ni un ápice de voluntad para acercar posturas.¹⁵⁹

Encontrei um texto de um importante periódico alternativo de Barcelona, com sede também no bairro Sants, o *La Directa*, sobre uma atividade realizada em Can Vies no fim de novembro, época em que eu já não mais estava em Barcelona. Não era necessariamente uma atividade, mas uma coletiva com a imprensa. Ressalto novamente que o *La Directa* foi um representante jornalístico das lutas de Can Vies em maio de 2014. Por sua representatividade no bairro e sua ligação com Can Vies, sofreu ataques da polícia nos dias de lutas em Sants. Também eu já havia exposto que esse tipo de atividade, coletivas com a imprensa, é comum em Can Vies. Isso reforça, mais uma vez, a ideia de que Can Vies não é um gueto para poucos – uma denúncia que persegue o movimento de *okupação* desde sua origem.

¹⁵⁹ Disponível em <<http://lareplica.es/can-vies-zona-historia-reconstruccion/>>. Acesso janeiro 2016.

Apresento a seguir o texto do *La Directa* traduzido do catalão para o espanhol. Inicialmente, expõe que o coletivo criou o evento para socializar com a imprensa o processo de reconstrução. Além disso, convidou os vizinhos de Sants para um encontro com o objetivo de explicar o que foi dito à mídia.

Seis meses después del fallido intento de desalojo y derribo del Centro Social Autogestionado Can Vies, miembros de la Asamblea del centro social y de la Asamblea Barrial de Sants han ofrecido una rueda de prensa frente al inmueble de propiedad municipal para explicar el proceso de rehabilitación del edificio y dar detalles de la nueva disposición del espacio. Sin embargo, antes de convocar a la prensa, los miembros de Can Vies invitaron el pasado domingo a los vecinos a un vermut para explicarles todo lo que hoy (19/NOV/14) han trasladado a los medios de prensa.¹⁶⁰

O fato mostra um desejo de apresentar o que está se passando no centro social. Se Can Vies já era uma referência na cidade, após os confrontos se tornou um tema de interesse geral, por isso, a coletiva. No centro social, encontrei muitas pessoas de outras cidades e países, principalmente no verão, nas férias. Nas assembleias, se discutiu – e muito – sobre pedidos de grupos que queriam conhecer a *okupação*. Muitas pessoas, que na época de minha passagem estavam ativas em Can Vies, começaram a colaborar após os confrontos. Quando cheguei em Barcelona, tive que decidir um objeto para o trabalho de campo. O meu orientador sugeriu Can Vies e *okupações* na cidade. Já nos primeiros contatos senti uma forte atração por Can Vies. Ou seja, como disse: se era uma referência na cidade após as lutas, ficou mais forte ainda.

Na coletiva, segundo o *La Directa*, foi dito: “[...] que los trabajos de reconstrucción avanzan a buen ritmo gracias al trabajo voluntario de decenas de vecinos y la campaña de micromecenazgo, que recogió 89.760 euros con las aportaciones de 2.266 mecenas vía la plataforma Verkami”.¹⁶¹

A declaração de que mais de duas mil pessoas colaboraram na campanha de levantamento de fundos para reconstruir a ocupação é um outro dado que permite visualizar o interesse coletivo em relação a Can Vies. A prefeitura tentou apagar do mapa o centro social. O que foi um erro, pois não sabia de sua importância, e mais: que a tentativa de *desalojo* apresentaria o projeto para setores da sociedade, os quais simpatizaram com a causa.

Pode-se perceber assim a multidão auto-organizada produzindo em comum para produzir mais comum. Em comum, a multidão se organiza, produzindo as bases para a reconstrução. Muitas pessoas que colaboram o fazem, provavelmente, apenas pela questão

¹⁶⁰ Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>> Acesso janeiro 2016.

¹⁶¹ Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>> Acesso janeiro 2016.

financeira, ou seja, simpatizam com a revolução. O que estão construindo é um espaço comum para o bairro e para Barcelona.

Multidão pode parecer também um conceito numérico, a multidão global contra o poder global, trabalhados por Negri em *Império e Multidão*. Uma okupa ou um bairro podem ser, fazer, multidão? Primeiro, Can Vies faz parte do movimento de *okupação* que atravessa a Europa há décadas. Segundo, as lutas de maio de 2014 em apoio a Can Vies reuniram coletivos de resistência de toda a cidade. Terceiro, a multidão nesta tese é um conceito que se refere à luta contra o poder contemporâneo; coletivos que negam a transcendência no seu interior – têm a forma de rede – e criticam o poder transcendente – têm conteúdo libertário. Sua resistência se confunde com a sua produção, produzem algo aberrante, monstruoso, que rompe com as significações dominantes; isso se choca, faz uma ruptura com elementos do controle.

Sobre o dinheiro arrecadado, parte é para a defesa dos presos nas manifestações e outra parte é para a reconstrução. Os okupas e quem quiser colaborar com as próprias mãos são os que estão refazendo o prédio. Ou seja, ninguém é contratado para o trabalho:

De los 90 mil euros recaudados, una buena parte se destina a la defensa jurídica para los procesados. El resto, para material de reconstrucción. La mano de obra será cosa de los okupas del centro. La idea de reconstrucción dejará Can Vies en el punto cero, pero con la piel más fortalecida. Derribarlo habrá sido como cortarle el rabo a una largartija que se cuelga en los entresijos del sistema a gritar su inconformidad.¹⁶²

Outro texto¹⁶³ detalha o *crowdfunding*: 40 mil para a reconstrução; 30 mil para os gastos judiciais dos detidos. Cada doação recebe – recebeu – recompensas do tipo: um pedaço da parte do prédio que foi destruída; camisetas; refeições em restaurantes da zona próxima. Essa última recompensa mostra que o comércio local está colaborando com Can Vies.

Los vecinos del barrio piden **ahora 40.000 euros** a través de **crowdfunding** para la **reconstrucción del edificio** y otros 30.000 para cubrir los gastos judiciales de los 67 detenidos en los enfrentamientos con la policía en mayo. [...] Donar 15 euros a la causa permite conseguir “un trozo de ruina de recuerdo”, según reza la web, al más puro estilo muro de Berlín. Hay 100 piezas únicas. También existen camisetas y bolsos diseñados para la ocasión –con el lema *No pasaran*– si se aportan entre 25 y 30 euros; carteles serigrafiados, **entradas de conciertos** y hasta comidas en los restaurantes de la zona si se decide donar 50 euros. [...].¹⁶⁴

¹⁶² Disponível em <<http://lareplica.es/can-vies-zona-historia-reconstruccion/>> Acesso janeiro 2016.

¹⁶³ Note que este texto é anterior ao fechamento da campanha. Exponho-o aqui pelas descrições detalhadas do projeto.

¹⁶⁴ Disponível em <http://www.elconfidencial.com/espana/cataluna/2014-07-13/mantener-vivo-el-espiritu-de-can-vies-cuesta-70-000-euros-y-depende-del-crowdfunding_160732/> Acesso janeiro 2016.

No texto do *La Directa* anteriormente citado, há o tipo de estrutura que se está construindo: 11 espaços diferenciados, que abrigará diferentes atividades.

Según los planos que se mostraron hoy, el nuevo Can Vies contará con 11 espacios diferenciados: un espacio para asambleas, un espacio polivalente en el que se habilitará un gimnasio y un lugar en el que se harán terapias naturales, una cafetería, una cocina, una tienda gratuita con espacio infantil, una sala de cine, un espacio para ensayos musicales, un espacio para multimedios, un taller de arte, un taller de oficios y un depósito. Estos espacios se han decidido colectivamente en los últimos meses en un proceso democrático en el que han participado todos los colectivos que forman parte del centro social. Mediante instrumentos como buzones de sugerencias y jornadas participativas, se ha consensuado un nuevo diseño del centro social que “se adapta a las necesidades de espacios y usos de los diferentes colectivos que trabajan en el barrio desde la autogestión”.¹⁶⁵

Segundo o texto, parece que a nova estrutura se diferencia da antiga, como é dito na última frase: “[...] se ha consensuado un nuevo diseño del centro social que “se adapta a las necesidades de espacios y usos de los diferentes colectivos que trabajan en el barrio desde la autogestión”. Esse trecho reforça o lado positivo da tentativa de *desalojo*. A partir do dinheiro levantado e da participação da população, Can Vies não só não foi destruída como também ganhará um novo desenho, com funções mais importantes que as da estrutura anterior. Isso é óbvio, pois Can Vies não é mais o mesmo centro social, se tornou maior do que era.

Mesmo que o projeto esteja se realizando, mesmo que a população demonstre afeição com o centro social, a prefeitura ainda tenta destruí-lo:

[...] el consistorio barcelonés detuvo la continuación de sus planes y ofreció a Can Vies una tregua de 18 meses. Este periodo respondía al tiempo que el equipo de gobierno del alcalde Xavier Trias estimaba que demoraría la ejecución de la tercera etapa de la urbanización del ‘cajón’ de Sants, la construcción que cubre las vías del ferrocarril que conectan con la estación de Sants. El Ayuntamiento ha argumentado hasta la saciedad que en el espacio que actualmente ocupa el centro social está previsto un espacio verde y que es necesario demoler Can Vies para abrir una rampa de acceso al techo del cajón, que está en proceso de urbanización.¹⁶⁶

Conforme os membros do coletivo, essas informações são falsas, são mentiras da prefeitura. Não querem construir uma área verde, mas, sim, um bar e edifícios, provavelmente, seguindo os planos de reestruturação do espaço urbano referente ao modelo de cidade turística. Um membro da assembleia de bairro de Sants, ainda no texto do *La Directa*, comenta as mentiras da prefeitura e de que os coletivos de vizinhos estão a favor de Can Vies.

¹⁶⁵ Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>>. Acesso janeiro 2016.

¹⁶⁶ Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>>. Acesso janeiro 2016.

El miembro de la Asamblea Barrial de Sants, Ferran Aguiló, dijo que estas mentiras responden a la 'incapacidad de las instituciones para entender los procesos autogestionarios que escapan a su tutela'. Aguiló interpeló a la administración a que comprenda que los procesos de delegación cambian y que el barrio de Sants entiende que Can Vies es un equipamiento municipal gestionado por los propios vecinos. Preguntado por una periodista sobre la falta de permiso de obras y la ilegalidad de los trabajos que se están realizando, Aguiló respondió que se trata de un conflicto entre legalidad y legitimidad y afirmó que 'el apoyo recibido es el motor que impulsa el proyecto de recuperación de un espacio que es del barrio y para el barrio'.

Actualmente no hay ningún canal de diálogo abierto con el consistorio, a pesar de que la realidad del barrio es bien diferente y la Secretaría de Entidades de Sants, Hostafranchs y La Bordeta ha hecho más explícito que nunca su apoyo al proyecto. El portavoz del centro social ha dicho esta mañana que el Ayuntamiento está intentando enfrentar Can Vies y el barrio; 'hay una dinámica de mentiras para tratar de plantear un conflicto en el vecindario'.¹⁶⁷

É importante, também, na fala quando o representante comenta sobre a linha entre legalidade e ilegalidade do projeto de Can Vies. A prefeitura considera ilegal, impondo uma reforma urbanística em Sants; os vizinhos mantêm o projeto, mesmo que fora da legalidade, pois sabem da importância do espaço. Porém, Can Vies continua ativa pelo apoio recebido, e não se sabe sobre seu futuro. O devir ilegal impõe a dificuldade de enquadrar Can Vies, e assim desocupá-la; o devir ilegal mostra que ser legal ou ilegal não importa, e deve-se, sim, manter o projeto. O devir ilegal aqui se refere a uma descrença das leis, do governo.

Em uma assembleia geral, um dos membros do coletivo, um senhor de mais idade, muito carismático e querido por todos, fez uma apologia à ilegalidade de Can Vies e disse com orgulho: eu também sou ilegal. Perguntei-lhe o que ele queria dizer com isso, ele não quis, educadamente, me responder. Mas sua fala foi marcante, se refere à sua experimentação da ilegalidade, seu devir ilegal, não um estado de ilegalidade, já que era uma pessoa que percorria as ruas, sentava nas praças, parecia não estar sendo perseguido pela polícia.

Essa falta de feedback entre o poder e a população, esse total desrespeito em relação ao desejo da população, é uma das marcas da democracia representativa. Frente a isso, o poder espera o silêncio, a não ação da população, que ela apenas se manifeste nas urnas. Como vimos no caso do 15M, essa é uma das realidades da Espanha. No entanto, esse silêncio é uma ilusão. Como no 15M e em Can Vies, o silêncio é rompido, e, quando acontece a ruptura, o poder pode apenas reprimir. Algumas vezes, a repressão tem êxito, mas nos casos comentados do 15M e Can Vies o êxito foi da multidão.

Há, portanto, toda essa riqueza em si mesma das lutas: a tomada da cidade, a produção na web, o discurso crítico, a indignação e a solidariedade. Passado o acontecimento, no caso de Can Vies começa a tomada de consistência, o início do projeto. O 15M, pensando dessa

¹⁶⁷ Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>> Acesso janeiro 2016.

forma, foi um processo, longo, mas o fim não foi alcançado. Seria, então, o 15M uma linha molecular – um processo – e Can Vies, hoje, uma molarização, uma continuação em forma de projeto das lutas? Como nas lutas no Brasil, os métodos do processo e do projeto se confundem no caso das okupas, as quais querem *okupar* a cidade. O método do 15M em seu processo era a tomada da cidade, mas seu projeto era o fim do poder transcendente.

7.4 MODELO DOMINANTE DE CIDADE

A cidade, como está sendo visto, é um tema fundamental no que diz respeito às *okupações* em Barcelona, por isso, apresento uma seção dedicada ao tema. A cidade também é o centro das lutas que ocorrem no Brasil desde 2013 e é o cenário em que aconteceram os eventos mais expressivos do 15M. As *okupações* estão intimamente ligadas ao desejo de uma outra cidade, e a tentativa de acabar com elas pelo poder se refere ao processo que as cidades vão tomando em Barcelona e no mundo. De um lado, há um desejo de multidão, de experimentação da cidade molecular; de outro, uma tentativa de destruição pelo poder da riqueza da multidão, a partir da molarização.

Can Vies, en definitiva, no era un problema para Sants, ni para Barcelona. Era todo lo contrario. Una alternativa a la frustración que anida en numerosos barrios de Barcelona por sentirse excluidos de un modelo de ciudad que, perciben, injusto. Un modelo que, a ojos de crecientes sectores de la sociedad, prima la desigualdad frente a la cohesión social. [...]

El modelo de la Barcelona del 92 fue inclusivo. Pero ya es historia. Y el riesgo ahora es que el nuevo modelo sea dual. Que exista una Barcelona próspera, impulsada por el excelente atractivo turístico de la ciudad, y unos barrios empobrecidos, con la sensación de sentirse expulsados del progreso que vive su propia ciudad. Y Can Vies era, precisamente, una válvula para que esta presión social se transformara en rebeldía y creatividad, y no en desaliento.¹⁶⁸

Como mostra a passagem anterior, Can Vies era uma alternativa à exclusão, à cidade desigual, que opõe prosperidade e guetos marginalizados, pobreza e riqueza. Uma cidade como um shopping center a céu aberto, que não se preocupa com os desejos dos moradores:

Quien manda en Barcelona no son los vecinos, sino una casta política y financiera, vertical y autoritaria, parásita y usurpadora, que hace de la gestión urbana su modo privilegiado de vida. Lo que cuenta para los dirigentes es la “marca Barcelona”, es decir, que el municipio dé una imagen aseada y tranquila, como la de un centro comercial o un parque temático, buena para los negocios, las compras, el ocio mercantilizado y el turismo. Resulta evidente que el espectáculo de una Barcelona consumible por horas necesita un espacio sin contradicciones ni ambigüedades,

¹⁶⁸Disponível em < http://www.eldiario.es/catalunya/opinions/Can-Vies-crisis-modelo-Barcelona_6_265333474.html> Acesso janeiro 2016.

completamente sometido y al alcance del comprador. El nuevo modelo urbano no puede permitir la existencia de espacios realmente públicos, sin mediaciones ni barreras, y menos aún de lugares gestionados horizontalmente: todo debe funcionar como un escenario jerarquizado y monitorizado, donde tecnologías, ordenanzas, mobiliario urbano y urbanismo están al servicio de los dirigentes expoliadores. El ejercicio de la autoridad en estas condiciones es fundamentalmente policial; en esta fase, la política se confunde con la represión: gestión, vigilancia y orden son la misma cosa, por lo que el gobierno ejerce sobre todo desde la conselleria de orden público.

[...]

Can Vies era una piedra en el zapato del poder en Barcelona. Parece que este no se la ha podido quitar con facilidad. La resistencia al derribo ha sido ejemplar en muchos aspectos, prueba que hay gente que no se adapta al comportamiento esclavo que le piden. Esto es motivo de alegría. Y como las piedras no deben faltar (hoy hay un montón de concentraciones), ¡confiamos en un futuro cercano tener muchos otros!

La lucha continúa. Visca Can Vies!¹⁶⁹

O texto anterior trata do poder que se sobrepõe à população, da cidade consumível, mas também expõe elementos do controle, mesmo sem citar o conceito: a cidade tem que ser controlada, sem contradições, homogeneizadas, domesticada, uma cidade para muitos, mas muitos turistas. Can Vies assim é resistência, uma linha de fuga do controle, um devir menor da cidade, como diz a passagem citada anteriormente: uma pedra no sapato do governo.

Os turistas querem beleza e segurança, ou melhor, um modelo de beleza dominante e uma cidade policiada; querem um espaço higienizado, controlado desde cima. Assim o controle não é só imposto, mas também desejado; isso exemplifica a colonização das subjetividades, o desejo do controle por aqueles afetados por ele. Havia dito antes que a cidade é feita para o turista, mas a subjetividade-turista é construída. Eles têm que se manter turistas, não podem fugir de um padrão de comportamento; eles têm que consumir, caminhar em certos locais; a eles é permitido um grau de descontrole, podem ficar bêbados, podem fazer festas, usar a prostituição; mas devem consumir a cidade. Eles formam uma massa homogênea, unidirecional, barulhenta, mas sempre defendida pela polícia.

Em Can Vies, havia muitos jovens que estavam de férias na cidade. Eram ligados a movimentos de resistência, pessoas que não estavam em Barcelona para frequentar as Ramblas¹⁷⁰ e tomar Sangria. Não eram moradores da cidade, porém também não eram turistas. Os turistas não são os okupas, a cidade para o turismo não é uma cidade ativa micropoliticamente. A resistência à identidade turista é a subjetividade okupa; como é dito na última passagem transcrita acima: “La resistencia al derribo ha sido ejemplar en muchos

¹⁶⁹ Revista Argelaga Miércoles, 28 de mayo de 2014. Disponível em <https://argelaga.wordpress.com/2014/05/28/can-vies-la-rao-de-la-forca-a-la-barcelona-policial/> Acesso janeiro 2016.

¹⁷⁰ Ruas mais famosas da cidade.

aspectos, prueba que hay gente que no se adapta al comportamiento esclavo que le piden. Esto es motivo de alegría”. Ou seja, essa subjetividade passa não por características, por modelizações, por uma roupagem a se vestir. A subjetividade okupa passa por um posicionamento ético e político, por um desejo, por uma crítica ao sistema, elementos que movem os processos de auto-organização da multidão.

Para mim, foi impossível descobrir uma identidade okupa em entrevistas. Perguntas como: quantos anos você tem? O que você faz? De que classe você é? sempre foram rechaçadas nas entrevistas e nos diálogos com os okupas. É possível fazer um perfil do que vi e convivi: são jovens de aproximadamente 30 anos, de ambos os sexos, alguns gays, escolarizados, brancos, alguns da cena alternativa, muitos são dos bairros em que se localizam as okupas, e não há imigrantes do tipo marginalizado que são vistos em Barcelona, como indianos, orientais, norte-africanos. Penso que esse tipo de perfil é desnecessário aprofundar, uma vez que não é o meu objetivo produzir identidades, tipificar, caracterizar sujeitos, mas, sim, pensar no comum que constrói a subjetividade okupa.

Quando estava em Barcelona, recebi uma postagem no Twitter produzida por ativistas de Barcelona. Era uma piada feita a partir do desejo de afugentar turistas. Nela, havia uma imagem montada da Sagrada Família¹⁷¹ pegando fogo. No texto, eram numerados vários elementos próprios do turismo da cidade com afirmações falsas, mas curiosas, entre elas: a Fonte de Canaletes¹⁷² está infectada; o Pão Catalão¹⁷³ é apenas uma pizza barata; não há pubs irlandeses¹⁷⁴ em Barcelona; e estava escrito inúmeras vezes: turistas, não venham para a cidade!

Isso mostra a criatividade e o bom humor dos ativistas. Eles não atacam turistas nas ruas, como fazem os fascistas com os imigrantes. A ação contra os turistas é radical sim: uma cidade para o cidadão e não para os turistas. Mas não há violência envolvida. São criadas campanhas, produções na web, ações táticas, discursos. E só há violência quando o poder tenta impedir a criatividade da multidão, como no caso de Can Vies.

Os turistas vêm como um vendaval, infestam a cidade e depois vão embora gordos e com fotos. Ou mais: usam a cidade como se fosse um motel, como um fato acontecido na Barceloneta¹⁷⁵, no verão de 2014, de turistas bêbados andando nus nas ruas. Claro que a cidade dos vizinhos não é a

¹⁷¹ Catedral de Barcelona, um de seus maiores símbolos turísticos.

¹⁷² Fonte situada em área central de Barcelona. Nela, está escrito que, segundo uma lenda, quem beber de sua água sempre regressará à cidade.

¹⁷³ Um dos produtos alimentares mais famosos da Catalunha.

¹⁷⁴ Esses pubs são buscados pelos turistas na cidade. Há alguns nas proximidades das Ramblas, mas eles não são tão frequentes. É mais comum bares com cervejas locais, da Catalunha e da Espanha.

¹⁷⁵ Barceloneta é um dos bairros mais tradicionais da cidade. Nele, há uma consistente organização vecinal. Porém, é, dos bairros tradicionais, o mais comerciável.

cidade dos okupas. Os okupas são um dos vizinhos. Muitos não toleram as okupas, querem uma cidade boa para o bom cidadão.

Em Barcelona, os turistas querem as Ramblas desbloqueadas sem manifestações – e ocorrem manifestações com frequência nelas, como foi visto anteriormente. Não querem prédios deteriorados e com uma estética que não entendem – as okupas. Querem consumir uma história bonita. Não tem como vender as okupas como produto. Talvez as okupas signifiquem, sim, um destino, a busca de uma outra cidade em que as *okupações* não teriam mais sentidos, talvez. Mas penso aqui no devir revolucionário.

A passagem a seguir é de mais um texto sobre as lutas em Can Vies. Ele trata da importância de Can Vies para o bairro, e das mobilizações; faz uma crítica apaixonada contra o poder, o governo e a polícia. Cita os confrontos e utiliza a expressão paixão ao se referir aos atos mais agressivos da multidão. O texto aponta, ainda, um dos motivos do acontecimento: a especulação imobiliária e a necessidade de criação de espaços com lógicas antissistema. Apresento a última parte do texto:

Vuestras ciudades son tristes. Queréis lugares desprovistos de participación donde todo esté automatizado y preparado, para mantenernos alienadxs de nuestras necesidades y de aquellos recursos que necesitamos verdaderamente para satisfacerlas, entregadxs al trabajo hipnótico y absurdo para mantener girando unos engranajes que fabrican entre pantallas y vallas nuevos deseos de usar y tirar, experiencias sintéticas, ‘comodidades’ electrodomésticas e inalcanzables ideales de vida que perseguir mientras poco a poco perdemos el aliento y la autoestima, para acabar fundidos en la turba sin rostro, multitudes difusas recorriendo cabizbajas calles rodeadas de escaparates, cámaras y publicidad, un decorado estéril de tranquilidad, seguridad y armonía que se rompe con la misma facilidad que los cristales de comercios y bancos [...] ¹⁷⁶

Essa parte se inicia com: as suas cidades são tristes, vossas cidades, penso que ele se refere tanto ao governo, quanto ao turista e ao bom cidadão. No texto, há uma posição firme e consistente: fala da tristeza das cidades, do cidadão como massa passiva, do esteticismo alienante, da falsa segurança e harmonia, além de tratar de temas vistos anteriormente: o controle contínuo e o consumismo desenfreado. E finaliza com a resistência da multidão em relação a isso:

[...] cada vez que la programación del sistema falla y la masa deja de serlo para convertirse en personas libres que ponen en común sus esfuerzos y se organizan de forma autónoma para poner fin al espectáculo social y reventar las miserables condiciones de existencia que éste impone. ¹⁷⁷

¹⁷⁶ Disponível em <<http://vozcomoarma.noblogs.org/?p=4290>> Acesso janeiro 2016.

¹⁷⁷ Disponível em <<http://vozcomoarma.noblogs.org/?p=4290>> Acesso janeiro 2016.

Essa passagem é interessante. A falha do sistema é a linha de fuga do controle; é o devir menor; é o caso de Can Vies, foi o 15M; é a ruptura com o silêncio imposto, é a expressão de náusea frente ao poder, algo insuportável, forte a ponto de fazer com que a massa deixe de ser massa e se torne multidão. Na passagem, o conceito de multidão não é referido, mas traz elementos do conceito ao falar em: pessoas livres que agem em comum, auto-organizadas, autônomas, lutando contra o controle e a pobreza da vida imposta – uma definição próxima do conceito de multidão.

7.5 DISCURSO APAIXONADO SOBRE CAN VIES

Como referido, as mídias dominantes não se posicionam, fazem o jogo do poder, um tipo de frieza frente às lutas por Can Vies. Essa frieza das mídias no caso de Can Vies está relacionado à não defesa das lutas, do centro social e sua autogestão, e dos vizinhos que desejam uma outra cidade. Frieza é uma expressão interessante: no momento do calor das lutas, que reverbera nestes textos apaixonados, a mídia mantém o sangue frio, como se fosse apenas mais um acontecimento, mais um conteúdo para as notícias; e, sabendo do valor das lutas para uma parte da população, vampiriza ao máximo o acontecimento, até não dar mais para vendê-lo. A paixão destes textos, ao contrastá-la com o discurso da mídia, revela essa frieza. Nessa seção, portanto, trago alguns textos que defendem Can Vies radicalmente, com um discurso apaixonado. Essa posição é vista em todos os textos, mas dedico uma seção para essa questão.

Un fracaso político y una intervención policial posterior a un fracaso. Absolutamente innecesario, inútil, incomprensible desalojar Can Vies. Se ha tocado la fibra de miles de personas entre las que me cuento'. Así explicó el diputado de la CUP en el Parlament David Fernández [...] El diputado afirmó: 'Hay gente que protesta como protesta, que ha quemado contenedores. Ayer se quemó la excavadora'. 'Yo vengo de la escuela de la desobediencia civil', prosiguió. Y agregó: 'La violencia no es una opción, es una imposición'.¹⁷⁸

As palavras do deputado da CUP¹⁷⁹ fazem o que o *La Vanguardia* não faz: critica abertamente o governo, fala da importância do centro social e parece que defende os atos que chamam de violentos. Ele diz: “Yo vengo de la escuela de la desobediencia civil” [...] “La violencia no es una opción, es una imposición”. Mesmo que as palavras sejam de um agente

¹⁷⁸Disponível em <http://intersindicalaragon.org/2014/05/31/david-fernandez-cup-pide-que-se-desmilitarice-el-barrio-de-sants-y-el-alcalde-lo-acusa-de-promover-la-violencia/>. Acesso janeiro 2016.

¹⁷⁹ La Candidatura d'Unitat Popular (CUP) (en español Candidatura de Unidad Popular) es una organización política asamblearia, de izquierdas e independentista, con presencia en Cataluña y la Comunidad Valenciana. Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Candidatura_d%27Unitat_Popular >. Acesso janeiro 2016.

mais legitimado, o deputado se põe junto à multidão que lutou por Can Vies: “Se ha tocado la fibra de miles de personas entre las que me cuento”. Assim, como afirmo ao longo deste capítulo, a teoria sobre Can Vies permitida por esses textos é imanente às lutas. Essa teoria está longe de uma transcendência intelectual; o teórico como alguém acima da multidão, como sua consciência, como vanguarda.

Encontrei outro texto com uma fala apaixonada e poética, com uso de metáforas e associações entre o governo de Barcelona e o de Israel. Can Vies representa no texto a Palestina destruída. E vai além: diz que o discurso do governo de Barcelona se aproxima do discurso que impõe a passividade própria do Vaticano.

El ayuntamiento habla de negociar Can Vies tras la reducción de la casa a escombros exactamente igual que a fecha de hoy se habla de Mesas internacionales “entre Israel y Palestina”; [...]

Mientras el Papa llamaba a israelíes y palestinos a “abrir su corazón para entenderse mutuamente”, el alcalde llamaba a los okupas a no protestar sino pacíficamente. En la realidad neo-sionista de radical segregación entre Amos y Esclavos, el comportamiento real debe, sin embargo, desenvolverse perfectamente homologado de acuerdo al patrón de naturaleza “superior”: todo pacífico, todo en paz. Los turistas viven Barcelona en paz y sin violencia se mean. Hay que ser, por lo mismo, derrotado en paz, paz para protestar, paz para ser asesinado. Uno ha de ser desalojado en paz y deportado a los barrios-gueto donde, bajo vigilancia, poder refugiarse de la misma Barcelona a cuyos cosmopolitas comensales uno tiene que servir la mesa en paz y bendecir.¹⁸⁰

O autor, Tamer Sarkis¹⁸¹, conceitua a paz como a aceitação da realidade vigente. Agir pacificamente, ser um bom cidadão, protestar, mas em paz, mais, ser derrotado em paz. A cidade pacificada, a qual não tem espaço para os okupas, talvez apenas nos guetos. Ser condescendente com o estado policial, com o controle contínuo, que tenta impedir qualquer ação que seja contra ele. O estado policial se fortalece, a crise se acentua, tudo isso para manter o sistema político-econômico. A única coisa permitida para a população, para o cidadão é desejar tudo isso. Às vezes, o sistema permite que se conteste desde que as coisas se mantenham ou, mais, que ele seja reforçado.

¹⁸⁰ Disponível em <<http://lospuebloshablan.org/la-barcelona-desalojada-sobre-el-derribo-de-can-vies/>> Acesso janeiro 2016.

¹⁸¹ É interessante Sarkis fazer essa analogia entre o governo e Israel e Can Vies e a Palestina. No fim de julho de 2014, aconteceu uma manifestação contra Israel em Barcelona, da qual participei. Havia cerca de mil pessoas. Algumas carregavam uma réplica de grande tamanho da Guernica, “um painel pintado por Pablo Picasso em 1937 por ocasião da Exposição Internacional de Paris. [...] esta tela pintada a óleo é normalmente tratada como representativa do bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica em 26 de abril de 1937 por aviões alemães, apoiando o ditador Francisco Franco”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Guernica%28quadro%29>> Acesso janeiro 2016. O uso da réplica simbolizou a violência da guerra, muitas vezes desleal, como no caso de Israel contra a Palestina, aproximando, assim, os bombardeios em Guernica com os ataques de Israel. Foi uma manifestação pacífica, acompanhada da polícia, mas o mais importante é que ela aconteceu nas Ramblas. Ou seja, o espaço escolhido foi o mesmo usado em um dos protestos por Can Vies: o centro turístico da cidade.

O próximo texto, representado pela passagem a seguir, é mais contido, talvez por ter sido escrito por um sociólogo, um acadêmico, que não necessariamente luta nas ruas, alguém que tem uma posição mais intelectual. Mas o texto é apaixonado, critica diretamente o governo e apoia Can Vies. Faço uso do texto pois mostra que mesmo a academia, muitas vezes fria, é atingida pelas lutas da multidão, fazendo com que seus membros saiam da prisão da neutralidade.

¿Por qué se produce ahora la orden de derribar el edificio okupado, después de casi dos décadas reconvertido Can Vies en un Centro Social Autogestionado? El Ayuntamiento esgrime que se ha intentado negociar hasta el último minuto, pero los afectados (y la Plataforma de Apoyo) lo niegan y denuncian que el concejal del distrito, Jordi Martí, les ha mentido, incumpliendo reiteradamente sus compromisos (como, “gestionar la suspensión del desalojo”). A estas alturas, también manifiestan que después del derribo es inviable cualquier tipo de diálogo. La fuerza y la superioridad se han impuesto. Y, esto, también es violencia. La violencia ejercida por el sistema, por el *statu quo*, que a veces “sin piedad” estrangula a los más débiles, todo escenificando unas relaciones de dominación.¹⁸²

É marcante quando o autor fala em força e superioridade do poder, na violência do sistema, as relações de dominação injustas nas quais a multidão é estrangulada sem piedade. A luta é assimétrica, a luta da multidão é quase um ato suicida, autodestrutivo. Ir para as ruas para ser agredido, ser preso? São duas as alternativas: aceitar o poder em paz ou lutar contra ele sabendo que as chances de vitória são mínimas. Porém, o caso de Can Vies mostra que todo o confronto suicidário em Sants não foi em vão. Pelo menos a okupa está ativa e em pé há um ano e, provavelmente, continuará assim, por um longo tempo.

No texto seguinte, expõe o óbvio, o que o pensamento dominante não entende: que a ação do governo, as ações injustas são aceitáveis por terem o respaldo da lei. Desse modo, quando um jovem quebra uma vidraça de um banco, pois os bancos são um dos elementos de criação da pobreza, quando isso ocorre, ele é preso. Quando um policial agride manifestantes, ele está agindo em nome da lei. Uma lógica que deve ser invertida, o que é realizado pelos manifestantes e pelo bloco teórico; é um pensamento simples, mas não aceito, e, assim, é um pensamento da diferença.

Hay quien considera que desalojar por la fuerza un centro social, ejerciendo la violencia, es un acto legítimo y legal, porque tiene el respaldo de la ley, parte irrefutable del contrato social. [...] Es legal ergo es aceptable. Esta apreciación de la violencia suele ir acompañada de la negación absoluta del ejercicio de ésta por todo aquel que no pertenezca a los cuerpos y fuerzas de seguridad del Estado. [...] Hacer barricadas y quemar contenedores para protestar

¹⁸² Disponível em < <http://sociologos.com/2014/07/03/can-vies-la-lucha-social-de-un-barrio/> > Acesso janeiro 2016.

por el derribo de un centro social que promocionaba la cultura de un barrio es ilegal, pero moralmente aceptable. Al menos para el escribiente.
[...] La protesta violenta ha vuelto a ser el único camino de expresión que han dejado a los ciudadanos, y mil declaraciones de condena de la violencia con voz afectada no cambiarán que cuando se presiona de forma sostenida a las clases populares, cuando se les impide ejercer sus derechos y no se escucha sus reivindicaciones pacíficas, acaba ejerciendo la violencia.¹⁸³

O último parágrafo, da passagem anterior, fala da violência como última opção; quando não mais é suportável a ação do poder, se age com violência. Evidentemente que as okupas são criadas e geridas, pois a vida cotidiana, o modelo de cidade, o governo, a forma social, o sistema político e econômico são insuportáveis. Mas o que é feito nas okupas é a produção de valor. As okupas servem como espaço de experimentação de outras relações, formas políticas, redes de comunicação, ações culturais.

No momento da *okupação* de um prédio, a violência em muitos casos é tímida: uma porta arrombada, janelas quebradas. Nesse momento, se há violência por parte dos okupas, é a resposta à violência policial, que tenta impedir a *okupação*. Outros casos de violência se referem, também, a essa resposta ao poder: em manifestações quando a polícia ataca ou impede o direito de se manifestar; ou quando desalojam uma okupa de forma violenta. Ou seja, a violência é algo minoritário para o movimento de *okupação*.

Enquanto estão nas okupas, produzindo valor, os coletivos estão calmos, mas, obviamente, não pacificados, pois estão produzindo ações contra o sistema dominante. Nas okupas, se fazem barulho, não é o som das lutas nas ruas, mas sim de suas festas, as quais têm como símbolo a alegria. Se eles fazem sujeira, nas festas, ela é muito diferente dos recipientes de lixo queimados. As lutas nas ruas são, sim, desejadas, pois mostram o extremo da insuportabilidade do sistema.

¹⁸³ Disponível em <<http://www.librerred.net/?p=33666>> Acesso janeiro 2016. Acesso janeiro 2016.

CAPÍTULO 8 – TRABALHO DE CAMPO EM BARCELONA: OKUPAS

Esta é a parte final do meu trabalho, que teve início em Barcelona sobre o movimento okupa. Dedico este capítulo às minhas incursões de campo nas *okupações* e atividades ligadas a elas como certas festas e manifestações. Este trabalho começou quando cheguei nessa cidade, em junho de 2014. Nos primeiros dias da minha estadia, já havia assistido a palestras ligadas a movimentos de resistência e a encontros da Plataforma Afetados pela Hipoteca.

No entanto, não havia trabalhado com etnografia antes. Havia tido contato direto com movimento em Porto Alegre em 2011 e 2012. Como já comentado, estive em alguns eventos ligados ao 15M em 2011, em Barcelona. Mas nada tão significativo a ponto de compor uma etnografia. No mestrado, trabalhei com manifestações de multidão, mas contempladas pela rede Indymedia; na qualificação, investiguei manifestações do 15M veiculadas no Facebook, Twiter e Youtube.

Decidi em Barcelona, junto com o co-orientador que é ligado a um programa de antropologia, dar mais atenção à etnografia. Foi um desafio, pela língua, pela minha posição de pesquisador, por uma certa timidez gerada por isso – aliás, a última parte deste capítulo trata exatamente do desafio da etnografia. Além disso, em reuniões com meu grupo de pesquisa, foi comentado que eu precisaria de muito mais tempo para fazer um trabalho de tal natureza. Mas fiz o possível nesse tempo, chegando a ponto de um conflito com membros de Can Vies, o qual foi contornado. Considero que o contato direto foi o mais importante na pesquisa, e ele também ajudou – e muito – a eu refletir sobre o movimento nos capítulos anteriores.

Fiquei seis meses em Barcelona, portanto, o trabalho etnográfico foi relativamente curto, o que não me permitiu entrar totalmente na rotina das okupas. Penso que precisaria de mais tempo para me envolver com mais proximidade com o movimento na cidade. Mesmo assim, esse trabalho foi central na pesquisa. Esta não teria a mesma consistência sem o contato direto. Digo direto, *in loco*, não mediado pelas redes da internet.

Neguei-me a fazer formulários, dispensei uma relação burocrática com os membros dos coletivos; participei, não ativamente, de uma comissão de Can Vies; fiz algumas entrevistas formais e conversei com o máximo possível de pessoas. O que mais fiz foi estar presente, percebendo, aos poucos, o que estava ocorrendo. Quando conseguia uma conversa com alguém, isso era muito importante. Lutei para obter entrevistas. O que eu mais gostei

nelas, não foi a profundidade, mas, sim, o contato mais próximo com pessoas durante um bom tempo. Sempre considerei mais importante estar presente, sem usar da parafernália metodológica dura, ver e ouvir as pessoas e também conversar com elas. Queria vivenciar os espaços, me perder neles.

Já tinha, anteriormente, conhecimento de boa parte de Barcelona, frequentei a noite na cidade. Fui a lugares de madrugada de táxi que nem sabia onde ficavam. Frequentei bares de música alternativa, ou seja, que atraem pessoas visualmente estranhas. Nunca me senti intimidado. Também gostava, em 2011, de caminhar de madrugada pelo bairro em que morava. Depois das duas da manhã, não havia ninguém nas ruas. Ainda assim, nunca senti medo. Passei várias vezes pelo local de prostituição no bairro Raval. Fui abordado inúmeras vezes por traficantes. Eu não gostava da situação, pois ficava preocupado com o fato de algum policial me ver falando com traficantes, mas nunca tive medo deles. Também estive em manifestações em Barcelona em 2011 e Porto Alegre, manifestações com forte aparato policial.

Em uma manifestação na Praça Catalunya, em 2011, eu não estava portando nem o passaporte, e nesse dia, eu estava a poucos metros de jovens sendo detidos pela polícia. No início da minha estadia em 2014, fui sozinho até o prédio de Can Vies; estava na frente de Can Vies, em uma rua com pouquíssimo fluxo de gente, na frente do símbolo mais importante de luta da cidade nos últimos tempos. Estava apreensivo por dois fatores: uma abordagem policial e um encontro com pessoas da okupa, possíveis revolucionários. A apreensão se devia por dois discursos: o discurso das mídias sobre manifestantes e okupas e o discurso dos movimentos que expõe a violência e o poder quase absoluto da polícia. As manifestações haviam acabado há algumas semanas, mas eu não sabia realmente o que estava acontecendo naquele momento.

Pensando agora sobre o medo, pela minha experiência com a cidade, como comentei anteriormente, por percorrê-la livremente, por ser de tarde de um dia de semana, não havia com o que me preocupar. A apreensão exagerada se deveu, provavelmente, às imagens e notícias da mídia. Se não fosse um pesquisador, se não estivesse muito interessado na *okupação*, teria virado as costas e não teria voltado. Ou seja, a política do medo, gerada pela mídia e pelo governo, funciona muito bem. Penso que deve haver muitas pessoas que desejam conhecer Can Vies, mas que, devido a essa política, evitam de ir até o local.

A base do capítulo se refere ao meu caderno de notas, que fui acumulando ao longo do tempo. Cada encontro rendeu algumas páginas. Além disso, tirei muitas fotos, o que foi fundamental para pensar na estética, mas também para lembrar encontros. Quando voltei

para o Brasil, revi tudo isso e percebi, após pensar muito sobre o movimento okupa em Barcelona, alguns tópicos importantes. Recortei e reescrevi o caderno originando este texto.

O capítulo está organizado da seguinte forma. Primeiro, apresento okupas com os quais convivi em Barcelona, de forma geral. Depois, divido a etnografia em temas: estética, festas, acampada, o trabalho político nas comissões e assembleias. A estética trata do meu impacto visual ao ver as okupas pela primeira vez. Esta estética, para mim, é uma das formas de resistência das okupas a partir da pobreza. As festas e assembleias são as duas atividades mais frequentes nas okupas e mesclam política e reprodução, ou seja, misturam códigos. A acampada é um método típico dos movimentos de resistência, um dos mais relevantes do 15M. Nessa parte, narro minha experiência em uma acampada realizada por um espaço autogestionado, o Casal Tres Liris.

As okupas que trato ao longo do capítulo são: Can Vies, centro da pesquisa; Casal Tres Liris, a segunda okupa mais importante no trabalho; Banc Expropiat; alguns espaços urbanos usados por coletivos de Vallcarca. Narro, ainda, o contato com algumas outras okupas, mas de maneira breve.

8.1 OKUPAS ESCOLHIDAS

Não tive como intenção visitar e pesquisar todas as okupas da cidade. Evidentemente, tive um desejo de conhecer o máximo possível, mas decidi escolher algumas a partir de certos motivos e direcionamentos da pesquisa. As okupas que têm perfil no Facebook ou blogs na internet permitiram que eu soubesse de suas ações, principalmente de seus eventos. Também, um informativo, Info Usurpa, que tem edição semanal, apresenta eventos de okupas diversas em Barcelona. Mas há muitas okupas e eventos que não são expostos pelo Info Usurpa.

As okupas que estivessem em um local de fácil acesso e seguro me deixavam menos apreensivo de visitá-las. Isso não impediu nem restringiu o contato com os espaços, uma vez que existem inúmeras okupas que estão situadas em áreas residenciais, de bairros tradicionais de Barcelona. Facilitou – e muito – a localização do Casal Três Liris e das festas libertárias que aconteceram no bairro Gràcia, pois morei nele.

Em Can Vies, mesmo estando em um bairro mais distante, me programei para participar de todos os eventos e assembleias que ocorressem no local, tendo em vista que Can Vies é um símbolo atual da *okupação* em Barcelona e em toda a Espanha. Além disso, os espaços apropriados de Vallcarca produziram suas festas libertárias e alternativas. Vallcarca

faz parte do distrito de Gràcia, e isso ajudou para que eu estivesse presente nos eventos. Outros espaços, frequentei apenas a partir de certos eventos que me interessaram, como o La Rampa, Espai Germanetes e Can Batlló.

Friso que não frequentei as festas alternativas de Gràcia, uma delas feita pelo Casal Tres Liris, e as festas de Vallcarca somente por estarem próximas de onde morava, mas por, conjuntamente, as festas Libertarias de Sants – esta também produzida pelo coletivo de Can Vies – serem as mais importantes festas ligadas ao movimento de resistência na cidade. E as festas são centrais para o movimento.

8.2 PLANO GERAL

Há uma forte identidade de bairro em Barcelona. Okupas servem como espaço para as pessoas e coletivos do bairro. Talvez isso se deva à própria estrutura da cidade. Em Barcelona, muito gira em torno do bairro. Pessoas, às vezes, nem frequentam o centro da cidade, dominado por turistas. A cidade para o turista não é a cidade das *okupações*. Os turistas ficam alguns dias, frequentam os lugares mais famosos, a rica Barcelona.

Os moradores da região do Gràcia reclamam de que ela está se tornando um lugar privado, para turistas. Suas inúmeras praças são rodeadas por bares, com os mesmos preços do Centro. As *terrazas* dos bares ocupam a maior parte das praças. Existem alguns poucos bancos liberados para as pessoas que não querem gastar dinheiro nos espaços privados. A praça mais frequentada por jovens tem poucos bancos públicos, a maioria é de bancos dos bares, mas os jovens compram comidas e cervejas em lugares mais baratos e consomem no chão mesmo.

Por isso, por essa privatização dos espaços, os movimentos do Gràcia também tomam as praças. Com frequência, a praça próxima do Banc Expropiat é *okupada* pelo coletivo. Nela, há um quiosque que fica aberto em momentos festivos. Este quiosque é curioso, é parecido com uma banca de revista, mas é um espaço liberado.

Algumas okupas têm uma questão simbólica: muitas delas eram antigas agências de bancos que estavam desativadas pela crise, o que foi citado anteriormente. Entre elas, estão: o Banc Expropiat, o Casal Tres Liris e, também, o La Porca, que se situa em uma região próxima de Can Vies. Assim, os okupas produzem sua resistência simbólica: o que era um banco agora é um espaço de resistência ao capitalismo. Resignificam o espaço: agora de todos, não um ponto de opressão.

Há uma regularidade de atividades nas okupas: oficinas variadas, de danças, de instrumentos musicais, de gastronomia, esportes, línguas; festas com comidas e bebidas de baixo custo; mostras de filmes e peças de teatro; palestras. Semanalmente, acontecem os eventos de gestão dos espaços, como assembleias e encontros de comissões. Algumas okupas agregam outro elemento: a moradia, o que acontecia com Can Vies e ocorre com a Kasa de la Muntanya. Esta última localizada junto ao Parc Guell é mais hermética, não é aberta à visitação, apesar de fazer alguns eventos públicos.

8.3 A ANTIESTÉTICA

A antiestética é algo predominante em todas as okupas que conheci em Barcelona. As okupas têm um tipo de estética primeiro, devido ao fato de que elas se atualizam em prédios antes abandonados. Os okupas não se preocupam em impor ao espaço uma estética normatizada. É comum escombros no interior, a fachada desgastada, o teto sem forro e parece que não há a intenção de arrumá-los, provavelmente porque isso envolveria dinheiro. O tratamento estético, produzido pelos okupas, é visto principalmente nos grafites e nos cartazes, muitas vezes abundantes. Essa antiestética resiste à estética que diz respeito ao modelo dominante de cidade.

As okupas não parecem uma casa, um clube recreativo nem uma casa noturna, mas são espaços de ócio, reprodução, convívio. Em casas noturnas, clubes e residências não são colados nas paredes cartazes sobre eventos de resistência. Sedes de sindicatos e partidos podem ter seus cartazes com palavras de ordem, mas neles o símbolo okupa não está em todo o lugar. As okupas têm forma e conteúdo libertários.

Uma das críticas às okupas se refere à insalubridade dos espaços. Em muitos espaços que conheci, era comum haver móveis usados e envelhecidos e um pouco de bagunça. Além disso, sentia a presença de poeira, que, possivelmente, era derivada das paredes e dos pisos desgastados. Porém, as okupas sempre estavam limpas, sem odores. Em Can Vies, a poeira era algo comum em virtude da reconstrução. Mas percebi apenas no lixo bitucas de cigarro, as quais eram sempre recolhidas. A poeira que notei era parecida com a das praças. Na acampada do Casal, muitos jovens andavam pela praça, descalços, ou seja, era comum pó em seus pés. A praça era limpa, mas havia essa poeira. A poeira das okupas as aproxima das ruas, das praças, dos locais urbanos abertos, tão importantes para os coletivos.

A riqueza estética e a outra estética podiam ser contempladas nos dias das festas do Gràcia, realizadas anualmente, e organizadas por vizinhos da região. As ruas pareciam galerias de arte a céu aberto; estavam repletas de turistas, famílias tirando fotos e circulando pelo lugar. Os locais das festas alternativas às festas oficiais, realizadas por coletivos libertários, eram diferentes. Também havia bares, mesas para almoços comunitários, mas o que diferia além dos eventos eram os muitos cartazes com a temática de resistência e okupa.

De todas as okupas, a mais estilizada é a de Can Vies, e, ao mesmo tempo, está semidestruída. O prédio todo e as paredes da rua em que está situado são pintados com belos grafites. Outro espaço que, esteticamente, é parecido com Can Vies é Vallcarca, pois parte do bairro está destruída devido à especulação, porém os vizinhos o estilizam com grafites. Em Vallcarca, em dias de festividade de coletivos que tentam retomar o bairro, alguns jovens grafiteiros pintavam as paredes de um espaço aberto, a área em que um dia abrigou um prédio. Os casos de Vallcarca e de Can Vies são distintos, mas o modelo de cidade, o poder político e a especulação imobiliária, por um lado, e a criatividade dos coletivos, por outro, os tornaram esteticamente parecidos.

Outro espaço, o centro social La Rampa, localizado em bairro residencial, está sediado em um prédio que parece uma garagem subterrânea de três andares. São espaços distintos, acessados por rampas. No evento em que compareci, tudo era muito escuro e o espaço estava todo estilizado. Portanto, não há um modelo de prédio a ser *okupado*. Pode ser a parte de baixo de um prédio comercial – Banc Expropiat, Casal Tres Liris, La Porka –, um prédio inteiro – como em Can Vies –, uma construção do governo – Kasa de la Muntanya – ou uma garagem subterrânea. O necessário é o espaço com um mínimo de infraestrutura; sua *okupação*, uso, gestão ficam a cargo da criatividade dos okupas.

Existe, ainda, a estética das manifestações. Pela reunião de pessoas nas ruas, já modificam o ambiente urbano. Estive em uma na qual o objetivo era fazer um gigantesco símbolo, um “A” de anarquismo, na rua. Em outra manifestação, um grupo grande de pessoas carregava velas. Em outra, no final dela, notei que muitas paredes estavam cheias de cartazes e flyers postos pelos participantes. Além disso, muitos prédios em Barcelona apresentavam o símbolo okupa pichado. Por tudo isso, por essa construção de formas de vida no tecido urbano, que envolve prédios, praças, ruas, pessoas, o movimento okupa é afirmativo, permite novos signos. A estética okupa não é para embelezar, é para produção de diferença, da outra cidade.

Nas próximas linhas, detalho a estética de algumas okupas de Barcelona. Apresento meu olhar inicial, minhas primeiras impressões com os espaços. As okupas escolhidas foram as que mais me marcaram no início da pesquisa.

8.4 ESTÉTICA DO BANC EXPROPRIAT

Como havia referido, nunca estivera em uma okupa antes de ir para Barcelona. Conheci antes ocupações de espaço urbano em Porto Alegre e Barcelona. Porém, eram em locais abertos, com fluxo de pessoas. Conhecia um pouco sobre ocupações, mas era um conhecimento calcado no senso comum. Sabia que as pessoas que participavam eram antissistema, que o espaço físico poderia ser insalubre. Além disso, quanto a Can Vies, sabia que ela havia sido centro de batalha durante uma semana em Barcelona.

Meu primeiro contato visual com uma okupa foi com o Banc Expropriat. Estava caminhando pelo Gràcia, em uma rua movimentada, a principal do bairro. Notei um prédio, em uma esquina, com a fachada repleta de cartazes e faixas. Estava fechado, era no meio da tarde. Percebi um mural com agenda de atividades, uma bandeira de Can Vies e um cartaz do Info Usurpa. A fachada, em boa parte, era de vidro, mas não dava para ver o interior porque estava repleta de cartazes. Observei apenas uma arara com roupas. O nome da okupa estava escrito acima da porta de entrada, em uma placa de madeira. Parecia ter sido escrito a mão. Também, a agenda semanal do espaço estava exposta em um cartaz de papel e escrita a mão.

Decidi voltar no mesmo dia no horário de abertura que estava marcado na agenda, às seis horas. Nesse horário, a porta estava aberta. Fiquei um tempo do lado de fora criando coragem para entrar. Estava com medo pelas histórias que havia lido sobre as okupas, mas, principalmente, por ser um ambiente desconhecido para mim. Entrei e, internamente, percebi ser tão diferente quanto à fachada.

Era um espaço amplo, talvez com quatro peças. Havia algo como uma sala com sofás gastos. No fundo da sala, uma mesa de madeira. Além disso, havia uma mesa com um computador. Na entrada, estava o varal com roupas. Uns dez jovens estavam ali dentro, os quais, provavelmente, eram okupas, mas junto do varal notei um grupo de senhoras manuseando as roupas.

Abordei um dos rapazes, expliquei minha situação. Ele disse que eu não poderia visualizar as assembleias do Banc, pois não os agradavam pesquisadores. Comentou comigo que no varal estavam roupas doadas, as quais eram expostas e que os vizinhos podiam pegar

para usar. Afirmou, além disso, que ali era realizada uma rede de alimentos. Eles buscavam alimentos nos mercados e, depois, dividiam entre si. O local era limpo, mas o desgaste dos móveis e das paredes lhe dava um aspecto não muito convidativo. Quanto às pessoas, seu visual não me chamou a atenção. Eram jovens de aproximadamente 30 anos, de camiseta, bermuda, ou garotas de saia e sandálias. Usavam roupas comuns para o verão, não ostentavam grifes, e também não tinham a estética antissistema mais espetacularizada.

Senti-me frustrado, pois o meu primeiro contato havia sido negativo. Pela conversa, eu não poderia fazer minha pesquisa no espaço. Disseram que seria incômodo abrir a okupa para pesquisadores. Depois disso, insisti mais algumas vezes para assistir às assembleias. Sabia que estava incomodando, isso me foi dito. No entanto, sempre passava na frente do Banc. Participei também de atividades que eles organizaram a céu aberto. Encontrei membros do Banc no Casal e sempre tentava um diálogo.

Em um desses dias em que passei no Banc, notei dois jovens trabalhando na frente da okupa. Um deles estava montando algo de madeira na calçada. Achei estranho, já que, quando passava antes da abertura do espaço, nunca havia ninguém. O Banc só abria a partir das seis horas da tarde. Fui almoçar e, uma hora depois, passei na frente de novo, e o jovem continuava fazendo a mesma coisa: ele havia construído um banco para sentar e estava pintando-o. Queria falar com ele, no entanto ele estava compenetrado no trabalho.

Passei novamente uma hora depois, e ele continuava pintando o banco. Decidi abordá-lo, haja vista que ele não me conhecia, portanto, eu não estava insistindo em uma conversa indesejada, como acontecera antes. Ele disse que era um banco para as pessoas sentarem. Todo o banco estava estilizado. O jovem sozinho demorou a tarde toda para fazê-lo. Ele estava todo suado, o trabalho fora cansativo. Ele havia preso o banco por correntes a um equipamento que estava na calçada. Ele me disse que a polícia passara por ali e dissera que não era permitido modificar dessa forma o espaço urbano. Dias depois, o banco foi retirado.

Essa é uma história de um ato muito singelo, pequeno, porém que mostra a atuação dos okupas na cidade. O banco estava na rua, o espaço da okupa havia sido ampliado. O banco representava o que representa as okupas, um espaço para os vizinhos; no caso, um espaço para sentar. O feitiço do banco contrasta com a reconstrução de Can Vies, feita por muitas mãos, com um grande soma de dinheiro, mas ambos são símbolos, elementos da cidade molecular, do cano da cidade molar vazado.

8.5 ESTÉTICA DE CAN VIES

Não conseguia encontrar informações sobre as atividades de Can Vies na web. Decidi ir no local em um dia da semana de tarde. O local era em um bairro que eu não conhecia, Sants. Cheguei no bairro, e ele era bem comum, mais um bairro tradicional de Barcelona, como o Gràcia. Perguntei para uma pessoa na rua onde ficava Can Vies. Ela me apontou a direção e disse que era próximo.

Eu me encontrava nessa parte tumultuada, com carros e pedestres, e o caminho para Can Vies era em uma descida sem movimento. Isso me amedrontou um pouco. Logo avistei a okupa. Havia visto fotos, mas foi impactante. Essa descida era de aproximadamente cem metros, e a okupa ficava na parte de baixo. Esses cem metros da parte alta até a descida eram ladeados por um enorme muro cheio de grafites e pichações. Desci até a okupa.

O prédio estava destruído em sua fachada, como já sabia. Havia esse prédio de uns três andares, todo pintado com imagens e com uma cor bonita, viva. A parte da frente, que fora destruída, era como um quintal com chão de pedra. A okupa estava fechada por uma grade de arame. Na parte de cima da frente do prédio, havia um mural gigantesco escrito: poder popular.

Se me impressionei com a estética do Banc, obviamente, fiquei perplexo com a estética de Can Vies. Era o registro físico de uma batalha, um local que parecia um campo de guerra recente. Posso falar em uma estética pobre no Banc Expropriat, também por sua simplicidade, mas, no caso de Can Vies, a estética difere totalmente da dominante urbana. Tem elementos da estética okupa, mas a fachada destruída aponta para uma estética da guerra, da violência, um registro de luta. No fim de 2015, vi uma foto do centro social e estava modificado, apresentava um grande mural colorido em sua fachada, mas os escombros foram mantidos.

Manter as marcas da batalha contra a polícia e a prefeitura é algo importante. Deixar a história registrada no espaço físico em sua estética. Os escombros como memória da perda da prefeitura, como vitória do coletivo. As okupas buscam outra política, outras relações, outras produções e também outra estética. Assim, dá para perceber que buscam outra vida, muito diferente da vida cotidiana dominante.

8.6 ESTÉTICA DO CASAL TRES LLIRIS

Tomei conhecimento da existência do Casal ao acaso. Caminhava pelo Gràcia, sem nenhum grande motivo, e vi a parte de baixo de um prédio repleta de cartazes. Estes apresentavam eventos relacionados a movimentos antissistema. Notei também um cartaz em vermelho e preto, escrito Casal Popular Tres Lliris, e o símbolo do movimento okupa. Além disso, um mural mostrava atividades que seriam realizadas no local. Na fachada, havia uma porta de ferro e vidro e uma vitrine. A porta estava trancada por um grande cadeado. Tentei olhar para dentro do espaço, porém estava escuro.

Nessa primeira apreensão, suspeitei que fosse uma okupa. Depois, em casa, busquei informações no Facebook e encontrei o perfil do Casal. A rua em que fica o Casal é muito movimentada, com fluxo de pedestres e muitos prédios comerciais. É a segunda rua mais importante do bairro. A *okupação* fica na parte de baixo de um prédio pequeno. O interessante é que, em pouco tempo de pesquisa sobre okupas, eu já estava familiarizado o suficiente para saber que era uma *okupação*. Até o momento só conhecia pessoalmente Can Vies e o Banc. Ajudou, pois a fachada do Banc era um pouco parecida com a do Casal, uma vez que ambas as okupas eram situadas em antigas agências bancárias, como expus anteriormente.

Portanto, há uma estética okupa, facilmente reconhecível, pois foge da estética comum do espaço urbano. Nas fachadas do Banc e do Casal, não notei uma preocupação em compor um estilo. A fachada funcionava mais como um ponto de informação, diferentemente de Can Vies, que é toda adornada com pinturas. Can Vies existe desde 1997; o Banc, desde 2011, e o Casal, desde 2014. Can Vies é um prédio inteiro; o Banc e o Casal são as partes de baixo de prédios. Assim, o Banc e o Casal se mesclam com o entorno. Já Can Vies se destaca, imponente.

8.7 FESTAS OKUPA

As festas okupas são políticas, conjugam produção e reprodução e não são feitas para serem capitalizadas. A festa é uma das atividades que mais aproximam os vizinhos e os moradores da cidade com as okupas. Em meu trabalho etnográfico, as festas foram muito importantes. As assembleias, em sua maioria, eram faladas em catalão, o que se tornava muito cansativo. A aproximação com os membros era difícil. Poucas vezes queriam falar. Estar em

uma okupa por horas, visualizando a rotina em momentos que não havia eventos, não era algo bem visto. Já nas festas, eu poderia estar no ambiente, falar com as pessoas, sem que me sentisse um intruso.

As festas também dizem respeito ao devir. Elas duram pouco, muitas vezes só uma noite; e quando são longas, no caso das festas de bairro, acontecem em momentos especiais, uma vez ao ano. Quem participa ajuda a compor a festa, com seus afetos e presença física. Quem produz na festa okupa, também festeja. As festas são sempre abertas ao público, não há seguranças, e podem ou não agradar os vizinhos. Às vezes, não agradam. Os preços do que é vendido são baixos e essas festas atraem muitas pessoas. Não é uma festa consumista, não gira em torno do lucro. Por isso, é um tipo de resistência anticapitalista.

As festas podem ser recorrentes. Manifestações, normalmente, duram um dia apenas, mesmo que, em alguns casos, elas permaneçam acontecendo, como no caso de Can Vies em maio de 2014. As manifestações e as festas podem ocorrer tanto de dia quanto de noite. Talvez as manifestações sejam um tipo de festa. Nas manifestações, existe ainda consumo de álcool e outras drogas. Nelas, há uma reunião de pessoas com afinidade, que se aglomeram em um espaço. Afetos são expressos por quem participa: exaltação, felicidade, comunalidade. Porém, na manifestação surge um objetivo claro, alguma forma de reivindicação ou revolta frente ao poder. O confronto direto da festa se dá com a vizinhança, e ele não é desejado. Já nas manifestações, o confronto com a polícia é mais frequente, e, muitas vezes, é isso que se busca. Uma manifestação é um dispositivo que pode explodir a qualquer momento. As festas assim são mais contidas.

Busco nas próximas páginas descrever algumas festas, as mais importantes que ocorreram, principalmente no verão, relacionadas com as okupas.

8.8 FESTAS ALTERNATIVAS DA VILA DE GRÀCIA

Como o Casal Tres Liris fica na Gràcia, organizou sua festa alternativa à Festa Maior da Vila de Gràcia, que acontece em agosto todos os anos. Além da festa do Casal em 2014, ocorreram mais duas festas parecidas, correspondendo a coletivos da região. Foi cedida pela prefeitura uma rua para que se realizasse a festa do Casal. De início, pediram uma rua mais ampla, mas a prefeitura cedeu uma outra.

Em toda a semana anterior à festa, o Casal ficou aberto. Nele, muitos jovens faziam os preparativos. Muito trabalho manual, para a decoração, era confeccionado por meninas e

meninos. Um membro me disse que as festas alternativas apenas acontecem nos mesmos dias das festas oficiais e que eles desejam se manter de fora das comemorações oficiais, já que estas são comerciais. Além disso, informou-me que as muitas bandas que estavam presentes eram, em boa parte, grupos conhecidos pelos membros do Casal, que se dispuseram a colaborar.

No Casal, nesses dias anteriores, estava boa parte do material da festa como centenas de garrafas de refrescos e contêineres de cerveja. Todo o material foi adquirido a partir do dinheiro levantado pelos eventos dos últimos meses. Nesses eventos, coloca-se à venda o que se vende em festas comuns, mas com preços baixos. Um dos jovens me explicou que o bairro está em vias de privatização, o que impede que os moradores o vivam. Os espaços para jovens, em sua maior parte, são mercantis, portanto, para poucos. Não se pode tomar cerveja nas ruas, mas as mesmas ruas estão repletas de bares com preços absurdos. O uso de álcool, ou, simplesmente, a vida noturna é cada vez mais impedida aos jovens. Desse modo, as festas são uma forma de retomar o bairro.

Pelo menos três locais abrigaram as festas alternativas: a Rua Montmany, a Plaza del Raspall e uma outra pequena praça, que se situava entre os dois locais. Todos os espaços eram muito próximos, o que permitia ir de um ponto a outro rapidamente. Na Rua Montmany estava o local cedido ao Casal Tres Liris. Na parte baixa da rua foi montado um bar, com umas quatro torneiras de cerveja. Jovens se revezavam nas tarefas do início da tarde até o fim das festas, que acabavam pelas 3 horas da manhã.

Perguntei para muitos se o trabalho era cansativo ou chato, todos me disseram que não. A resposta é compreensível, tendo em vista que não se tratava de uma rotina dura: quem estava no balcão servia cerveja, mas conversava com outras pessoas. Essa mesma pessoa, em outro momento, estava na rua, curtindo, mesclada com o público. Todos estavam engajados na organização, sérios, querendo que o evento funcionasse, mas também estavam se divertindo.

Muitas pessoas que colaboravam, eu não as tinha visto no Casal. Quanto ao público que frequentava o espaço, ele variava. Em sua maior parte eram jovens, mas no bar, quem passava pela rua aproveitava os preços baixos das bebidas. Vi, no bar, senhores e senhoras, turistas que estavam no bairro para a festa oficial. Ao lado do bar, ficava a rua na qual fora montado um palco. Ali, aconteceram os eventos, os quais consistiam, em sua maior parte, de shows.

As atividades das festas foram muito parecidas com atividades comuns das okupas: shows, palestras, manifestações de rua. Também como nas okupas, esteticamente, as praças e

as ruas estavam repletas de cartazes políticos. As festas eram algo como uma okupa a céu aberto; a diferença é que foi permitida a reunião de mais pessoas, pelo espaço amplo, e o conhecimento dos signos libertários por parte das pessoas que estavam no bairro para a festa oficial. As okupas, portanto, como exemplificam as festas, parecem já fazer parte do tecido da cidade. A festa legitimada e totalmente legal é um exemplo disso.

As duas outras festas aconteceram, como disse, em ruas próximas. Notei pessoas do Casal colaborando nelas. Praticamente todo dia, pelo menos desde a tarde, havia alguma atividade. Ocorreram alguns shows muito cedo, com pouco público. Percebi uma circulação de crianças e pessoas mais velhas. Tirei fotos de senhores e senhoras descansando em bancos junto a símbolos okupa.

Nos dias anteriores às festas oficiais, os moradores do bairro estavam produzindo as ruas. Nos dias das festas oficiais, as ruas estavam repletas de decoração. Em certos horários, a movimentação era muito difícil. Além da produção das ruas, aconteceram muitos shows e eventos. A maior diferença entre as duas festas – a alternativa e a oficial – diz respeito à riqueza de signos políticos das alternativas. As oficiais apresentavam, esteticamente, temáticas espetacularizadas.

Quem passava desavisado pelo Gràcia poderia nem notar a diferença entre as duas festas. Eu nunca havia estado em uma situação parecida. Um bairro todo decorado, com muita música, muitas pessoas, todas empolgadas, bebendo suas cervejas. E isso praticamente o dia todo. Se eu não reconhecesse os símbolos políticos, veria o Gràcia como uma massa homogênea. Apenas consideraria as festas alternativas como as menos produzidas, as mais ‘pobres’. Talvez em alguns momentos, estranharia certos grupos com um visual mais de subcultura e definiria como barulhenta a música de certas bandas. Mas existem muitas bandas barulhentas que não têm um mínimo de cunho político, e os jovens, muitos deles, mesmo os apolíticos, adotam um visual que, às vezes, choca. Eu acharia que era uma festa jovem e só.

Talvez para o pensamento dominante essa mistura de festa e política seja um contrassenso. Em uma festa não se pensa em política, não se faz política. Festa é para amortecer, descansar, divertir. E política é algo que não é nada divertido. Mas, para mim, a política dominante é que não é divertida. A política dos okupas é uma outra política, com outros significados. Poderia ser dito também que trabalho não é divertido, mas, como já disse, quem estava trabalhando nas festas estava se divertindo.

Entreí no espírito do jogo. Estava lá pra fazer a pesquisa. Não é divertido ficar sozinho contemplando espaços e anotando questões. Não é divertido iniciar uma conversa com alguém para a pesquisa e essa pessoa virar a cara. Mas aproveitei muitos momentos. Nestes, eu me

esquecia do trabalho, porém, obviamente, não da mesma forma que me esquecia quando estava em uma festa para fazer turismo.

Notei que em Barcelona, nas minhas caminhadas diárias para descansar, tirei fotos somente de pichações de movimentos de resistência e grafites de rua. Montei um arquivo extenso de fotos sem fotos turísticas. Em uma viagem para Roma, o local que mais me agradou foi o bairro com maior atuação política libertária. Não estava na capital italiana para pesquisar. Isso mostra que, naturalmente, me coloquei em uma área de indiscernibilidade entre a pesquisa e o turismo.

As festas exemplificam como um coletivo okupa pode dar vida a um bairro. As festas rotineiras no Casal, pelo próprio tamanho do espaço, não eram muito expressivas. Já as alternativas reuniram muito mais pessoas, praticamente todo o dia. Sem as festas alternativas, a festa do Gràcia teria sido menos rica, não teria o seu devir okupa que foi experimentado por diversas pessoas.

8.9 MANIFESTAÇÕES NAS FESTAS ALTERNATIVAS

Aconteceram duas manifestações nos dias das festas alternativas do Gràcia: uma antifascista e outra em solidariedade com presos políticos. A manifestação antifascista aconteceu na Rua Gran de Gracia, sendo continuação do Passeig de Gracia, uma das ruas mais frequentadas pelos turistas em Barcelona. Eu apenas sabia do local e do horário: na frente da estação de metrô Fontana, às 19h. Cheguei no horário e vi que jovens vestidos de preto chegavam a partir do metrô. Em pouco tempo, o espaço estava lotado desses jovens, de preto, com camisetas de bandas de rock pesado ou com visual punk. Muitos tomavam cerveja, em grupos pequenos de cinco ou seis pessoas, de ambos os sexos.

Considerei ousada a escolha do local. Era na saída-entrada da linha mais importante do metrô de Gràcia. Também nesse dia, começaram as festas oficiais da Vila, ou seja, além de já ser um local movimentado, estava ainda mais devido às festas. Por isso, muitos policiais faziam rondas nas proximidades.

Em determinado momento, ouvi gritos com palavras de ordem: “Roger, aqui nós dominamos”. A manifestação era em nome de um jovem morto dez anos atrás por fascistas no bairro: Roger. Os gritos de guerra continuavam e a multidão tomou a rua. Era uma quinta-feira, final de tarde, na rua mais importante do Gràcia. Estenderam faixas no chão. Jovens começaram a pichar as fachadas de lojas de grandes empresas. Uma das pichações dizia:

“Barcelona antifascista”. Essas inscrições, já havia notado em outras partes do bairro. Esses dizeres fazem pensar. Uma metrópole é uma multiplicidade. Há a cidade do turista, a dos moradores, a cidade como expressão e resultado do poder. A boa cidade do bom cidadão. Mas existe a cidade dos que lutam, dos antifascistas, dos okupas, dos revolucionários rotulados como marginais.

Em outro momento, um jovem subiu em uma parede e colocou uma placa acima da placa com o nome da rua. A placa tinha um nome: Roger. A rua estava fechada pela multidão. Na parte de baixo do local em que estavam os manifestantes, policiais conduziam o trânsito. Considerei estranho não ter acontecido repressão por parte da polícia. Quase uma hora depois da rua ser tomada, os manifestantes começaram a subi-la. Decidi não segui-los, percebi que não haveria repressão e sabia que o pessoal iria se dispersar. Mas o clima era um pouco tenso. Observei seguranças no metrô olhando apreensivos para a manifestação. O metrô havia sido fechado devido à aglomeração.

A outra manifestação aconteceu uma semana depois, e a concentração foi na Plaza Raspall, local de uma das festas alternativas. Era em solidariedade a duas garotas que haviam sido presas. O cartaz da manifestação dizia: ‘marcha de tochas’. Na hora marcada, começaram a ser distribuídas tochas para os manifestantes na praça. Elas foram acesas. Depois, iniciou-se uma caminhada. Mais de uma centena de pessoas estava presente.

Eu estava curioso com a manifestação. Ela saíria de uma parte muito movimentada do bairro, na qual ocorriam os festejos da festa oficial. Fiquei mais surpreso, pois a caminhada aconteceu exatamente nas ruas com maior fluxo de pessoas do bairro. Na parte da frente da manifestação, duas pessoas puxavam palavras de ordem, citando o nome das presas. A marcha passou pela Rua Verdi, a mais turística do Gràcia. Além disso, passou por outra rua com um grande fluxo de automóveis, fechando o trânsito. Não havia policiais no entorno. Tudo se desenrolou calmamente.

8.10 FESTAS EM SANTS E VALLCARCA

As outras festas alternativas em Barcelona no verão ocorreram em Sants e Vallcarca. A de Sants foi uma megafesta no Parc de la Espanya Industrial, próximo a Can Vies. Contemplava esse parque sempre quando caminhava até a okupa. Situa-se em um grande declive ao lado de uma estação de trem. O meu caminho era feito nessa parte alta, que dava para ver o amplo parque abaixo. Eu via, de cima, garotos andando de skate e praticando

esportes. Na parte alta, era comum jovens fumando maconha. Eu não havia descido ainda até o parque.

Eu me agendei para ir à festa em seu início. Havia umas cinco tendas grandes vendendo bebidas e comidas. No horário em que cheguei, já estava lotado de pessoas, pelas dez horas da noite. O palco onde se realizavam os shows era amplo. As bandas, em sua maioria, tocavam músicas alternativas, como punk e metal, o tipo de som corrente nas festas alternativas. A idade do público girava em torno de 20 e 30 anos. As pessoas que cuidavam das tendas eram, em parte, de Can Vies. Eram muitos os coletivos que organizavam a festa, todos libertários. A organização era como a de qualquer grande evento. Funcionava e muito bem. Parecia um grande festival a céu aberto.

De início, vi jovens fazendo uma brincadeira curiosa. Amarravam alguém em uma longa corda. A corda ficava presa em um suporte. Então, quem estava amarrado ia formando uma torre de engradados de cerveja e, ao mesmo tempo, subia nela; colocava um engradado em cima do outro e subia; alguns conseguiam formar uma torre alta. Em determinado momento, caía e era segurado pela corda ficando suspenso no ar. Daí outra pessoa fazia o mesmo. Isso marca a importância do álcool. Cada engradado que era posto para formar a torre simbolizava cada dose tomada por quem gosta de beber. Quem conseguia formar uma torre maior simbolizava aquele que consegue beber mais. A expressão ‘cair de bêbado’, algo comum, era outro símbolo, pois, em determinado momento, quem subia, caía. Se quem bebe não para de beber, em determinado momento vai “cair de bêbado”. Não lembro de ter visto alguém completamente bêbado nas festas, bêbado o suficiente para incomodar os outros. Mas todos bebiam e bem. Algo comum em uma festa.

Nas assembleias de Can Vies sempre havia alguém tomando uma cerveja. Mas era um consumo muito contido. No Casal Três Liris, em momentos de ócio, os jovens bebiam. Pela minha vivência na cidade, me pareceu que o consumo de álcool faz parte da cultura. Era comum nos almoços a oferta de cerveja e vinho. Mas nunca vi alguém bêbado na hora do almoço.

O álcool faz parte da linha de fuga da rotina, que é a festa. Anestesia, alivia, dá coragem, permite o contato com outros, claro que dentro de um limite. A pobreza e a crise, a depressão que tudo isso gira são amortecidas com a festa e com o álcool. O álcool potencializa a festa, e também outras drogas. Eu gostava das festas, pois ficava mais anônimo, me perdia na massa. O álcool ajuda a se misturar na massa, criar uma massa. As pessoas ficam mais dispersas, mais soltas.

A festa é um dispositivo diferente de uma disciplina: o pai não está, não há professor, nem patrão. No caso das festas nas okupas, pode haver um controle dos vizinhos. Não vi policial em nenhuma das festas, pelo menos fardado. Na festa de Sants, em um lugar escuro, com milhares de jovens, o controle parecia impossível. Quantos policiais à paisana deveriam ter para controlar e reprimir toda essa gente? A festa, assim, permite um impedimento do controle. Possivelmente, existe um controle entre os participantes, para que ninguém fique fora de controle. Quem faz isso em festas comerciais são os seguranças.

Uma okupa também é um dispositivo contra o controle. O que se faz nelas, poucos veem. Não é uma sala de aula, em que apenas alunos e professores podem entrar. Não é uma empresa com seus chefes e funcionários. É um espaço para os coletivos, mas aberto para quem tenha afinidade. Existem regras na hora das falas, uma organização, mas não há um centro de poder, que submeta sujeitos sujeitados.

A festa okupa e a vida na okupa se assemelham. São diferentes de uma manifestação, que se faz na rua e quase sempre ocorre a presença policial. A manifestação é um lugar do confronto, mas um confronto local. O confronto nas okupas, nas quais se fazem festas, é contínuo, contra a política do Estado e o modelo de cidade dominante. O contra o controle da festa também se dá nas rupturas de códigos. É festa? É política? O que é? Não é a festa consumista, não é a política dominante; e nem é a festa dos partidos, dos sindicatos. É uma festa micropolítica. A alegria da festa okupa se mescla à seriedade da autogestão e do desejo de outra realidade. Talvez haja pessoas que só se divertem nas festas okupas, melhor, que não estão interessados na política okupa.

Em Porto Alegre, na época das lutas de 2013, participei de algumas atividades do Bloco de Luta pelo Transporte, o coletivo mais importante das lutas na região. Havia alguns jovens que estavam lá pela reunião de pessoas alternativas e para fumar maconha, para se divertir. Mesmo que as comissões fossem abertas, esses jovens não queriam fazer política, pelo menos a que o Bloco permitia. Na okupa da Praça da Matriz em Porto Alegre em 2012, cheguei cheio de ideias preconcebidas. Um jovem estava sentado junto às tendas e lhe perguntei: de qual movimento você faz parte? Ele disse: sou apenas um artesão. Era um hippie, que estava compartilhando um lugar diferente e que não tinha interesse em política.

Em uma acampada na frente da prefeitura de Porto Alegre, em maio de 2012, jovens engajados tocavam violão; estavam fazendo isso para passar mais rápido a noite fria. Um grupo de violeiros chegou e se convidou para tocar. Eles queriam compartilhar a música e também não tinham interesse por política. Em uma das manifestações mais expressivas em Porto Alegre em 2013, na Praça da Matriz, vi muitos jovens fumando maconha e tomando

vinho. Possivelmente, muitos foram para a praça apenas para isso. Mas por que estes – os hippies, os violeiros, os usuários de maconha, os que participam da festa okupa por ser uma festa – frequentam esses locais? Isso é um indício da simpatia com a revolução. Em uma manifestação, é fundamental o maior número possível de pessoas. Quanto mais pessoas, mais visível. Em uma festa okupa, isso também é importante. Se ninguém vai em uma festa, ela perde o sentido. Essas pessoas simpáticas ajudam a aumentar a massa. Podem não saber conscientemente que fazem política, mas fazem.

Diverti-me muito na festa de Sants, nas festas de Gràcia e em muitas outras do movimento okupa de Barcelona. Vi shows, dancei, usei as tendas. Isso é metodologicamente importante. Sempre me senti bem nas *ocupações* e consegui aproveitar os eventos. Isso fez com que o trabalho de campo se perdesse em uma área de indiscernibilidade; eu estava pesquisando, mas também vivendo os espaços.

Nos dias das festas alternativas de Sants, aconteciam as festas oficiais do bairro. Não compareci à noite nas festas oficiais, pois me encontrava nas festas alternativas. Mas elas eram intensas durante o dia. O clima era diferente entre os dois eventos. Pelo bairro de Sants, de dia, viam-se grupos de adolescentes, garotas vestidas com uniformes, marchando, acompanhadas de bandas e pessoas mais velhas. Em uma das principais ruas da festa, algumas tendas montadas que vendiam cerveja se mesclavam aos bares do entorno. Havia uma mistura entre pessoas muito jovens e mais velhas. Essa rua principal fora fechada, estava repleta de gente e havia um palco. O som que tocava era de uma música eletrônica bem suave, bem pop, que nunca se ouviria nas festas okupa. Todos dançavam e faziam uma brincadeira: jogavam água com tinta um nos outros.

Talvez as festas okupas não sejam totalmente divertidas e infantis, como a que narrei anteriormente, pois reúnem pessoas que não têm medo de frequentar um local ilegal, que têm afinidade com a política okupa, pelo menos um mínimo de afinidade. A alegria da festa okupa se mistura com a preocupação da autogestão, a manutenção do lugar, o perigo de *desalojo* e do controle policial.

Na mesma época das festas em Sants, alguns eventos aconteceram em Can Vies, como um microfone aberto e uma “curra de carretón”. A festa do microfone aberto começou de tarde, pelas 18h. Eu não recebera informação sobre o evento, mas, simplesmente, por estar perto do local, resolvi passar pela *okupação*. Era uma festa de rap, com inúmeros jovens se revezando na voz, acompanhados por um DJ. Estavam presentes pessoas das assembleias, muitas organizando o espaço, ajudando no som, vendendo cervejas. Em diálogo com alguns membros de Can Vies, eles disseram que o evento não havia sido uma boa ideia, pelo estilo de

música e pela linguagem usada pelos jovens, às vezes machistas. Fiquei um pouco impressionado com os garotos de 20 anos, produzindo valor com seus raps, que envolve o conteúdo das letras, a entonação da voz e a postura no palco. Também em conversa com membros de Can Vies, comentou-se que, mais tarde, de noite, quando eu não estava mais lá, houve desavenças com os vizinhos devido ao som alto e à reunião de muitas pessoas. Porém, outro membro me informou que não ocorreram conflitos mais expressivos.

Perguntei para esse membro se eles não eram obrigados a aceitar a legitimação do poder para que a okupa funcionasse, se não eram obrigados a estar dentro da lei, o que talvez obscurecesse a autonomia da *okupação*. Penso isso porque a okupa não tem uma liberdade total, sempre tem que pensar na relação com os vizinhos na organização de festas. E sem o apoio dos vizinhos, provavelmente o projeto fracassaria, pois a prefeitura teria mais poder para agir contra Can Vies. Ele respondeu que não era o momento de enfrentamento com as normas, pelo pouco tempo desde a tentativa de *desalojo*. Também, disse que manter uma postura de não confrontação era algo necessário.

A “curra de carreton” reuniu muita gente. Já de longe vi a rua de Can Vies repleta de pessoas. Nunca havia visto um evento no local com tanta gente. Para chegar em Can Vies por essa rua, há um declive levemente acentuado. A brincadeira do evento, a “corrida de carreton”, consistia em descer a rua em cima de algum objeto parecido com um carrinho. Os carrinhos eram improvisados, como banheiras ou triciclos. Quem estava participando eram jovens de aproximadamente 30 anos de ambos os sexos. Cada carrinho que descia a rua era acompanhado de gritos pela plateia que ladeava a descida. Ao chegarem perto do fim do trajeto, a plateia jogava cerveja e água. Membros do coletivo da Can Vies jogavam água nas pessoas da plateia com uma mangueira.

A brincadeira parecia boba, e talvez fosse. Não permaneci por muito tempo na cidade para entender o humor dos barceloneses. No entanto, isso reunia muitas pessoas e todas estavam festejando, felizes. Era um dia de sol, no verão, no fim de semana, para se reunir com os seus e tomar cerveja. A brincadeira não importava muito, mas, sim, o contato, a afetividade. O banho de cerveja já mostra uma proximidade entre as pessoas. Não se faz isso na rua, ou melhor, em qualquer lugar, se necessita de um ambiente para isso. Se permitir que outras pessoas joguem cerveja em você – isso exige um grau de proximidade. Não tenho informação se todos eram amigos, mas o número enorme de pessoas mostra que, possivelmente, nem todos se conheciam. Por isso, a proximidade.

As okupas, na rotina do dia a dia, reúnem poucas pessoas. Em Can Vies, o maior número de pessoas ocorria na assembleia geral, esta com no máximo 30 pessoas. Alguns

eventos, como a mostra de filmes, atraíam mais gente. Contudo, as festas eram, de fato, mais tumultuadas. A festa, portanto, ajuda a dar expressividade para as okupas.

A festa de Vallcarca foi organizada por coletivos e realizada em espaços contíguos. Vallcarca se situa depois da parte norte do Gràcia. Assim, não era difícil me locomover a pé entre onde residia e o local da agitação política. Na caminhada, aos poucos, percebia a mudança de região. Caminhava desde a rua mais famosa do Gràcia, a Gran de Gràcia, com sua estética mais opulenta, passava por uma praça que não era espaço de ócio, atravessava uma longa avenida, e a estética começava a mudar. Da praça até o local das festas, eram cerca de cinco longas quadras. Na parte direita desse trajeto havia prédios e lojas, mas na parte esquerda, muitos prédios estavam bem deteriorados.

Já o local de encontros dos coletivos era em uma área desolada pela especulação. Muitos prédios estavam em estado precário e, além disso, muitos espaços se encontravam vazios. Neles, em outras épocas, se situavam prédios que foram destruídos. Nas primeiras vezes em que para lá me dirigi, senti medo. Depois vi que não tinha por que ter medo. Porém, as festas ocorriam à noite. Estava sozinho a pé. O local das festas era nessas áreas abandonadas. Na parte organizada pelo coletivo mais radical, a música era de punk de protesto. Em uma outra parte, a maior, era dedicada para música mais comercial. Estava escuro, o local era de escombros, mas me senti bem.

Outro dia, à tarde, em um domingo, voltei para Vallcarca. Haveria atividades, conjugadas com as festas alternativas, em dois espaços: um mais legitimado e outro mais alternativo. O local que mais aglomerou pessoas foi o mais legitimado. Era um espaço amplo, que, provavelmente, abrigou um edifício em outras épocas. O chão estava cimentado. Toda sua frente e o lado esquerdo eram ladeados por pequenas ruas. Seu lado direito era vizinho do outro espaço. Uma parte era murada por um edifício de muitos andares. Nessa parte, na parede, havia grafites e, nesse dia, alguns grafiteiros estavam pintando-a. Em um bar, vendiam cervejas. No meio, havia dezenas de cadeiras. Junto aos grafites, uma parafernália sonora, com um DJ no comando. No outro espaço, ia ser realizado um torneio aberto de bocha.

O que mais me interessou em Vallcarca foi a forma que os coletivos encontraram para dar vida a uma região quase morta. Os shows noturnos reuniram muita gente. Pela pouca luz, não dava para notar o estado da área. De dia, nesse domingo, o torneio de bocha foi mais tímido, mas contou com a presença de muitos jovens, que jogavam, dançavam e bebiam. Naquela parte do coletivo mais legitimado, aconteceu um workshop de percussão aberto. No

entanto, me chamou e muito a atenção os gigantescos grafites, porque eles marcariam, visualmente, a área de forma mais duradoura.

A festa, a música, o grafite são expressões da multidão dentro da cidade. A multidão é pobre, mas é criativa. Ela consegue, com mínimos recursos, criar formas de vida. A multidão não precisa de grandes estádios, de casas noturnas chiques, de teatros espetaculares, nem de celebridades, como também não precisa de restaurantes e bares com vinhos caros e comidas refinadas. No espaço mais simples desse domingo, onde jogavam bocha, havia apenas a cancha, vinho e cerveja e muitas pessoas. Em festas do Casal, elas contavam, em sua infraestrutura, apenas com um barzinho com cerveja e um pequeno palco com alguém tocando violão e cantando.

Eu assisti a muitos shows em Barcelona como descanso da pesquisa. Muitos deles eram realizados em casas noturnas da moda, apresentando bandas populares. Entretanto, apesar de me agradarem, eles não me chamaram a atenção, pois sabia exatamente o que ia ver, já era conhecido, normatizado. As festas das okupas e dos coletivos de resistência, sim, foram coisas novas, diferentes, e essa diferença é que inspira este texto e me faz pensar.

8.11 ACAMPADA

Um dia, recebi informações pelo Facebook de que o Casal Três Liris estava para ser desalojado pela prefeitura. Outro dia, estava caminhando em Gràcia, depois do almoço, e vi que um quiosque montado em uma praça, muito usada por pessoas dos movimentos sociais no bairro, estava aberto e com pessoas na frente. Perguntei o que passava: estavam distribuindo espumante em comemoração à demissão de um político em Barcelona. O mais importante é que reencontrei um rapaz do Casal. Tivemos uma desavença, um problema de comunicação, outro dia, e por isso fiquei um pouco apreensivo em abordá-lo e perguntar o que estava acontecendo com o Casal. Mesmo assim, abordei-o e ele foi bem receptivo. Disse que eles haviam recebido uma ordem de despejo e que seria realizada logo, a partir de 29 de setembro. Ele comentou que o advogado do Casal estava fazendo a mediação, mas que, certamente, aconteceria o *desalojo* (despejo).

No início de setembro, um outro centro social, situado próximo ao Gràcia, foi desalojado, o Ateneu l'entre Banc. Em pouco tempo, começaram a surgir outras notícias a respeito no Facebook e foi organizada uma manifestação de rua em favor do Ateneu. Essa manifestação ocorreu em uma rua próxima à Sagrada Família. Reuniu em torno de 500

jovens. Boa parte do grupo do Casal Tres Liris estava presente. Houve monitoramento da polícia.

Além disso, o Banc Expropriat estava para ser desalojado na mesma época. Isso já era esperado fazia tempo por coletivos que publicavam, com frequência, notícias e cartazes no Facebook em solidariedade à okupa. Em final de julho de 2015, quase um ano depois, tanto o Casal quanto o Banc continuam ativos.

O *desalojo*, como expus em outros capítulos, é o destino de uma okupa. Todavia, fui informado sobre isso somente após a pesquisa bibliográfica e o contato com os okupas. Foi em conversas informais que tive o conhecimento inicial do fantasma do *desalojo*. Em uma conversa com um membro do Casal, na época das festas, ele me explicou que havia três vias em caso de um processo de apropriação do espaço pelo poder: 1. Via legal, a contratação de um advogado, e tentar uma negociação a partir do Judiciário. 2. Pressão mais branda e constante, como manifestações, aproximação com as entidades vicinais, tentativas de mostrar ao poder a importância da okupa. 3. O confronto direto com a polícia no momento do *desalojo*. Como será visto nas próximas páginas, a segunda opção foi a escolhida. Montou-se uma acampada em uma praça de frente para a sede do distrito de Gràcia, com o objetivo de reivindicar a permanência do Casal.

8.12 CONTATOS COM A ACAMPADA 1

Como haviam me dito, o *desalojo* poderia acontecer a partir de uma segunda-feira. Nesse dia, dirigi-me ao Casal, e algumas garotas estavam limpando-o. Disseram-me que estavam tirando todos os objetos de valor por medo da invasão policial. Fui mais duas vezes no mesmo dia e me explicaram que, em pelo menos duas semanas, aconteceria a desocupação. Depois desse dia, passei inúmeras vezes na frente e estava sempre fechado. Na semana do dia 5 de outubro, recebi uma informação pelo Facebook de que o coletivo estava fazendo uma acampada na Praça da Vila de Gràcia. A praça é uma das mais importantes do bairro. A intenção era de que os vizinhos tomassem conhecimento da situação da okupa.

Dirigi-me na terça-feira, após o meio-dia, ao local. Cerca de 20 barracas haviam sido montadas. Todo o entorno da praça estava repleto de faixas, com dizeres referentes à luta do Casal e das outras okupas do bairro. Os jovens estavam fora das barracas reunidos em grupos. Uns pintavam cartazes. Uma tenda era o ponto de informação. Desloquei-me até lá. Estava olhando panfletos e um dos jovens que estava na tenda me abordou. Explicou-me o que estava

acontecendo – eu já sabia –, mas o ouvi. Nenhum dos membros que conhecia do Casal estava presente. Achei interessante porque havia muita gente na acampada e eu conhecia mais de uma dezena de membros do coletivo. Ou seja, a causa atraiu muitas pessoas. Perguntei ao rapaz da tenda se eles estavam dormindo ali, e ele me respondeu que sim. Ele disse que a decisão de acampar era antiga. Perguntei se tinham em vista alguma nova *okupação* do bairro. Ele sorriu e a conversa terminou aí.

Caminhei pela acampada. Tirei foto de todo o espaço, das pessoas, das barracas e dos cartazes. Voltei à tenda de informação e abordei o jovem que havia me atendido. Expliquei minha situação e falei que queria fazer uma entrevista com algum membro. Ele me disse que não queria. Outro rapaz que estava na tenda me ouviu e nada falou. Me disseram para eu tentar com o pessoal que estava na acampada. Pedi para que ele me apresentasse a alguém. Ele nada falou. Decidi não abordar mais ninguém nesse momento. Fiquei de pé contemplando o espaço e as pessoas. Notei que algumas senhoras paravam e olhavam. Outras abordavam os garotos do ponto de informação e faziam perguntas.

Voltei mais tarde no mesmo dia. Na praça, havia, além das pessoas do coletivo, muita gente de todas as idades, e também crianças, que brincavam. Um pouco antes acontecera uma atividade dedicada a crianças na acampada. Percebi duas equipes de reportagem entrevistando duas garotas do coletivo do Casal. A acampada se situava na frente da sede do distrito de Gràcia. No prédio da sede, dois policiais da guarda urbana estavam postados na porta principal.

8.13 CONTATO COM A ACAMPADA 2

Outro dia, fui depois do meio-dia, novamente na acampada do Casal. Não era horário de atividades, mas decidi ir pra ver se encontrava alguém para conversar. Ao chegar, um grupo de dez pessoas almoçava no chão e conversava. Na tenda de informações, três jovens usavam notebooks. As barracas se mantinham no mesmo lugar, vazias, algumas abertas. O mais interessante era um grupo em uma roda. Três pessoas do coletivo do Casal falavam para cerca de dez adolescentes e para uma senhora. Fui até eles, que estavam falando sobre a acampada e a situação da okupa. Os adolescentes eram estudantes de uma escola próxima, e a senhora era a professora. Esta havia passado pela acampada e pediu para levar o grupo para conhecer o espaço. Os adolescentes estavam quietos, apenas ouviam, mas muitos anotavam o

que os representantes do coletivo falavam. Fiquei ali ouvindo, conseguia entender algumas coisas, pois a língua usada era o catalão.

Quando terminou a fala, abordei um dos representantes, uma garota. No dia anterior, a vi dando uma entrevista para uma rede de televisão. Pensei que ela talvez se dispusesse a conversar comigo formalmente. Falei com ela, que aceitou conversar no mesmo dia, uma hora depois. Voltei para o meu apartamento e peguei meu equipamento de filmagem. Na hora combinada, nos encontramos. Ela disse que queria que mais uma garota fizesse parte da entrevista. Considerei uma boa ideia, já que eram dois posicionamentos. Perguntei se podia filmar o rosto delas, preferiram que não.

Pedi para que elas falassem diante da câmera o nome, a idade, a profissão ou o que estudavam. Elas pediram para que não fizesse perguntas pessoais. Respondi-lhes que estava fazendo essas perguntas, pois uma das linhas da entrevista poderia dizer respeito à vida pessoal delas, mas que, como elas não queriam, isso não era um problema. Expliquei que me interessavam muito mais os processos do Casal do que a identidade dos participantes do coletivo. Nunca fiz perguntas pessoais com quem conversava nas okupas; e se fiz, foi para que houvesse algum tipo de intimidade. A entrevista foi boa, durou uma hora. As garotas falaram o tempo todo. Eu apenas fazia algumas perguntas para direcionar a conversa. Decidi encerrar a entrevista quando vi que as duas estavam cansadas.

8.14 CONTATO COM A ACAMPADA 3

No quarto dia da acampada, tudo continuava igual: as barracas, as tendas, os cartazes. Os jovens se mesclavam com as pessoas do bairro que usavam a praça: pais com suas crianças, pessoas idosas, turistas que frequentavam os bares no entorno. De diferente, notei algumas araras com roupas que poderiam ser pegadas gratuitamente. Mulheres e garotas as frequentavam. Também percebi um cartaz novo, grande, que era o apoio de Can Vies à situação do Casal. Na barraca de informações, na qual sempre ficava alguém, turistas solicitavam esclarecimentos sobre a acampada. Além disso, observei gente do bairro perguntando sobre as atividades diárias.

Nesse dia, fora programada uma palestra com pessoas de outras *okupações*, entre elas: El Rec, Banc Expropiat, Flor de Maig, etc. Organizaram uma roda ampla, com cadeiras, e montaram uma aparelhagem de som que permitia que se ouvissem os membros dos coletivos em boa parte da praça. A maioria das pessoas na plateia era de jovens, mas notei também

muitos senhores e senhoras de idade. Havia muitos fotógrafos registrando o evento. Os representantes dos centros sociais tinham entre 25 e 30 anos, dois homens e duas mulheres. Explicaram a situação de cada okupa. Responderam às perguntas pré-agendadas. O evento foi importante, pois mostrou a relação entre as okupas em Barcelona, e que todos estão dispostos a colaborar.

8.15 CONTATO COM A ACAMPADA 4

Passei na praça na sexta-feira, no último dia da acampada. Tentei conversar com a garota que eu entrevistara e ela disse que estava ocupada. Os acampados ouviam música em som alto. Um dos garotos na tenda de informações conversava com dois turistas. Era um casal de aproximadamente 50 anos. O jovem foi educado e atencioso, falou em inglês com eles, explicou a acampada e a situação do Casal. Os dois estavam bem interessados e ouviam com atenção, rebatendo com perguntas. Em determinado momento, o jovem falou sobre o turismo em massa. Os dois turistas estavam com um mapa na mão. O rapaz disse que o coletivo era radicalmente contra essa situação do bairro e da cidade. O garoto estava falando outra língua, tentou ser o mais educado possível e prestativo, mas não teve como ele não falar sobre o turismo em Barcelona. Os turistas, depois disso, saíram. Caminharam pela praça vendo os símbolos okupa e as palavras de ordem.

Perguntei ao rapaz da tenda de informações o que fariam agora. Ele disse que levantariam a acampada, mas que voltariam ao Casal. Pelas conversas que ouvi, pensava que o Casal não seria retomado. Pensava que realizariam outras ações. Ele disse que continuariam lá até o *desalojo*, se houvesse. Como a acampada foi importante, por atrair os olhares para a situação da okupa, perguntei se não seria o caso de ficar na praça por mais tempo. Ele me disse o que eu já sabia: é impossível manter uma acampada por muito tempo, ela se esgota.

Comentei uma notícia de um meio de comunicação de massa segundo a qual eles estavam lá pelo referendo¹⁸⁴. Ele soltou uma pequena gargalhada, disse que era típico da grande mídia. Respondi que estava maravilhado, pois não acontecera repressão, mesmo que a acampada tenha se situado em um lugar central para o bairro. Para o rapaz, isso refletia a possibilidade de que o Casal não fosse desalojado. Como era sexta-feira, a praça estava mais cheia do que nunca. Foi uma boa escolha decidir marcar o fim da acampada nesse dia da semana.

¹⁸⁴ Há uma exigência do povo catalão de que seja feita uma consulta popular – o referendo – para ser decidida a separação da Catalunha do Estado espanhol.

8.16 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ACAMPADA

A acampada se soma à okupação, às festas e às manifestações. A partir de 2011, tornou-se uma importante ferramenta dos movimentos urbanos. Como havia referido, em Porto Alegre aconteceram duas acampadas, e muitas outras foram realizadas em várias cidades do Brasil. A acampada não é uma festa nem manifestação, as quais são mais efêmeras; não é uma ocupa, que é mais duradoura. No caso da acampada do Casal, ela durou uma semana, mais que isso era impossível.

Novamente, na acampada estão presentes os códigos de naturezas diferentes: ócio, moradia, política, festa. Talvez, no caso específico dessa acampada, houvesse mais segurança para os okupas. Estavam em seu bairro, rodeados por pessoas do bairro, diferentemente da acampada dos indignados em Barcelona em 2011, que ocorreu em uma zona turística e comercial.

A acampada do Casal não apenas chamou a atenção dos mais velhos, como também de crianças, e da mídia. Não tenho informações se a acampada teve êxito quanto à situação do Casal, mas foi um processo interessante e importante, o qual se soma às outras formas de expressão de tomadas da cidade – talvez novas surjam da criatividade dos okupas. A cidade parece, portanto, um local flexível, descodificado, sem regras duras, como as de uma prisão. A praça *okupada* é uma linha de fuga dentro da cidade. Isso é muito frequente no Gràcia, vide os inúmeros eventos okupas nas praças. O importante é encontrar a brecha e experimentá-la, fazer vaziar o cano do dispositivo de controle da cidade, mostrar novas formas de vida para as pessoas ampliarem seus territórios. No caso, os jovens do Casal ensinaram como se produz uma linha de fuga, isso é a potência da juventude.

A praça – tão importante em Barcelona – é um mapa, com suas duas linhas: a molar, a normatizada para o turista; a molecular, a dos movimentos, que produzem diferença. Um dos objetivos de tudo que é exposto sobre os okupas na tese é mostrar que, em Barcelona, uma cidade tão viva de eventos molares, uma cidade que tende a um controle absoluto, em seu sul, um sul simbólico, aparece a resposta dos okupas. No verão, a cidade foi muito expressiva tanto em eventos para o turismo quanto em eventos do movimento okupa. Ou seja, o endurecimento da cidade cria linhas de fuga. Tive sorte de chegar em junho, e até setembro, com o calor, presenciei presenciei muitas atividades. Mas a acampada mostra que, mesmo com a chegada do frio, se os turistas ainda estão na cidade, ela ainda está viva devido às manifestações da multidão.

8.17 EVENTOS POLÍTICOS EM CAN VIES

As assembleias e comissões em Can Vies exemplificam a rede descentrada, pois não há líderes nem sujeitos que as centralizem. A assembleia geral, a mais importante de Can Vies, reúne, normalmente, em torno de 30 pessoas, quase sempre as mesmas. Ela dura um pouco mais de duas horas, é falada em catalão, mas, às vezes, algumas falas são em espanhol. É aberta com a leitura de ata por membros mulheres. Frequentemente, elas tomam o papel de mediadoras. Os temas dizem respeito à gestão do espaço. Em minha experiência, uma questão era central: a reconstrução. A idade média é de 30 anos, mas participam pessoas mais jovens e também mais velhas.

As comissões reúnem grupos menores e tratam de questões pontuais. A de “ofícios” aborda o ambiente físico do prédio; a de atividades trata dos eventos a serem feitos na okupa. Há outras comissões, mas apenas as duas citadas anteriormente tive a oportunidade de participar. Solicitei informações sobre as outras comissões, e não houve diálogo. Aqui, trato apenas de minha experiência na de atividades.

Na política de Can Vies, não há transcendência, diferenciação; é aberta, não é um gueto em que poucos escolhidos decidem. Nunca notei nas falas algo como: ‘somos os donos’, ‘os cabeças da mais importante okupa de Barcelona’. Nunca os senti orgulhosos. Senti apenas certa importância de alguns nas assembleias, mas, como disse, estes não a centralizam. A assembleia geral era mais cansativa de que a comissão de atividades, pois aquela tem um peso maior, as decisões são gerais, e dela muitos participam. A comissão era muito mais leve.

8.18 PRIMEIRA ASSEMBLEIA

Dirigi-me a Can Vies no dia em que seria realizada uma assembleia geral. Cheguei um pouco antes do horário. Já tinha conhecimento do funcionamento de uma assembleia e de que havia uma abertura para propostas e pessoas que quisessem colaborar. Abordei uma garota. Expliquei minha situação e que queria ajudar na organização de Can Vies. Ela respondeu que eu poderia me apresentar e propor algo. Assisti à assembleia, em catalão. E decidi não me expor. Senti-me impotente. Falou-se muito na reconstrução, nos eventos e percebi que não tinha nada de importante a propor. Além disso, me vi como um intruso, o que, de fato, era.

Realmente, queria fazer parte do processo para produzir minha pesquisa. Havia muito trabalho a ser feito. O que estava sendo realizado não era uma brincadeira. Não vi em que eu poderia ajudar no projeto. Poderia ter proposto ajudar na reconstrução, mas não queria fazer trabalho braçal. Pensei em fazer uma rede de comunicação com movimentos brasileiros, mas, na conversa com a garota, vi que o coletivo não tinha interesse. Pensei em ajudar nas mídias de Can Vies, no entanto, eu não dominava o catalão. Mesmo assim, continuei indo nas assembleias, e, então, propus uma fala do meu orientador, uma palestra. Para mim, isso seria importante para a okupa, pois Carles Feixa é um dos importantes teóricos sobre movimentos de juventude. A partir daí, começou um processo que permitiu um contato mais próximo com o coletivo.

8.19 SEGUNDA ASSEMBLEIA

Cheguei um pouco antes do horário da assembleia, que se realiza nas quartas-feiras, às 20h. Acontecia uma reunião de um grupo, de mão de obra (ofícios), na frente do espaço. Quanto à assembleia, ela foi, como sempre, muito cansativa, pois, como diversos eventos em Barcelona, a conversação era em catalão. Porém, um outro membro me comentou que as assembleias são, assim mesmo, cansativas. Havia em torno de 30 pessoas, a maioria jovens, mas também um ou outro senhor e senhora. De início, leram a ata da assembleia anterior. Três garotas se encarregaram de lê-la. Depois, foi aberta para as falas dos participantes. Boa parte do tempo foi dedicada às questões da reconstrução do prédio. Discutiam, em detalhe, o que estava sendo feito e o que pretendiam fazer. Discutiram também os valores possíveis destinados para a reconstrução.

Dedicou-se muito tempo para tratar sobre o que fariam nas férias; a okupa ficaria fechada durante as primeiras semanas de agosto. Além disso, debateram sobre a segurança do espaço, sobre fazer grupos de vigilância. Um dos membros falou sobre as ações judiciais que estavam sofrendo pessoas que atuaram nas lutas de maio em Can Vies. Outro comentou a posição da prefeitura sobre a okupa. Além disso, muitos temas foram tratados, como: participar das festas alternativas do bairro Sants; limpar as pichações feitas por fascistas no entorno; a relação com a associação de vizinhos de Sants; a possibilidade de se fazer uma manifestação.

8.20 TERCEIRA ASSEMBLEIA

Assisti a mais uma assembleia em Can Vies. Quando cheguei, como sempre, o grupo de ofícios estava reunido. Eram aproximadamente dez pessoas falando em voz baixa, muito pausadamente. Cerca de cinco pessoas eu conhecia, as outras ainda não havia visto na okupa. Não dei muita importância para o que era dito nessa comissão, pois as questões sobre os ofícios também eram discutidas na assembleia.

Uma garota que eu conhecia chegou e a abordei. Perguntei-lhe se era do interesse do coletivo ser realizada em Can Vies uma fala, uma palestra do diretor do grupo de pesquisa em que estava envolvido. Ela respondeu que seria interessante, mas que eu precisava propor. A assembleia começou, novamente, com a leitura da ata. Novamente, foi dedicado um bom tempo para tratar da reconstrução. Um dos membros disse que tudo estava sendo lento demais. Para ele, trabalhar poucos dias da semana e com um número reduzido de pessoas faria com que a reconstrução demorasse muito tempo. Outros membros argumentaram que os dias de reconstrução deveriam ser mais frequentes, talvez até trabalhar nos domingos. Alguns comentaram que não podiam estar mais presentes devido aos seus empregos.

Em um momento, uma das mediadoras da assembleia comentou minha sugestão de uma fala de Carles Feixa na okupa. Apresentei-me, disse que era brasileiro e que estava pesquisando okupas em Barcelona. Disseram que seria interessante, mas tinha que propor em uma das comissões, a de atividades. Perguntei se poderia ter as atas das assembleias para minha pesquisa. Um dos membros falou que eu poderia anotar o que era dito, mas que não era comum ao projeto a disponibilização das atas. Não insisti.

8.21 PRIMEIRO ENCONTRO COM A COMISSÃO DE ATIVIDADE

Cheguei cedo, como sempre, pois, antes dos encontros, como as assembleias, normalmente havia pessoas na okupa, e eu me aproveitava para me aproximar delas. Nesse dia, apenas dois membros estavam na frente de Can Vies. O prédio estava fechado. Abordei os dois, mas não consegui manter um diálogo. Aos poucos, foram chegando mais pessoas. Decidiram sentar-se na frente do prédio de Can Vies, que estava fechado, do outro lado da rua.

A primeira fala foi de um jovem espanhol, não catalão, pertencente a um outro coletivo libertário. Ele estava propondo uma atividade no centro social. Seria um tipo de festa com temática antifascista. Ele falou por um bom tempo. Depois, começou um diálogo com os membros da comissão. Eles detalharam como poderia ser o evento, sua organização. Ambos, tanto o jovem como os membros, demonstraram ter experiência na produção desse tipo de evento.

A segunda proposta foi a minha. Primeiro, me apresentei, disse que estava representando um teórico da universidade de Lleida. Propus que fosse feita uma fala de Carles Feixa, meu orientador, em Can Vies. Indagaram que seria estranho alguém vir à *okupação* falar sobre eles. Argumentaram, também, que os acadêmicos não têm, necessariamente, um conhecimento sobre os movimentos. Respondi que seria mais um ponto de vista, que a fala poderia se tornar um debate, o posicionamento do teórico poderia ser confrontado. Porém, ficaram interessados. Eu disse que enviaria, por e-mail, links com a produção de Carles Feixa e também um pequeno resumo do que seria dito.

A comissão era composta por bem menos membros do que a assembleia geral. Todos que estavam presentes, eu já conhecia. Estávamos sentados em uma roda na calçada. No meio, improvisaram uma mesa, com pão e tofu. Além das conversas voltadas para todos, havia conversas paralelas e, além disso, eram feitos muitos gracejos. A comissão me pareceu mais leve que a assembleia geral, mas não menos séria. Senti-me menos apreensivo nela.

O evento proposto – a festa antifascista – ocorreu uma semana depois. No dia da comissão, o proponente da festa expôs em detalhes o que sugeria a ser feito. Percebi que ele foi um pouco pressionado a isso pelos membros. Ele falava e o grupo ficava em silêncio, esperando que falasse mais. O evento foi bem divulgado pelos meios de comunicação do coletivo.

Quanto à minha proposta, foram muitas as perguntas, muitas delas sobre mim e meu trabalho. Um dos membros fez uma colocação: disse que havia ouvido críticas ao trabalho do meu grupo de pesquisa da Universidade de Lleida. Indaguei-o sobre o que ele sabia a respeito do grupo. A pressão foi diferente da feita com o outro rapaz. O outro rapaz detalhou o evento, e eu disse que não tinha experiência em organizações de eventos. Notei, na comissão e na assembleia, que há um desejo de que o máximo de pessoas participe, proponha, mas não são quaisquer propostas aceitas. Todos os eventos de que participei eram muito bem organizados, com uma temática coerente ao posicionamento de Can Vies, sempre relacionado ao ativismo mais radical.

8.22 E-MAIL RECEBIDO DE MEMBRO DE CAN VIES

Recebi um e-mail de membro do coletivo, no qual mostrava um interesse com minha proposta de um evento com participação de Carles Feixa. No e-mail, solicitavam-se mais detalhes sobre o evento. A seguir, transcrevo o e-mail.

Hola Diego:

Soy [...] de la comisión de actividades de Can Vies. Perdona que tenemos el tema de la charla de Carles un poco olvidado, pero con todas las tareas de reconstrucción estamos valorando si seguir con las actividades, ya que además ahora empieza a hacer frío y seguramente ya no se podrán hacer en el patio.

Igualmente, nos gustaría saber si podría enviarnos algo más detallado sobre su propuesta. ¿Se trata de una charla debate, invitando a otros colectivos de otros Centros Sociales Autogestionados? No nos queda claro cuál sería el tema exactamente, quién más intervendría, qué formato de actividad querría desarrollar. Si puedes pasarle este mail a Carles y que él nos especifique lo máximo posible el formato para ver si sería viable o no. Gracias, un saludo!

[...]

Após, também por e-mail, conectei Carles com o coletivo, e começamos um diálogo. Por fim, o evento não se realizou. Comparando a boa recepção dos membros para com um evento antifascista, o qual foi realizado rapidamente, com a negação de um evento de uma pessoa do meio acadêmico, penso que isso demonstra o tipo de política de Can Vies. O não interesse por alguém da seara acadêmica, ainda mais de renome como Carles Feixa, externa, talvez, um desejo de promoção e expressão do minoritário e uma inversão de valores. Em Can Vies e nas outras okupas, em nenhum evento de que participei havia personalidades, pessoas famosas sendo apresentadas. Tenho certeza de que a posição teórica de Carles Feixa e de nosso grupo de pesquisa na Universidade de Lleida não influenciou na decisão. O grupo se dedica às lutas da multidão, tratando-as como riqueza e potência da juventude. Além disso, como comentei na introdução, foi de Carles a ideia de eu centrar a pesquisa no movimento okupa e no caso de Can Vies. Talvez não tenha ajudado minha falta de experiência em relação a esse tipo de evento, mas creio que o peso da figura de Carles, um renomado teórico, poderia destoar da proposta da okupa.

8.23 QUARTA ASSEMBLEIA GERAL EM CAN VIES

Cheguei um pouco antes do horário, mas, nesse dia, já estavam reunidos. Foi a primeira vez que vi uma assembleia em Can Vies em seu interior, em função do frio. O

interior também estava em construção, o que não diferia muito da parte externa. Por isso, comentou-se, nesse dia, muitas vezes, na possibilidade de que as atividades fossem realizadas em Can Battló.

As pessoas que estavam no local eram, basicamente, as mesmas de sempre, mas faltavam algumas. Foi discutida uma matéria do *La Vanguardia* que criticava as festas na casa e do repúdio dos vizinhos frente a isso. Trataram de algumas atividades, mas houve uma discussão para que se centrasse a assembleia na reconstrução. Em determinado momento, chegaram três garotas. Eu as vi entrar, pois estava junto à porta de saída. Elas pediram a palavra. Propuseram uma jornada em prol da não heteronormatividade. A jornada deveria acontecer o quanto antes, pois pessoas que fariam parte estariam apenas alguns dias na cidade. As falas foram longas, perguntou-se a relação de Can Vies com tal evento. Foi dito que Can Vies sempre abrigou esse tipo de atividade. Não houve um consenso total sobre o evento, o coletivo respondeu que entraria em contato com as garotas, posteriormente.

8.24 OUTRO ENCONTRO COM A COMISSÃO DE ATIVIDADES

Cheguei um pouco mais cedo e a okupa estava aberta. Cinco membros estavam retirando material de dentro do prédio e deixando próximo a um local com contêineres de lixo. O trabalho era pesado. Era difícil transpor o material para o outro lado da rua, até porque havia o fluxo de carros. Todos que estavam trabalhando, eu já conhecia. Eram os membros mais ativos nas atividades de trabalho manual. Fiquei um pouco distante olhando, porque não queria atrapalhar o trabalho.

Em determinado momento, abordei um deles. Perguntei se aconteceria a atividade. Ele disse que não sabia. Resolvi fazer algumas perguntas. Respondeu-me que estavam deixando o material para ser posto fora, ou para se alguém quisesse usá-lo, alguém da vizinhança. Um pouco depois, chegaram os membros da comissão de atividades, os quais conversaram com uma das pessoas que já estava no interior da okupa. Então, decidiram deixar a okupa aberta para que a comissão a usasse.

Na reunião da comissão, eu conhecia todos de outros encontros. Conversamos sobre minha proposta não aceita da fala de Carles Feixa. Eles falaram da impossibilidade de fazer atividades no momento, pela necessidade de dar prioridade à reconstrução. Além disso, um dos membros abordou que havia uma centralidade em financiar ações de coletivos afins,

ajudar na organização e divulgação de eventos na okupa de coletivos com um posicionamento político similar.

Perguntei o que significava a reconstrução, se se referia apenas à parte física da okupa. Responderam que era importante ter um espaço construído para que os muitos coletivos envolvidos em Can Vies tivessem um local para atuar. A reconstrução física da casa era central.

Sempre pensei que as atividades deveriam acontecer mesmo na reconstrução. Porém, o verão havia acabado, estava mais frio, isso dificultava – e muito, pois o espaço interno da casa estava inviável para que fossem feitas ações que atraíssem mais pessoas.

Em determinado momento, a conversa tornou-se mais informal. Decidi me expor. Isso foi importante, uma vez que consegui me diluir junto ao coletivo. Algumas pessoas estavam sendo muito atenciosas e carinhosas comigo, isso ajudou em minha aproximação. Talvez eu tenha falado mais do que devia, mas me senti forte para fazer falas mais longas em espanhol. Além disso, no início, havia solicitado para gravar a reunião, alguns aceitaram, outros não. Como havia alguns “nãos”, não pude gravar.

8.25 MAL-ESTAR EM CAN VIES

Em uma terça-feira, dirigi-me até Can Vies para contemplar a reconstrução e não havia ninguém. Poderia acontecer de que ninguém viesse, mas fiquei meia hora parado na frente da *okupação*. Uma garota chegou, carregando uma sacola de supermercado e um engradado de refrigerante, eram compras para quem ia ajudar no trabalho manual. Essa garota, na semana anterior, eu a vi recebendo alguns jovens. Estes filmaram a okupa e pediram uma fala dela, ela o fez. Como estava sendo muito requisitada no dia, não a abordei. Nessa terça-feira, eu a abordei. Solicitei uma entrevista de 20 minutos gravada, ela disse que não poderia, pois não era da comissão de comunicação. Questionei se poderia entrar na okupa e falar com o coletivo, como sempre fazia. Ela disse que sim. Logo chegaram mais pessoas, cerca de seis rapazes.

Entrei na okupa e percebi que ela estava diferente, fisicamente. O piso da parte interna havia sido retirado. Perguntei a um dos rapazes o que estava sendo feito. Ele me mostrou vários pontos do prédio que eram prioridades no momento. A parte interna mais próxima do exterior, junto às portas de metal, ficaria pronta em um mês, essa era a previsão. Assim, em um mês, já poderiam acontecer atividades.

Perguntei se havia previsão de quanto tempo a okupa ficaria totalmente pronta. Ele respondeu que em mais de um ano. Disse-me que a colaboração flutuava; às vezes, vinha mais gente, mas, na verdade, poucas pessoas estavam sempre presentes. Um exemplo disso era o fato de que um grupo viria na semana seguinte ajudar no trabalho. O grupo era formado por jovens de uma *okupação* de uma cidade próxima. O coletivo de Can Vies iria conseguir um local para que os jovens fossem acomodados em sua estadia. Perguntei como eles lidavam com quem não tinha conhecimento de ofícios e que queria ajudar, se isso não atrapalhava. Ele respondeu que não. Havia muitos trabalhos simples possíveis para todos, como pintar paredes. Comentou-me que arquitetos estavam criando um novo projeto para a casa. Eles buscavam uma estética que fugisse da arquitetura comum. Muitos artistas ajudariam nisso.

Ele começou a trabalhar. Afastei-me. Vi que um outro membro estava sentado sozinho. Eu já o conhecia, sempre havia sido educado comigo, resolvi abordá-lo. Perguntei o que de pior havia sido feito pela prefeitura na destruição do prédio. Perguntei isso, pois entendi que havia sido sorte parte do prédio ficar em pé. Ele disse que não sabia, pois não tinha conhecimento de arquitetura, mas importava agora reconstruir. Respondeu: “O que passou, passou”.

Percebi que a conversa não iria render. Fui até a parte da frente da okupa. Ali, eu sempre via pessoas passando e olhando Can Vies, principalmente senhores e senhoras. Um senhor, de aproximadamente 55 anos, chegou e ficou olhando. Apresentei-me e perguntei o que ele pensava sobre Can Vies. Ele era morador do bairro, falou mal da reconstrução, disse que não estava sendo bem feita. Além disso, não gostava do movimento okupa e, para ele, Can Vies não era um lugar idôneo. A crítica do senhor, para mim, se referia à transvaloração do movimento okupa. Os membros do movimento não pagam para construir ou para ter um imóvel; e ele era contra isso. Perguntei-lhe sobre o que pensava a respeito da reconstrução feita por colaboração. Ele reafirmou que não gostava do local e das pessoas. Por fim, fez mais um comentário: a prefeitura tinha que ter sido mais dura com Can Vies.

Em todo o momento, tentei ser imparcial e educado para fazê-lo falar. Não iria entrar em discussão com um senhor de idade avançada, vizinho de Sants. Apenas defendi a okupa dizendo que era um bonito projeto pela colaboração. O senhor foi embora. Notei, próximo do local em que eu estava, um dos membros da okupa. Como eu conversava com o senhor, não havia reparado nesse membro. Ele não havia gostado do que eu fizera: conversar com um reacionário, contrário à okupa. Desculpei-me e pedi para me explicar; ele ficou mais bravo. Pedi calma; queria resolver tudo na hora para não deixar um mal-estar pendente. Ele ficou mais agressivo. Disse para eu me explicar na frente de todos que estavam trabalhando na

okupa. Eu só conhecia de vista duas pessoas. Elas sabiam pouco de mim. Exigiram que eu dissesse o que fazia e quem era; queriam detalhes sobre mim. Insinuaram que eu podia ser um policial infiltrado. Pediram para eu mostrar meus documentos. Considerei a situação meio cômica e disse que não portava documentos. Um deles mostrou os dele e disse: ‘agora me mostre os seus’. Reafirmei que muitos me conheciam e sabiam exatamente o que eu fazia. A pressão continuou. Todos estavam nervosos.

Achei a situação, como disse, cômica, pensei até que eles estavam teatralizando para que eu me apresentasse de forma mais detalhada, o que eu não fizera com todos. Em certos momentos, eu ria; em outros, ficava sério porque a situação estava sendo incômoda. Começaram a me pressionar, creio que queriam que eu ficasse tenso, com medo. Penso que estavam me testando. Como afirmei antes, passei pouco tempo em Barcelona para entender o humor do povo local. Depois disso, fiquei preocupado, estava com medo de que esse fato me impedisse de contatar os membros do coletivo e de estar presente na okupa. Fui para casa e, como tinha o e-mail de pessoas do coletivo, contatei-os contando minha versão da história. Disseram-me que era melhor enviar para todo o coletivo, e fiz isso, posteriormente.

A seguir, a cópia do e-mail que enviei para o coletivo, que está dividido em duas partes: a primeira explica que eu havia enviado um e-mail expondo o mal-estar em Can Vies, e o membro me aconselhou a enviar para todo o coletivo; nessa parte, apresento-me a todo o coletivo de forma detalhada. A segunda parte explica o mal-estar. Em seguida, como fiquei sem paciência de esperar resposta, enviei outro e-mail, transcrito mais adiante, fazendo petições, como uma entrevista gravada com alguém do coletivo. Responderam-me pedindo desculpas pelo conflito e marcamos a entrevista. Esta durou mais de uma hora. Quem me atendeu era um dos membros mais ativos da casa, um doutor em Sociologia. Ele também pediu desculpas pelo fato. Disse que havia sido um mal-entendido. Para mim, a desavença com os membros, mesmo que tenha sido um pouco incômoda, foi muito produtiva em minha etnografia em Can Vies, pois aproximou-me do coletivo.

Penso que a forma como estava agindo, em certos momentos, talvez não fosse confortável para o coletivo, um estranho, não conhecido por todos, frequentando o espaço, constantemente. Nunca atrapalhei a rotina da casa; se alguém não queria conversar, eu não insistia, porém, pela natureza do trabalho, me via obrigado a estar, ao máximo, presente e contatar o maior número de pessoas. Alguns na casa já me chamavam pelo nome e conversavam naturalmente.

Além disso, no Casal Tres Liris foi questionada minha presença. Ao abordar um grupo de garotas, que reconheciam minha frequente presença na okupa, elas me disseram que

me consideravam suspeito. Estavam intrigadas pelo meu interesse na singela *okupação*; me indagaram por que eu não estava fazendo pesquisa em outros locais com maior visibilidade. Contatei uma pessoa do coletivo e expliquei a situação e ela foi contornada. Por fim, a entrevista cedida a mim pelos membros do Casal foi exatamente encabeçada por duas garotas. Como digo, em um dos e-mails, foi minha primeira etnografia e penso que, mesmo com certos erros, ela foi produtiva pois permitiu a elaboração deste capítulo.

Finalizo o capítulo aqui, com essas considerações, e apresento, nas próximas linhas, as cópias das conversas por correio eletrônico com o coletivo de Can Vies.

8.26 PRIMEIRA PARTE

Hola

Soy investigador brasileño. Estoy haciendo una estancia en la universidad de Lleida. Tuve una discusión con un miembro del colectivo. Después, escribí un correo electrónico a Vanessa explicando la situación. Ella me dijo que era mejor que yo les envié por correo electrónico a todo el colectivo.[...]. Desde junio, he estado presente en can vies. He contemplado la reconstrucción. He hablado con la gente. Vi un par de asambleas generales. Asistí a algunas reuniones de la comisión de actividades. Siempre pregunté a la gente si podía estar en Can Vies, mirando y hablando con la gente. Siempre he dejado claro que soy un investigador. Y por lo tanto, siempre he tenido una buena acogida. Para mí, siempre era mejor hablar con la gente porque no hablo catalán.

Propuse en una reunión de actividades una conferencia de mi mentor: Carles Feixa. pero al mismo tiempo me dije que no era una buena idea. Creo que Can Vies funciona mejor como un lugar de expresión de la política de minorías. Creo que el discurso académico es demasiado formal, y sólo se lleva a cabo a través de las burocracias. y el espacio para el discurso académico no le falta. ya la política de minoría, ya sea de géneros o Antisistema, carecen de espacio.

Yo estaba triste al saber que el centro sería cerrado por un tiempo para las actividades. en verano, las actividades más importantes que asistí en la ciudad ocurrieron en Can Vies. en otras áreas importantes acontecimientos sucedieron, pero no como el centro.

Creo que la organización interna es impecable. el proyecto está funcionando muy bien. asambleas combinan el rigor y la alegría. la gente hace política, pero no renuncian a intercambiar afectos. Esta es otra política. Yo comenté en una reunión de actividades que me

fascinaron cómo se les negó símbolos dominantes: el trabajo manual se mezcla con el intelectual; quien está reconstruyendo con sus manos el centro está produciendo conocimiento en las asambleas. el trabajo masculinizado también se hace por mujeres. las personas que gestionan el centro son en su mayoría jóvenes, y vivimos en un mundo donde los jóvenes están dominadas por los adultos. y todo esto se hace mediante la colaboración, la autogestión, la autonomía, niegan el control de lo capital y el estado es decir, el sitio es un proyecto contra el control.

8.27 SEGUNDA PARTE

Hola

Comparto una situación que se ha producido hoy en Can Vies. Fui en la okupa a las 18h. Hablé con algunas personas; estas personas me explicaron las medidas que se están tomando en re-construcción. En un momento, me di la vuelta, y me paré en frente de can vies. Yo estaba fumando un cigarrillo. Un hombre se acercó.

Yo estaba interesado en saber por qué estaba allí mirando. Me acerqué. Le dije que yo era brasileño, y estaba en Barcelona investigando. El Señor en la conversación era contra la ocupación, de hecho, tenía un discurso muy reaccionario. Seguí la conversación para aprender más sobre lo que él pensaba. También le dije que pensaba que era importante la autogestión y el trabajo colaborativo. Pero seguí educado para aprender más acerca de lo que él pensaba. El se alejó y se fue. Después de eso, uno de los miembros de la comisión, que era siempre amable, me dijo que no le había gustado lo que había dicho. [...] Él me pidió que me explicara lo que había hecho con el grupo que estaba trabajando. Mucha gente no me conoce, pidieron explicaciones acerca de mi presencia. Al final, se me pidió que me presentase en la asamblea general, para mí proponer estar presente en la okupa haciendo mi investigación.

En cuanto a mi investigación... estoy haciendo un trabajo – crítico – sobre lo que se dijo en los medios de comunicación acerca de lo que se pasó en mayo en can vies, sants e en la ciudad. También estoy haciendo trabajo de kampo en algunos okupas en Barcelona. Lo principal: can vies. Yo siempre trabajé con la comunicación por eso mi trabajo de kampo es peculiar: veo, oigo, y escribo. Trato de mantener mi posición como investigador, porque no puedo salir de ella, y creo que un trabajo de colaboración por mi parte, bien, yo tendría que permanecer más tiempo en la ciudad.

Después de un tiempo empecé a tener ideas que podrían ayudar en la reconstrucción. Pero voy a volver hasta Brasil. Por lo tanto, podría mantener mi contacto con la comisión desde Brasil, para ayudar de cualquier manera que pueda. De lo que he aprendido, can vies es un punto de referencia en la ciudad, en estructura y operación. Por otra parte, su simbolismo siempre llevará en su historia.

Tengo un interés por la política minoritaria en toda la mi vida académica. Trabajo con Foucault, Deleuze y Guattari, Antonio Negri, e estoy conociendo lo trabajo anarquista pos estructuralista.

Pero lo más importante, lo empírico, la vida concreta... Para mí ciertos espacios anuncian un nuevo mundo. La gente lo llaman utópico, pero no es un pensamiento utópico, es la realización concreta de que otras relaciones son posibles. La experiencia de la descentralización, la autogestión, la colaboración, presentan otros valores. Algo que vivenciamos e produjo una posición ética de inmenso valor. El movimiento por otra globalización, el movimientos de 2011, las okupas, mismo distintos, presentan la experimentación y el deseo de otras realidades, concreto y real. Esto es lo que todos sabemos, pero lo creo e estimo demasiado.

No voy a presentar un discurso de defensa de mi investigación. No voy a defender mi posición, cómo me acercaba a la gente... trabajo de campo se aprende en la práctica. Mi investigación de kampo está siendo una experiencia de aprendizaje. Pero creo que, en realidad, de que nuestro contacto es importante. También pienso que mi investigación ayudará a algunas personas en Brasil, y en Porto Alegre. Creo que can vies puede ser un laboratorio para actualizarse en el país. Puede ser esa la función práctica de mi investigación... pero creo que un trabajo académico por su naturaleza puede poco.

abrazos,

Diego

Após, como não obtive resposta, enviei mais um e-mail

Hola

Envié un correo electrónico hace unos días. Les expliqué la naturaleza de mi investigación. La razón por la que estoy en can vies en unos momentos. vuelvo a Brasil a finales del mes. Todavía tengo tiempo en la ciudad. así me gustaría pedir algunos permisos: 1. Me gustaría poder asistir a las reuniones de lo colectivo de actividades; 2. poder estar presente en can vies. entrar en el edificio, hablar con la gente; 3. poder asistir a la asamblea general. 4.

También sería importante para mí hacer una entrevista con alguien sobre la reconstrucción. eso ayudaría mucho en mi investigación. 5. cuando vuelvo a Brasil, me gustaría ponerme en contacto con la gente de la colectividad, por correo electrónico.

saludos

diego

Por fim, recebi a resposta do coletivo

Hola Diego,

Antes que nada: disculpas por la situación tensa del otro día, queda claro que se trató de un malentendido.

Por lo que respecta a tus peticiones una persona de la "comissió d'oficis" que también ha participado en la de actividades se ofrece para atender tus preguntas y explicarte lo que desees saber acerca del CSA y de las luchas presentes y pasadas. Simplemente ponte en contacto por este mismo correo electrónico con nosotras para concertar cita.

En estos días estamos realizando un esfuerzo extra para la reconstrucción por lo cual las actividades se encuentran suspendidas temporalmente y la visita del edificio no es posible porque estarán abiertos los agujeros que dejó la empresa de derribos (estaremos arreglando los techos). Las reuniones de las comisiones se verán modificadas en estos días por las tareas de reconstrucción. La asamblea general, si no hay cambios, sí se celebrará el miércoles a las 19h en la parte de abajo del edificio (kafeta). Si vas a venir este miércoles responde primero a éste mail para quedar con la persona que te va a atender.

Saludos cordiales!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os últimos anos foram, portanto, significativos para as lutas da multidão. O 15M foi um marco dessas lutas, por isso, a tese dedicada, em parte, ao movimento. As lutas de 2013 no Brasil teriam ganhado mais destaque, entretanto, a proposta da pesquisa era focar no caso espanhol. Penso que é importante um trabalho com esses objetos – okupas e 15M – situados em outro continente escrito por um brasileiro. Isso mostra a globalização das lutas, as quedas de fronteiras pensadas como potência. O interesse pelos indignados, pelo Occupy Wall Street, pelas lutas árabes foi intenso no Brasil, tanto por parte de teóricos quanto por parte de ativistas.

Foi uma feliz coincidência o fato de as lutas de Can Vies acontecerem exatamente, na semana anterior à minha ida para Barcelona. Sem as lutas de Can Vies, não teria em mãos, com fácil acesso, as teorias molares – da mídia – e as teorias moleculares – da resistência –, estas atualizadas, pensadas e criticadas em dois capítulos. Se o foco fosse os okupas de Barcelona, mas sem um acontecimento expressivo, não teria acesso a esse tipo de documentação.

Quanto ao doutorado-sanduíche, o mais importante foi a abertura de caminhos. Foi Carles Feixa quem propôs que a pesquisa fosse dedicada ao movimento okupa. Antes de ir para Barcelona, sabia muito pouco sobre o movimento. Feixa me apresentou o tema e me incentivou na pesquisa empírica. Realizei algo que queria há muito tempo: o contato direto com movimentos de resistência. O doutorado-sanduíche também foi importante, pois o grupo de pesquisa é transversal, trata sobre a juventude, uma questão que é comum a muitas disciplinas. A estadia foi curta, pela própria estrutura do doutorado, mas não menos intensa, tanto que o trabalho teve um crescimento qualitativo e quantitativo expressivo.

Mesmo que Can Vies e o movimento okupa possam dizer respeito a um caso isolado em relação às lutas árabes, gregas, do 15M, do Occupy, no Brasil, um dos objetivos foi mostrar o comum entre os movimentos. E o comum foi expresso nos dez conceitos do glossário que, possivelmente, ajudariam a pensar outras singularidades da multidão. Os objetivos centrais – pensar, me aproximar, pesquisar as lutas por outra cidade, as lutas por outras subjetividades, por novas formas de vida –, creio que foram realizados a partir dos dois objetos singulares.

Poderia ter pesquisado o devir revolucionário dos estudantes, das mulheres, dos negros, mas esses movimentos – o 15M e o okupa – apresentam, em muitos processos, essa riqueza, o devir. Ou seja, são singularidades férteis para se encontrar a riqueza do devir e da diferença. Um trabalho acadêmico não pode muito, possivelmente nem é lido, mas se a tese tem alguma função, penso que são duas: primeira, a questão histórica do 15M e do movimento okupa de Barcelona, o registro do que passou; segunda, a possibilidade de um aprendizado em direção ao futuro, como a atualização de elementos dessas lutas. Esses dois elementos são o rumo da pesquisa, tanto teóricos quanto práticos. O devir revolucionário da tese não é a busca de uma revolução no campo do saber, mas, sim, a passagem – no interior da tese – desses fluxos que dizem respeito à revolução.

Quanto à parte teórica, creio que minha dedicação para os estudos de Deleuze e Guattari e Negri e Hardt foi bem-sucedida. Estudei muitos autores da comunicação, da epistemologia, os quais trabalham com a cidade, com os movimentos sociais, autores que eram exigidos pela natureza dos objetos. Porém, Deleuze, Guattari, Negri e Hardt sempre foram centrais, pois multidão e devir são conceitos que permitem pensar nessas lutas em sua singularidade. A pesquisa se insere em um nicho de pensamento. Há um comum entre meu trabalho e de tantos outros, como Antoun, Malini, Cocco, Szanieki, Toret.

Mesmo que não tenha tido a oportunidade de estudar com pesquisadores da linha *negri-deleuziana*, percebi que os meus trabalhos na academia foram, sempre nessa linha, bem acolhidos. Talvez isso se deva ao fascínio e até ao temor, que provocam essas teorias. Teorias afirmativas, não reativas, centradas na potência, denunciadoras do poder. Isso é o motor de minha pesquisa.

O que sempre moveu meu trabalho foi um afeto e minha crença quanto a ele. Um afeto pelo minoritário, pelo devir, pela marginalidade em devir, pelas áreas de indiscernibilidade, pelas linhas de fuga. Por isso a parte sobre as *okupações* foi mais extensa que a parte sobre o 15M. Explico-me: o fato das *okupações* serem mais marginais, mesmo comparando com o 15M, me faz ter um afeto especial com o movimento okupa. A tese, com toda sua dor, foi prazerosa por esses afetos envolvidos, em relação à teoria e aos movimentos.

A minha percepção molecular ganhou forças ao longo do tempo. A cartografia possibilita um olhar que deve ser trabalhado, buscando o diferencial e o capilar. Quanto à etnografia, ela não fica em uma posição distinta da cartografia, como dois métodos com características próprias. O contato com as okupas, o trabalho de campo foram orientados pela cartografia. Busquei elementos diferenciais, moleculares, em todos os contatos. O mesmo ocorreu com a pesquisa via web dos acontecimentos do 15M.

Foi um desafio a etnografia, doloroso e tenso em certos momentos. Se não confiasse nos okupas, talvez eu não tivesse enfrentado o mal-estar em Can Vies. Nessa okupa, praticamente agi de duas formas no contato interpessoal. A primeira foi fazer parte de uma comissão, me aproximar das pessoas envolvidas, presencialmente e por e-mail. A segunda foi estar na okupa, para observar o coletivo trabalhando e assistir à assembleia geral. Nesta – na assembleia –, nunca me expus, por respeito à seriedade do projeto. Essa segunda forma foi a que causou mais desconforto entre os membros. Em Porto Alegre, contatei os okupas da cidade, mas estava preso, por opção, ao 15M. Quando fui para Barcelona em 2011, ainda não pensava na possibilidade da etnografia, nunca havia trabalhado com ela e, além disso, na época, a movimentação foi muito escassa na cidade.

Em relação às mídias moleculares, da multidão, percebo um déficit de pesquisas, pelo menos no Brasil, sobre o tema. A especificidade dessas mídias é fazer parte do agenciamento das resistências, ou seja, elas não devem ser estudadas separadas dos outros processos dos movimentos. As okupas exigem pensar na cidade, no povo, na estética, no poder, nas redes de radicalidade democrática, nas mídias, o que acontece também com o 15M. Por isso, o centro da tese não é a mídia, e não há centro, mas uma multiplicidade; isso se refere à percepção molecular, abrir a percepção para as relações entre elementos heterogêneos, isto é, a transversalidade, que talvez seja o grande tema da pesquisa.

O movimento por outra globalização esteve presente pelo estudo do livro *Multidão*, o qual trata sobre esse movimento, e, também, por eu ter contemplado o movimento na virada do século, o que me levou a estudar o Indymedia no mestrado. Além disso, os Fóruns Sociais de Porto Alegre, dos quais participei, influenciaram – e muito. O capítulo final da minha dissertação foi dedicado a certas lutas, as quais ocorreram em 2009, o que denominei de o último suspiro do movimento por outra globalização. Nesse capítulo, pensei no acontecimento a partir de notícias produzidas sobre ele pelo Indymedia. Esse tipo de trabalho foi o meu primeiro passo na análise de acontecimentos via web.

As marchas ocorridas no Brasil, das vadias, da maconha, a parada gay, me chamaram a atenção em determinado momento, mas elas foram, aos poucos, suprimidas do texto, até serem retiradas totalmente. As marchas me pareceram transversais, não restritas a identidades sexuais, de classe, etc. São revoluções moleculares nos moldes de Guattari. O coletivo Anonymous, também transversal, pois se alia a muitos movimentos, me interessou da mesma forma, mas dediquei apenas alguns parágrafos para ele.

O mapa da tese mais amplo: existe a linha do poder, da sociedade de controle, das identidades, das subjetividades desterritorializadas construídas pelo poder; há a linha da

potência, das singularidades, da multidão, dos devires. As linhas não são separadas, a multidão está dentro da sociedade de controle, fugindo ou sendo reterritorializada. Além disso, na sociedade de controle poder e potência podem, com frequência, se confundir. Aidar Prado fala na boa diferença (2013), Lazzarato (2006) nas minorias incluídas, Paseti (2004) na resistência cidadã permitida pelo poder. Por isso, a pergunta: o que é resistência? Quais são as lutas eficazes?

Muitos símbolos temíveis como professor, pai, patrão, no pós-moderno ganham novas formas, mais flexíveis, diferentes da sociedade disciplinar. O trabalho não é mais tão opressor. Há uma flexibilização quanto ao uso de drogas e à liberdade sexual. Formas de vida em constante fluxo nos são oferecidas. Somos mais livres? Segundo Pelbart (2001), vivemos em uma prisão, temos uma vida pobre, uma condição que afeta, também, os países desenvolvidos. Central na tese foi mostrar outras formas de vida, que a vida molar não é a única vida possível. Isso, tanto a filosofia da diferença quanto as lutas têm a ensinar.

A paixão pelo poder – não me refiro a tomar o poder, mas o desejo de que ele seja absoluto – é exemplificada pelo modelo de cidade ideal, a cidade marca, a cidade sem fora, sem resistência, com as linhas de fugas bloqueadas. A cidade para o turista que a deseja assim. Constroem-se megaprojetos para que esse desejo se realize. As cidades iguais, hipervigiadas, prontas para serem consumidas. A diferença de grau entre as cidades se dá na geografia, no clima e nos simulacros culturais.

Não estou afirmando que os turistas não criam linhas de fuga, mas penso em uma identidade ideal, a de turista. A multidão deseja a diferença e não é qualquer diferença. Deseja outra cidade, mas não é a cidade do poder e as múltiplas formas que ela pode tomar. Isso soa abstrato e é complicado de mapear, mas creio que obtive êxito quanto a isso, mas especificamente em casos singulares. Por isso, também a importância de uma pesquisa em Barcelona. Ela como modelo de cidade molar, e que, provavelmente, portanto, pela molarização, tão rica em linhas de fuga.

No Brasil, a população nas lutas de 2013 dizia que não queria a Copa do Mundo. O Brasil, um país do futebol, está crescendo economicamente, e a Copa seria um símbolo mostrado ao mundo da importância do país. Mesmo assim, a população que foi às ruas considerava que o megaevento não era fundamental. Isso se parece com o desejo que envolve o movimento okupa em relação à cidade em Barcelona. Eles não querem a cidade rica. Esses são pensamentos da diferença: não querer a hipervisibilidade que a Copa dá, não querer a cidade como modelo. Isso mostra que o desejo de multidão não tem fronteiras.

Os movimentos são compostos por jovens, pois eles, como tal, não têm muito a perder. Eles se contentam com menos dinheiro, menos luxo, estão mais próximos da pobreza, assim como da marginalidade. Sua sexualidade é mais livre, são afetados pela percepção molecular no uso de drogas. Para o discurso dominante, a juventude apenas faz barulho, confusão, é caótica, é uma fase que deve passar.

Permitem, sim, ao jovem que use drogas, que tenha sua sexualidade livre, desde que fique em seu canto, não incomodando a vida cômoda.¹⁸⁵ Além disso, eles, como as mulheres, são focos centrais de consumo e muitos desejam isso. Porém, o 15M e os okupas, os quais são compostos por jovens, mostram o outro lado da juventude. Os jovens são uma minoria sujeitada, como as crianças, os transexuais, as mulheres, as minorias étnicas, os pobres. Estes, para viver, são criativos e por isso, ricos. Não penso no pobre como alguém que se aproxima do primitivo, em uma nostalgia por um mundo mais simples. A vida do pobre não é mais simples, menos complexa; a complexidade é vista na vida dos okupas, que são pobres.

Os movimentos também não são levados a sério, por serem compostos por jovens. Quem é realmente ouvido: uma garota de pés descalços em uma praça, vestida com roupas doadas, ou um senhor de terno e gravata com cargo político? A política dominante, como as mídias dominantes, é facilmente reconhecida, pois já foi muito estudada. As redes da multidão, tanto digitais quanto de protestos carecem de estudos. Por qual motivo? Pela falta de importância dada a eles.

A macropolítica, o pensamento dominante sempre demonstraram uma falta de vontade para pensar na multidão. Perguntas sempre foram frequentes, como: O que eles querem? Que mundo eles querem? Para esse pensamento só há um mundo, um bom mundo, considerado coeso, estável, com uma boa democracia, com seus partidos, um mundo centrado na riqueza financeira, na acentuação desse tipo de riqueza já presente.

O pensamento da diferença dos teóricos e dos movimentos denuncia esse mundo, mostra que ele é insuportável. Ser coadjuvante em sua própria vida, não ter poder sobre o seu corpo, sua mente, sua cidade, seu mundo, a natureza desse mundo; ser jogado contra os seus, desejar a guerra de todos contra todos, ser feliz a partir de paixões tristes. Ter liberdade, mas para consumir. Ter um poder mínimo na forma de voto; poder viver, mas uma vida imposta desde cima. A sociedade de controle não é a ditadura, e talvez seja pior. E, obviamente, não é melhor voltar a uma ditadura.

¹⁸⁵ Isso tratei em meu livro de crônicas (CARVALHO, 2013), o qual necessitei de uma linguagem antiacadêmica para conseguir pensar na resistência jovem e também experimentar o devir jovem.

No Brasil, o desencanto com o PT jogou muita gente para a direita, pois, para estes, o partido é a única forma política possível. Como se política fosse uma exterioridade, negada ao homem comum, o qual pode ter uma vida apenas privada. Como se política fosse feita somente por uma classe. A multidão não se perde em dicotomias como público-privado, política-vida, cultura-política, isso tudo faz parte das linhas do mapa dos processos da multidão.

A acampada tinha um objetivo macropolítico, mas viver em uma praça de maneira coletiva a partir do comum talvez fosse mais importante. Nas manifestações, a reunião é com os seus, e elas são feitas criativamente, como em um carnaval. A okupa é um lugar para viver e fazer política. A vida é uma prisão: você não pode ir às ruas se manifestar, você não pode ter um espaço como uma okupa, você não pode ocupar uma praça, tem que aceitar as coisas como elas são. Portanto, as lutas são contra a prisão, são a favor da liberdade para viver. Os okupas, os movimentos sabem o que é uma vida justa, livre, suportável, seus processos são fonte de conhecimento dessas formas de vida. Contra a vida colonizada em sua completude, os movimentos mostram novas possibilidades, um campo virtual a ser atualizado.

Há uma paixão fascista pelo poder; contra todos aqueles que buscam um outro mundo, a resposta é a repressão. E ela é endurecida no Brasil e na Espanha a partir das lutas. A multidão continua sendo presa, agredida, sufocada, às vezes morta, mas não para de lutar. A multidão não pega em armas, nem mata, porque essa é a lógica do poder. Isso é mais que exemplificado nas táticas do 15M de levantar as mãos e dizer: essas são nossas armas. Se agências bancárias, lojas de megaempresas são pichadas, semidestruídas, isso acontece pelo que simbolizam, ou seja, a violência da multidão é simbólica, não contra as pessoas. É raro um policial ser agredido, e, quando acontece, é minoritário. Quem mata, rouba, mente é o poder, para se manter.

A multidão não tem país, não tem chefe, líderes, não tem identidade, é formada por singularidades. O povo, com seu Estado e cultura própria, se situa na linha molar; a multidão é molecular, em devir. Poderia surgir a pergunta: mas por qual motivo você não trata das lutas globais, mas, sim, de um caso, o espanhol? Respondo: pela natureza de uma pesquisa doutorado; e estudar todas as lutas é um trabalho que teria que ter o peso de um novo livro como *Multidão*. Entretanto, todas as lutas sempre me interessaram. Em 2009, chamou-me a atenção o caso da Grécia, que, na época, já estava repleta de manifestações, depois o mesmo aconteceu com a Revolução Árabe. Cocco (2009) já dizia que a crise é um elemento próprio à natureza da globalização. O futuro do mundo é se tornar Brasil, o Brasil como modelo de pobreza. Dela, da crise, surge a riqueza, que não é só uma resposta à economia ou à

democracia dominante, é uma resposta ao mapa da vida em sua completude. Essa resposta na tese se dá a partir das experimentações do 15M e do movimento okupa.

REFERÊNCIAS

ALCAZAN; ARNAUMONTY; AXEBRA; QUODLIBETAT; SIMONA LEVI; SUNOTISSIMA; TAKETHESQUARE y TORET, junio 2012. **Tecnopolítica, internet y revoluciones sobre la centralidad de redes digitales en el #15m**. Disponível em http://www.icariaeditorial.com/pdf_libros/Tecnopolitica,%20internet%20y%20revoluciones.pdf. Acesso janeiro 2016.

AMADEU, S. Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato. **Comunicação & Sociedade: Revista do programa de Pós-graduação em Comunicação**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, [a.30], n. 51, p. 113-134, jan./jun. 2009.

ANTOUN, H. “Jornalismo e Ativismo na Hipermídia.” **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, nº 16, p. 135-147, 2001. Acesso janeiro 2016.

_____. A multidão e o futuro da democracia na cibercultura. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11, 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/23859873/A-Multidao-e-o-Futuro-da-Democracia-na-Cibercultura-Multitude-and-the-Future-of-Democracy-in-the-Cyberculture>. Acesso em: 20 maio 2010. Acesso janeiro 2016.

ANTOUN, H.; MALINI, F. Ontologia da liberdade na rede – as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: ENCONTRO DA COMPÓS 19, Rio de Janeiro, 2010.

ARGILÉS, Ramón Adell; LÓPEZ, Miguel Martínez (coords.) ¿Dónde están las llaves? El Movimiento Okupa: prácticas y contextos sociales. **Los Libros de la Catarata**, 2004. Fuencarral, 70 28004 Madrid

BERENSTEIN, Paola Jacques; BRITTO, Fabiana Dultra. **Corpocidade: arte enquanto microresistência urbana**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, nº 2, p. 337-350, maio/ago. 2009.

BRAGA, Luiz José. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo Edição Especial**. Número duplo, p. 220-235, 2004. Disponível em <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/542/308> Acesso janeiro 2016.

BRUNO, F. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. In: **Revista Fronteira**, São Leopoldo/RS, III:152-159, 2006.

CABEZAS, Silvia. **Can Vies, la lucha social de un barrio**, julio 3, 2014. Disponível em <http://sociologos.com/2014/07/03/can-vies-la-lucha-social-de-un-barrio/>. Acesso janeiro 2016.

CAIAFA, Janice. Produção Comunicativa e Experiência Urbana. Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas. In: **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, 2005.

CARVALHO, Diego de. **Jornalismo de multidão: a resistência da rede Indymedia**, 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. Disponível em <http://www.miguelangelmartinez.net/IMG/pdf/articulo_ACME_8000_v1_doc.pdf>. Acesso janeiro 2016.

_____. **Crônicas Fora de Controle**. São Paulo, Kuzuá, 2013.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1999. V.II.

_____. **Después de la acampada**. La Vanguardia. 2011. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110618/54173451006/despues-de-la-acampada.html>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

CIFALI, A. Entrevista cedida por e-mail, 2012.

COCCO, G. **Mundobraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **O fazer multidão diz respeito à própria constituição da esfera pública**. São Leopoldo: Instituto Humanitas UNISINOS, 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1185>. Acesso em: 1º maio 2015.

COCCO, G.; NEGRI, A. **Entrevista: revista carta maior**. 2012. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20069>. Acesso em: 1/02/2015.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, comunicação, anarquia**. Procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

DE LAS TRIBUS URBANAS A LAS CULTURAS JUVENILES. **Revista de Estudios de Juventud**, nº 64, 2004, nº 64. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/ejemplar/247392>>. Acesso janeiro 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992a.

_____. **Sobre as sociedades de controle**. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992b.

_____. O Ato de Criação, Palestra de 1987. **Folha de São Paulo**, Edição brasileira, São Paulo, 27/06/1999, 1992.

_____. **Capitalismo e esquizofrenia (Com Félix Guattari)**. In: *A ilha deserta e outros textos (1953-1974)*. Organizador e Revisor Técnico Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005, p. 293-304.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 1972.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. v. 3.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. v. 1.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ediora 34, 2005a. v. 4.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34. 2005b. v. 5.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In: **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p.37-47. (Ditos&escritos, 4).

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DONDE ESTÁN LA LLAVES PROLOGO. **Prólogo Pan-Topías para Okupas de Tomás R. Villasante**. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?isbn.....>>.

ESTANY, Marta llobet. **Contracultura, creatividad y redes sociales en el movimiento Okupa**. 2004, Cap. 7, p. 177. Disponível em <[Dónde están las llaves?: el movimiento okupa : prácticas y ...](#)> Acesso janeiro 2016.

FERNÁNDEZ, Tamer Sarkis. **Can Vies derribada y la Barcelona desalojada**. June 2, 2014. Disponível em <<http://lospuebloshablan.org/la-barcelona-desalojada-sobre-el-derribo-de-can-vies/>>. Acesso janeiro 2016.

FERRI, Lilian Stedile; TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. Criação de Cenários: a espetacularização urbana contemporânea. In: I SIMPÓSIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA – “PATRIMÔNIO CULTURAL: SABERES E FAZERES PARTILHADOS”, Florianópolis, SC, 21 e 22 de novembro de 2013. http://www.anpuh-sc.org.br/spcsc%202013%20textos%20pdf/spcsc%202013_1%20stedile%20ferri_criacao%20de%20cenarios.pdf>. Acesso janeiro 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**, v. 82, nº 2, p. 35-63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

_____. **O que é iluminismo?**, 1984. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8913659/Foucault-O-Que-e-o-Iluminismo>. Acesso em: 15 maio 2015.

_____. **Ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Transcripcion entrevista a Eduardo Galeano**, 2011. Disponível em: <<http://www.desrealitat.org/p/txts.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015

GALLO, S. Conhecimento, transversalidade e currículo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. Programa e resumos. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1995.

GIRALT, Agus. **Memòria de Sants**. La història de Sants, Hostafrancs i La Bordeta. 1.02.2011. Disponível em < <http://memoriadesants.blogspot.com.br/2011/02/can-vies-1878.html> >. Acesso janeiro 2016.

GOHN, M. G. De Seattle a Gênova. **Folha de São Paulo**, 27 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2701200209.htm>>. Acesso em: 12. 12. 2015.

GOMES, W. **O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área da Comunicação**. In: LOPES, M. I. V. (Org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GONZALES, María del Carmen Costa. Dedicado a: de las Tribus Urbanas a las Culturas Juveniles. In: **Revista de Estudios de Juventud**, nº 64, p. 117-121, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUTIÉRREZ, Bernardo. **A aposta municipalista**: plataformas pós-partido reconectam Espanha, publicado 16/06/2015. Disponível em < <http://arainfo.org/2014/05/7-000-personas-confluyen-en-sants-en-el-tercer-dia-de-protestas-por-el-desalojo-de-can-vies/> >. Acesso janeiro 2016.

HARDT, Michael. **A sociedade mundial de controle**. In: ALLIEZ, Eric (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Multidão**. Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2005.

_____. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HARVEY, David *et al.* **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

JIMÉNEZ, B.; AVENDAÑO, D.; NEILA, J. Etnografía del movimiento 15M en la ciudad de Cáceres. **Revista de Antropología Experimental**, n. 13, 2013. Monográfico: Etnografías de la indignación. Texto 6: 113-137. Universidad de Jaén (España) Acesso janeiro 2016.

LAS VOCES DEL 15-M. **Barcelona**: Los libros del lince, 2011.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Tradução Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (A Política no Império)

_____. **O governo das desigualdades**. Disponível em <<https://salganhada.files.wordpress.com/2012/10/m-lazzarato-o-governo-das-desigualdades-livro.pdf> >. Acesso janeiro 2016.

LIMA, Venício. **Mídia, rebeldia urbana e crise de representação**. In: HARVEY, D. *et al.* Cidades rebeldes. São Paulo: Carta Maior/Boitempo, 2013, p. 89-94.

LLODRÀ, Jaume Asens. **La represión al “movimiento de las okupaciones”**: del aparato policial a los mass media. In: Cap. 11, p. 293. Disponível em <[2004_Donde_estan_las_llaves_Miguel_Ángel_Martínez](#)> Acesso janeiro 2016.

MAESTRE, Antônio. **Can Vies**: la protesta violenta como única salida. Viernes, mayo 30, 2014, 10:30. Disponível em < <http://www.librered.net/?p=33666>. >

MALINI, F. **O comunismo das redes**: sistema midiático p2p, cooperação em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MANUAL DE OKUPACIÓN, octubre de 2011. Madrid. **Vídeo ARA.CAT**. Disponível em <http://www.ara.cat/societat/can_vies-ocupacio-sants-barcelona-avalots_3_1146515355.html>. Acesso janeiro 2016.

MANUAL DE OKUPACIÓN. 2ª ed. Revisada y ampliada, mayo 2014.

MAROCCO, B. **A violência e exclusão na ficção jornalística**. Intexto, Porto Alegre, v. 2, nº 2, p. 1-9, jul./dez. 1997.

_____. **Noites de Bagdá**: terror assombra “guerra urbana” de São Paulo. In: Sandos, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; BOFF, Felipe. Os jornais e o acontecimento Obama. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7, 2009, São Paulo. Anais. São Paulo/USP: SBPJor, 2009.

MARTÍNEZ, Miguel A. **Del urbanismo a la autogestión**: una historia posible del movimiento de okupación en España. ¿Dónde están las llaves? El movimiento okupa: prácticas y contextos sociales. ed. los libros de la catarata, Madrid, 2004.

_____. **El movimiento de okupación de viviendas y centros sociales en España y en Europa**: contextos, ciclos, identidades e institucionalización, 2004. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em <http://www.miguelangelmartinez.net/IMG/pdf/Memoria_Modelo_MICINN.pdf> Acesso janeiro 2016.

MARTÍNEZ LÓPEZ, M., & GARCÍA, A. (2014). Ocupar las plazas, liberar los edificios [Occupy the squares, liberate the buildings]. An International E-Journal for Critical Geographies. Available at <http://www.miguelangelmartinez.net/...>

MENACHO, Javier López. **Can vies, Zona cero**. [Actualidad Crónica](#). **La Réplica**. Disponível em: < [Can Vies, Zona cero. Historia de una reconstrucción](#)>. Acessado janeiro 2016.

NAVARRO, V.; LÓPEZ, J.; A. ESPINOSA. **Hay alternativas**. Ediciones Sequitur, Madrid 2011.

NEGRI, Antonio. **Infinitude da comunicação/finitude do desejo**. In: PARENTE, A. (org.). Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 173-176.

_____. **Cinco lições sobre Império**. Tradução Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OBSERVATORIO METROPOLITANO. Crisis y revolución en Europa. Madri: Traficantes de Sueños, 2011a.

OBSERVATORIO METROPOLITANO. La crisis que viene. Madri: Traficantes de Sueños, 2011b.

OLIVEIRA, F. M.; HENN, R. C. Jornalismo, redes sociais e movimentos de ocupação global: uma crise sistêmica na semiosfera contemporânea. In: ANAIS DO II COLÓQUIO INTERNACIONAL MUDANÇAS ESTRUTURAIS NO JORNALISMO, Mejor 2013, 2013a, p. 443-456.

PÀMPOLS, Carles Feixa *et al.* Altermundialismo a la indignación Cronotopos del activismo político juvenil en Barcelona. **Nueva Sociedad**, nº 251, mayo-junio de 2014. . Disponível em <[Del altermundialismo a la indignación. Cronotopos del ...](#)>

PASSETTI, E. 2004. Segurança, confiança e tolerância: comandos na sociedade de controle. São Paulo em Perspectiva, 18(1):151-160.

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 2000.

_____. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRADO, J.L.A. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo, EDUC, 2013.

PRIMO, A.; TRÄSEL, Marcelo R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> > Acesso em: 11 maio 2015.

RIUS, [Josep Carles](#). **Can Vies o la crisis del modelo Barcelona**. Publicado em 29/05/2014. Dsponível em <http://www.eldiario.es/catalunya/opinions/Can-Vies-crisis-modelo-Barcelona_6_265333474.html>. Acesso janeiro 2016.

RODRÍGUEZ, Igor Sádaba; DOMÍNGUEZ, Gustavo Roig. **El movimiento de okupación ante las nuevas tecnologías: okupas en las redes**. Cap. 10, p. 267. Disponível em <[Dónde están las llaves?: el movimiento okupa : prácticas y ...](#)> Acesso janeiro 2016.

RODRÍGUEZ-VILLASANTE, Tomás. **Prólogo**: Pan-topías para okupas, 2004. http://www.miguelangelmartinez.net/IMG/pdf/2004_Donde_estan_las_llaves_Catarata.pdf>. Acesso janeiro 2016.

ROMANOS, E. **El 15M y la democracia de los movimientos sociales**. 2011. Disponível em: <<http://www.booksandideas.net/El-15M-y-la-democracia-de-los.html>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

ROTA, A. “Las políticas de la multitud. De la antropología reflexiva al movimiento por una democracia real”, **Etnicex: Revista de Estudios Etnográficos**, n. 2, p. 53-76, 2011.

RUBIA, R. **Hacia una revolución mundial no-violenta**: del 15M al 15°. Editorial manuscritos.

SAMPEDRO, V. **El 25S ha triunfado**, 2012. Públicos. Disponível em: <<http://blogs.publico.es/dominiopublico/5859/el-25s-ha-triunfado/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SILVEIRA, Fabrício Lopes. **Show de rock como dispositivo de confronto**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2015.

SUBIRATS, J. **Can Vies: de solución a problema**. Publicado: 30/05/2014. Disponível em <http://www.huffingtonpost.es/joan-subirats/can-vies-de-solucion-a-problema_b_5411683.html> Acesso janeiro 2016.

SZANIECKI, Barbara. **Estética da multidão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Expressões do monstruoso precariado urbano: forma M, multiformances**, informe. Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia: 2008.

_____. **Sobre museus e monstros**, 2013. Texto disponível em: <http://naborda.com.br/2013/texto/sobre-museus-e-monstros/>. Acesso janeiro 2016.

TREVISAN, L. A. Estetização da política vs. formação da opinião pública: uma aporia da razão comunicacional. Porto Alegre, RS, **Educação**, nº 2, v. 62, p. 299-312, maio/ago. 2007.

TORET, Javier (coord.) **Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida**. Universitat Oberta de Catalunya (UOC). Barcelona, Espanha, 2013.

VAINER, C. **Quando a cidade vai às ruas**. In: HARVEY, D. *et al.* Cidades rebeldes. São Paulo: Carta Maior/Boitempo, 2013, p. 35-40.

VERDÚ, J. P. El Movimiento 15-M. Un nuevo actor sociopolítico frente a la “dictadura de los mercados”. Sociedad Y Utopía. **Revista de Ciencias Sociales**, nº 38, p. 109-124, diciembre 2011.

VILLACAMPA, Javier Alcalde. **La Batalla de Los Medios: la definición de la problemática okupa en los medios de comunicación de masas**, 2004. Cap. 9, p. 39. Disponível em <[Dónde están las llaves?: el movimiento okupa : prácticas y ...](#)> Acesso janeiro 2016.

VIRNO, P. **Gramática da multidão para uma análise das formas de vida contemporâneas**. Tradução Leonardo Retamoso Palma. Santa Maria, RS, 2003. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/19683449/gramatica-da-multidao>>. Acesso em: 12 maio 2015.

WEBGRAFIA

Notícias do La Vanguardia

Can Batlló desacredita a Jordi Martí y rompe relaciones por Can Vies. 29 maio.

Disponível em < <http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54408493673/can-batllo-desacredita-a-jordi-marti-y-rompe-relaciones-por-can-vies.html>>

Can Vies, la protesta en vivo. 10 julio. Disponível em

<<http://endirecto.lavanguardia.com/sucesos/20140530/54408516969/can-vies.html>>

Cuarta noche de incidentes por la protesta de Can Vies en el barrio de Sants. 29 de maio.

Disponível em

<<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54409450319/cuarta-noche-incidentes-protesta-can-vies-sants.html>>

El debate sobre Can Vies sacude la vida social de Sants. 9 junho.

Disponível em

<<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140609/54409774480/debate-can-vies-vida-social-sants.html>>

Rechazo a la violencia urbana tras el desalojo de Can Vies. 30 maio. Disponível em

<<http://www.lavanguardia.com/tecnologia/redessociales/20140530/54409443255/rechazo-violencia-urbana-desalojo-can-vives.html>>.

Tercera noche de violencia en el barrio de Sants. 28 maio.

Disponível em < <http://www.lavanguardia.com/sucesos/20140528/54409410735/tercera-noche-violencia-barrio-sants.html>>.

Vecinos de Sants recogerán firmas para que los 'okupas' de Can Vies cumplan la ley. 4 junho.

Disponível em < <http://www.lavanguardia.com/politica/20140604/54408696099/vecinos-sants-firmas-okupas-can-vies-ley.html>>.

Vecinos y comerciantes: "Estamos hartos y acojonados". 29 maio. Disponível em

<<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20140529/54408491146/vecinos-comerciantes-sants-can-vies.html>>.

Websites

1ª Noche.#Acampada sol. 16 mai. 2011. Disponível em:

<<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/05/16/1%c2%aa-noche/>>. Acesso em: 22 jul. 2011.

7.000 personas confluyen en Sants en el tercer día de protestas por el desalojo de Can Vies.

La directa /29 mayo, 2014. Disponível em < [7.000 personas confluyen en Sants en el tercer día ... - AraInfo](#)>.

15m: Decenas de miles salen a la calle ante el silencio de la televisión pública. Madrilonia. Disponível em: <<http://madrilonia.org/?p=1712>>. Acesso em: 22 jul. 2011.

15Mpedia: About. Disponível em: <<http://wiki.15m.cc/wiki/15Mpedia:About>>. acesso em: 15/05/2013

15Mpedia. MOVIMIENTO OKUPA. Disponível em: <https://15mpedia.org/wiki/Movimiento_okup>. Acesso janeiro 2016.

15Mpedia. Yayoflautas. Disponível em: <http://wiki.15m.cc/wiki/Yayoflautas#cite_note-1> . acesso em: 15/05/2013

15Mpedia: Huelga general del 14 de noviembre de 2012. Disponível em: <http://wiki.15m.cc/wiki/Huelga_14-N> . acesso em: 15/05/2013

15Mpedia. 15MCC. Disponível em: <<http://wiki.15m.cc/wiki/15m.cc>> . acesso em: 15/05/2013

15Mpedia. Toma la huelga. Disponível em: <http://wiki.15m.cc/wiki/Toma_la_huelga> . acesso em: 15/05/2013.

15Mpedia. Bloque Unitario. Disponível em: <http://wiki.15m.cc/wiki/Bloque_Unitario> . acesso em: 15/05/2013

15 de Octubre, unidos por un cambio global. Acampada Sol. Disponível em:<<http://madrid.tomalaplaza.net/2011/10/12/15-de-octubre-unidos-por-un-cambio-global/>>. Acesso em: 15 maio 2015.

ALASBARRICADAS.ORG. Se extiende la okupación de sucursales bancarias en Barcelona. Enviado por Gavroche en Vie, 13/06/2014. Disponível em: <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/31063>> . Acesso janeiro 2016.

ALASBARRICADAS.ORG. Las luchas empujan al pueblo y al pueblo le empujan las luchas Enviado por anonerror (no verificado) en Lun, 06/09/2014. Disponível em: <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30936>> Acesso janeiro 2016

ALASBARRICADAS.ORG. Segunda noche de disturbios tras el desalojo de Can Vies Enviado por ALB Noticias en Mié, 05/28/2014 - 09:54. Disponível em: <<http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30420>> acesso em janeiro 2016

ALASBARRICADAS.ORG. Tercera noche de enfrentamientos Enviado por ALB Noticias en Jue, 05/29/2014 - 04:02. Disponível em: <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30459>> . Acesso em janeiro 2016.

ALASBARRICADAS.ORG. Can Vies. Cuarto día de movilizaciones Enviado por ALB Noticias en Vie, 05/30/2014 - 07:48. Disponível em: <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30508>> acesso em janeiro 2016

ALASBARRICADAS.ORG. Días 5 y 6 de la revuelta de Can Vies Enviado por ALB Noticias en Dom, 06/01/2014 - 11:26. Disponível em: <http://www.alasbarricadas.org/noticias/node/30570>> . Acesso em janeiro 2016

BARCELONA: ALGUNAS NOTAS SOBRE EL DESALOJO DE CAN VIES Y LO QUE SIGUIÓ. Disponível em <<http://es.contrainfo.es/piv.net/2014/07/04/barcelona-algunas-notas-sobre-el-desalojo-de-can-vies-y-lo-que-siguio/>> Acesso janeiro 2016.

BARCELONA: CAN VIES SE REINVENTA Y ACELERA LA RECONSTRUCCIÓN. Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=192418>>. Acesso janeiro 2016.

CENTRO SOCIAL AUTOGESTIONADO CAN VIES. Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Centro_Social_Autogestionado_Can_Vies>. Acesso

CAN VIES. David Fernández (Cup) Pide que se “Desmilitarice el Barrio de Sants” Y El Alcalde Lo Acusa De Promover La Violencia. Disponível em <<http://intersindicalaragon.org/2014/05/31/david-fernandez-cup-pide-que-se-desmilitarice-el-barrio-de-sants-y-el-alcalde-lo-acusa-de-promover-la-violencia/>>. Acesso janeiro 2016.

Comunicado de Acció Llibertària de Sants sobre los hechos de Can Vies. Disponível em: < <http://www.portaloaca.com/opinion/9026-comunicado-de-accio-llibertaria-de-sants-sobre-los-hechos-de-can-vies.html>> acesso em janeiro 2016.

Comunicado en apoyo a Can Vies y convocatoria de manifestación
Manifestación sábado 31 de mayo, a las 19 h. en Plaza. Universidad (Barcelona). Disponível em: <<http://www.tercerainformacion.es/spip.php?article69019>>. Acesso em janeiro 2016.

DAVID MOLINA. Can Vies no era un peligro. Arquitectos de Sants niegan la justificación técnica del desalojo alegada por TMB. 27-05-2014. Disponível em: < <http://www.eltriangle.eu/es/notices/2014/05/can-vias-no-era-un-peligro-2091.php> > Acesso janeiro de 2016.

La rebelión de las palabras. Disponível em: < <http://vozcomoarma.noblogs.org/?p=4290>>. Acesso janeiro 2016.

Mantener vivo el espíritu de Can Vies cuesta 70.000 euros (y depende del crowdfunding). Disponível em: < http://www.elconfidencial.com/espana/cataluna/2014-07-13/mantener-vivo-el-espíritu-de-can-vies-cuesta-70-000-euros-y-depende-del-crowdfunding_160732/ >. Acesso em janeiro de 2016

OCUPACIÓ DE CAN VIES EL 1997. SANTS TV Barcelona. Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Palacio_de_La_Moncloa> Acesso janeiro 2016.
Verbete Wikipédia. Candidatura d’unitat popular. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Candidatura_de_Unidad_Popular >. Acesso em janeiro 2016

Verbete Wikipédia. Distritos de Barcelona. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Distritos_de_Barcelona >. Acesso em janeiro 2106

Verbete Wikipédia. Guernica (quadro). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guernica_%28quadro%29 > . Acesso em janeiro 2016.

YOUTUBE. RESISTENCIA EN CAN VIES #EFECTECANVIES #PRIMAVERASANTS #CANVIES. Data da postagem: Publicado em 29 de mai de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QpEq_bf9sk> Acesso janeiro 2016.

YOUTUBE. Can Vies Bcn Cadena humana pedra a pedra (12h 31/05/2013). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VkW_zbcCYC8>. Acesso em janeiro 2016